POESIAS INEDITAS

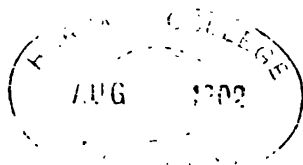
DE

P. DE ANDRADE CAMINHA

PUBLICADAS

PELO

DR. J. PRIEBSCH.

HALLE A. S.
MAX NIEMEYER.
1898.

A'

MEMORIA

DE

MEU QUERIDO PAI.

Indice Geral.

Indice Alphabetico das Poesias.

Introducção.

O que sabíamos até hoje da actividade litteraria de Pedro (ou Pero) de Andrade Caminha baseava-se exclusivamente na unica edição das suas *Poesias*, promovida pela Academia Real das Sciencias de Lisboa. O texto impresso, por ordem d'ella, em 1791, e graças aos cuidados dos doutos socios José Correa da Serra e Frei Joaquim Forjaz, accompanhado de um muito summario escorço da vida do auctor, derivava de dois manuscriptos que se completam muito felizmente, não tendo de commum nem um só verso. Um pertencia então á livraria do Convento da Graça (G), o outro ao Archivo do Duque de Cadaval (C). Ambos juntos forneceram o seguinte:

Eglogas 4 (todas do ms. da Graça)
Epistolas 23 (1 e 2 de C; as restantes de G)
Elegias 23 (1 e 5 de G, o resto de C)
Soneto 1 (G)
Odes 18 (todas de G)
Epithalamios 2 (C)
Epitaphios 81 (G)
Epigrammas 287 [1]) (C)

Addicionando as 15 composições, já anteriormente impressas, que apparecem n'um appendice final, temos a somma de 454 numeros.

Um acaso feliz quer que este novo volume de Poesias de Pero de Andrade Caminha saia com outros tantos ineditos [2]), um seculo mais tarde, tendo já decorrido tres apos a morte do auctor — ineditos que encerram abundantes materiaes para a

1) E não 288, como diziam os editores, visto o Epigramma CXCIV ser identico ao CCXXXIV°.

2) Das 545 composições, impressas n'este volume, 452 são ineditas.

historia da litteratura portuguesa no seculo XVI, e espalham luz sobre as aptidões tantas vezes contestadas, mas doravante incontestaveis do rival de Camões, assim como sobre a sua posição e influencia na côrte.

As minas de onde extrahimos estes tesouros, são dois codices, descobertos quasi simultaneamente: um na Bibliotheca Nacional de Lisboa por um erudito investigador português, e o outro em Londres no Museu Brittanico, pelo auctor d'estas paginas.

O leitor encontrará o codice de Londres, integralmente reproduzido na nossa *Primeira Parte,* e na *Segunda,* o de Lisboa com tudo quanto lhe é especial. Apenas uma poesia, o ultimo soneto d'este volume, provém de um terceiro codice: o bello Cancioneiro Annibal Fernandes Thomaz.[1])

O Codice de Lisboa.

O codice de Lisboa foi descoberto, em fins de 1894, pelo Snr Dr. Sousa Viterbo que immediatamente escolheu e publicou tres redondilhas para servirem de documentos illustrativos a um interessante artigo seu, entitulado *Caminha e a musica,* impresso no Semanario *Mala da Europa* (Anno I, No. 11)[2]). Informado pela Sra D. Carolina Michäelis de Vasconcellos dos nossos já então iniciados trabalhos preparatorios, para a edição critica do codice de Londres, este erudito desistiu gentilmente da ulterior exploração do Cancioneiro, cedendo-nos o passo — desinteressada generosidade que consigno aqui, cheio de gratidão.

O Cancioneiro consta de dois volumes, de tamanho um tanto desigual. O primeiro mede $195^{mm} \times 145^{mm}$, o segundo $205^{mm} \times 150^{mm}$. Ambos estão duplamente marcados: na lombada, e n'uma tira de papel, collada interiormente contra a pasta da capa. As marcas do tomo I° são $T\frac{4}{59}$ e *6384*; as do II° $T\frac{4}{58}$ e *6383*. A ordem está portanto invertida. A encadernação é de carneira castanho-clara e mostra tarjas compostas de dois

1) Este florilegio, descripto pelo feliz possuidor no *Circulo Camoniano,* I p. 137—139, será publicado, em breve, por D. Carolina Michäelis de Vasconcellos.

2) São os nossos Nos 318, 376 e 377.

filetes dourados e algumas estrellinhas, tanto nos cordões da lombada como nas pastas. As margens tambem são douradas. Este trabalho parece datar do fim do sec. XVII, ou principios do XVIII. No rotulo da lombada acham-se inscriptas em quatro linhas as palavras seguintes que ja não se podem lêr sem difficuldade: *Obras* | *de Pero* | *Dãndrad* | *t. I* (respectivamente *t. II*).

O papel é amarellado, de differentes qualidades e espessuras, signal quasi certo de que os volumes foram crescendo pouco a pouco. A marca de agua que apparece com mais freqüencia, é uma mão aberta que segura uma flor de cinco petalas, accompanhada de cinco ou sette linhas d'agua. O estado de conservação é satisfactorio. Só duas folhas, a 1ª e 107ª do volume I°, soffreram, por serem cortadas em baixo. Outra, a 134ª, está manchada com pingos de lacre. No volume II°, umas 88 folhas foram paginadas. A numeração seguida que actualmente existe em ambos os volumes e foi aproveitado na nossa impressão, é trabalho do Snr Rodrigo Vicente de Almeida o qual teve a bondade de se incumbir do traslado.

A ordem das folhas é a seguinte. Temos no volume I°: 2 folhas de guarda, em branco; uma com duas licenças do Padre Frei Bartholomeu Ferreira; 102, com redondilhas portuguesas (os nossos Nos 2—37; 298—377); 3, em branco; uma, em que se lê: *Este livro he do sñor ioão caminha dandrade fidalgo da caza delrei nos[s]o sñor isto por mas de me isto não . . . (sic)*; outra com mais duas licenças do mesmo Ferreira. De f. 108—241 seguem as redondilhas em castelhano (os nossos Nos 241—289 e 378—467). No fim ha mais 16 folhas em branco: por junto 260, das quaes 21 estão brancas.

O segundo volume é um pouco menos grosso. Das suas 222 folhas, as primeiras cinco estão em branco; segue uma com a licença do Pe Ferreira; as Elegias enchem 55, seguidas de outras 13 em branco, reservadas talvez para accrescentos posteriores. Apos mais tres notas do censor na mesma pagina começam os Epigrammas que enchem 90 folhas;[1]) depois seguem 17 em branco; outra, com a licença relativa aos Epi-

1) D'estas folhas as primeiras 88 têm a numeração antiga a que nos referimos.

thalamios, que occupam 26 folhas, e no fim novamente umas 13, em branco.

Reproduzi o I° volume por inteiro,[1] mas do II° apenas os Epigrammas ineditos, excluindo tudo quanto se encontra impresso na edição da Academia.

As licenças do Padre Ferreira.

As licenças, de mão e lettra de Frei Bartholomeu Ferreira, o erudito Padre da Companhia[2]) que mereceu a gratidão da posteridade pela sua benevola censura da primeira impressão dos Lusiadas, requerem um exame um pouco detido, por d'ellas se poderem inferir conclusões importantes sobre o caracter e a historia do codice de Lisboa.

Ei-las, fielmente trasladadas, na deficiente orthographia do proprio original.

Vol. I: Primeira licença: *Examinei o liuro primeiro das obras do sõr pero dãdrade ẽ verso cujo titulo he cãtigas e vilãcetes. tem cincoẽta e nove folhas escritas e hũa mea bãda. começa assi: „Os meus versos buscão vida.“ e acaba: „dosque por amor morremos.“ Em todo o liuro não ha cousa q̄ ofenda as [orelh]as xpãas nẽ erros q̄ toquẽ a fé [nem prop]osição temeraria. Sẽ escrupulo se [pode cõmunicar]. frei bertholameu ferreira.*

Diz respeito aos nossos N^os 2—37 e 298—354. Quanto ao numero de folhas occupadas pelas poesias examinadas, tenho a dizer que são 59 e meia, unicamente caso umas quatorze — de 45 a 58 (preenchidas pelos Nos. 338, 339 e 340) — fossem escriptas, depois da licença passada.[3])

Da **Segunda licença,** poucas palavras são hoje legiveis. A margem inferior da folha foi aparada excessivamente pelo encadernador. Conjecturalmente completada, diria talvez: *„[Ho*

---

1) Das suas 255 poesias, 85 que apparecem tambem no Codice de Londres equivalem aos nossos N^os 2—37 e 241—289. Doze têm seu lugar entre os Epigrammas e as Esparsas.

2) Sousa Viterbo publicou no Circ. Cam. um estudo sobre a vida e a actividade do censor. Posteriormente sahiu ampliado em volume; conforme me noticiaram.

3) Veja-se a Nota relativa ao No. 338.

mesmo me parece do] que se mais ajũtou [té a regra] q̄ diz: [Os que mais vos ouvem e vem].“ Referia-se aos N^os 355—377.

Terceira licença: *Não tẽ este liuro nenhũs erros q̄ toquẽ á xpãdade nẽ ẽpedimẽto por õde nõ possa correr cõforme as leis do catalogo do cõcilio. tẽ cincoẽta e nove folhas*[1]) *vistas. que nõ avia mais escrito. no começo tẽ esta regra: „não cãso ĩda de escrever.“ e no cabo esta: „q̄ sin amaros la vida.“ o nome da obra he cãtigas e vilãcetes castelhanos. e he nono na ordẽ dos livros do sõr pero dãdrade. frei bartholameu f.^a.*

As poesias aprovadas são as que tivemos de designar com os N^os 241—289 e 378—409.

Quarta licença: *Ho mesmo sinto do q̄ se escreveo despois te hũa regra q̄ diz: „no temo el mal que se acaba.“ f. b. f.* —

Relativa aos N^os 410—425. Falta portanto a licença (ou as licenças) para o resto das poesias contidas no vol. I° (N^os 426—467).

Vol. II° Quinta licença: *Passei estas XVII Elegias q̄ estão ẽ quarẽta e duas folhas deste livro cujo começo he: „Qu'e do favor duarte“*[2]) *e o cabo: „Em quãto ver e ouvir pudera a philis.“*[3]) *não achei nada nelas q̄ ẽmẽdar, nẽ q̄ fosse cõtrario, ou se desviasse da nossa santa fé, e costumes xpãos. e por q̄ o catalogo do cõcilio tridẽtino despõe q̄ nõ ãdem os tais liuros de mão ẽ mão sem se aprovarem p̱ escrito. assinei aqui frei bertholameu ferr^a.*

Sexta licença: *Vi este livro de epigramas do sõr pero dãdrade cõforme a decima regra do catalogo dos liuros defesos pelos deputados do cõcilio tridẽtino. tem trinta folhas escritas. a primeira regra do começo diz: „teu docissimo nome grã duarte.“*[4]) *e a ultima do cabo: „co esta poderão correr seguros.*[5]) *nenhũa cousa achei aqui cõtra a religião*

---

1) Na realidade as folhas examinadas são 60.

2) A Epistola I^a da Ed. Ac.

3) Elegia XX da Ed. Ac. = No. 233. Ha no ms. mais tres elegias, não submettidas ao exame do censor.

4) Epigramma I° da Ed. Ac.

5) Epigramma CLXXXIV da Ed. Ac.

xpãa e bõs costumes, nẽ proposição escandalosa e que soe mal. seguramẽte se pode ler e cõmunicar. frei bertholameu ferreira.

Esta serie compõe-se de 108 composições, 74 das quaes figuram n'esta impressão sendo ineditas, além dos Nos 306 e 318, recolhidos do vol. I°, apenas os Nos 468—471. Os Epigrammas I—X, XII—XLIX, LVII—LXXIII e as Esparsas II—V ja eram conhecidos.

Septima licença: *Despois acrecẽtou mais o sõr pero dãdrade aos epigramas ẽcima aprovados quarẽta e hũ. o ultimo dos quais começa: „sẽp teu nome." e acaba: „e so de sy."*[1]) *destes sinto o mesmo q̃ dos outros. Frei bertholameu ferreira.* — O codice contém ainda dezasette poesias, não submettidas ao examinador, entre as quaes ha apenas duas ineditas 472—473.

Oitava licença: *Acrecentou mais o sõr p° dãdrade quarẽta e sete epigramas. o p° começa: „o sol está escõdido."*[2]) *e o ultimo acaba: „fõte."*[3]) *o mesmo juizo dou destes que dos de cima. frei bertholameu ferreira.*

Pertencem a esta serie os Ineditos 474—477.

Nona licença: *„Ho mesmo me parece do que se acrecẽtou te a regra q̃ diz: „quẽ se ve tã bẽ ꝓdido.*[4]) *f. b. f.* —

A serie abrange 27 Epigrammas, sendo ineditos cinco (Nos 478—482). Falta portanto a licença relativa ás restantes 131 composições do Livro dos Epigrammas. Entre ellas ha 62 nunca impressas (483—544).

Decima licença: *Forão aprovados estes dous Epithalamios*[5]) *do sõr pero dãdrade cõforme as regras do catalogo do cõcilio. frei bertholameu ferr^a^.*

D'estes curiosos averbamentos tiro varias conclusões. Em primeiro lugar julgo que possuimos no codice de Lisboa autographos do Poeta — o cancioneiro de mão para o qual ia trasladando pouco a pouco o que a musa lhe dictára. Em segundo

---

1) Epigramma CCXI da Ed. Ac. = No. 297. Pertencem a esta serie os nossos Nos L—LVII.

2) Epigramma CXCV da Ed. Acad.

3) Epigramma CCLXXXIV da Ed. Ac.

4) O nosso No. 482.

5) Impressos a p. 231—257 da Ed. Ac.

lugar opino que Pedro de Andrade Caminha ia apresentando espontaneamente os seus versos ao censor official, que era ao mesmo tempo seu amigo, pedindo-lhe que os examinasse e aprovasse ou corregisse — em harmonia com os preceitos da Sancta Madre Egreja, ou (com mais exacção) do Concilio Tridentino. Vemos ainda que os agrupava por generos poeticos, reunindo em livros differentes os versos do cada especie, mas dedicando-os todos ao Senhor Dom Duarte, seu Mecenas.

As emendas.

As numerosas emendas, executadas com a propria lettra do texto, nos dois codices pertencentes á Bibl. Nac., confirmam a verdade da minha these sobre a autographia do manuscripto. Ha ahi palavras riscadas e substituidas por outras. Ha tambem poesias inteiras inutilizadas por meio de traços cruzados (em aspa). Quanto a estas ultimas, a maioria foi riscada, não por causa do assumpto, ou de execução defeituosa, mas antes por causa do genero poetico que não admittia, entrassem no Livro de Cantigas e Vilancetes, obrigando pelo contrario o auctor a transferí-las posteriormente para o Livro dos Epigrammas. E' o que aconteceu com a composição cancellada da f. 14^r (= No. 306), f. 15^v (= No. 308), f. 16^r (= No. 309), f. 24^r (= No. 316), f. 26r° (= No. 318), f. 27^r (= No. 320), f. 28r (= No. 321 e 322), f. 33^v (= No. 326), f. 34^r (= No. 327), f. 35^r (= No. 329), f. 36^v (= No. 332), f. 37 (= No. 333), f. 39^v (= No. 335 e 336), f. 60^v (= No. 342), f. 61^v (= No. 343), f. 62 (= No. 344 e 345). Só uma pequena porção parece não ter correspondido ao gosto mais apurado do auctor, quando tempos depois da invenção, as tornou a ler. Tenho n'esta conta as poesias cancelladas das folhas 86^v—88^r, 135^v e 168^r = N^os^ 362, 398, 410.

Das palavras e phrases riscadas, poucas se leem hoje distinctamente. São as seguintes:

No vol I° a f. 22^v [No. 11, v. 17] Nenhuns *sentidos* — f. 40^r [No. 20, v. 13] *Fogeme em tudo* repouso — f. 59^r [No. 341, v. 16] Que *me quebrem* meu segredo — f. 68^r [No. 32, v. 7] Pois *se* me *nega* licença — f. 73^r [No. 17, v. 7] Amor *nunca tam achado* — f. 73^v [No. 36, v. 7] *Neste estou* sempre *temido*

— ib. [No. 36, v. 8] *De tornar logo* o tormento — f. 108v [No. 379, v. 8] Que *otro ningun* sentimiento — f. 137v [No. 284, v. 7] *A* la esperança [creer] no oso — ib. [No. 284, v. 8] *Creer por qu'es* llena d'engaño — f. 138r [No. 399, v. 5] Era [el] pesar que *ella* sintia — ib. [No. 399, v. 6] *Era* aunque *lo callava* — f. 167v [No. 289, v. 5] *A quien â llegado a veros* — ib. [v. 6] Estan *devid* — ib. [v. 10] *Mas yo quiero* antes tener — f. 232r [No. 460, v. 28] *Mas si no es la* por que muero — ib. [v. 29] *Que sois siempre sola vos* — ib. [v. 30] *Será la otra* de *las* dos.

No vol II° temos no livro das Elegias: Elegia I [= Epistola I da Ed. Ac.] v. 14 É de muitos *espritos* quẽ o segue — XIII [= XVI da Ed. Ac., no nosso No. 224] v. 21: *Se sempre em teu amor* no amor m'inflamo — ib. v. 41 *Desta Alma* que ante ti logo se rende — Na XXa [= XXII da Ed. Ac.] encontra-se cancellada entre as estrophes 21 e 22 uma decima que diz:

Nunca sabe importunar
Alma que ama de verdade
Se não é só com amar,
E inda que falte esperar
Nunca falta esta vontade.
E por mais que amando faça
Quanto se possa fazer,
E por amar se desfaça:
Nada ha que bem satisfaça
A quem sabe bem querer.

Além das emendas devemos assignalar as numerosas variantes que distinguem os epigrammas manuscriptos, conferidos com o texto da Ed. Ac. Ei-las: No. VI, epigraphe: Rufo *orador* — No. XIII, v. 8, Som vam voz — No. XVIII, ep.: *traduzido de Theocrito;* v. 8 *Pois* pequeno — XIX, ep.: trad. de Theocrito — XXIV, v. 6 *Des* que ambos — XXXIV v. 1 *Viose* corrida Pallas — XXXV, v. 4 *é* entregue — XXXVII, v. 6 *Venus de o ver* da vida desp. — XLVII, ep.: A hũa estatua de marmore de *Niobe* — L, v. 8 Só d'Ajax *seja* Ajax — LIV, ep.: *Das jnvenções* das Musas — LX, v. 3 Creceo o cheiro *á flor* — LXX, v. 4 dizer. *se* seus espr. — LXXVII,

v. 4 se *os* vejo — LXXX, v. 2 Importuna e *importuna* o p. — LXXXIV, v. 3 A todo singular *é* assi p. — LXXXVI, v. 3 *Chorã uns de medo* de te ver — XCIV, v. 1 *Teu beber e comer* o mundo esp. — CII, v. 8 tua lingua *má* abrande — CV, v. 6 o *bem* que é — CVIII, v. 4 e *tal* de todos — CXV, v. 7 propr. *foy* banquete — CXXV, v. 4 mais que *clara* guerra — CXXXIII, v. 4 mos mostrara *algũa* sorte; v. 5 *Quando será de mim outra vez* ouvido — CXXXVI, v. 4 com *branca* sorte — CXXXIX, v. 8 a meus olhos é *lustrosa* — CXLI, v. 4 versos *d'um* cavalo — CXLIX, v. 5 nem *juntos* assi — CLII, ep.: *A um amigo* — CLIV, v. 3 *E o que de ti fazes* — CLVI, v. 7 ao *claro* amigo — CLXVII[1]), v. 14 Se *entendem* essa v. — CLXX[2]), v. 4 os *causa* abrandar — CLXXI[3]), ep.: e promettido *de peita* hũa faca — CLXXIII[4]), v. 4 falta *mais* — CLXXVI[5]), v. 15 falta a preposição — CLXXXIII, ep.: A Dom M[el] de Portugal com hũa Oda[6]) *aos bons espritos* — CLXXXVIII, ep.: A Dom Jorge de Faro. — *Em reposta d'outro seu* — CXCIX[7]) v. 8 vejo *passar* — CCIII, v. 6 perco de *pasmado*; entre os versos 6 e 7 ha outro intercalado: *Vendome em tam triste estado* — CCVII, ep.: A um retrato da *S[ra] Dona Caterina de Sousa* minha irman — CCVIII[8]), v. 3 com sombra ser *vence* a verdade — CCXIII[9]), v. 8 ha *ja* que esperem — CCXVII, v. 1 aqui *mais* que — CCXVIII, ep.: *A um retrato da S[ra] D. Fran[ca] d'Aragão* — CCXIX, ep.: *Ao mesmo* — CCXLVI, v. 8 a esta *tal* morte — CCXLVIII, v. 6 que de *novo* cria — CCLXXXVIII As cinco estrophes d'esta poesia figuram no ms. como outros tantos epigrammas independentes, todos encabeçados pela formula: *Ao mesmo.*

Com relação á historia do codice, a nota já copiada a p. IX, revela-nos que permaneceu durante algum tempo entre mãos de um fidalgo da casa d'El Rei, chamado **João Caminha d'Andrade.** Devemos concluir que se trata de um parente proximo do Poeta, a quem pertenceria por herança. Não me atrevo todavia a decidir, se ha identidade com o

---

1) o nosso No. 308. 2) No. 322. 3) No. 335. 4) No. 326. 5) No. 333. 6) Cfr. No. 237. 7) No. 376 (Esparsa IV). 8) No. 115. 9) No. 290.

cortesão João Caminha que tomou parte no torneio poetico instaurado em homenagem a D. Margarida da Silva (No. 301), ou antes com aquelle João de Tovar Caminha (filho de Affonso Vaz, e portanto primo do Poeta) que tambem não era hospede na arte de rimar (No. 338).

O Codice de Londres.

O codice de Londres pertence ao Museu Britannico. No fundo dos manuscriptos modernamente adquiridos *(Add. Mss.)* tem a marca 33, 791 (Gr. XLIII). Entre os possuidores antigos o unico de que temos noticia, foi um certo P. A. Hanrott. Por occasião da venda da sua livraria, no anno de 1833, em hasta publica[1]), Sir Thomas Grenville fez acquisição d'elle. Este distincto bibliophilo legou posteriormente, em 1842, por testamento, as suas ricas collecções ao grande instituto inglês. Nada mais pudemos apurar.

O codice não era portanto desconhecido. Ha mesmo quatro descripções d'elle, feitas successivamente por Hanrott, os autores do Catalogo da Bibliotheca Grenvilliana[2]), o redactor da lista dos *Additional Manuscripts* e finalmente Gayangos que lhe dedicou meia pagina no 4° volume do *Catalogue of Spanish Manuscripts.* Mas nenhum d'elles reconheceu que o livro continha obras de Andrade Caminha, talvez por andar sem frontispicio. Logo terei de alludir a uma curiosa mas phantastica supposição de Hanrott, que julgou possuir no seu Cancioneiro as poesias del Rei D. Sebastião! Os restantes consideraram o ms. como um dos muitos Cancioneiros pensinsulares do Cinquecento, com versos de varios poetas, entre anonymos e conhecidos, baseando-se no facto de nomes afamados e geralmente conhecidos precederem muitas das cantigas paraphraseadas por Caminha em voltas e glosas.

Os pormenores sobre o aspecto exterior e o conteudo do codice, communicados por aquelles litteratos não são de modo

1) *Catalogue of the Splendid Choice and Curious Library of P. A. Hanrott, Esq., Part the first etc..... which will be sold by auction, By Mr. Evans, At his House No. 93, Pall Mall, ... 1833.*

2) *J. T. Payne and H. Foss, Bibliotheca Grenvilliana, or Bibliogr. notes of rare and curious books.... 1842.*

algum exemptos de erros, mas antes pelo contrario muito deficientes. Por isso julgo cumprir um dever, tornando a descrevê-lo mais uma vez, rapidamente, mas com toda a exacção possivel.

O codice é um pequeno volume, muito elegantemente encadernado em marroquim preto, mosqueado de ouro, com margens douradas e lavradas. As dimensões são 160×104^{mm}. Na lombada lê-se em caracteres tambem dourados, o titulo *Cantigas e Vilancetes*, distribuido em quatro linhas. Além d'isso, ha inscripções em duas bandas encarnadas, provenientes da Bibliotheca Grenvilliana. E são: a signatura *XLIII* na orla de cima; *Brit. Mus. Add. 33 791* no meio; e *Ms. Sigl 16*, em baixo. No lado interior das duas pastas que compõem a capa, acha-se o brasão do *R^t Hon^ble Tho^s Grenville*. A encadernação data portanto da 1ª metade d'este seculo. O papel pardo, brancacento, tarjado de duas linhas vermelhas, duplicadas na margem de cima e na do lado esquerdo, tem, desde o principio até ao fim, a mesma marca de agua que caracteriza o codice lisbonense: uma mão aberta, com uma flor sobre os tres dedos do meio. A paginação é dupla. A antiga que terá a idade do codice, principia na folha 2ª do texto. Não é absolutamente livre de erros: o algarismo 178 foi repetido. A nova, que abrange todas as folhas, foi introduzida por empregados do Museu Britannico. A esta nos cingimos. Abstrahindo de duas laudas de pergaminho, no principio e fim, temos por junto 301 folhas. Duas innumeradas, de papel encorpado, servem de guardas. A primeira folha numerada tem um aviso, do punho de P. A. Hanrott, cujo teor transcrevo em nota[1]).

---

1) „*Cantigas e Vilancetes, a ms of the 15th of 287 leaves, beautifully written. This curious and valuable Cancionero consists of Portuguese Poems, with the exception of the last 54 leaves which contain Spanish poems alone. They belong to the 15th and 16th centuries towards the end of the latter of which the book was written, and few, if any one of them, have been published, notwithstanding the merit by which they are generally distinguished. This cancionero was made a present of to the celebrated Doña Francisca de Aragon, as is evident from an Octava, which precedes the title, an Epigram immediately before and 6 Epigrams following the index, in which an eulogium is made of the striking beauty of a passionate admirer. It is known from a popular tradition handed down to us in different ballads, that Paca de Aragon, a young*

Seguem 6 folhas em branco. Na 2ª numerada principia o texto com o Epigramma dedicado a D. Francisca de Aragão, continuando sem interrupção até á folha 274ª, que tem a particularidade de ter sido cerceada em baixo e em cima, na largura de 30 e 33 mm, sem que o texto soffresse com isso. Na tira que falta na parte superior, houve porventura o nome de um possuidor moderno, conforme parece indicar o decalco, ou contraprova que passou para a pagina opposta, anterior. As folhas 275 a 278 encerram um Indice alphabetico das poesias, emquanto 286 a 289 contêm o resto do texto. Cinco folhas em branco, das quaes as duas ultimas são de papel encorpado rematam o livro.

A letra é egual, desde o principio até ao fim, e representa, sem duvida alguma, o trabalho esmerado de um habil calligrapho, copista *ex-officio*.

Quanto ao conteudo, as 289 obras, que enchem o volume, apparecem divididas em sette series, que todas vêm encabeçadas por epigraphes em maiusculas. E dizem: 1) *Cantigas e Vilancetes*, 2) *Sonetos e Cantigas e Balatas e Epigramas*, 3) *Elegias*, 4) *Odas*, 5) *Eglogas*, 6) *Cantigas e Vilancetes*.[1]) Fazem excepção os *Epigrammas* que formam o ultimo grupo. Aproveitamos todo o manuscripto, não excluindo as 77 poesias que já tinham sido impressas na edição de 1791.

Quem fizer o confronto do codice de Lisboa com o de Londres, comparando tanto o formato e a calligraphia como

---

lady of Royal Descent being the daughter of the Duke of Villahermosa, fled to Portugal from the convent in which she was a professed nun, and that she was ordered to leave the kingdom, by Don Sebastian. She however requested an interview, which was granted, when this monarch not only revoked the order he had issued, but fell in love with the charms of the beautiful foreigner. Perhaps this gem was a love gift of the unfortunate King. It is also probable that the above mentioned verses were meant to express the ardent passion nourished for the lady. When the Duke of Alba entered Portugal at the head of the troops of Philipp II. Doña Francisca was most strenuous in exciting the Portuguese to resist the Spanish Invasion, until perceiving that she was on the point of falling into the power of the countrymen, she retired into the Netherlands, where she died."

1) Transformei o primeiro e sexto titulo, em harmonia com o verdadeiro conteudo do grupo.

principalmente o conteudo, que é muito mais consideravel no menos luxuoso dos dois, chegará comnosco ao seguinte resultado: O mimoso *Album de poesias* que um acaso feliz nos conservou quasi intacto em Londres, é um florilegio de versos, escolhidos pelo proprio auctor entre as suas obras completas, e copiados sob a sua vigilancia por um calligrapho distincto, com destino de ser offertado a uma dama por elle venerada. Juntou em primeiro lugar as composições que positivamente lhe tinham sido dedicadas outr'ora, addicionando ainda as que, por motivos especiaes, deviam despertar o seu interesse.

O nome da dama, cuja incomparavel formosura e virginal esquivez formam o thema da maioria dos versos, é-nos revelado em varios trechos, e distinctamente pronunciado nos Epigrammas dedicatorios (No. 1 e 290).

D. Francisca de Aragão, entre as figuras femininas que fulgiram na côrte de D. João III e D. Sebastião, talvez a mais proeminente, era filha de D. Leonor de Milá (ou Milan) e de Nuno Rodrigues Barreto, Senhor da Quarteira, sobrinha portanto do afamado Governador da India, Francisco Barreto (1555 a 1558). O pae, Cavalleiro do Conselho d'ElRei D. João III, Alcaide-mór de Faro e Loulé, fronteiro-mór[1]) e vedor da fazenda do Algarve, era, por certo, um dos homens mais poderosos d'aquella provincia. E' provavel que D. Francisca ahi nascesse, passando os primeiros annos da meninice talvez em Faro, em companhia de seus numerosos irmãos, cinco dos quaes lhe eram superiores em annos. Alguns se distinguiram tanto que seus nomes se acham registados nos gloriosos annaes de Portugal: Ruy Barreto, o primogenito que herdou do pae a alcaidaria de Faro, ganhou as esporas em Africa, sob os auspicios de seu sogro D. Pedro de Menezes, batalhando depois na India onde tomou parte na empresa de Baharem (1560). No infausto dia de Alcacer-Quebir succumbiram dois: Francisco e Gonçalo Nunes, que ficara com a alcaidaria de Loulé e casou com D. Margarida de Mendonça, bisneta do grande Francisco de Almeida. Muito cedo, D. Francisca foi, porém, levada á côrte de D. Catharina em cujos paços recebeu uma educação

1) Seu pae Ruy Barreto ja servira o mesmo cargo.

esmeradissima. Dotada de grandes qualidades naturaes, physicas e psychicas, a jovem que *„melhor ha sabido fazer o officio de dama“* conseguiu grangear, tanto *„por seu entendimento e valor, como por seu bom parecer.... discreção...., conversação boa e facil“* a estima e afeição de todos, particularmente da Rainha *„que sempre a quis ter em sua companhia“*, para empregarmos phrases de uma carta escripta em 1575 por quem então a venerava e em breve se ia consorciar com ella. Foi em 1576 que D. Francisca casou com o filho segundo de S. Francisco de Borja, D. Juan de Borja, posteriormente Conde de Ficalho e Mayalde, o qual enviuvára, mal havia um anno, durante a sua assistencia em Lisboa como Embaixador extraordinario de Felipe II (desde 1569).[1]) Pouco depois das nupcias com o magnate hespanhol, que era seu parente,[2]) teve de accompanhá-lo a Praga, á cidade das cem torres, para onde D. Juan ia como enviado de seu Rei. Penso que ahi se demorou até 1582, porque n'este anno a Imperatriz D. Maria, viuva de Maximiliano II, regressava á patria, chamada por seu irmão; e D. João, que entretanto fôra nomeado Mordomo-mór délla, de certo não podia deixar de lhe assistir na longa jornada. Seis annos depois encontramos os esposos em Lisboa, no acto de fazerem, na sumptuosa egreja de S. Roque, solemne entrega de uma riquissima messe de reliquias, por elles colleccionadas com catolico zelo, em Allemanha e Italia, com ajuda efficaz da propria Imperatriz e de seu filho Rodolfo II. Por occasião das brilhantes festas, celebradas na capital[3]), houve um torneio poetico, para o qual alguns concorrentes aos premios, como

---

1) Remetto o leitor a um estudo interessante de Sanchez Moguel sobre este diplomata e a sua missão na côrte de Lisboa, accompanhado de documentos do Archivo de Simancas e da Torre do Tombo. Acha-se, com o titulo *El Primer Conde de Ficallo* a p. 207—228 da *Primera Serie* das *Reparaciones Historicas* (Madrid 1894).

2) A mãe de D. Juan, D. Leonor de Castro, era prima do pae de D. Francisca.

3) Existe um relatorio prolixo sobre estas festas. O livrinho bastante raro, escripto por Manoel de Campos, entitula-se: *Relação do solemne recebimento que se fez em Lisboa ás santas reliquias que se levaram á igreja de San Roque da companhia de Jesus aos 25 de Janeiro de 1588 (Lisboa).*

Diogo Bernardes[1]), contribuiram versos em latim e vernaculo, com altisoantes panegyricos dos generosos donatarios.[2]) Temos todavia razões para suppôr que D. Francisca não estaria muito risonha no meio de tantos festejos. Durante a sua ausencia, desastres successivos tinham arrastado a nação ao horrivel cataclismo de 1578—80. Cheia de profunda magoa lembrar-se-ia dos parentes e amigos enterrados nos adustos areaes africanos, fazendo a saudosa e pia romagem á sepultura da Rainha, cuja valida e amiga fôra, assim como aos paços da Ribeira e de Enxobregas, em cujas salas, agora desertas e mudas, tinham eccoado outr'ora as chistosas cantigas e os brandos vilancetes dos seus adoradores. Com profundo sentimento deixaria, em seguida, a cidade do Tejo, transferindo-se para Hespanha, sua nova patria, onde Felipe II, em reconhecimento dos serviços prestados por D. Juan de Borja, lhe déra um lugar no Conselho de Estado e o posto de Vèdor da sua fazenda. O successor, Felipe III, que muito confiava n'elle, distinguiu-o, logo depois de subir ao throno, (1599) com o titulo de Conde de Ficalho (em Portugal), escolhendo-o tambem, depois da morte da Imperatriz, para Mordomo-mór de sua esposa, D. Margarida. D. Juan morreu no anno de 1606, sendo enterrado em uma capella particular da Egreja de S. Roque, que tanto lhe devia. Desconhecemos a data do fallecimento de D. Francisca, sabendo apenas, graças ao auctor das Decadas, que ainda era viva em 1615. Os quatro filhos d'este esclarecido matrimonio subiram a altos cargos governativos e ecclesiasticos. Mencionarei apenas o afamado poeta castelhano D. Francisco de Borja, Principe de Esquilache.[3])

Raras vezes uma dama da côrte portuguêsa foi alvo de tantas e tão enthusiasticas manifestações de admiração como D. Francisca de Aragão. Os poetas mais illustres do seu tempo

---

1) Caminha tambem tomou parte no certamen poetico. As poesias por elle apresentadas foram incorporados ao Appendice da Ed. Ac.

2) Na edição hespanhola da obra — que tenho ao meu dispôr — os louvores de D. Juan e D. Francisca occupam as paginas 380 a 403. — São oito composições.

3) Confira-se: Sanchez Moguel, *Repar. Histor.;* A. C. de Sousa, *Historia Genealogica* XI p. 455 e seg., *Provas* II p. 793.

tributaram-lhe homenagem, cantando o esplendor da sua belleza soberana, e lamentando a altivez do seu desdem. Do culto prolongado e fervoroso que Andrade Caminha lhe dedicou, assim como da pouca impressão que produziu, são testemunho os Sonetos e as Balatas que hoje sahem á luz pela primeira vez, dando-nos, apesar de serem na maioria imitadas de Petrarca, um bello retrato idealizado de D. Francisca. A romantica paixão de D. Manuel de Portugal, *lume da côrte, e das damas mimoso,* que fez de D. Francisca a musa inspiradora dos seus versos, ficou sendo proverbial.[1]) Jorge de Montemór enalteceu no *Canto de Orfeo*

su vista soberana
que nada que la vee dexa con vida.

E — *last not least* — temos uma Ode de Camões (a VI[a]) que, não sómente na minha opinião, se refere a. D. Francisca, e descreve

os cabellos
que o vulgo chama de ouro
e . . . . . os claros olhos bellos
de quem cantam que são do sol thesouro.[2])

A Orthographia.

Como supplemento á succincta introducção, em que descrevi os codices e tratei das questões mais importantes relativas ás poesias publicadas, darei conta das regras adoptadas na reproducção do texto. Graças á cuidadosa confecção e ao optimo estado de conservação dos originaes que explorei, pude cingir-me com escrupulosa fidelidade aos caracteres escriptos pelo proprio Caminha, ou pelo menos trasladados sob a sua vigilancia. Regulei apenas a ponctuação e algumas minucias orthographicas.

---

1) Algumas das poesias, dirigidas por D. Manoel de Portugal a D. Francisca, acham-se ineditas no Cancioneiro de Luis Franco. Cfr. C. M. de Vasconcellos, Miranda p. 758.

2) N'estas linhas, e nos versos 25—28: *da qual a poesia que cantou | até qui só pinturas | com mortaes formosuras igualou,* talvez haja referencia ás poesias de Caminha e D. Manoel de Portugal. V. Juromenha, II p. 270 e cfr. Storck, *Camoens Sämmtliche Gedichte,* III p. 343.

No intuito de uniformizar o mais possivel a maneira de escrever, um tanto caprichosa, de Caminha, escolhi entre as varias formas orthographicas da mesma palavra, por elle empregadas, as que occorrem com mais freqüencia, e estão, felizmente, mais em harmonia com a pronuncia do tempo. Separei *u* de *v*; *i* de *j*; risquei o *h* anti-etymologico de *hum hũa;* exclui *y* das palavras portuguêsas. Não admitti consoantes duplas (com excepção de *rr* e *ss*) escrevendo portanto *ele, estrela; diferente ofender; ocupar acender.* Nas flexões verbaes emprego em syllabas atonas *am,* em lugar de *ão* e *ã*, resp.^mte^ *om* e *õ;* e na 3ª p. s. do preterito perfecto da 2ª e 3ª conjugação *eu* e *iu,* excluindo *eo* e *io.* Dou a preferencia á forma *não*, evitando *nom nõ nã;* e ligo os pronomes encliticos por um traço de união ao verbo, para facilitar a comprehensão. Uso de acentos com parcimonia, servindo-me do agudo e circumflexo, em lugar do grave e o signal ̇ empregados por Caminha para marcar o som fechado e aberto de *o* e *e.* Deixo sem acento todos os vocabulos que seguem as regras fundamentaes, não podendo causar confusão, como *ja tras trax fax entendera* (no ms. *entendèra*). Distingo todavia entre *vem* e *vêm* (= vident), *tem* e *tém*, *la* e *lá, caia* e *caiạ, saia* e *saía*, *foṛa* e *fôra.* Nos textos castelhanos, conservei tambem sem acentuação os monosyllabos *nò yò yà tràs ès*, assim como as palavras que terminam por consoante *(coraxòn perdición),* inclusive as flexões verbaes, menos os futuros da 1ª conjugação, porque urgia distinguir entre *libráran* e *librarán.*

Com relação aos Lusitanismos, tão freqüentes nos versos de alguns Quinhentistas, especialmente nos de Miranda,[1]) fique estabelecido que Andrade Caminha se conservou livre de taes peccadilhos. Para se sahir de difficuldades metricas emprega apenas formas como *nel nelle nello nesta naquella notro é* (= es) *crer cres tiver entrardes creyerdes exprimentada* e *tango.*

Traços Biographicos.

Já possuiamos alguns estudos criticos sobre Caminha, considerado como homem e como poeta. Fallaram d'elle: F. Gomes

1) Cfr. C. M. de Vasconcellos, Miranda p. CXXIX — CXXXII onde ha observações sobre os Lusitanismos dos Quinhentistas e Seiscentistas portugueses.

Dias nas *Memorias de Litteratura Portugueza,*[1]) vol. IV p. 104 a 108; J. M. da Costa e Silva no vol. III do *Ensaio biographico-critico;* e Theophilo Braga, na *Historia dos Quinhentistas, Vida de Sá de Miranda e sua eschola,* p. 216—243. Quanto ás datas da sua vida, todos estes trabalhos baseiam-se na succincta biographia que precede como prologo a edição de 1791. Infelizmente, o que posso accrescentar aos parcos materiaes ahi reunidos, é muito pouco.

A familia Caminha é de origem hespanhola, ou antes gallega. Fernão Caminha, o sexto ou septimo avô de Pero de Andrade Caminha, seguia o partido de D. Fernando, nas suas pretensões á corôa de Castella, tendo por isso de refugiar-se em 1367 para Portugal, onde encontrou boa recepção, recebendo como mercê a Terra de Sto Estevam. Ha, porém, para mim, na genealogia dos Caminhas, uma lacuna de dous seculos — lacuna que vae d'aquelle ascendente até ao avô do Poeta, Affonso Vaz Caminha. Seu filho mais velho, João Caminha, o progenitor de Pero, serviu na India onde se distinguiu, batalhando ás ordens de Affonso de Albuquerque, especialmente na entrada de Adem. De volta á patria, foi, por alvará de D. Manoel, nomeado vèdor de sua filha, a Infanta D. Isabel.[2]) Quando esta casou com o Emperador Carlos V, João Caminha parece ter sahido da capital, retirando para o Porto, em companhia de sua mulher Philippa de Sousa, que era oriunda

> *lá da leal cidade donde teve*
> *origem, como é fama, o nome eterno*
> *de Portugal.*

Foi ahi que nasceu Pero de Andrade Caminha, segundo todas as probabilidades. Não se sabe em que anno. É todavia accitavel uma conjectura de Braga que fixa a data em 1520 (ou antes). Ignoramos tambem como e onde fez os seus estudos. Dos solidos conhecimentos em linguas e litteraturas classicas que adquiriu, devemos inferir que freqüentou a Universidade — em Lisboa até 1537, e posteriormente em Coimbra. Graças ás boas relações de

1) Lisboa 1793.

2) Cfr. Sousa, *Provas* II p. 614 onde apparece n'esta qualidade entre os Moradores da Côrte do Infante D. Duarte.

seu pae com os dignatarios aulicos e á influencia de alguns parentes altamente collocados na capital, Pero conseguiu relativamente cedo um bom posto no paço. Parece que, pouco depois de findar os cursos, foi addido á casa do Senhor D. Duarte, o pequenino filho do Infante D. Duarte, em cujo serviço permaneceu, na qualidade de camareiro menor, até elle fallecer. Livre de cuidados, e senhor quasi absoluto de seu tempo, Caminha dedicou a sua vida ás Musas, cultivando o seu talento de poeta, na proximidade do opulento neto de D. Manoel, que era ao mesmo tempo um douto avaliador, enthusiasta das artes e lettras.

Gozando da plena confiança do seu augusto amo, com entrada franca nos serões da côrte, Caminha travou relações com a melhor fidalguia do reino, ganhando, graças ao seu culto espirito, o apreço de todos quantos tinham vocação, ou pelo menos alguma aptidão poetica. A elle como a um Mentor e juiz remettiam os cortesãos novatos os seus primeiros ensaios, pedindo conselho e a sua opinião, promptos a acudirem, quando o mestre acommetia qualquer empresa. Mas Caminha não era um laureado guia e mestre das musas apenas aos olhos da mocidade palaciana e dos versejadores medianos. Os maiores engenhos contemporaneos respeitavam-no e escutaram, cheios de admiração, os sons evocados da sua grave e doce lyra. Bastará lembrar os encomios que lhe teceu seu venerando predecessor e amigo Francisco de Sá e Miranda, os versos que trocou com Diogo Bernardes e os louvores de Antonio Ferreira, muito embora este sincero patriota não deixasse de censurar energicamente, em uma Epistola,[1]) a então notavel predilecção de Caminha pela lingua castelhana.[2])

Devemos considerar o anno de 1574 como um anno critico na vida do Poeta. Depois da primeira expedição africana, na qual acompanhara o Senhor D. Duarte (segundo a minha opinião, expendida na Nota ao No. 365), Caminha viu-se obrigado a recolher com elle á pacata Evora, onde, ao cabo de

1) No. III do Livro das Cartas.

2) O numero das Cantigas hespanholas n'esta nossa edição eleva-se a 138 (No. 241 — 289 e 379 — 467).

pouco tempo, teve de chorar a morte do mallogrado Principe, seu liberal e bondosissimo protector e presumptivo herdeiro do throno, se ainda vivesse na occasião do cataclysmo de 1578.

Escassas noticias existem ácerca dos ultimos successos da vida do Poeta. De uma lista das commendas de que dispunha a casa de Bragança, consta que foi agraciado, a 16 de Dezembro de 1581, pelo Duque D. João I, com a commenda de São Bartholameu de Rabal, no valor annual de 85 milreis. Tal doação faz presumir que o Duque, para cumprir conscienciosamente os desejos de seu fallecido cunhado, acolheu o Poeta entre os seus moradores. E visto o successor, D. Theodosio II, têr confirmado essa mercê, em 1584, é licito suppôr que continuou no serviço dos Duques de Bragança. Em Villaviçosa, residencia d'elles, falleceu finalmente a 9 de Septembro de 1589.[1])

Resta-me testemunhar publicamente a minha gratidão a todos quantos me valeram na difficil empresa de editar dignamente as obras de um Quinhentista Português. Sem esquecer os empregados do Museu Brittanico que accederam gentilmente a todos os meus desejos, renovo a expressão de meu sincero reconhecimento pelo desinteressado procedimento do S^nr^ Dr. Sousa Viterbo. Muito mais devo todavia á S^nra^ D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos que accompanhou este meu trabalho com incansavel interesse, sempre disposta a responder ás minhas preguntas, resolver duvidas, promover traslados, juntar materiaes, etc. — facultando-me, com pouco vulgar liberalidade, os resultados dos seus vastos estudos. Nem mesmo desdenhou verter para português as notas e a introducção que tracei em allemão.

Mal me atrevo a esperar que a obra seja julgada digna de tão valiosos auxilios.

---

1) Veja-se o Documento descoberto pelo Ex^mo^ S^nr^ Sousa Viterbo, pelo qual consta o anno da morte de Caminha.

Documento
pelo qual consta o anno da morte de Caminha.

Dom felipe etc. faço saber aos que esta carta virem que por parte de donna Mariana filha de pero de andrade caminha que deus perdoe me foi presentado hum meu alvara por que ouve por bem pellos respeitos nelle declarados fazer ao dito pero de andrade que elle pudesse testar de cem mil reis de tença dos dozentos que tinha per hum padrão como se contem no dito alvara de que o treslado he o seguinte: „Eu elRey faço saber aos que este alvara virem que avendo respeito a mo pidir dona catherina minha prima fazer merce a pero de andrade caminha fidalgo de minha casa que por seu falecimento possa testar de cem mil reis de tença dos dozentos mil reis de tença que tem e lhe deixou dom duarte meu primo que santa gloria aja em satisfação de seus serviços e pera minha lembrança e sua guarda lhe mandei passar este meu alvara pello qual se farão ao tal tempo as provisois necessarias a pessoa ou pessoas que os assi nomear presentando os padrõis que elle pero dandrade tem das ditas tenças e pondose as verbas necessarias e este não passar pella chancelaria. manoel franco o fez em lixboa a 8 de novembro de 1582 e eu Ruy diaz de meneses o fiz escrever.“ E ora a dita dona mariana me enviou dizer que por quanto o dito pero de andrade caminha seu pai era falecido e a deixou nomeada em cem mil reis de tença dos dozentos de que pello dito alvara podia testar como constava de hũa certidão de justifficação que disso presentava do doutor Antonio diniz que serve de juiz de minha fazenda e das justifficações della pedindome ouvesse por bem lhe mandasse passar padrão em seu nome dos ditos cem mil reis de tença e visto seu requerimento com o dito alvara acima

tresladado e certidão de justifficação querendo fazer merce a dita dona mariana Ei por bem e me praz que ella tenha e aja de minha fazenda cem mil reis de tença em cada hum anno em sua vida nos quais o dito pero de andrade seu pai a deixou nomeada dos dozentos mil reis de tença de que pello dito alvara podia testar como neste he declarado. Noteffico o assi a don fernando de noronha conde de linhares do meu conselho do estado e vedor de minha fazenda e lhe mando que faça assentar no livro della estes cem mil reis de tença a dita dona mariana e de nove dias do mes de setembro do anno passado de 1589 em diante que seu pai faleceo segundo tão bem constou pela dita certidão de justifficação do dito doutor Antonio diniz lhos despachar cadanno em lugar onde aja delles bom pagamento e o assento que dos ditos dozentos mil reis estava no livro das tenças de minha fazenda se riscou e se pos nelle verba de como se fez este padrão de cem mil reis delles a dita dona mariana pellos respeitos acima declarados como se vio per certidão de Rui diaz de meneses fidalgo de minha casa e escrivão de minha fazenda e a mesma verba se pos no livro de Registo da chancelaria no assento do padrão dos ditos dozentos mil reis de tença como se vio outrosi per certidão de christovam de benavente escrivão da torre do tombo onde o livro de Registo da dita chancelaria ja está e o proprio padrão dos ditos dozentos mil reis que o dito pero de andrade tinha se não rompeo no qual se pos verba pello dito Ruy diaz de como se fez este de cem mil reis delles a esta dona Mariana que por firmeza de todo lhe mandei dar per mim assignado e sellado com o meu sello pendente ao assinar do qual se rompeo o alvara acima tresladado e as certidõis de que acima fiz menção. dado na cidade de lixboa a 26 dias do mes de mayo. Manoel Vaz o fez anno de nacimento do nosso senhor Jesu Christo de 1590: eu Ruy dias de meneses o fiz escrever.“

(Torre do Tombo — Chancellaria de Filipe I —
Liv. XXIV de Doações, fl. 62ᵛ.)

Taboa Genealogica
dos Caminhas.

Fernão Caminha, quinto avô do seguinte. (Cfr. Sousa, IX p. 669—670.)

- Affonso Vaz Caminha
  - João C., casou com D. Filippa de Sousa.
    - Affonso Vaz C. morreu moço, militando na India. (Cfr. Poezias, Epistola X e Epit. XLIV.)
    - Pero d' Andrade C.,* casado com D. Pascuala de Guzmão.
      - D. Marianna.
    - Gaspar de Sousa, Cavalleiro de Malta. (Cfr. Poezias, Epit. V e Epit. LIII.)
    - D. Joana de Tovar, D. Ana de T, D. Catharina de Tovar, D. Guiomar de Sousa.
  - Vasco Fernandes C. Alcaide-mór de Villa-Viçosa e Camareiro do Duque de Bragança D. Theodosio I — em 1513 foi provido do habito de Christo — casou com D. Cecilia de Carvalho. (Cfr. Sousa, XII p. 842.)
    - Affonso Vaz C. de Tovar, Alcaide mór de Villa-Viçosa, casado com D. Cecilia de Castro, filha de Henrique de Figueiredo. (Veja-se as notas ao nosso No. 338; cfr. Sousa, XII p. 816.)
    - D. Joanna de Tovar casada com Martim Affonso de Sousa, 5º Senhor de Gouvea (veja-se a nota No. 338).
      - João de Tovar C. (Veja-se a nota ao nosso No. 338 a p. 542.)

* Um sobrinho do nosso poeta, de nome Nicolao de Andrade acha-se na Lista dos Moradores d'el Rey D. João III (Sousa, Provas II p. 804).

PARTE PRIMEIRA.

POESIAS

DEDICADAS

Á

SENHORA D. FRANCISCA D'ARAGÃO.

CANTIGAS. VILANCETES. GLOSAS.

1.

Epigrama I.

f. 2r°.

Francisca fermosissima, onra e gloria
Do Real Sangue e Nome D'Aragão,
Qu'inda que tem clarissima memoria,
Mais clara com teu nome inda a terão:
Se estes meus versos podem têr vitoria 5
Da morte e tempo, em ti certa a acharão,
Pois de tua fermosura são nacidos
E a tua fermosura oferecidos.

Ja foi impresso nas Poezias p. 382 (Ep. ccxiv.).

2.

f. 3 rº.

Cantiga I.

1. A quem morre só d'ouvir
Quanto em vós ha para vêr:
Dai-lhe vida, quando vir'
Que é pouco por vós morrer.

2. Cerro a vista a quanto vejo 5
Polo que a alma em vós ja vê,
E naceu-me este desejo
Do muito que de vós crê.
Quem só de vós sabe ouvir,
Quem só por vós quer morrer: 10
Não moura quando vos vir',
Ja que morre por vos vêr.

Cod. Lisb. f. 15 rº. —

3.

Vilancete I.

f. 3 vº.

A este Vilancete
de Dom Miguel de Noronha:

1. *Vi-me livre d'um cuidado,*
Que farei?
Que noutro maior entrei.

2. Tinha a alma ja por segura
De cuidados e d'enganos, 5
Entraram-me novos danos,
Nova dôr, nova ventura.
A quanto se me figura
Que farei?
Com que me defenderei? 10

f. 4r°. 3. Mil cousas estou temendo
Que em nenhum tempo temi,
Afora as que estou ja vendo
Que té 'gora tais não vi.
Muito passei e sinti, 15
Mais sintirei
Neste cuidado em que entrei.

4. Para seguir este estremo
A rezão me favorece,
Para passar o que temo 20
Conselho e siso falece.
Quanto vejo m'entristece,
Porque sei
f. 4v°. O cuidado que tomei.

Cod. Lisb. f. 33r°. —

4.

Vilancete II.

1. Como vivirei sem vêr-vos,
Senhora, se com vos vêr
Posso inda mal viver?

2. Em nada acha ja descanso
O mal que sempre em mim vejo: 5
Vendo-vos, não é mais manso,
E sem vos vêr, é sobejo.
Sem vêr-vos, tudo é desejo,
Vendo-vos, tudo é temer;
Vede como ei de viver! 10

Cod. Lisb. f. 2r°. —

5.

f. 5 rº.

Cantiga II.

1. A vida tam trabalhosa
Me trouxe minha ventura
Que a tenho por mais segura
Quando está mais perigosa.

2. Bem sei quam pouco aventuro 5
Em perder vida que tem
A segurança do bem
Em têr perigo seguro.
A vida tam trabalhosa
A tanta desaventura, 10
Tomara por mais segura
f. 5 vº. A pena mais perigosa.

3. Quem me a mim pos neste estado
Tirar-me d'ele podia,
Mas eu ja não viviria 15
Com outro nenhum cuidado.
Seja a vida trabalhosa,
Seja a dôr sempre segura:
Pior será ja a ventura
Que fôr' menos perigosa. 20

Cod. Lisb. f. 1 vº. —

6.

Cantiga III.

f. 6 rº. 1. Nunca cheguei a temer
Quanto agora estou sintindo:
Ir-se-m' o tempo fugindo
Em que vos pudera vêr.

2. Mas s'eu tenho algũa culpa 5
Em quanto mal se m'ordena,
Dou-me eu mesmo por desculpa
Quanto me fica de pena.
Nada pudera temer
Que mais não estê sintindo: 10
Ir-se-m' o tempo fugindo
Em que vos pudera vêr.

f. 6 v°. 3. Mas a alma que s'ocupava
Em vós a noute e o dia,
Em parte me descontava 15
Quanto sem vos vêr perdia.
Mas que pudera perder
Que assi deva d'ir sintindo
Como ir-me o tempo fugindo
Em que vos pudera vêr? 20

Cod. Lisb. f. 41 v°. —

7.

Cantiga IV.

A ESTA CANTIGA
DE DOM FADRIQUE MANOEL:

f. 7 r°. 1. *Ordenou vossa beleza*
D'igualar toda ventura,
E por mais mansa crueza:
Qu'eu só moura de tristeza
De vêr vossa fermosura. 5

2. Perder-se em vos vêr a vida
É só o remedio que tem,
Mas não sei dos que vos vêm
Quem a julgue por perdida,
Senão se vos não viu bem. 10

Mas chegar a esta grandeza
Não é de toda ventura;
Não mateis, pois, com crueza
f. 7 vº. Quem morre só de tristeza
De vêr vossa fermosura! 15

Cod. Lisb. f. 13 vº. —

8.

Vilancete III.

A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Arder, coração, arder,*
Que vos não posso valer!

2. O fogo em que estais ardendo
Gasta pouco e pouco a vida,
Vai-se o remedio esquecendo, 5
Deixa a esperança perdida;
Grita a alma e não é ouvida,
Que quem vos póde valer
f. 8 rº. Assi parece que o quer.

3. Tem-me esta tristeza e magoa 10
De que não perco um momento
Sempre os olhos cheos d'agoa,
Sempre a alma de sentimento.
Valei-vos do sofrimento!
Folgai ja 'gora d'arder, 15
Que vos não posso valer!

Cod. Lisb. f. 19 vº. —

9.

Cantiga V.

A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Não podem dormir meus olhos,*
Não podem dormir.

f. 8 v°.

2. Se o sentido e fantesia
Comvosco estão noute e dia,
Os olhos sem alegria 5
Como poderão dormir?

3. Ou vos veja ou vos não veja,
Sempr' o amor vêr-vos deseja,
E o 'sprito coa dôr sobeja
Não deixa os olhos dormir. 10

4. A vida vai-se acabando.
De tristeza a alma cansando,
Eles sem vos vêr chorando,
Assi mal podem dormir.

Cod. Lisb. f. 20 r°.

10.

Vilancete IV.

f. 9 r°.

A ESTE VILANCETE VELHO:

1. *Senhora, dai-me do vosso amor,*
Que o desejo,
E por ele mouro e peno!

2. Desd' o dia que vos vi
Não soube mais desejar; 5
Tudo em mim aborreci
Para tudo em vós amar.
Vosso amor vejo faltar
A este desejo;
D'isto mouro, e d'isto peno. 10

f. 9 v°. 3. Polo muito que vos quero,
Entendo o que vos mereço;
Bem vejo quam pouco espero,
Mas assi peço o que peço;
Que só vosso amor é preço 15
Do desejo
De que mouro e de que peno.

4. Nem amor nem inda engano
Vejo em vós um só momento;
A alma sempre co este dano 20
Chea está de sentimento;
D'este triste pensamento
E desejo
f. 10 r°. Em vão mouro, e em vão peno.

Cod. Lisb. f. 21 v°. —

11.

Cantiga VI.

1. Quam pouco de vós entendem
Os que vos ousam querer,
E quam mal vos sabem vêr
Se ó vosso amor não se rendem!

2. Tanto é o que em vós vejo 5
Que vence o entendimento,
Cria amor, move desejo
E embaraça o sentimento.
A si mais que a vós ofendem
f. 10 v°. Os que vos não sabem vêr; 10
Perderão por vós morrer
Se ó vosso amor se defendem.

3. Se com vos têr a alma entregue
Tam pouco de vós entendo,
Quem esta guia não segue, 15
Qu' irá de vós entendendo?
Nenhuns espritos comprendem
Quanto ha em vós que entender,
Que os que vos não sabem vêr
Do vosso amor não se prendem. 20

4. De vosso amor são meus danos,
f. 11 rº. Nem vivo sem vos amar;
No que passei estes anos
Toda a vida ei de passar.
Nenhum outro bem pretendem 25
Meus olhos mais que vos vêr:
Isto só sabem querer,
Nisto os espritos s'acendem.

5. Sofro mil tristezas ledo,
Queixar-me de vós não ouso; 30
Tudo em mim é amor e medo,
Foge-me em tudo o repouso.
Assi meus olhos aprendem
De meu amor a sofrer,
f. 11 vº. E em sentir e temer 35
A vida toda despendem.

6. Quanto vos amo e vos temo
Vereis em meu rosto escrito,
Mas vejo em vós tanto estremo
Que se me quebra o esprito. 40
Os olhos que a vós s'estendem
Não sei que mais possam vêr,
Nem sei que al possam querer
Olhos que dos vossos pendem.

7. A arte, o ingenho, o cuidado, 45
A lingua, a pena, o sentido:
f. 12 rº. Tudo em vós anda ocupado,
Por vós de tudo esquecido.

Mas inda assi se reprendem,
Se acaso ousam temer 50
Qu' isto possa inda não ser
De que nunca s'arrependem.

Cod. Lisb. f. 22 v°. — *Var.*: 23 tantos a. 46 apenas (*sic*).

12.

Vilancete V.

A ESTE VILANCETE
DE DOM AFONSO DE MENESES:

1. *Perdido polos meus olhos,*
Não tenho vida com eles,
Nem posso viver sem eles.

f. 12 v°. 2. Se os vejo e se os não vejo,
Por eles mouro contente, 5
Quanto a alma por eles sente
Tudo é temor e desejo.
Amor por quem só me rejo
Nem me dá vida com eles,
Nem quer que viva sem eles. 10

3. Em sua gram fermosura
Que vence o entendimento
Posto está meu pensamento
E toda minha ventura.
A alma neste amor segura, 15
Acha sempre que vêr neles,
f. 13 r°. Sempre que sentir por eles.

Cod. Lisb. f. 25 v°. —

13.

Cantiga VII.

1. Fez a arte tudo o que sabe,
Fez o ingenho o que podia,
Mas em pintura não cabe
Quem não cabe em fantesia.

2. Os olhos faltam com vêr-vos, 5
Embaraça-se o sentido,
O esprito fica vencido,
Ocupa-se a alma em querer-vos.
Passais polo que a arte sabe,
f. 13 vº. Venceis toda fantesia: 10
Muito na pintura cabe,
Tanto como caberia!

3. Se o menos que em vós s'entende
Mal se póde declarar,
Como se póde mostrar 15
O que o juizo não comprende?
A arte muito póde e sabe,
O ingenho muito faria,
Mas em pintura não cabe
Quem não cabe em fantesia. 20

Cod. Lisb. f. 27 vº. —

14.

Cantiga VIII.

f. 14 rº. 1. A alma ficou-me lá,
Deixou-me ó partir a vida,
E nenhum bem tenho ca
De quem a ja tem perdida!

2. Os cuidados, as lembranças, 5
Os danos, o sentimento,
As duras desconfianças
Não faltam um só momento.
A quem a alma ficou lá,
A quem se veo sem vida: 10
Não diveram faltar ca
Bens de quem a tem perdida.

f. 14vº. 3. Como sem vida não vejo,
Falam-me, nada respondo;
E como vivo, desejo, 15
E sempre a tudo m'escondo.
Não entendo em qu' isto está:
Deixou-me a alma na partida,
E sinto tudo assi ca
Como si tivera vida. 20

Cod. Lisb. f. 28vº. —

15.

Cantiga IX.

1. Com tantos ares em meo,
Com tanta terra e tanta agoa,
Que grandes males receo
f. 15rº. Pois me não mata esta magoa!

2. Quanto se me representa 5
É tudo contra o que quero,
Mas tudo em fim me contenta,
Porque assi morrer espero.
Mas põe-se-me a vida em meo
Para muito maior magoa, 10
E enche o peito de receo,
De dôr a alma, os olhos d'agoa.

3. Tendo muito que temer,
Ja 'gora que temerei?
Que, pois vivo sem vos vêr, 15
f. 15 v°. Com que mal não poderei?
Mas sobre quanto me veo
Nada sinto como a magoa
De vêr inda neste meo
Tantos ares, terra, e agoa. 20

Cod. Lisb. f. 29 r°. —

16.

Vilancete VI.

A ESTE VILANCETE VELHO:

1. *A um mal que me sobreveo,*
Alma minha, que farei?
Não sei, não sei.

2. Entrou-me a sangue e a fogo,
Provei ser doudo e sesudo, 5
f. 16 r°. Não val queixume nem rogo,
Não val outr' ora ser mudo.
Tudo tentei, desfaz tudo,
Ja 'gora, que lhe farei?
Não sei, não sei. 10

3. Não deixa o mal de danar
E o remedio vai tardando,
Sinto a esperança cansar
E o conselho está faltando;
Mas, se em vós me falta quando 15
Ou onde ja o acharei?
Não sei, não sei.

Cod. Lisb. f. 31 r°. — *Var.*: 11 durar.

17.

Vilancete VII.

f. 16 vº. A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Sem cuidado naci eu,*
Ai Amor, e quem mo deu!

2. Fui sem cuidados nacido!
Mas naci par' um cuidado
Qu'em mim não será perdido, 5
Sem eu ser d'ele acabado.
Amor, de mim descuidado,
Este cuidado me deu,
E porque ó d'amor é meu. 10

3. Mostrou-me a mór fermosura
f. 17 rº. Que nunca no mundo vi,
E pos-me nela a ventura
Que logo alegre segui;
Mas juntamente entendi 15
Que por ventura me deu
Têr este cuidado seu.

Cod. Lisb. f. 73 rº.

18.

Cantiga X.

A ESTA CANTIGA ALHEA:

1. *É minha ventura tal*
Que no mór contentamento
Me vem sempre ó pensamento
Não têr remedio meu mal.

f. 17 vº. 2. Sempre á memoria me traz 5
Estes tristes desenganos,
Quando mór dano me faz
A lembrança de meus danos.

E nisto inda me não val
Para menos sentimento: 10
Vêr qu'a este meu pensamento
É devido este meu mal.

3. Finjo me ás vezes contente
Por enganar minha sorte,
Mas a alma de descontente 15
Entrega-me logo á morte.
Este remedio não val,
f. 18 rº. Porque a quem vive em tormento
Inda este contentamento
Lhe falta para mór mal. 20

Cod. Lisb. f. 38 vº: A esta Cantiga de Luis Alvares Pereira. — *Cfr. o nosso No. 24.* —

19.

Cantiga XI.

A ESTA CANTIGA
DE GOMEZ FREIRE D'ANDRADE:

1. *Se quereis achar-vos bem*
D'esse mal que Amor ordena,
Curai-o com terdes pena
Do mal que de vós nos vem!

2. Vede de quanto se val 5
Sempre o Amor contra nós:
f. 18 vº. Para nos fazer mór mal
Fez-no-lo, Senhora, em vós!
Mas inda que mal nos vem
D'esse mal que Amor ordena, 10
Ganhamos de vossa pena
Desejarmos nosso bem.

Cod. Lisb. f. 39 rº. —

20.

Vilancete VIII.

1. Se minha vida é só vêr-vos,
Que vida poderei têr
Quando deixar' de vos vêr?

2. S'eu aqui não vivo o dia
Qu'em vós não vejo meus danos, 5
f. 19rº. Que certo engano seria
Cuidar de viver lá os anos!
Os cuidados, os enganos,
De que posso aqui viver,
Deixo, e vou por vós morrer. 10

3. Ja nisto cuidar não ouso,
Só co esta lembrança tremo;
Não acha a vida repouso,
Venha inda mais do que temo.
Vou-me d'um a outro estremo: 15
Por vós desejei viver!
Por vós desejo morrer!

Cod. Lisb. f. 40rº.

21.

f. 19vº.

Vilancete IX.

1. Inda que me doe meu mal,
Té morte o ei de querer,
E mais, se mais poder' ser.

2. O grande mal que a alma sente
Bem sinto quanto me dana; 5
Mas não sei com que m'engana
Que vivo co ele contente.

Por muito que m'atormente,
Sempre o desejo assi têr,
E mais, se mais poder' ser. 10

f. 20 rº. 3. Mas vejo que não m'engano
Por maior mal qu'inda tenha:
Pois é razão que me venha
De tal cuidado tal dano.
Mal e amor de tanto ano! 15
Ja assi será té morrer,
E mais, se mais poder' ser.

4. A alma de tudo esquecida
Polo que só sabe amar,
Não se poderá mudar, 20
Inda que se mude a vida.
Ja assi como bem perdida
Irá até a vida eu perder,
f. 20 vº. E mais, se mais poder' ser.

5. Em pago de tanto amor 25
Não quero de vós, senhora,
Mais que verdes-m' algũ' ora,
E em mim vereis minha dôr.
Vede-a e dai-ma maior,
Em quanto eu vida tiver',
E mais, se mais poder' ser! 30

Cod. Lisb. f. 40 vº. —

22.

Vilancete X.

A ESTE VILANCETE VELHO:

1. *Quem disser' qu'eu não são triste*
Por me vêr rir e folgar,
f. 21 rº. *Di-lo-ha por m'anojar.*

2. Tristeza n'alma escondida
Qu'a vida tem ja gastada, 5
Não póde contr' ela nada
Ũa alegria fingida;
E s'alguem d'isto duvida
Deve-o d'exprimentar,
E então me póde julgar. 10

3. Diga o que quiser' a gente,
Deixem-me minha tristeza!
Que não tenho outra riqueza
De qu'est' alma se contente.
f. 21 v°. Quem sempre a tem tam presente 15
Póde muito bem folgar,
E rir do que se julgar'.

Cod. Lisb. f. 42r°. —

23.

Cantiga XII.

1. Qu'ei de querer, pois vos quero?
Qu'ei ja de vêr, pois vos vi?
Pois por vós só me perdi,
Que mais ganhado m'espero?

2. Vi-vos e não vi mais nada, 5
E fiz nisso o que devia;
And' a alma como pasmada
f. 22 r° Toda noute e todo dia.
Espanta-me o que vos quero,
Não entendo o qu'em vós vi, 10
Nem choro quanto perdi,
Nem sinto quam pouco espero.

Cod. Lisb. f. 43r°. —

24.

CANTIGA DE LUIS ALVEREZ PEREIRA.

1. *É minha ventura tal*
Que no mór contentamento
Me vem sempre ó pensamento
Não têr remedio meu mal.

Grosa I. a esta Cantiga.

f. 22 vº. 2. Depois que tenho um cuidado 5
Que m'entristece e m'engana,
Ando co ele tam pesado
Que de mim todo enfadado
Folgo co que mais me dana.
Não ha remedio que possa 10
Valer-me á dôr desigual:
Vós o causais e não al!
E, desque esta culpa é vossa,
É minha ventura tal.

3. Ás vezes se me figura, 15
(Inda qu'é contra o que vejo)
Senhora, em vós ũa brandura
f. 23 rº. Que me faz crêr que a ventura
Conformará co desejo.
Mas de vêr qu'isto s'ordena 20
Para maior sentimento,
E qu'é bem d'um só momento:
Não sinto em nada mór pena
Que no mór contentamento.

4. Trago assi a alma perdida
Entr' estes falsos enganos,
De que deveis ser servida
Por m'ir sustentando a vida
Para muito móres danos.

Não vos merece isto assi 30
f. 23 vº. Quem não teme movimento
Contra um firme fundamento;
Mas o qu'é mais contra mi
Me vem sempre ó pensamento.

5. Este cuidado é contino; 35
E eu este busco, este quero,
Neste contente imagino
De qu'espero um desatino
Com que passe o mal qu'espero.
Póde-se isto têr por riso! 40
Mas meu dano é sem igual,
Nem m'atrevo (e inda não val)
A sofrer, senão sem siso,
f. 24 rº. *Não têr remedio meu mal.*

Cod. Lisb. f. 43 vº.

25.

Vilancete XI.

A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Ledo rosto me verão,*
Triste coração.

2. Onde acharei ũa desculpa
Que me possa inteiramente
Livrar de tamanha culpa 5
Como é parecer contente?
Mas para os olhos da gente
Cumpre dissimulação,
Triste coração.

f. 24 vº. 3. Vosso só é todo o dano! 10
Sei que vos faço crueza,
Pois sintis o meu engano
E mais a vossa tristeza.

Mas em tamanha estreiteza
Que conselhos valerão, 15
Triste coração?

Cod. Lisb. fol. 60 rº. —

26.

Vilancete XII.

A este Vilancete de Dom Antonio d'Almeida
Á Senhora Dona Francisca d'Aragão:

1. *Quem pudesse têr seguro*
Perdendo por vós a vida,
Que sereis d'isso servida!

f. 25 rº. 2. Não póde quem alcançar'
O grande bem de vos vêr, 5
Nem pouco de si cuidar,
Nem pouco de vós querer.
D'aqui lhe vem que perder
Deseja por vós a vida,
E serdes d'isso servida. 10

Cod. Lisb. f. 61 rº. —

27.

Cantiga XIII.

A esta Cantiga
de Manoel Pereira de Sousa:

1. *Senhora, se vós folgais*
De me verdes nesta pena,
Dai-ma um pouco mais pequena,
Porque possa durar mais!

f. 25 vº. 2. Faz-me sair do que devo 5
A gloria de a padecer,
Que, por mais tempo a sofrer,
A pedir isto m'atrevo.
Nem são pequenos sinais
De folgar com minha pena, 10
Deseja-la mais pequena,
Porque possa durar mais!

Cod. Lisb. f. 63 rº. —

28.

Grosa II.

A este Moto:

1. *Se Amor não torna por mim,*
Vejo-me em grande perigo.

f. 26 rº. 2. Da vida ja desespero;
Que, desque Amor me fez vosso,
O que d'ele mais espero 5
É saber que o que mais quero,
Isso muito menos posso.
Que farei, pois, a este mal
Que com nunca d'al temer-me
Me tem posto ja no fim? 10
Póde só o Amor valer-me,
Que a tanto mal nada val,
Se Amor não torna por mim.

3. O melhor que meu mal tem
É um só remedio têr, 15
f. 26 vº. E este não poder ninguem
Dar-me senão quem do bem
Me faz tam longe viver.

Tam longe do que desejo
Como perto do que temo, 20
Vede o mal qual ó comigo!
Mouro por me vêr no estremo
De vos vêr, e se vos vejo,
Vejo-me em grande perigo.

Cod. Lisb. f. 64 v°: Grosa a este Moto velho. — *Var.*: 17 Dar-mo.

29.

Vilancete XIII.

1. Se me acode um mal que temo,
Não ficará a vida tal
Que possa temer mais mal.

f. 27 r°. 2. Que ja 'gora tam sentida
É d'este receo a dôr 5
Que o mal que sinto menor
É desesperar da vida.
Mas ja a quisera perdida
Por não temer este mal,
Que este só temo, e não al. 10

Cod. Lisb. f. 65 r°. —

30.

Cantiga XIV.

1. Para vossa dôr me doer
Não me falta sentimento,
Mas falta-me sofrimento
Que tanto possa sofrer.

f. 27 v°. 2. E d'aqui, senhora, temo 5
A vida pouco durar-me,
Pois vejo, tendo o estremo,
O que me convem faltar-me.
Sinal é d'eu não viver
Não me faltar sentimento, 10
E faltar-me sofrimento
Para vossa dôr sofrer.

3. Mas, se a alma esta dôr sofrera,
De si corrida ficara,
Como que se não vencera 15
Toda outra que lhe chegara.
Dôr tanto para doer
f. 28 r°. Enche todo sentimento,
Vence todo sofrimento
Por mais que possa sofrer. 20

Cod. Lisb. f. 66 r°. —

31.

Cantiga XV.

1. Da dôr que me tem sem mi
Me póde só defender
Lembrar-me que ja vos vi
E que inda vos posso vêr.

2. Tem tanta força a lembrança, 5
Senhora, d'este só bem
Que junta co esta esperança
f. 28 v°. Dá vida a quem a não tem.
Isto exprimento em mi,
Sustentando-me em viver 10
Com me lembrar que vos vi
E que inda vos posso vêr.

3. É contra mi quanto vejo
Co esta dôr que a alma padece,
Mas defende-me o desejo 15
D'este bem que nunca esquece.
E, se m'eu lembro de mi
Devendo-me avorrecer,
É só porque ja vos vi
E vos inda posso vêr. 20

Cod. Lisb. f. 67 vº. —

32.

f. 29 rº.

Vilancete XIV.

1. Em tudo o que est' alma sente
A dôr me manda que fale,
O amor quer que sofra e cale.

2. Com tam grande diferença
De todo perco o repouso; 5
Convem queixar-me, e não ouso,
Pois que me falta licença.
Sofra a alma tudo o que sente,
Por mais que a dôr grite e fale,
Pois quer o amor que se cale. 10

f. 29 vº.

3. Entre tam grandes contrarios
Não sei qual deva escolher,
Porque queixar-me e sofrer
Ambos me são necessarios.
Tudo é dôr quanto a alma sente, 15
Pois lhe manda a dòr que fale
O que quer o amor que cale.

4. Mas s'eu ja nistó entendera
Ũa só vontade clara:
Ou o que a dôr manda ousara, 20
Ou o que amor quer sofrera.

Em quanto a alma isto não sente
Não sabe s'ó bem que fale,
f. 30 rº. Nem s'ó melhor que se cale.

5. Do que entender mais convem 25
Nada por meu dano entendo;
Por isto mal me defendo
A todo mal que me vem.
A alma qu'estes males sente,
Se ás vezes manda que fale, 30
Logo me obriga que cale.

Cod. Lisb. f. 68 rº. —

33.

Vilancete XV.

A este Vilancete de Dom Jorge de Meneses
Á Senhora Dona Francisca D'Aragão:

f. 30 vº. 1. *Quem vos vê só vêr-vos póde,*
Louvar-vos não póde ser,
Que em vêr tem bem que fazer.

2. S'alguem cuida que vos viu
Engana-se e cuida mal, 5
Se logo em si não sintiu
Não poder vêr tudo o al;
Porque o mais claro sinal
Que quem vos viu póde têr
É nada mais poder vêr. 10

3. E o esprito que tanto ousa
Que vosso louvor emprende
f. 31 rº. Bem mostra que não repousa
No que o juizo comprende.
Busca mais do que se entende, 15
Quer-se com onra perder
Polo que não póde ser.

Cod. Lisb. f. 69 rº. —

34.

Vilancete XVI.

1. Não foi vosso o sobresalto,
Nosso foi, e nossa a dôr,
Mas vosso em tudo o louvor.

2. Veo a cair em nós
A dôr que em vós se temia, 5
f. 31 vº. Que quanto se teme em vós
Nova dôr n'alma nos cria;
E tudo Amor sempre guia
Em nós para mais amor,
Em vós para mais louvor. 10

3. Cad' ora em vós entendemos,
(Inda que mal entendidas)
Mil maravilhas e estremos
Que as almas deixam vencidas.
Vam-se apos elas as vidas, 15
Vai tudo apos vosso amor,
Tudo apos vosso louvor.

f. 32 rº. 4. E o que em vós, senhora, achamos
De tudo o mais diferente:
É que o que em ninguem louvamos 20
Se louva em vós justamente.
O esprito que isto não sente
Caia e sinta grande dôr,
Nem s'erga a vosso louvor!

Cod. Lisb. f. 69 vº. —

35.

Cantiga XVI.

1. Tem-me posto em tal estremo
Um mal de que me receo
Que ja 'gora mais o temo
Que desque sintir' que veo.

f. 32 vº. 2. Este mal que a alma magôa 5
Mais se sente assi temido
Qu'inda que despois mais doa,
Coa vida é logo perdido.
Agora arço, agora tremo,
Tudo me causa o receo; 10
Mas justo é, pois tanto temo,
Que me veja em tanto enleo.

Cod. Lisb. f. 70 vº. —

36.

Cantiga XVII.

1. Quam longo é o tempo de dôr,
E quam breve o de prazer!
Assi se ha comigo o Amor
Em vos não vêr, e em vos vêr.

f. 33 rº. 2. Por muito tempo perdido 5
De vos vêr me dá um momento,
Tem-me o bem sempre escondido,
Nos olhos sempre o tormento.
Dura muito a pena e dôr,
Pouco o bem, pouco o prazer, 10
Mas é sempre igual o amor
Sem vos vêr, e com vos vêr.

3. Mas val-me que ũa só ora
De vos vêrem, muitos anos
Póde reparar, senhora, 15
Muitas perdas, grandes danos.
Cessa em vos vêr toda dôr,
f. 33 vº. Enche-se a alma de prazer,
Nem deixa lembrar o amor
De mais que de só vos vêr. 20

Cod. Lisb. f. 73 vº. — *Var.*: 1 longo.

37.

Cantiga XVIII.

1. Em todo mundo se veja
A sombra do que em vós vemos:
Moura-se por lá d'inveja,
Como aqui d'amor morremos!

2. Em quanto vos representa, 5
Inda que em sombra e pintura,
Se vê tanta fermosura
f. 34 rº. Que faz a alma estar atenta;
E a sombra só, que se veja
Da verdade que em vós vemos, 10
Fará que mouram d'inveja
Dos que por amor morremos.

Cod. Lisb. f. 74 rº. —

SONETOS. EPIGRAMAS. CANÇÕES.
BALATAS. SEXTINAS.

38.

f. 35 r°.

Soneto I.

D'Amor escrevo, d'Amor falo e canto;
E se minha voz fosse igual ó que amo,
Esperara eu sentir na que em vão chamo
Piedade, e na gente dôr e espanto.

Mas não ha pena, ou lingua, ou voz, ou canto 5
Que mostr' o amor por que eu tudo desamo,
Nem o vivo fogo em que me sempre inflamo,
Nem de meus olhos o contino pranto.

Assi me vou morrendo, sem ser crida
A causa por que em vão mouro contente, 10
Nem sei s'isto que passo é vida ou morte.

Mas inda da qu'eu amo fosse ouvida
E crida minha voz, e da vã gente
Nunca entendida fosse minha sorte!

39.

f. 35 v°.

Soneto II.

Quanto cuido, senhora, quanto escrevo,
Tudo em vossos fermosos olhos leo,
Neles, ante quem tudo é escuro e feo,
Aprendo e vejo como amar-vos devo.

Vejo que ó vosso amor todo me devo, 5
Mas não vos sei amar, e assi m'enleo
Que não sei se vos amo ou se o receo,
E a julgar em mim isto não m'atrevo.

Em vós cuido, em vós falo o dia e ora,
Mouro por vêr-vos, ir-vos vêr não ouso, 10
Por não vêr quanto mais devo do que amo;

Ó sol e á sombra o vosso nome chamo,
Fora d'estes cuidados não repouso;
S'isto é amor, vós o julgai, senhora!

40.

f. 36 r°.

Soneto III.

Rosto que a branca rosa tem vencida,
E ante quem a vermelha é descòrada,
Olhos, claras estrelas, que espantada
Têm a alma, aceso o peito, presa a vida;

Cabelos, puros raios, que abatida 5
Deixam da manhã clara a luz dourada,
Divina fermosura, acompanhada
D' ũa virtude a poucas concedida;

Palavras cheas d'alto entendimento,
Raro riso, alto assento, casto peito, 10
Santos costumes, vivo e grave esprito;

Divino e repousado movimento,
E muito mais, qu'está em minh' alma escrito,
Me tem num puro amor todo desfeito.

41.

f. 36 v°.

Soneto IV.

Sobre um cuidado triste me desfaço,
Como ó sol neve, como nevoa ó vento,
E como cera ó fogo; e assi em vão tento
Quanto cuido e ordeno, e quanto faço.

Nele mil vezes mouro e mil renaço, 5
E ando de pensamento em pensamento
Provando se acharei contentamento
Que m'erga das tristezas em que jaço.

Mas em vão o desejo, em vão o espero!
Que vós, senhora, tendes ja tomado 10
Todo remedio que alegrar-me possa.

Mas não me tirareis este cuidado,
Qu'inda que é triste, é vosso, e assi o quero;
Mas ai, que d'esta pena a culpa é vossa!

42.

f. 37 r°.

Soneto V.

Eu cantarei d'Amor tam novamente,
Se m'ouve aquela de quem sempre canto,
Que de mim dôr e magoa, e d'ela espanto
Terá a mais fera, inculta e dura gente.

E ela que assi tam crua e indinamente 5
Dura ós meus choros é, surda ó meu canto,
Algũa parte crerá (se não fôr' tanto
Como eu desejo) do qu'est' alma sente.

Mas como esperarei achar piedade
De mim nem em mim mesmo, s'ela nega 10
(Não peço brandos ja) duros ouvidos?

Se nega um volver d'olhos com que cega
A luz e dá ó escuro claridade,
Como serão meus danos nunca cridos?

43.

f. 37 vº.

Soneto VI.

Ora alegre, ora triste, ou rindo, ou grave,
Ou queda, ou dando passos concertados,
Ou tomeis com silencio altos cuidados,
Ora ouça vossa voz branda e suave;

Ora abertos os olhos (onde a chave 5
Tem Amor do que póde) ora cerrados,
Ou estêm d'asperezas descuidados,
Ora sua aspereza tudo agrave;

Ou do crespo ouro que tod' alma prende
Vossa cabeça rodeada seja, 10
Ou d'ele solto a luz estê invejosa:

Agora assi, agora assi vos veja,
Igúalmente a meus olhos sois fermosa,
Igualmente em meu peito o amor s'acende!

44.

f. 38 rº.

Soneto VII.

Quem nunca viu igual conformidade
Em gravidade e cortesia pura,
Quem num peito dureza com brandura
Juntas não viu ou não crê que é verdade;

Quem rosto cheo de graça e autoridade 5
Qu'acende e abranda a pedra fria e dura,
Quem nunca viu divina fermosura
Qu'espanta a nossa e vence a antiga idade;

Quem as frechas com que Amor fere e sara,
Quem os laços com que almas ata e prende, 10
Quem não viu quam branda é sua dura guerra:

Veja esta por quem é esta idade clara,
Esta que é só na terra, esta qu'acende
Em minh' alma um amor que é só na terra.

45.

f. 38 vº.

Soneto VIII.

No mesmo dia e ora, no momento
Qu'eu vi a que em minh' alma sempre vejo,
Por quem um canto e ũa voz desejo
Qu'em sua dureza faça movimento,

Por quem em vão mil vozes perco ó vento, 5
Que bom amor despreza e são desejo,
A cujos olhos ergo os meus com pejo,
A quem s'ergue medroso o pensamento,

Logo disse: Aqui vem Amor, aqui anda,
Ja corre por mi todo, ja vencida 10
Tem a alma, ja no peito está assentado;

Esta é a que o Amor governa e manda,
Esta guiará minh' alma e minha vida,
Esprito, ingenho, estilo, arte e cuidado!

46.

f. 39 rº.

Epigrama II.

Traduzido de Sannazaro.

Venus o filho Amor que tem perdido
Por ũa e outra parte anda buscando;
E ele dentro em meu peito está escondido,
E a ira d'ambos, triste, estou receando!
Se o mostro, serei d'ele perseguido, 5
Se o escondo, ir-m'-ha a vida e a alma gastando:
Deixa-t'estar, Amor, mas menos duro,
Qu'em nenhũa parte estarás mais segura!

Ja foi impresso nas Poezias p. 302 (Ep. XIV.) *sob o titulo:* Do Amor perdido.

47.

f. 39 vº.

Soneto IX.

Uns olhos donde Amor faz guerra dura,
Donde voa e pera onde se retira,
Uns olhos contra mim cheos d'odio e ira,
Que a alma m'enchem d'amor e de brandura;

Uns olhos cuja estranha fermosura 5
Toda outra fermosura abate e tira,
Uns olhos em que o ceo mil bens inspira,
De que é indina a terra ingrata e dura:

São os que sempre os meus andam buscando,
Os por que sempre brado, os que sempre amo, 10
Por quem arço no inverno, e o verão tremo.

Vou, quando os vejo, o mundo desprezando,
E tudo m'avorrece, e a mim desamo,
E a brandura amo neles, a ira temo.

48.

f. 40rº.

Soneto X.

S'eu pudera igualmente ọ que desejo
Meu esprito subir, erguer meu canto,
Tivera eu ja mostrado ó mundo quanto
De vós, senhora, sinto e em vós vejo.

Mas não posso têr mais que este desejo 5
Com que sobre mi mesmo me levanto,
Porque, quando em vós cuido ou de vós canto,
De mim mesmo m'afronto, corro e pejo.

Sinto a voz fraca, curto o entendimento,
O estilo baixo, o ingenho grosso e escuro 10
Para emprender tam alto fundamento.

Cante de vós um alto esprito, um puro,
Se o ha em que voe tanto o pensamento;
Eu chorarei meu dano grave e duro!

49.

f. 40vº.

Soneto XI.

Não vos vejo, senhora, que verei?
Qu'estes meus olhos em vos vêr sómente
Têm contentes a si e a alma contente,
E sem vos vêr, com que os contentarei?

Que outro sol, que outros raios acharei 5
Apos que assi me vá tam docemente,
Qu'inda em sua lembrança est' almą sente
Um bem que nunca em outros sentirei?

E para sustentar esta alegria,
Onde vos soía vêr me represento, 10
Encho os olhos ali do que em vós via.

Vem logo ũa triste noute a este bom dia,
E furta-me este vão contentamento
Com me lembrar qu'é isto fantesia.

50.

f. 41 r°.

Soneto XII.

Quanto vejo sem vêr-vos m'avorrece;
Sem vós triste acho o campo, turvo o rio,
A agua amargosa, a flor seca, o sombrio,
Fresco vale sem graça me parece.

A musica das aves m'entristece, 5
Comigo juntamente choro e rio,
Nem sinto quando é calma ou quando é frio,
Nem se vem a manhã, nem se anoutece.

Ando como sem vida e sem esprito,
Nenhũa cousa entendo que ouça ou veja, 10
Sómente entendo qu'isto vos doe pouco.

Est' alma a vós com tudo ama e deseja,
Quanto ela sente, anda em meu posto escrito;
E eu de bradar por vós ando ja rouco!

51.

f. 41 v°.

Soneto XIII.

I, suspiros d'amor, ó frio peito
Qu'em si nunca amoroso fogo acende,
Que ó mesmo Amor armado não se rende,
Mas sem armas o tem preso e sugeito!

I, tristes pensamentos, que desfeito 5
Me tendes em cuidar que não entende
Nem crê a menor parte que m'ofende
Aquela a que nunca ó est' amor aceito!

Mostrai-lhe meu amor, minha verdade,
Ouça o que a vida passa, o que a alma sente, 10
Importunai com rogos sua dureza.

A altas vozes pedi a morte ou piedade;
E s'isto sua aspereza não consente,
Conheça ó menos que usa d'aspereza!

52.

f. 42rº.

Soneto XIV.

Tomai este ar, espritos meus cansados,
Este ar suave que d'aquela parte
Onde está a qu'em mim tem a melhor parte
Vem movendo d'amor doces cuidados!

Olhos sempre coa vista lá ocupados, 5
Enxuge-vos este ar sereno, aparte
Magoas, pois sua brandura ja reparte
Por estes ares tristes e pesados!

Outra serenidade e fermosura
Ja aqui se vê, e ind' ontem o tempo estava 10
Grandissimas tormentas ameaçando.

Que será onde a vista clara e pura
Que nas móres tristezas m'alegrava
Agora está seus raios derramando?

53.

f. 42v°.

Soneto XV.

De minha sorte vivi eu contente
Quando nem esperava nem temia,
Quando livre passava, e não sentia
A grave dôr qu'est' alma agora sente.

Nada posso vêr ja que me contente 5
Senão um bem que só na fantesia
Vejo; e tal ando a noute, e tal o dia
Bradando em vão que som proverbio á gente!

Por uns olhos que mais que a tudo quero
Perdi a vida que me contentava, 10
E sem os vêr por eles arço e tremo.

Vejo-os, mas dura pouco; ah! livre andava!
Mas seja assi, ja 'gora temo e espero:
Mas se um só dia espero, muitos temo.

54.

f. 43r°.

Soneto XVI.

Nem verdes campos cheos d'alegria,
Nem em graciosas sombras d'arvoredos
Vêr nacer d'entre seixos e penedos
Alegres fontes d'agua clara e fria;

Nem vêr do ceo aquela certa via 5
Que leva em movimentos nunca quedos,
Nem vêr em suas estrelas mil segredos,
Nem a lũa de noute ou sol de dia:

M'esquecem de vossa alta fermosura,
Cuja vista sómente est' alma abranda, 10
Por quem de tudo mais som descontente.

Sem vós m'é tudo noute triste e escura,
Sem vós não posso têr vida contente,
E ser-me-ha a dura morte por vós branda.

55.

f. 43 v°.

Epigrama III.

Se, entendendo tam pouco como entendo
De quanto vejo em ti se te não vejo,
Tal ando que som dôr e espanto á gente,
Que fôra s'entendera o que desejo?
Julga-o tu, Filis, inda que estou vendo 5
Que julgarás contra o qu'est' alma sente.
Sempre de ti em tudo desespero;
E assi desesperado assi te quero!

Poezias p. 399 (Ep. CCLXI). — *Var.*: 7 Em tudo de ti sempre desespero.

56.

f. 44 r°.

Soneto XVII.

Quando eu as frechas vejo com que o lado
Brandamente me tem o Amor ferido,
E quando os laços d'ouro que a um cuidado
Atada a alma me têm, preso o sentido;

Quando aquele som ouço nunca ouvido, 5
Entre robis e perlas bem formado,
De que este esprito fica assi vencido
Que de toda outra cousa é descuidado;

Quando as vermelhas, quando as brancas rosas
Que me levam tras si, e quando um riso 10
De que encho est' alma, riso brando e grave:

Não entendo de mim s'estou com siso;
Mas alma e vida julgo por ditosas,
E sua prisão por doce e por suave.

57.

f. 44 vº.

Soneto XVIII.

Antonio, sabe que em tam triste sorte
Me tem o Amor e minha estrela dura
Que m'é o dia claro noute escura,
Cego sem vêr meu sol, sem vêr meu norte!

Em quanto sinto m'ameaça a morte, 5
Mas pouco em minha vida s'aventura;
Foge a alma pera lá, de mim não cura,
Sente em mim grave peso e prisão forte.

Com tudo quanto vejo me carrego,
E por não vêr que posso assi têr vida 10
Sem vêr a minha luz, a mim me nego,

A mim me desconheço, e pouco crida
De Filis é esta dôr, muito do cego
Minino festejada e consentida.

58.

f. 45 rº.

Soneto XIX.

Vai-se um mes e outro mes, um ano e outro ano,
Muda-se o gosto, muda-se a vontade,
Ha cad' ora ũa e outra novidade,
E eu sempre vou seguindo um mesmo engano!

E vendo claramente o desengano 5
E mal crida de vós minha verdade,
Nada sentida minha saudade,
Contente vou correndo apos meu dano.

Ũa ora só em mil dias que vos veja
Basta para os passar alegremente 10
Coas esperanças de vos vêr outr' ora.

Mas est' alma em que sempre estais presente
Ora vos teme vêr, ora o deseja,
Mas ou alegre ou triste, sempre chora.

59.

f. 45 vº.

Soneto XX.

Quando a vós ergo os olhos que em vós vejo
(Inda que para mi aspera e dura)
Essa graça, esse riso, essa brandura
Qu' enche as almas d'amor e de desejo;

Quando esses olhos, por quem só me rejo, 5
De que pendendo está minha ventura,
Por não vêr menos que essa fermosura,
Ali logo ante vós morrer desejo.

Mais temo não vos vêr que a mesma morte;
Mas quando este perigo m'é forçado, 10
Socorre-me a alma em que estais sempre viva.

Vosso amor é, senhora, a minha sorte;
Inda que só em tristezas nele viva,
Viva sempre este amor e este cuidado!

60.

f. 46 rº.

Soneto XXI.

Depois que por meu dano não vos vejo,
Tam chea est' alma está de sentimento
Que me faz nojo a vida e o pensamento,
E o mór ĩmigo meu é o meu desejo.

Em tudo para vêr-vos acho pejo; 5
Mil anos me parece um só momento;
Em mi mesmo não acho movimento,
Tudo me contraria o que desejo.

Todo mundo no ar se me figura,
Entre vós e meus olhos, um só passo 10
Que aja de dar tenho por mil jornadas.

Nisto sem vós, senhora, a vida passo,
Que as lembranças de vossa fermosura
São contra mi comigo conjuradas.

61.

f. 46 vº.

Sextina I.

1. Despois que a vós ergui, senhora, os olhos,
Despois que para vós fugiu minh' alma,
Despois que de vós pende minha vida,
Em quanto sem vós vejo, temo a morte;
Que aquele tam ditoso e alvo dia 5
Me faz tudo sem vós escura noute.

2. Desque o sol nace té que chega a noute
Não podem têr descanso estes meus olhos,
Desque anoutece té que torna o dia
Os não deixa quietar, nem quieta a alma; 10
Mil vezes venho a desejar a morte,
Inda que estes desejos são de vida.

f. 47 rº. 3. Mas quem passa em tristezas toda a vida,
Sentindo o dia, não dormindo a noute,
Em que póde buscar senão na morte 15
Repouso ós fracos e cansados olhos
Que ocupam sempre em mil cuidados a alma
Que nunca de cuidados perde um dia?

4. Aquele claro e bem nacido dia
Poderei dizer só que foi de vida 20
Que em vós se começou a ocupar a alma,
Que tenho imaginado dia e noute,
Que enchi de vossas graças estes olhos
Onde estarão té que os acabe a morte.

f. 47 vº. 5. Mas quanto sentireis a minha morte, 25
Porque ha de ser por vós, que inda esse dia
Vos pesará que vejam os tristes olhos,
Que antes quereis que passem assi a vida,
Porque é toda em escura e triste noute
E envolta sempre em mil tristezas a alma! 30

6. Mas não podeis fugir, senhora, a est' alma
Que não vos ame em tudo; venha a morte,
Sinta tristes cuidados toda a noute,
Veja grandes cruezas todo o dia:
Isso averei por descansada vida, 35
Nisso terão repouso os fracos olhos.

f. 48 rº. Se não vos vêm os olhos, vê-vos a alma,
Nela sempre acho vida, neles morte:
Vai-se-me nisto o dia, nisto a noute.

62.

Epigrama IV.

Desque t'amo, só sei, Filis, amar-te;
Desque te vi, mais nada vêr desejo;
Desque te canto, só quero cantar-te;
Mas s'eu como a ti nada, Filis, vejo
Qu'assi m'ocupe o 'sprito e pensamento, 5
Pouco faço em seguir este desejo,
Pois faço o que me diz o entendimento.

Impr. Poezias p. 389 (Ep. CCXXXIII). —

63.

f. 48 v°.

Soneto XXII.

Vossa estranha e divina fermosura,
Desque foi de meus olhos bem olhada,
Tanto a trazem em si representada
Qu'ela só em quanto vêm se lhes figura.

Nunca vos imagino com brandura, 5
Inda qu'entre branduras sois criada,
Mas de quanto vos quero descuidada,
Sempre aspera vos vejo, sempre dura.

E quanto mais assi vos imagino,
Quanto mais s'entristece este meu peito, 10
De vosso amor, senhora, só vencido:

Tanto vos amo mais que o amor perfeito
Nem com cruezas póde ser movido,
Nem abasta contr' ele desatino.

64.

f. 49 r°.

Balata I.

1. As oras vou contando d'ũa em ũa,
Despois que vos não vejo;
E assi vou enganando meu desejo
Com a esperança de vos vêr algũa.

2. Mas não sofrem meus olhos o tormento 5
De não vêr seus dous lumes, nem ha tempo
Par' eles de prazer senão olhar-vos;
O esprito está comvosco todo tempo,
Comvosco noute e dia o pensamento
Que de mim foge sempre por buscar-vos. 10
Quem vos quer de verdade e sabe amar-vos,
Quem d'alma vos deseja,
Sempre vos ama, inda que não vos veja,
Senhora, em muito tempo hora nenhũa.

65.

f. 49 v°.

Epigrama V.

Traduzido de Sannazaro.

Como não som tornado em rio corrente
T'espantas, pois que sempre em choros vivo;
E eu de não me tornar em chama ardente
Segundo está em meu peito o fogo vivo.
Mas porque não me mate esta presente 5
Chama, nem este fogo tam esquivo,
Com lagrimas continuas o contino
Fogo tempéra o Amor duro e benino.

Impr. Poezias p. 309 (Ep. xxxIII). —

66.

f. 50rº. **Soneto XXIII.**

Tam triste e trabalhosa vida passo
Que não ha mal que não tenha nela parte;
Fujo a cuidar em vós, mas não é parte
Para o deitar de mi sómente um passo.

Mil vezes cada dia ó mortal passo 5
Chego, mas ai que a vida não se parte,
E a morte mais de si comigo parte
Em se me vir chegando passo a passo!

Não sinto estes trabalhos sem gram oausa,
Que bem basta não vêr-vos para estranho 10
Ser todo meu desejo e meu receo.

A vossa fermosura isto me causa,
Por vós, senhora, eu mesmo a vida estranho,
Por vós, senhora, a morte ja receo.

67.

f. 50vº. **Balata II.**

1. Nos vossos olhos vejo lũa, estrelas,
O sol e a manhã clara:
Quanto mais vira, se vos bem olhara!

2. Vejo mil graças e ũa fermosura
Que nunca em outros vejo; 5
Nunca posso vêr neles ũa brandura
Qu'eu mereço e desejo.

3. Os olhos sempre a vós s'erguem com pejo;
Se de vagar ousara
Olhar-vos, sempre vêr-vos receara. 10

4. Assi depressa vejo mil segredos
De ninguem entendidos,
E em mi tudo desejos, tudo medos,
Todos d'amor nacidos.

f. 51 r°. 5. Vêr estes meus cuidados tam mal cridos 15
Ja a vida me custara,
Se Amor para mais mal não me guardara.

68.

Epigrama VI.

Sinto d'um brando amor tam dura pena
E tanto co ela a quem ma causa quero,
Que justamente o mesmo amor ordena
Que me pareça justo quanto espero.
Mas torno-a a julgar logo por pequena, 5
E logo juntamente desespero:
Vendo na causa tal merecimento
Qu'inda mais amor devo, e sofrimento.

Impr. Poezias p. 374 (Ep. CXCIV). —

69.

f. 51 v°.

Soneto XXIV.

Nesta ausencia tam dura, triste e grave,
Em que me tem meu mal ha tantos dias,
Vai-se-me a vida em tristes fantesias,
Nem sinto cousa que a alma não agrave.

Lembra-me a vista doce, o rir suave 5
Que póde encher um peito d'alegrias;
Ah! meus desejos vãos! ah! vãs porfias!
Que póde aver qu'est' alma desagrave?

Ela em tristezas passa, em triste pranto
Os olhos, em suspiros sempre o peito, 10
E a voz, senhora, em vos chamar vãmente.

Ando corrido de poder com tanto,
Sem ser ja de tristeza em pó desfeito;
Mas val-me nisto que m'escondo á gente.

70.

f. 52 r°.

Soneto XXV.

Que grande inveja tenho a quem agora
A esses olhos, senhora, os seus levanta,
Onde as Graças estão, onde Amor mora,
Onde mil almas prende e mil encanta!

Qu'inveja a quem vos vê, não digo ũa ora, 5
Mas um momento! tudo em vós espanta,
Tudo em vós vence, tudo em vós namora,
Vossa dureza nunca se quebranta!

Qu'inveja á fermosa era, ó verde louro,
E a qualquer outra planta tam ditosa 10
Que no fermoso bosque andareis vendo!

Qu'inveja ó roxo lirio, á branca rosa
Qu'estarão coroando esse crespo ouro,
Donde Amores estão sempre pendendo!

71.

f. 52 v°.

Soneto XXVI.

Cantei um tempo o muito qu'em vós via,
Ensinado do amor que me levava;
E vencido da dôr que me forçava,
Chorava juntamente o que sintia.

Abrandava-se tudo o que m'ouvia, 5
Vossa dureza só não s'abrandava;
Deixei o canto, emudeci, cuidava
Que minha baixa voz vos ofendia,

Chorei todo este tempo só comigo,
N'alma de vós cantava; sinto agora 10
Que tomei maior peso e mór cuidado.

Torno a cantar de novo o que, senhora,
Em vós vejo e em mim sinto, que calado
Não quer ser o bem que amo e o mal que sigo.

72.

f. 53rº.

Soneto XXVII.

Uns cabelos vi eu, que embaraçados
Os olhos me deixaram, a luz perdida
Quasi toda, e de todo a alma vencida,
E os pensamentos todos enlaçados.

Sem ordem, sem concerto derramados, 5
Me têm desconcertada e triste a vida,
Tudo em mi têm vencido, arrependida
Nunca a alma ja será d'estes cuidados.

Rodeados os vi de mil Amores,
E vi outros mil Amores escondidos, 10
Fazendo para a vida muitos laços.

Quisera-me ocupar em seus louvores,
Faltaram-me as palavras e os sentidos,
Tudo ali foram medos e embaraços.

73.

f. 53 v°.

Soneto XXVIII.

Movido Amor a magoa e a brandura
A desastrada morte de Ifis vendo,
Em duro e frio marmore escondendo
Foi da crua Anaxarte a fermosura.

Em dureza mudou condição dura, 5
Em frio o desamor foi convertendo;
Que cousas faz o Amor, e está sofrendo
Condição em durezas mais segura!

Este esprito, senhora, não repousa,
Cada dia por vós me chega á morte, 10
E vós em vez de dôr vos estais rindo!

E armar contra vós o arco Amor não ousa;
Como ha d'ousar, se claro está sentindo
Que em vós mais que em ninguem se faz mais forte?

74.

f. 54 r°.

Soneto XXIX.

Ditoso o tempo, o dia, a ora, o ponto
Em que naceu á terra ũa flor que ás flores
Dá nova graça, novo cheiro e côres,
E me tem em a vêr vencido e pronto!

Se d'ela canto, d'ela escrevo ou conto, 5
De Musas e de Graças e d'Amores
Cercada a vejo, e cae-me em seus louvores
O esprito, e eu de vêr-me assi m'afronto!

Nela vejo a manhã fermosa e clara,
Nela vejo em dezembro o alegre maio, 10
Nela vejo contino a primavera.

Mas de sua fermosura nova e rara
Direito a mim se vem forçoso um raio
Qu'est' alma teme, mas contente o espera.

75.

f. 54 vº.

Soneto XXX.

Segue-me tanto um triste pensamento
Que co ele vejo a noute e vejo o dia;
E eu, por furtar-lhe um pouco a fantesia,
Mil remedios em vão cad' ora tento.

Nem com trabalhos sofre esquecimento, 5
Nem se perde com cousas d'alegria,
Antes então mais viva sua porfia
Inda nega ũa esperança ó sentimento.

Vejo contra mim cousas que não ouso
Cuidar; mas, porque tudo são tristezas, 10
Não posso apartar d'elas o cuidado.

Foge-me em tudo o doce, o são repouso;
São cruezas d'Amor, e são cruezas
De quem me a seu amor tem todo atado!

76.

f. 55 rº.

Soneto XXXI.

Como me valerei d'um pensamento
Qu' é d'um sol a outro sol n'alma contino,
E assi me segue e ocupa que imagino
Qu'é muito larga vida um só momento?

A causa d'este grande sintimento 5
Qu'a alma tem quasi sempre em desatino:
É vêr um peito em tudo tam divino,
Sem lhe vêr nunca um brando movimento.

Abrandara o qu'eu sinto a mór dureza
Que póde aver no mundo; e sempre vejo 10
Contra meu amor puro um odio puro.

D'aqui se julgará minha tristeza,
D'aqui julgo eu qu'em vão quero e desejo
Morrer por este amor n'alma seguro.

77.

f. 55 v°. **Balata III.**

1. A perda de vos vêr não é tam pequena
Que deixe ó sentimento
Lugar para sentir outro tormento.

2. Este é o mal que mais me chega á morte,
Nisto mostra a ventura 5
Quanto contra mim póde, e não é forte
Contr' essa fermosura.

3. Nunca em meu mal vos ache menos dura,
Se póde o pensamento
Deixar de vos cuidar um só momento. 10

4. Em desejos continos vou gastando
O tempo que não vejo
Quanto de vós m'estão representando
A alma, o esprito, o desejo.

f. 56 r°. 5. Por vós nenhum trabalho acho sobejo; 15
Que com tal fundamento
Quanto maior, maior contentamento.

78.

Epigrama VII.

Tudo se vê no Amor, tudo acontece,
Mas mais em mim suas maravilhas vejo;
Não póde a alma coa pena que padece,
E inda maior ás vezes lha desejo;
Com razão merecer com ela espero, 5
Mas de viver com ela desespero.

Impr. Poezias p. 374 (Ep. cxcIII). — *Var.*: 4 E i. é mór a que ás v. lhe d. —

79.

f. 56 v°.

Soneto XXXII.

Quando cuido, senhora, em quanto vejo
Em vós, tudo d'amor dino e d'espanto,
Quando no que ouço, sinto em tudo tanto
Qu'em vós nenhum louvor será sobejo.

Quando s'atreve mais o meu desejo, 5
É chegar ó começo só de quanto
Ha que dizer; qu'erguer a mais o canto
Que siso ha que não deva de têr pejo?

No preço, no saber, na autoridade,
Na brandura, na graça e cortesia, 10
E em tudo o mais qu'é mais que o que s'entende:

Quem ousará falar? de vós se fia;
Que só podeis chegar a esta verdade
Que justamente a nós se nos defende.

80.

f. 57 rº.

Soneto XXXIII.

Aqueles olhos de que só vivia,
Por cujo amor todo outro amor trocava,
Aquela graça d'ond' o Amor tomava
As armas com que tod' alma vencia;

Aquele riso de qu'eu a alma enchia 5
E em que com novo esprito respirava,
Aquela fermosura em que se achava
Tudo o que se por todas repartia:

Dos olhos se me foi, mas não do esprito,
Não da alma, onde estará sempre presente 10
De quanto nela vi viva lembrança.

E andará em meus olhos sempre escrito
Um cuidado e amor que não consente
Que tema poder nele aver mudança.

81.

f. 57 vº.

Epigrama VIII.

Traduzido de Sannazaro.

Vê como som tratado duramente
De diversos cuidados e de dôres:
Arço, e ai! que da mesma chama ardente
Sempre manando estão puros licores!
Som Nilo e som Etna juntamente; 5
Lagrimas, apagai estes ardores!
E as lagrimas se gastem ja na chama
Dest' alma que a ti ama e em ti s'inflama!

Impr. Poezias p. 311 (Ep. xxxvi). —

82.

f. 58 r°.

Soneto XXXIV.

Não sei s'é isto amor, se desatino:
Nace só de vos vêr quanto mal vejo;
Mas eu que só por este amor me rejo,
Nenhum outro remedio m'imagino.

Na grande dôr, no mal n'alma contino, 5
Tornam-s' a vós os olhos, e o desejo
Busca a cura na dôr, mas é com pejo,
Porque me sinto d'ũa e d'outra indino.

Nisto assi propriamente m'acontece
Como a quem toca o fogo, e atormentada 10
Toda a parte a que chega com dôr sente;

E na força da dôr que assi padece
Torna o fogo a tocar que remediada
Lhe fique a dôr na causa do acidente.

83.

f. 58 v°.

Soneto XXXV.

Est' alma que por vós sempre sofria
Toda dôr e tristeza que lhe vinha,
Como que isso era o que lhe mais convinha,
Assi a passava alegre, assi a sentia.

Esta mesma alma agora desvaria 5
Com vossa dôr, qu'é dôr muito mais minha,
E se o remedio em vós não visse asinha,
De todo sem remedio se veria.

Sempre anda num contino e triste grito,
Envolta nũa tristeza que consume 10
O peito, e cansa a voz, e quebra o 'sprito;

Tudo lhe é noute sem seu claro lume,
Palavras nega á lingua, á pena escrito,
Que sem vos vêr nada de si presume.

84.

f. 59 rº.

Soneto XXXVI.

Despois qu'este ar, senhora, outra vez vistes,
Que sem vós sempre esteve triste e escuro,
Logo alegre se viu, fermoso e puro,
Logo a primeira luz lhe restituistes.

E est' alma e espritos, e estes olhos tristes 5
Qu'em vosso amor para vos vêr apuro,
Vendo sol claro e tempo ja seguro,
Seguem a luz que lhes de novo abristes.

Tornou comvosco um ar sereno e brando
Que de todo desfaz toda tormenta, 10
E traz comsigo a vida e leva a morte.

D'este se vai est' alma sustentando,
Como se alegra sempre e se sustenta
De tudo o que por vós lhe cabe em sorte.

85.

f. 59 vº.

Soneto XXXVII.

Passa o dia e a noute, o mes e o ano,
Segue ó brando verão o inverno duro;
O dia agora é claro, agora escuro,
O sol ora aproveita, ora faz dano.

Na calma á doce sombra, o alegre engano 5
De seu amor chora a ave em canto puro;
Depois o tempo, que em nada é seguro,
Lhe dá triste silencio e desengano.

Tudo tem suas mudanças, corre o tempo
Ora assi, ora assi; se de dureza 10
Ontem usou, oje usa de brandura.

Em mim só ũa tristissima tristeza
Sinto sempre tam firme, grave e dura
Que não a abranda ou muda ano nem tempo.

86.

f. 60 r°.

Soneto XXXVIII.

Divina fermosura, do ceo dada
Por um milagre só da natureza,
O mór poder do Amor e a mór riqueza
Que té 'gora no mundo foi mostrada;

Sempre das Graças toda rodeada, 5
Em que Amor tem a sua mór fortaleza,
Por quem setas e aljaba e arco despreza,
Por quem s'ele a si mesmo tem em nada:

Onde acharei ũa voz com que vos cante?
Onde uns olhos, senhora, com que veja 10
O que ca nenhum esprito em vós entende?

Mas manda Amor que cale e que m'espante,
E em vossa luz a minha vista peja,
E inda cuidar em vós tambem defende.

87.

f. 60 v°. **Soneto XXXIX.**

Na vossa sombra que quem s'enganava
Sombra chamou, vi eu a luz do dia,
E o lume que com ela se mostrava
Sombra de vossa sombra parecia.

Quando a manhã mais clara e alegre estava, 5
Tal claridade ó mundo não abria;
E se eu ousadamente a vista alçava,
Mais que ós raios do sol se me perdia.

Nesta sombra a que s'inda não parece
A maior fermosura, ũa luz vejo 10
Que para tudo o mais os olhos cega.

Amor aqui s'esconde, aqui aparece,
D'aqui vence o esprito e o desejo,
D'aqui seu mal reparte e seu bem nega.

88.

f. 61 r°. **Epigrama IX.**

Tras a sombra de Filis Amor ia;
Se queda estava, logo Amor estava;
Tudo o que ela fazia Amor fazia,
E mil almas vencia e namorava:
Venus que o filho assi ocupado via, 5
„Que fazes, filho Amor?" lhe perguntava.
Responde Amor: „Ó corpo segue a sombra,
Mas as almas e Amor seguem esta sombra."

Impr. Poezias p. 385 (Ep. ccxxiv). —

89.

f. 61 v°.

Soneto XL.

Num alto monte Endimion subido,
Vendo que a sua luz clara lhe tardava,
Ó ar, e ceos, e estrelas se queixava,
De desejo e d'amor todo vencido.

Posta a vista no ceo, nela o sentido, 5
Onde sempre a trazia, sempre a olhava,
Estas tristes palavras derramava,
Temendo não ser d'ela bem ouvido:

„Fermosa e alta Lua, inda que vejo
Sempre de mim a ti espaço tam grande, 10
Não sei viver ũa ora sem amar-te;

E pois só vêr-te é sempre meu desejo,
Por mais que s'ele atreva e se desmande,
Pois tardas tanto em vir, tarda em tornar-te.“

90.

f. 62 r°.

Canção I.

1. Como me valerei d'um desatino,
Senhora fermosissima, em quem vemos
Quantas graças na terra o ceo reparte?
Vejo vossos grandissimos estremos
De que o mundo confessa ser indino, 5
E de que não entende a menos parte;
Vejo que nenhũa arte
Basta, nem puro ingenho, nem ha esprito,
Nem voz, ou canto, ou escrito
Que deva cometer vossos louvores; 10
Que, se sobre os maiores
Estão com tanta gloria levantados,
Como d'umana voz serão cantados?

2. D'outra parte um desejo me não deixa,
f. 62 v°. Importuna-me sempre noute e dia 15
Que só de vós escreva e de vós cante;
Revolve-me com isto a fantesia:
Ora a alma a isso se move, ora se queixa
De querer qu'a ofender-vos se levante.
Vosso amor traz diante 20
Em quanto faz, em quanto determina
Vê essa peregrina
Fermosura que o mundo ilustra e orna,
E ó silencio se torna;
Que nele sereis d'ela mais louvada 25
Que sendo em vossa ofensa tam ousada.

3. Diz-me sempre com tudo este desejo
Que tente, que comece, que m'atreva,
f. 63 r°. Inda que ó só começo chegar possa;
Quer-me obrigar que fale, cante e escreva 30
Ó menos algũa parte do que vejo
Ness' alta fermosura qu'é só vossa,
Gloria do mundo e nossa,
Ser e riqueza e onra d'esta idade.
E esta clara verdade, 35
Inda que geralmente se conheça
Que o mundo a não mereça,
É justo que em todo ele s'ouça e lea,
E com inveja, e espanto, e amor se crea.

4. Vejo essa luz, senhora, que onra e aclara 40
O mundo, e onde um amor morto revive,
E onde um esprito se faz alto e puro:
f. 63 v°. Digo esses olhos, onde ũa alma vive
Em prisão branda e doce, cuja rara
Graça, antes só, abranda um peito duro; 45
Onde Amor tem seguro
Mais que em parte outra algũa seu estado,
Onde todo cercado
De Graças e d'Amores anda voando,

Tudo apos si levando, 50
E um sol em cada um d'eles resplandece,
Que a noute aclara e os dias escurece.

5. Vejo tambem o crespo e fermoso ouro,
Colhido d'ũa vea que na terra
Não parece que tem seu nacimento; 55
Amor que quiz fazer ó mundo guerra
f. 64 r°. Achou esse riquissimo tesouro,
Em que seguro tem seu fundamento.
Nele té um pensamento
(Que não a vida só) s'enreda e enlaça, 60
Nele a alma s'embaraça,
Que Amor envolto está entr' esses cabelos;
Mas quem ousará vê-los?
Que quantos são, são outros tantos raios,
E a quem ousa de os vêr, tantos desmaios. 65

6. A purpura fermosa, a branca neve
Que nesse rosto Amor tem repartida
Que ũa nem outra falta nem sobeja:
Qu'ingenho, ou que cuidado, que alma ou vida
Averá que não force, e apos si leve 70
f. 64 v°. Quem nome raro e glorioso deseja?
Quem ha que livre veja
Aquela mão que só da vista prende,
A quem tudo se rende,
Com quem tem certa Amor toda vitoria, 75
E com grande sua gloria
Arranca a quem a vê do peito a alma,
E a faz no frio arder, tremer na calma?

7. Quem se não renderá á voz que 'spira
Ambrosia e nectar, e assi doce voa 80
Que os espritos alegra e a alma faz branda?
E entre robis e perlas assi soa
Que Amor, que com razão ás vezes s'ira
Contra vossa dureza, logo abranda?

f. 65rº. Com tam doce som manda 85
Palavras que todo alto juizo espantam,
Que vencem tudo e encantam,
E com brandura e amor pronunciadas
Vem contra Amor armadas;
Tam iguais tendes sempre á fermosura 90
Em duro peito mostras de brandura.

8. A fermosura em tudo, a graça em tudo,
Que quer Amor que sempre comvosco ande
Entr' essa gravidade e brando riso:
Qu'esprito póde aver que não abrande? 95
Que peito que não deixe todo mudo?
Qu'entendimento a que não roube o siso?
Graça que tem diviso
f. 65vº. O Amor comsigo mesmo e assi esquecido
Que o cuidado perdido 100
Tem d'arco, aljaba e setas, ferro e fogo,
De força e brando rogo:
Que onde, senão em vós, tem ja secretas
Força, fogo, ferro, arco, aljaba e setas?

9. Os raros dões do ceo, bem influidos 105
Nessa voss' alma chea de pureza,
Que o mundo louva mais e o ceo mais ama;
O esprito sempre cheo de grandeza,
De cuja fama todos são vencidos,
Mas de vós mais vencida é vossa fama; 110
Ditosa a alma se chama
Que de vosso amor s'enche, olhos ditosos,
f. 66rº. Cuidados gloriosos
Qu'em vós s'empregam, pena e mão ditosa
Qu'empresa tam gloriosa 115
Tomam, ditosa a voz que de vós canta,
S'ela igual fosse a fermosura tanta!

10. Vendo tantas rarissimas grandezas,
Tantas graças, que o mundo tem por novo

Poderem ser achadas juntamente, 120
Logo, senhora, a vos louvar me movo,
Mas coas mesmas grandissimas rarezas
Que a alma me põe diante, o não consente.
O entendimento sente
Que não poderá nunca voar tanto; 125
No esprito tudo é espanto,
f. 66 v°. O ingenho em cousa tanto fora d'uso
Fica todo confuso;
Cae a pena, e a mão mover-se teme,
E em tantas maravilhas a voz treme. 130

11. Fico, senhora, assi nisto que temo
Todo ocupado, e muito mais no que amo;
Mas ũa cousa nem outra não entendo.
O vosso nome sempre n'alma chamo,
Que anda sempre por vós d'um noutro estremo, 135
E servir-vos em tudo só pretendo.
Se só d'este amor pendo,
Que quererei fazer em que o ofenda?
Ou em que não pretenda
Verdade, fe e serviço, e amor claro, 140
f. 67 r°. Com que em meu mal m'emparo?
Nem eu, senhora, ja me satisfaço
Senão no que por vosso amor só faço.

12. Cantiga, busca o lume
Que té 'qui te deu luz e d'onde a esperas; 145
Bem sei que mais quiseras
Inda cantar do que té 'qui cantaste;
Mas nisto só te abaste
Que podes dizer sempre em voz inteira
Qu'em tudo o que cantaste es verdadeira! 150

91.

f. 67 v°.

Epigrama X.

A graça natural e a fermosura
Que o ceo em ti juntou perfeitamente,
A côr fermosa na fermosa alvura,
Filis, nada mais ha que a acrecente.
Só amor, só piedade, só brandura, 5
Filis, tudo acrecenta a quem a sente;
Mas, Filis, tudo em ti deixa perdida
A côr, rendido o peito, a alma vencida.

Impr. Poezias p. 400 (Ep. CCLXIV). —

92.

f. 68 r°.

Soneto XLI.

Desque meus tristes olhos se partiram
D'onde os vossos de graça tudo enchiam,
Os espritos que em mim d'antes viviam
Com a vista de mim se despediram.

Sómente os passos para ca seguiram 5
Sem eu vêr como ou pera onde se guiam;
Que como os olhos nada mais veriam
Que não vos vêm, senhora, se vos viram?

Ah! maravilhas grandes do Amor grande
Que faz que um corpo todo sem esprito 10
Vive, entende, ouve, vê, fala e responde!

Mas não vejo a est' Amor poder que abrande
Vosso peito, de mim cantado e escrito,
Onde piedade (se a nele ha) s'esconde.

93.

f. 68 vº.

Soneto XLII.

Depois que vos não vejo m'avorreço,
Porque não perdi a vida em vos não vendo,
E de vêr que inda assi estou vivendo
Triste vejo a manhã, triste anouteço.

Mas s'eu cuidar, senhora, em vós mereço, 5
A todo mal com isto me defendo,
E se falando em vós não vos ofendo,
Por este bem de todo outro m'esqueço.

D'onde se fale em al ando fugindo,
Que não sofre minh' alma que outro nome 10
Nela soe senão, senhora, o vosso.

O vosso nome qu'em o Amor ouvindo
Apos ele se vai, nem eu lhe posso
Nomear outro com que tanto o dome.

94.

f. 69 rº.

Soneto XLIII.

Que cousas Amor faz! que o que mais temo
É o só bem que agora mais desejo;
Sempre vos temo vêr; se vos não vejo
Todo mouro, todo arço e todo tremo.

Mas nesta pena que me põe no estremo 5
Da vida que sem vêr-vos me faz pejo,
Tam pouco m'aproveita este desejo
Como num forte mar um fraco remo.

Algum tempo cuidei que não avia
Nada em vós nem por vós que não criasse 10
N'alma brandura e só contentamento;

Vejo agora que mal s'enganaria
Quem outra cousa de vós esperasse
Senão tristeza e dôr, pena e tormento.

95.

f. 69 vº.

Soneto XLIV.

Amor um tempo por aqui voava,
Por aqui suas frechas repartia,
E muitos laços por aqui armava,
Em que mil almas para si prendia.

De seu arco e suas setas se ajudava, 5
De fogo todo armado assi vencia,
Nestes seus arteficios confiava;
Mas inda então, senhora, não vos via.

Agora só ond' estais o Amor se vê,
Dos vossos olhos faz sua branda guerra, 10
Mostra sua dura paz em vosso riso.

S'alguem esta verdade inda não crê,
Veja-vos bem: verá á custa do siso
Qu'em vos amar o bem do Amor s'encerra.

96.

f. 70 rº.

Sextina II.

1. Ja de frescura cheos vi estes bosques,
Ja cubertos de flores estes campos,
Ja d'agua clara estas fermosas fontes,
Ja este sol claro e alegres estas sombras,
Quando tudo era visto d'esses olhos 5
Que a quanto vèm dão fermosura e graça.

2. Agora estão sem ar, sem vida e graça,
Tudo é secura em todos estes bosques,
Que onde faltam, senhora, vossos olhos,
Nem verde folha têm, nem flor os campos, 10
Parece escuro o sol, tristes as sombras,
A agua turva de todo, feas as fontes.

3. Mas s'eu comtudo ás vezes busco as fontes,
Não é para que nelas veja a graça
f. 70 vº. Que lhes vi, nem par' isso busco as sombras, 15
Nem espero a verdura nestes bosques,
Nem as flores que ja vi nestes campos,
Mas por vêr o que viram vossos olhos.

4. E quando é que ja vistes ergo os olhos,
Os sinto com razão tornados fontes 20
Que o grande dano choram qu'estes campos
Faz a ausencia d'essa vossa graça
Qu'encher pudera d'alegria os bosques
E de fermosa claridade as sombras.

5. Vira-se então, senhora, o sol nas sombras, 25
Que a tudo dereis luz com vossos olhos,
Cantaram seus amores polos bosques
As namoradas aves, e nas fontes
f. 71 rº. Se achara gosto, suavidade e graça;
Vira-se verde e alegre côr nos campos! 30

6. Que fará quem por montes e por campos
Ora é sol quente, ora nas frias sombras,
E sem os raios vêr de vossa graça,
Anda gritando polos vossos olhos,
De todo avorrecendo ja estas fontes, 35
Estes vales e rios, e estes bosques?

7. Fujam-se ja estes bosques e estes campos,
Deixem-se ja estas fontes e estas sombras,
Busque-se Amor nuns olhos e nũa graça!

97.

f. 71 v°.

Soneto XLV.

Nestes grandes e altissimos penedos
D'onde se a vista á terra e ó mar estende,
A alma que em vosso amor sómente entende,
Toda está recolhida em seus segredos.

Ora envolta em desejos, ora em medos 5
De vos vêr ou não vêr, só isto a ofende,
E nessa parte a que de ca se rende
Tem sempre os olhos e os cuidados quedos.

Mas inda assi d'esta tam grande altura
Para cuidar em vós o pensamento 10
A muito mór altura se levanta.

E só repousa meu entendimento
Na lembrança de vossa fermosura
Que o mundo com razão onra e espanta.

98.

f. 72 r°.

Soneto XLVI.

Cuidará alguem que, quando vos não vejo,
Que ouço, ou que falo, ou que me alegro, ou rio,
E quando eu isto faço, é desvario;
Mas eu por amor só todo me rejo!

A alma, toda enlevada no desejo 5
De vos tornar a vèr, busca o sombrio
E escuro bosque, e d'ele só me fio
Que me deixa cuidar no que desejo.

O pensamento em vós sempre seguro,
A memoria em vós só sempre ocupada, 10
Em nada mais cuidar posso nem ouso.

A alma nestas lembranças descansada,
Ós olhos que farei? Onde um repouso
Terão, que sem vós tudo é triste e escuro?

99.

f. 72v°.

Soneto XLVII.

Como, senhora, o sol tudo alumia
Em quanto a nossos olhos aparece,
E com su' ausencia tudo s'escurece
Quanto com ele claro aparecia:

Assi quanto se vê no claro dia 5
Que ó mundo em vossos olhos amanhece,
S'eles s'escondem nos desaparece,
Não vendo a clara luz com que Amor guia.

D'este fermoso lume eu, triste ausente,
Nem vejo sol, nem lũa, nem estrelas, 10
Nem cousa que a meus olhos apareça!

Que s'eu nos vossos vejo a todas elas,
Sem eles que verei? Est' alma o sente,
Que nada ha que sem vós bem lhe pareça.

100.

f. 73r°.

Soneto XLVIII.

Onde se busca tempo sossegado
Onde passar as oras em alegrias,
Onde servem de dar alegres dias
A serra, o bosque, a fonte, o vale, o prado:

Mais aspero e mais grave o meu cuidado 5
Me segue e traz mais tristes fantesias;
Mas ah! quando tu, alma, o teu bem vias,
Nenhum tormento tinhas por pesado!

Agora que o não ves, ves sempre a morte;
Os prazeres alheos t'entristecem 10
De dôr de quem os tem, que não d'inveja.

Porque, onde os vossos olhos não 'parecem,
Quem ha que tam imigo de si seja
Que não tenha odio a toda alegre sorte?

101.

f. 73 v°.

Soneto XLIX.

De tristes pensamentos combatido
Sempre, senhora, nestes ermos ando,
Onde, por mais que veja, ando buscando
Que vêr, mas sem vós é tempo perdido.

Pudera ser comvosco restituido 5
O bem que outr' ora ja lhes fostes dando
Quando aqui vossos raios derramando
Recolhieis a vós todo sentido.

Tam grande bem nem sempre se merece,
Antes nunca; e justo é que se reparta 10
Por muitas partes tanta claridade.

O Amor, senhora, que este bem conhece,
Co entendimento só d'esta verdade
Mil almas para si escolhe e aparta.

102.

f. 74 r°.

Soneto L.

Onde esprito acharei que me sustente
Té vos tornar a vêr, senhora, a vida,
E me sostenha est' alma enfraquecida
Da grave dôr que em vossa ausencia sente?

Se do Amor que nela é sempre presente 5
Se não vê sustentada e socorrida,
De todo se verá cedo caida
Em aspero e gravissimo acidente.

Mas ũa alma que mais que a si vos ama,
Não é razão que em vossa ausencia deixe 10
A vida de que é em tudo acompanhada.

Do Amor que sempre a grandes vozes chama
Deve ante vossos olhos ser levada;
Mas quem será que vendo-vos se queixe?

103.

f. 74 v°.

Soneto LI.

Aquela nunca vista fermosura,
Qu'inda que armada sempre de dureza
O peito me enche todo de brandura
E a alma me alegra na maior tristeza;

Aquela graça em cuja fortaleza 5
O Amor toda vitoria tem segura,
E que facil fará toda aspereza,
E mudar póde ũa triste ventura:

N'alma tam viva está como se a vira,
Mas sinto de a não vêr os graves danos 10
De que a alma em sua vista só respira.

Mas ditosa a alma pois por vós sospira!
Ditosos neste amor, senhora, os anos!
Ditoso o esprito que este amor aspira!

104.

f. 75 rº.

Canção II.

1. S'eu em al cuido nunca, nunca olhada
Seja de mim a vossa fermosura;
S'eu em al cuido, contra mim a ventura
Ache sempre comvosco conjurada;
S'eu em al cuido, eu mesmo aja por nada 5
O amor e o sofrimento
Na dôr grave e tormento,
De que a alma um só momento
Por vós, senhora, nunca está apartada.

2. S'eu em al cuido, a fe, em vós só ocupada, 10
Nunca em vós achar possa ũa brandura;
S'eu em al cuido, só desaventura
Todo tempo de mim seja esperada;
S'eu em al cuido, ind' eu a alma mudada
f. 75 vº. Veja de seu intento, 15
E no arrependimento
Ache contentamento,
E de vós sempre a veja mal julgada.

3. S'eu em al cuido nunca, sempre a pura
Minha verdade ajais por leve vento; 20
S'eu em al cuido, ache no movimento
Que a vêr-vos me levar', dôr grave e dura;
S'eu em al cuido, est' alma que se apura
Em serdes d'ela amada,
Veja mais desprezada 25
E a vós mais descuidada
Do cuidado em que está sempre segura.

4. S'eu em al cuido, Amor té a sepultura
f. 76 rº. Me persiga com descontentamento;
S'eu em al cuido, em desmerecimento 30
Se me torne este amor que n'alma dura;
S'eu em al cuido, em triste ausencia e escura,
De vossa luz desviada,
A vida derribada me seja e nunca achada
Vossa vista em que a vida se segura. 35

5. Mas, s'eu não cuido em al, consentimento
Aja em vós que me seja ja abrandada
A pena de que sempre é acompanhada
A alma que em vós só ocupa o entendimento;
E creais quanto nela está d'assento, 40
E não como em pintura,
f. 76 vº. Mas viva essa figura;
E por ela e Amor jura
Que não quer mais que este conhecimento.

6. Eu nunca cuido em al nem cuidar tento, 45
Qu'em todo outro cuidado é enganada
A alma que está de todo costumada
A têr sempre em vós só seu fundamento;
E a nada que a isto ser impedimento
Possa, a alma se aventura, 50
Que d'outro amor não cura;
Nunca al se lhe figura,
Nem eu nunca outro amor lhe represento.

7. Verdade é clara quanto vos presento;
E a alma co Amor conjura 55
f. 77 rº. Que sempre nesta altura
D'amor a tenha alçada,
Sempre guardada d'outro pensamento.

———

105.

Epigrama XI.

Fermosissima Filis, agua branda
Cae sempre d'esta serra aspera e dura;
A teus olhos o Amor sempre s'abranda,
Mas nunca d'eles nace ũa brandura;
E sendo, Filis, branda em natureza, 5
Vences a dura serra em aspereza.

Impr. P. p. 386. (Ep. CCXXVII). — *Var.*: 6 brava s. —

106.

f. 77 v°.

Epigrama XII.

Da vida, se te vejo, me descuido,
Por lograr menos do bem que a alma sente;
Se te não vejo, então que vivo cuido,
Por sentir mais a dôr n'alma presente:
Que Amor, em quem nunca ha nenhum descuido 5
Contra quem vê seu mal sofrer contente,
De todo para o bem me tira a vida,
E para o mal ma torna de perdida.

Impr. P. p. 400 (Ep. CCLXII). — *Var.*: 2 p. l. do bem menos.

107.

f. 78 r°.

Soneto LII.

Que mudança sinto eu neste meu peito,
Tó 'qui tam triste, e tam alegre agora,
Se sem vos vêr me vejo inda, senhora,
E sem este bem de nada é satisfeito!

Este esprito, onde está o amor perfeito 5
Que se vos deve e nunca perde ũa ora,
Que movimentos sente ja tam fora
Dos que em suspiros o trazem desfeito!

Mas ah! que inda o seu mal ia detendo
A alma em entender esta mudança 10
Com que s'ela de novo esforça e acende!

Se tanto póde só ũa esperança
De vos vêr, que fará estar-vos vendo?
Diga-o Amor que só estes bens entende.

108.

f. 78 v°.

Epigrama XIII.

Nũa grave tormenta aspera e dura,
Que outras móres tormentas ameaçava,
Num dia quasi igual a noute escura
Que de clara manhã desesperava:
Eis que aparece ũa clara fermosura 5
Que tudo pareceu que serenava!
Nela vi eu um sol que, anoutecendo
O dia, o fez de novo ir renacendo.

Impr. P. p. 400 (Ep. CCLXIII). — *Var.*: 2 Que mór outra tormenta am. — 3 á — 8 fez ir de novo o dia renacendo.

109.

f. 79 r°.

Soneto LIII.

Com vossos olhos ia Amor vencendo
Tudo o que viam, tudo o que vos via;
No doce som de vossa voz se ouvia
O mesmo Amor em tudo amor movendo.

Com vossa graça os campos ia enchendo, 5
E em nova claridade o ar se abria;
Com vosso movimento se movia
O Amor que está por vos tudo detendo.

Nada se ouve de vós, nada se vê
Que novo amor nos peitos não acenda, 10
Que a alma não mova a vos louvar de novo.

Quanto Amor diz de vós, tudo se crê;
E eu que em tudo por ele só me movo,
Que lh'ouvirei a que a alma não se renda?

110.

f. 79v°.

Epigrama XIV.

Quando, Fermosa Filis, ouso tanto
Que teus louvores começar me atrevo:
Quero cantar de ti, não sei que canto.
Quero escrever de ti, não sei que escrevo.
Se receo, se calo, se m'espanto, 5
Então cuido que mais faço o que devo;
E quando teu louvor mais vou temendo,
Creo que mais de ti, Filis, entendo.

Impr. P. p. 401 (Ep. CCLXVI). — *Var.*: 6 que faço o que mais devo.

111.

f. 80r°.

Soneto LIV.

Ditosos campos, bem nacidas flores,
Que dos olhos de Filis sois olhadas,
Nunca sejam perdidas nem gastadas
Vossas alegres e fermosas côres!

Aqui perpetuamente dos Amores 5
Em branda e doce voz sejam cantadas
As graças, que em só Filis são achadas,
Com desusados e imortais louvores!

E seu nome no mundo tam ouvido,
De todos justamente tam amado, 10
Este ar tenha sereno e claro e brando;

E sempre seja por aqui cantado:
Todo este bem a Filis é devido,
Filis, a que Amor sempre está cantando!

112.

f. 80 v°.

Epigrama XV.

Fermosissima Filis, em quem mora
Fermosura a que nada se compara:
Amor comtigo ri, comtigo chora,
Comtigo adoece Amor, comtigo sara;
Com tua dôr nos quis mostrar agora 5
Em ti ũa maravilha nova e rara,
Que vêr-se a olhos umanos se defende
E que, inda que se veja, não se entende.

— - —

Impr. P. p. 401 (Ep. CCLXV). —

113.

f. 81 r°.

Soneto LV.

O trabalho e a dôr mil anos dura,
Tarde se acaba um descontentamento,
Nunca o bem ũa só ora tem segura,
Que logo para o mal faz movimento.

Isto me mostra em mim minha ventura
Qu'em me danar tem firme o fundamento,
Sempre m'esconde a vossa fermosura,
E se ma mostra, é só por um momento.

Mas inda este momento me não deixa
Vêr-vos sem sobresaltos e receos 10
De perder este bem que só desejo.

Não vos vendo, sente a alma mil enleos,
E quando chego a tanto que vos vejo,
Tem do tempo e de mim continua queixa.

114.

f. 81 vº.

Soneto LVI.

Á terra os ceos, senhora, tal vos deram
Qual eles vos entendem e nós vos vemos,
Com mil espantos sempre e mil estremos
Que co eles e par' eles vos fezeram.

A todo pensamento defenderam 5
Ousar cuidar em vós, e assi o tememos;
E se algũa ora tanto cometemos,
Sentimos o porque no-lo tolheram.

Pois, se ó entendimento vos negaram,
Como ó de crêr que tanto dessem á arte 10
Que possa como sois representar-vos?

Só a vós, senhora, tanto bem deixaram
Que mais vos entendais; á nossa parte
Fica sómente vêr-vos, fica amar-vos!

115.

f. 82 rº.

Epigrama XVI.

O espanto, a onra, a gloria d'esta idade
Mostra esta sombra, mostra esta pintura,
Qu'inda com sombra ser vence a verdade
Do que se vê em tod' outra fermosura:
A maior que viu nunca a antiguidade 5
De todo aqui ficara fea e escura;
E terá sempre o mundo esta memoria
Para espanto, par' onra e para gloria.

Impr. P. p. 379 (Ep. CCVIII *intit.*: Ao retrato da S[ra] D. Francisca D'Aragão). — *Var.*: 3 mostra a v. —

116.

f. 82 vº.

Soneto LVII.

Qu'esprito ousou, que mão, que arte ou que pintura
Mostrar em morta côr as vivas côres
D'aquela estranha e nova fermosura,
Por quem o mesmo Amor morre d'amores?

De cuja graça, ali sempre segura, 5
Para si colhem as Graças novas flores,
De quem as Musas cantam com fe pura,
E se hão em cantar d'ela por maiores.

Protogenes e Apeles que d'espanto
Têm o mundo inda cheo, tanta gloria 10
Não viram nem ousar puderam tanto.

Os ceos parece que o pinzel guiaram
Para ficar no mundo esta memoria
De quanto nesta idade ca criaram.

117.

f. 83 r°. **Soneto LVIII.**

Nunca de vos amar me vi cansado
Nem cansarei em quanto tiver' vida;
E a alma sinto de tudo despedida
Por seguir este amor e este cuidado.

Qu'assi a ele me tem de todo atado, 5
Assi lh'está de todo oferecida
Que não basta não ser de vós ouvida
Nem seu amor de vós ser desprezado.

Antes me quero assi que arrependido
De têr est' alma ja tam obrigada 10
A não ser d'este amor nunca mudada.

Vós contra meu amor determinada!
E eu para toda a vida ja vencido,
E ós danos de vosso odio oferecido!

118.

f. 83 v°. **Balata IV.**

De graça, de valor, de fermosura,
De grande autoridade acompanhada,
D'outras mil fermosuras rodeada
Aquela em quem todo outro bem s'apura:
Vi eu num claro dia 5
Nũa fermosa praia, então ditosa,
Com vista mais fermosa
Que quanto então no mundo se mostrava,
Quanto cos claros olhos alcançava
Enchendo d'alegria, 10
Quando eu de a vêr de novo prazer cheo,
De toda dôr alheo,
Dentro n'alma dizia:
Se pudera esta vista ser segura,
f. 84 r°. Que pudera esperar mais da ventura? 15

119.

Epigrama XVII.

O vivo fogo que arde no meu peito,
Convem que vivas lagrimas o gastem,
Ou as consuma o mesmo fogo vivo;
Mas temo que nem elas tanto bastem
Nem ele tanto possa. E satisfeito 5
Não está Amor de vêr que inda assi vivo;
Em mim outros mil danos exprimenta:
Sofro, mas inda assi não se contenta.

Impr. P. p. 375 (Ep. cxcvii). —

120.

f. 84 v°.

Balata V.

1. Quando estes olhos volvo áquela parte
D'onde nunca me vejo despedido,
A alma de mim despido
Que vá buscar a sua maior parte.

2. Foge logo tras ela o pensamento, 5
Vai tras ela a vontade
E aquela sã verdade
Com que este amor está dentro em meu peito.
Eu fico todo em dôr e em sentimento,
E os olhos em saudade 10
D'aquela claridade
De que Amor póde só ser satisfeito.

3. Mas ah! que nunca Amor teve respeito
A me deixar assi neste perigo,
f. 85 r°. Sem vêr nunca comigo 15
Quem me possa valer d'algũa parte!

121.

Epigrama XVIII.

Em tua estranha e nova fermosura
Tem Amor nova e estranha fortaleza,
Com tua suavissima brandura
Faz nas almas efeitos d'aspereza;
Com teu riso e tua graça, em ti segura, 5
Move os espritos, Filis, a tristeza,
E polo bem de vèr-te, Filis, deixa
A troco d'alegria grande queixa.

Impr. P. p. 396 (Ep. CCLIII). —

122.

f. 85 vº.

Soneto LIX.

Zéfiro torna, e co ele o tempo brando,
Torna a fermosa e alegre Primavera,
Vam-se os prados de flores variando
E reverdece tudo o que seco era.

O ceo manhãs mais claras vem mostrando, 5
O ar s'abranda, s'alegra e se tempera,
Vam seus cantos as aves renovando,
E em tudo mostra o tempo o que s'espera.

Em mim o seu costume aspero e duro
Nunca o mal muda, tem-me em viva pena 10
Sem me valer um claro amor e puro.

Para todos o tempo se serena;
Eu estou inda em triste inverno e escuro!
Seja, pois vós quereis e Amor o ordena.

123.

f. 86 rº.

Epigrama XIX.

O mal de não te vêr e o bem de vêr-te
Causam, Filis, em mim tanta incerteza
Que não sei em qual mais mostro querer-te:
De vêr-te ó sempre em mim tanta alegria,
Sempre de não te vêr tanta a tristeza 8
Qu'em mim cad' um grande cuidado cria;
Mas fica bem um co outro temperado,
(Tua fermosura assi, Filis, o ordena):
O mal de não te vêr co bem passado,
E o bem de vêr-te coa passada pena. 10

— — —

Impr. P. p. 397 (Ep. CCLVI). — *Var.*: 9 e o b. —

124.

f. 86 vº.

Balata VI.

1. Se o mal que em mim de não vos vêr se cria
Crereis, senhora, e quanto a alma suspira,
Tanto a dôr de não vèr-vos não sintira
Pola dôr que de mim vos moveria.

2. Ah! que não sei que digo! é desatino! 5
Faz-mos dizer a dôr que a alma padece.
Não julgueis meu amor polo que digo,
Só vêr-vos quero, tudo o mais m'esquece;
Mas de tam grande bem quem será dino?
Quem, d'achar dôr em vós no seu perigo? 10
Em toda parte Amor acho comigo,
Mas sempre contra mim por vós, senhora;
E se ele contra mim por vós não fôra
Por mór imigo eu mesmo o julgaria.

— — —

125.

f. 87 r°.

Epigrama XX.

S'eu, Filis, com te vêr a vida espero,
Como perdê-la sinto se te vejo?
E se vendo-te, Filis, desespero,
Por quê vêr-te é só sempre meu desejo?
E se eu par' este amor a vida quero, 5
Por quê razão da vida tenho pejo?
Mas assi ordena Amor aspero e duro
Porque em bem nenhum possa estar seguro.

Impr. P. p. 397 (Ep. CCLV). —

126.

f. 87 v°.

Balata VII.

1. No grave mal que sinto de não vêr-vos,
Quanto vos quero estou, senhora, vendo,
E espero menos quanto mais o entendo.

2. Grande é a dôr que por vós se passa e sente,
Que nisto nunca póde aver engano; 5
Mas tambem se vê nela claramente
Que traz contentamento mais que dano.
Pois entendi tam doce desengano,
Inda que a dôr me vá n'alma crecendo,
M'irei co esta verdade defendendo. 10

3. Amor me diz e m'aconselha e manda
Qu'em vosso amor, senhora, gaste a vida,
Que nele a dura pena acharei branda,
E nele toda dôr será vencida.
f. 88 r°. De quem esta verdade não fôr' crida, 15
Se vos vir', logo a irá de todo crendo
E ir-s' ha logo por vós avorrecendo.

127.

Epigrama XXI.

Nunca da Lũa a clara fermosura
A Endimion, d'ela brandamente amado,
Tanto de seu amor teve vencido
Quanto a mim, duramente desprezado
Da branda Filis, a Amor sempre dura, 5
De tudo o seu amor tem esquecido:
Que quem vê a Filis ou em Filis cuida,
De tudo só por Filis se descuida.

Impr. P. p. 403 (Ep. CCLXXI). — *Var.*: 2 Endymião — 6 tem m'esq. —

128.

f. 88 v°.

Soneto LX.

Em quem porei os olhos que não veja
Sem vós, senhora, dôr, pena e tristeza?
Que não será sem vós dura aspereza
A quem a vós só sempre vêr deseja?

E vendo-vos, que dôr ha que não seja 5
Convertida em brandura e fortaleza
Contra toda outra dôr? Mas a dureza
De minha sorte é contra mim sobeja.

Mil bens neste só bem sabe que vejo,
Nega-mo o mais do tempo, e vós, senhora, 10
Tambem ajudais nisto minha sorte.

Dana-me o meu amor e o meu desejo,
Com eles contra mim s'ajunta a morte,
Mas esta, se vos vira, branda fôra.

129.

f. 89 rº. **Epigrama XXII.**

Quanto em ti cuido mais, menos t'entendo;
Quanto menos t'entendo, mais te quero;
E quanto mais em teu louvor me acendo,
Mais de louvar-te, Filis, desespero.
Ó que em ti vejo, esprito e ingenho rendo, 5
Amo-te e toda a vida amar-te espero,
E a vida em teu louvor gastar desejo;
Mas nenhum canto chega ó qu'em ti vejo.

Impr. P. p. 399 (Ep. CCLX). —

130.

f. 89 vº. **Epigrama XXIII.**

Ninguem m'estorve, Filis, nem m'impida
Andar sempre o teu nome no meu peito;
Cante de teus louvores toda a vida,
Mas par' eles o mundo é muito estreito.
A voz poderá ser d'eles vencida, 5
Como é, Filis, o esprito satisfeito;
Mas quem não ficará contente e mudo
Da tua fermosura e do teu tudo?

Impr. P. p. 404 (Ep. CCLXXIV). — *Var.*: 4 mui.

131.

f. 90 rº. **Soneto LXI.**

Nem grave dôr, nem aspero tormento,
Nem pena continuada e sempre dura,
Nem ũa prosperissima ventura
Qu'encher-me possa de contentamento,

Me farão perder nunca um só momento 5
O amor, senhora, d'essa fermosura
Que n'alma está tam viva e tam segura
Que não póde têr ja outro pensamento:

São forças d'esses olhos que padece
Quem ousa de vos vêr, e liberdade 10
Não quererá mais têr quem chega a vêr-vos.

Mas que fará quem sabe só querer-vos,
Pois mostrais que ante vós nada merece
Têr sempre em vosso amor firme a vontade?

132.

f. 90 v°.

Epigrama XXIV.

Dizem-me que, se tanto, Filis, te amo,
Por quê tam pouco trabalho por vêr-te?
Por quê só por amar-te me desamo,
E contra mim quero antes a prazer-te.
N'alma tua fermosura sempre chamo, 5
Não deves d'isto, Filis, ofender-te;
Os olhos, se te ofendem, não te vejam,
Á tua vontade contra si se rejam.

P. p. 388 (Ep. ccxxxii). —

133.

f. 91 r°.

Canção III.

1. Áquela novae clara fermosura
Onde Amor sempre o meu esprito guia,
Convem que vá minha amorosa rima;
Mas quem a tanto lhe dará valia?
Ou como alcançará tanta ventura, 5
Se Amor naquele peito não s'estima?

Aquela fermosura tanto acimà
De toda fermosura que ha na terra,
Como ouvirá meus versos mal ornados,
E sempre acompanhados 10
De tristeza e de dano, d'odio e guerra?
Mas, se do Amor notados
Os versos todos são que eu canto e escrevo,
A quem só amo os versos todos devo.

f. 91 vº. 2. A quem só amo devo toda a vida, 15
Devo o cuidado, devo os pensamentos,
Tudo lhe tenho entregue inteiramente.
O esprito nem brevissimos momentos
Tem esta obrigação de si esquecida,
E seus danos mais brandos nela sente; 20
Quanto de mim ordena o Amor, consente
Com inteira e purissima vontade,
E em tudo quanto manda lh' obedece.
Se nisto se merece,
Deve de merecer esta verdade 25
Que Amor vos oferece
Em mim, ja a vosso amor oferecido:
A quem, se ha mais amor, mais é devido.

f. 92 rº. 3. Antes que minha sorte vos mostrasse
A estes meus olhos de vos vêr indinos, 30
De vós tinha ja cheos os ouvidos;
E vossas graças, vossos dões divinos,
Sem que inda vossa vista me obrigasse,
Em minh' alma ja estavam recolhidos.
Em vós os pensamentos convertidos, 35
Como que toda a vida ja vos vira,
Tinha, senhora, e a vós entregue o esprito:
Logo meu canto e escrito
Vos dera (mas não canta quem suspira),
Que Amor me tinha dito 40
Que muito mais em vós inda veria
Do que a verdade ja de vós dizia.

f. 92 v°. 4. Formei n'alma ũa tam fermosa idea
De fermosura e graças tam ornada
Quanto chegou o meu entendimento. 45
Nela assi vos trazia imaginada,
E ela andava de vós sempre tam chea
Que lhe ocupaveis todo o pensamento.
Julgava por mil anos o momento
Que o grande bem de vêr-vos lhe tardava, 50
E mil momentos d'estes lhe tardavam.
E nisto se ocupavam
Meu desejo e amor, mas não faltava
Entender que ordenavam
Ventura e Amor dar-me em vós doce morte; 55
Mas eu morria ja por tam gram sorte!

f. 93 r°. 5. Ouve, emfim, de chegar a ditosa ora
Em que Amor quis, senhora, que em vós visse
Muito mais do que tinha imaginado,
E que logo em vos vendo em mim sentisse 60
Que não vivia em quanto estive fora
D'este amor, d'esta dôr, d'este cuidado.
Muito mais vi do que representado
O meu entendimento antes me tinha,
E mais que tudo o que dissera a fama. 65
Na clara e viva chama
De vosso resplendor em que Amor vinha,
Vi bem que quem vos ama,
Se cuida que vos vê, não vos comprende,
Se espera que o vejais, não vos entende. 70

f. 93 v°. 6. Este gram resplendor, senhora, vosso
De perlas, nem robis, nem diamantes,
Nem d'ornamentos tais ajudado era;
Mas eu não vi despois, nem vira d'antes
Luz tam fermosa e clara, nem crêr posso 75
Qu'em todo mundo alguem vê-la pudera.
E quem a negros veos tanta luz dera
Como ós, de que ornada ereis, então destes?

Quem tanta fermosura a tal tristeza?
Quem dar tanta riqueza 80
Pudera ó mundo como em vós pudestes
Quando co essa grandeza
De tudo o que em vós ha, tudo fermoso,
O fezestes mais rico e mais lustroso?

f. 94 rº. 7. Mas que pudera aver de que se ornara 85
Essa gram fermosura de que se orna
Tudo a que s'ela ajunta e a que dá lustre?
Onde a tristeza assi alegre se torna
Como em vós co essa luz fermosa e clara?
Quem ha que tanto em si tudo onre e ilustre? 90
Mas á falta do pai tam claro e ilustre,
Senhora, em vossos olhos o tempo inda
Não enxugara as lagrimas devidas,
De dôr e amor nacidas,
Quando essa fermosura do ceo vinda 95
De seus olhos mil vidas
Deixou pendendo, e a minha logo entr' elas:
Mas eu cuidei que vira sol e estrelas!

f. 94 vº. 8. D'aquele tam ditoso dia avante
Quanto vos vejo mais, em vós mais vejo, 100
Cada dia mais dões fostes mostrando.
Amo-vos quanto posso, mas desejo
Amar-vos inda mais, sempre constante
Irá este amor em mim continuando.
Estou em todo tempo desejando 105
Ũa voz desusada e novo verso,
Um rarissimo esprito e alto canto,
Para mostrar a quanto
(Inda que com amor e tempo adverso)
Póde chegar o espanto 110
Inda do menos que em vós póde vêr-se,
De que vemos o mundo enriquecer-se.

f. 95 rº. 9. Mas s'eu, senhora, assi com fraco ingenho,
Com baixo canto e inculto estilo, indino

De vossas maravilhas, cantar quero, 115
Não som eu o que canto; seja dino
O amor de ser ouvido, que eu não venho
Confiado ante vós, mas nele espero.
Mas ah! que, se vos vejo, desespero
De saber o que digo, e logo temo 120
Que meu amor e vosso nome ofendo!
E por que d'ele pendo,
Antes que mova a voz, todo arço e tremo.
Mas eu sempre pretendo
Cantar o vosso nome, inda que tema, 125
Inda que arça, senhora, inda que trema!

f. 95 vº. 10. Cantiga, aqui o principio, aqui a causa
Verás do grande amor com que sempre amo;
Não esperes que agora inda mais diga.
Se a sorte tam amiga 130
Te fôr' que vás a quem sempre em vão chamo,
Que acuda á dôr imiga
Que por ela me cansa e m'atormenta,
Meu amor e verdade lhe apresenta.

134.

f. 96 rº.

Soneto LXII.

A chama que no peito sempre me arde,
Viva sempre é no amor, na côr fermosa,
Branda na dôr, no efeito rigurosa,
Mas sempre no meu peito o Amor a guarde.

Quando vejo (inda que este bem me tarde) 5
Quem a faz ser em mim tam poderosa,
Fica a alma com razão toda queixosa
De minha sorte que ma mostrou tarde.

O tempo que a escondeu o Amor avaro,
Se pouco foi na conta, foi na estima 10
Mais largo que ũa muito larga vida.

Mas como s'escondeu lume tam claro?
Como ũa luz que sobe tanto acima?
Misterio foi do Amor tê-la escondida!

135.

f. 96 vº.

Soneto LXIII.

O cuidado que sempre a vós me guia
Tenho, senhora, ja tanto por vida
Que por não aver cousa que mo impida,
Desejo a noute e m'avorrece o dia.

Nela está mais quieta a fantesia 5
Que toda em vosso amor é convertida,
Está nela em silencio recolhida,
Contra toda dôr nele acha valia.

Quem vossos olhos viu, que vencem tudo,
Quem ouviu vossa voz branda e suave, 10
Quem nisto tudo cuida e tudo isto ama:

Tudo o mais que vê lh'é pesado e grave;
A quanto ouve deseja de ser mudo,
E a quem lho mais estrova, mais desama.

136.

f. 97 rº.

Soneto LXIV.

O ardente nó d'amor que d'ora em ora
Me foi prendendo mais o pensamento,
Assi preso me tem que um só momento
D'ele me não vi mais nem do amor fóra.

Comigo a liberdade ás vezes chora, 5
Esta prisão julgando por tormento,
E faz por me romper o sofrimento
Em que vivo, e vivi nela tó 'gora.

Mas que posso querer da liberdade
Para querer o que ela me deseja? 10
Sem este amor que esperar d'ela posso?

Eu tenho satisfeita aqui a vontade,
Sujeito estou, senhora, ó poder vosso,
Por ele Amor me manda que me reja.

137.

f. 97 v°.

Soneto LXV.

Onde achou o Amor o ouro, e de qual vea
O tomou para serdes d'ela ornada?
Devia ser de vea nunca achada
E que outra tal achar-se não se crea.

Toda prisão se foge e se recea, 5
Mas o Amor, que me a vida tem julgada,
Tem ũa nesse vosso ouro ordenada
Em que est' alma s'alegra e se recrea.

Esse ouro os olhos e o esprito prende,
Ata de todo o livre pensamento, 10
Enlaçada está nele e alegre a vida.

Quem tal ouro ama e de tal ouro pende,
Pode d'ele a esperança têr perdida,
Mas inda assi terá contentamento.

138.

f. 98 r°.

Soneto LXVI.

Minha ventura em vir é vagarosa,
O Amor co tempo contra mim conjura;
Se vem, um só momento me não dura,
E a alma deixa de si sempre queixosa.

Chamo minha ventura a ora ditosa 5
De vêr, senhora, a vossa fermosura,
Que nela posta está minha ventura
E ser para mim branda ou rigurosa.

Não espero a brandura, o rigor temo;
Fazei-vos ser embora assi temida, 10
Mas á esperança dai tambem licença.

Ando sempre comigo em diferença,
Por vós desejo morte e por vós vida,
E igualmente da morte e vida tremo.

139.

f. 98 v°.

Soneto LXVII.

Muitas vezes o Amor me disse: „Escreve
O amor de que te tenho o esprito cheo,
E a fermosura em que este amor te veo,
Ornada d'ouro e rosas e de neve."

„Para escrever (lhe digo) a vida é breve 5
O que em mim sinto e nela vejo e creo,
E é tal minha ventura que receo
Que meus versos e amor o vento os leve."

Mas nisto algũas vezes lhe obedeço
Por vêr se abrandar posso a dôr intensa 10
Qu'em meu peito se cria e se sustenta.

E a gram medo a cantar-vos m'ofereço,
Porque muito mais temo vossa ofensa
Que a grandissima dôr que m'atormenta.

140.

f. 99 r°.

Soneto LXVIII.

Todo este ar de suspiros tenho cheo,
De lagrimas o rosto, de tormento
O peito, a alma de dôr e o pensamento
De vossa fermosura e meu receo:

Depois que a tanto mal est' alma veo 5
Que não tem o seu só contentamento,
Do qual um só brevissimo momento
Perdido, o esprito tenho em grande enleo.

Este é, senhora, o bem da doce vista
De vossa fermosura, que a esperança 10
De a vêr me sustentara muitos anos.

Quem ha que sem vos vêr á dôr resista?
Quem, sem o esperar cedo, a muitos danos
Que sempre sem vos vêr um outro alcança?

141.

f. 99 v°.

Soneto LXIX.

Um mal m'aperta e outros piores temo,
Nos quais não sei sem vêr-vos consolar-me;
E em mim temo que o duro Amor desarme
Sua grande furia de que eu sempre tremo.

Não tenho em tal tormenta um fraco remo 5
Em que espere poder d'ela salvar-me;
E tudo isto receo que se me arme
Para chegar meu mal a mais estremo.

Tem-me a força desfeita, a côr gastada,
E junto a outros mil males diferentes 10
S'armou contra esta minha fraca vida.

E a esperança me tem quasi perdida
D'ante vós cedo os olhos vêr contentes,
Onde a pena por bem fôra julgada.

142.

f. 100rº.

Soneto LXX.

Dos fios d'ouro que Amor mais estima,
O mesmo Amor ũa sotil rede tece,
Onde (quem nela cae) logo s'esquece
De tudo o que antes tinha em mór estima.

O Amor ali s'esforça, ali se anima 5
E em mil vitorias sempre d'ali crece;
E a quem ũa vez atou não lhe destece
O laço mais, mas nisto mais o amima.

Ali mil olhos e mil pensamentos
Vão entregar de todo a liberdade, 10
Ou forçados ou não, todos contentes.

E quando ali recebem mais tormentos
Como muito ó Amor obedientes,
Ajuntam a esta força sua vontade.

143.

f. 100 vº.

Soneto LXXI.

Amor me deu um doce pensamento,
D'outros mil pensamentos diferente,
Que me faz de mim mesmo andar contente
E aver por leve o meu grave tormento.

Por tal o aprova o meu entendimento, 5
E a alma se ocupa nele alegremente;
E na mór dôr que por vós passa e sente,
Não perde esta lembrança um só momento.

Não sinto pena sem sintir descanso,
Nem tristeza sem vêr nela alegria: 10
De vós mesma nace ũa e outra cousa.

Com cuidar que é por vós, fica o mal manso;
E neste pensamento a dôr repousa
Que mais fôra sem ele cada dia.

144.

f. 101 rº.

Soneto LXXII.

Verde, florido, umbroso e fresco vale,
Onde com a alma de a vêr contente
Vi eu ja quem me faz perpetuamente
Que outra cousa não cuide, outra não fale.

Que frescura aver póde que se iguale 5
Do norte ó sul, do Tejo té Oriente
Áquela que aqui então se viu presente
Que minha voz nem Eco nunca cale!

Aqui agua e verdura, plantas, flores,
Com ar benino e brando e temperado 10
Se conservem em perpetuas alegrias.

De mil Graças aqui, de mil Amores
Seja sempre o prazer acompanhado
Em memoria de tam felices dias!

145.

f. 101 vº.

Soneto LXXIII.

Dai-me paz, oh meus duros pensamentos!
Ó menos dai-me tregua algum momento
Em que para meus danos e tormentos
Possa de novo armar o sofrimento!

O que peço, não é com movimento 5
De dar alivio ós grandes sentimentos,
Que bem sei que será vão fundamento
Esperar que Amor mude seus intentos.

Mas espero que m'ele a mór tristeza
Ajud' a passar bem com esperança 10
D'algum tempo abrandar sua grave pena.

Eu não posso esperar esta mudança,
Pois que vossa vontade e Amor ordena
Que ambos vos sinta armados d'aspereza.

146.

f. 102rº.

Soneto LXXIV.

Se eu pudera mostrar em prosa ou rima
Os pensamentos d'um só amor nacidos,
Como no peito os tenho recolhidos,
Onde Amor só se chama e só s'estima;

E se pudera vêr-se quanto acima 5
Dos que o amor proprio pede estão erguidos,
E que não podem ser nunca movidos
De nenhum dano que Amor n'alma imprima:

A maior aspereza se abrandara,
O mór odio em amor se convertera 10
E achara nos imigos piedade.

Mas, senhora, inda assi não esperara
Qu'esta pura e certissima verdade
A ũa breve lembrança vos movera.

147.

f. 102 vº.

Soneto LXXV.

De tempo em tempo se me faz mais dura
A vontade que em mim mais rege e manda,
Que em vão o Amor deseja fazer branda,
Mas estorva este bem minha ventura.

Eu não posso negar em vós brandura, 5
Qu'esta sempre, senhora, a vós junta anda;
Vejo que para mim nunca s'abranda,
Sendo a alma cada vez no amor mais pura.

Vai-se me assi gastando a fraca vida,
Tentada de tristissimos receos, 10
D'ũa 'sperança vã nunca ajudada.

Toda grande tristeza acha algũs meos
De que possa em sua dôr ser socorrida,
A minha de tudo é desemparada.

148.

f. 103 r°. **Soneto LXXVI.**

Quando, senhora, soa docemente
Em meus ouvidos vossa voz suave,
Por muito que a tristeza a alma me agrave,
Em prazer convertida logo a sente.

Ó som d'essa brandura, diferente 5
De todas as branduras, que dôr grave
Ha que logo não cesse e desagrave
O peito que tratava asperamente?

De quem vossa voz nunca foi ouvida,
Ora fosse em brandura ou fosse em ira, 10
Não sabe como Amor mata e dá vida.

Sempre minh' alma pola ouvir suspira,
E d'este seu desejo só vencida,
Em nenhũa outra voz que ouça respira.

149.

f. 103 v°. **Soneto LXXVII.**

Se acerta que algũ' ora acaso veja
Esses olhos de vós sómente dinos,
Nacem d'eles uns raios tam continos
Que a vista neles se me torva e peja.

E quem como a seu bem vêr-vos deseja, 5
Se vê seus olhos de vos vêr indinos,
Entra logo comsigo em desatinos
D'odio de si, d'amor de vós e inveja:

D'odio de si, pois vêr-vos não merece,
D'amor de vós, pois ja vos viu, senhora, 10
E d'inveja de vós, pois que vos vedes.

Ou vos veja ou não veja, a alma padece,
Grito por vós, e não me ouvis nem credes;
Mas se m'ouvíreis, e Amor justo fôra.

150.

f. 104 r°.

Soneto LXXVIII.

Quando o lugar me lembra e o tempo quando
O Amor se recolheu dentro em meu peito,
D'esta lembrança assi estou satisfeito
Que nela toda pena e dòr abrando.

Julguei naquele dia o Amor por brando 5
E cuidei que viesse a tèr respeito
(Como devera) áquele mesmo efeito
Que ele ali na minh' alma foi causando.

Temi-me logo d'ele, mas não tanto,
E foi tal meu prazer de vêr-me entregue 10
Que nada se abateu co este receo.

E ás vezes, porque á grande dôr me negue
E abrande o meu contino e vivo pranto,
Vêr-me naquele brando dia creo.

151.

f. 104 v°.

Epigrama XXV.

Vivos raios dos teus olhos fermosos,
Que ó mundo e Amor estão mais ilustrando,
Alegres a minh' alma, mas danosos
Vão nela, Filis, docemente entrando:
Brandos os vejo e sinto-os rigurosos, 5
Como póde isto Amor ir ajuntando?
Mas em teus olhos sós s'ajunta e vê
Tudo o que d'outros olhos não se crê.

Impr. P. p. 391 (Ep. ccxl). —

152.

f. 105 r°.

Soneto LXXIX.

Amor coa mão direita o esquerdo lado
Me abriu e plantou nele ũa fermosura
Maior e mais inteira que a ventura
Nesta idade e em mil outras tem mostrado.

Deixou-me o coração acompanhado 5
De sua autoridade e graça pura,
Seu valor, sua prudencia, sua brandura,
E seu esprito em tudo confiado.

Tornou-me a cerrar logo o brando peito
Porque esta fermosura não pudesse 10
Ir-se mais d'ele, nem mais outra entrasse.

E, inda que Amor mandou que não 'sperasse
Remedio á dôr que d'ela me viesse,
D'esta dôr serei sempre satisfeito.

153.

f. 105 vº.

Soneto LXXX.

De tudo a minha sorte desiguala
O duro Amor, para mim nunca brando,
E contra mim que sempre o estou amando
O seu rigor a seu poder iguala.

E ora que o ceo e a terra e o vento cala, 5
E o trabalho repouso está tomando,
M'está com pensamentos inquietando,
E a nova dôr o esprito move e abala.

Juntamente me mostra o doce e o amargo:
Este para que sempre em mim o sinta, 10
O outro para sintir a falta d'ele.

E tanto no que faz quer qu'eu consinta
Qu'eu mesmo chego a tanto que por ele
Me dou d'estas suas culpas o descargo.

154.

f. 106 rº.

Soneto LXXXI.

Eu temo tanto o poderoso assalto
Dos olhos onde vejo o Amor e a morte
Que ás vezes que mos mostra o caso e a sorte
Me trovo, me emudeço e sobresalto.

A tod' outra lembrança ali então falto; 5
Só temo que ali a vida se me corte,
E busco neles o meu claro Norte,
E eles passam por mim sempre por alto.

Mas inda que ali temo quanto temo,
Fica neles tam branda e doce a pena 10
E tam suave o mais duro tormento

Que mil vidas darei por um momento
De os vêr, mas poucas vezes se m'ordena
Este bem por que eu mouro e de que eu tremo!

155.

f. 106 v°.

Soneto LXXXII.

Naqueles olhos que eu suspiro e chamo
Quando os vejo, assi tenho a vista atenta
Que neles claro se me representa
Tudo o que d'eles temo e neles amo.

Amor, inda que sabe que desamo 5
Por eles quanto á vista se apresenta,
E que nada sem vê-los me contenta,
E em meu odio por seu amor m'inflamo,

Me diz, vendo-me assi, que não me atreva
Tanto que a vista a tais olhos levante, 10
Senão para deixar neles a vida.

Quem ha que a vida a tais olhos não deva?
Quem, se logo a não vir' ali perdida,
Al cuide, d'al escreva nem d'al cante?

156.

f. 107 r°.

Soneto LXXXIII.

Nos olhos de que escrevo ousadamente,
(Mas Amor culpado é nesta ousadia),
Em cad' um vejo um sol resplandecente
Que fazem um fermoso e claro dia.

Para os vêr sempr' o Amor meus passos guia, 5
Alegre o vou seguindo, mas vãmente,
Que sempre minha sorte me desvia
Dos olhos este bem n'alma presente.

E sem vêr esta luz que eu amo tanto,
Sem este resplendor tam poderoso 10
A que dano, senhora, e mal não venho?

De mim meu pensamento anda queixoso,
Baixa a voz, duro o estilo, seco o ingenho
E a minha Musa convertida em pranto.

157.

f. 107 v°.

Soneto LXXXIV.

Ah! que ardendo estou sempre e não som crido,
Vendo-se o meu amor tam claramente!
Mas crido som de todos justamente
E meu dano de todos é sentido.

Vós só meu mal não credes, nem ouvido 5
De vós é o que vos quero, que presente
Em meus olhos está continuamente
E em minha voz e versos entendido.

Cuidei que vosso nome valeria
Que, vendo meu amor e minha queixa, 10
Juntos co ele mudasseis minha sorte;

Mas é tal minha sorte que não deixa
Vosso nome comvosco têr valia
Para ouvirdes e crerdes minha morte.

158.

f. 108 r°.

Soneto LXXXV.

Quantas vezes, senhora, o Amor me tenta
Na tristeza, na dôr e no tormento,
Movendo-me a deixar meu pensamento
Pois tam asperamente m'atormenta!

A alma que de seus danos se contenta 5
Mais que d'algum grande contentamento,
Logo acode a esta dôr co entendimento
E nela mil prazeres me apresenta.

Este bem neste mal ja não duvido
Qu'exprimentei o dano e o prazer nele, 10
E quanto mais o sinto estou mais firme.

E assi de vosso amor estou vencido
Qu'inda que em mil tristezas me confirme,
Não perderei um só momento d'ele.

159.

f. 108 v°.

Epigrama XXVI.

Sempre Amor usa e tem tristes queixumes,
Em quanto arde no peito a viva chama;
Ora veja, ora não os claros lumes
Que movem e que dão luz ó esprito que ama:
Não vendo, razão é que em grave queixa 5
Se rompa a voz e se desfaça o peito;
E vendo, inda a queixumes lugar deixa
O grande amor que nunca é satisfeito:
Em quanto o amor se queixa, é verdadeiro,
O que nunca se queixa, é lisongeiro. 10

Impr. P. p. 303 (Ep. xvi *intit.*: Do Amor). —

160.

f. 109 rº.

Canção IV.

1. Quando a vista levanto,
Senhora, a quanto vejo
Na grandissima vossa fermosura,
Qu'enche os olhos d'espanto
E as almas de desejo 5
E as vidas de docissima ventura,
E vejo a clara e pura
Luz que em vós resplandece
De mil graças ornada:
Fica a alma embaraçada, 10
Como ós olhos mil vezes acontece
Se s'erguem ousadamente
Á clara luz do sol resplandecente.

2. Inda que embaraçado
f. 109 vº. Fica o esprito e vencido, 15
Não deixa d'entender o entendimento
Qu'em vosso alto cuidado
É com razão devido
Sempre ocupar-se todo pensamento.
Senhora, o meu intento 20
É ja gastar a vida
No que de vós entendo.
Bem sei que vos ofendo;
Mas que fará ũa alma tam vencida?
Vejo quanto nisto ouso, 25
Mas eu busco o que devo a meu repouso.

3. Não pareça que digo
O que dizer não devo
f. 110 rº. Contr' essa fermosura onde só vemos
Sempre a vida em perigo, 30
E de quem não m'atrevo
A cuidar que inda o menos entendemos;

Que nunca vos veremos
Que em vós não entendamos
Que ha mil e mil perigos,
D'alma duros imigos 35
E dos olhos com que sempre os buscamos,
E que quem chega á sorte
De vos vêr, vive em pena ou vive em morte.

4. Mas seja o mal quam duro 40
Do Amor possa tomer-se
E a dôr quam grave possa recear-se,
f. 110v°. Bem póde estar seguro
O esprito de valer-se
Nem buscar em que possa sossegar-se: 45
Senão só com lembrar-se
Que quem vêr-vos alcança,
Julgar deve a dôr grave
Por branda e por suave,
E por doce o viver sem esperança; 50
E a muito não s'atreve
Que a vossa fermosura mais se deve.

5. Assaz é de descanso
Vêr que nace meu dano
Da cousa que ha no mundo mais fermosa; 55
Co esta lembrança amanso
f. 111r°. O triste desengano
Que dá a desesperança rigurosa.
A alma fôra queixosa
Da grande dôr que a ofende, 60
E nada lhe valera,
Se a por vós não sofrera
Com que a todos seus danos se defende;
E s'isto assi não fôra,
De quem me pudera eu valer, senhora? 65

6. Vede quanto podeis,
Que sem o vós quererdes

Em vós me valho do que em vós me dana!
Vede o que podereis,
Se a meus danos valerdes 70
f. 111 v°. Com vossa fermosura mais que umana!
Quem vos vê, não s'engana
Em crêr que por vós morre
E que em vós mesma tem
Junto a seu mal seu bem, 75
E o que em vós vê, lhe dana e lhe socorre;
E o mal que vêr-vos faz,
Tambem vêr-vos, senhora, o satisfaz.

7. Bem entendo, Cantiga, onde ir desejas;
Mas quem fez escrever-te, 80
Temo que nem sómente queira vêr-te.

161.

f. 112 r°.

Soneto LXXXVI.

Cantei; agora choro, e mais doçura
Acho no choro da que achei no canto;
Pode isto a quem o ouvir' causar espanto,
Não a quem vir' a vossa fermosura.

Troquei em vossos olhos a ventura, 5
Não cuidei que a trocava para tanto;
Enchi d'amor o peito, olhos de pranto,
A alma d'opinião e de brandura.

Vivia livre e todo descuidado
De vêr cousa que tanto a alma prendesse; 10
Cantava de prazer coa liberdade.

Choro de mais prazer, vendo ja atado
O meu entendimento a esta verdade
Que minha sorte quis que me vencesse.

162.

f. 112 v°. **Soneto LXXXVII.**

Chorei; agora canto, e estes efeitos
D'um mesmo amor, senhora, são nacidos,
Mas de vós sempre mal agradecidos
E ó Amor que os governa nunca aceitos.

De vós estes espritos satisfeitos, 5
Sempre cheos de vós e a vós unidos,
Deviam ser de vós bem recebidos
Como em amor purissimo perfeitos.

Chorei, desque vos vi, têr-me tardado
Tanto a ventura em me tirar da morte, 10
Mostrando-me o que sempre vêr desejo.

Ja canto e cantarei por que vos vejo,
Mas chore ou cante, ouvido ou desprezado,
Tenho por felicissima esta sorte!

163.

f. 113 r°. **Sextina III.**

1. Felicissimos ja chamo os meus olhos
(Inda que sempre os tenho cheos d'agua)
Pois de vos vêr têm cheo este meu peito
Do brando amor e de seu doce fogo,
E por muito infelice tenho o tempo 5
Que passei sem vos vêr, em escura morte.

2. Por vida posso têr ja 'gora a morte
Que me nace, senhora, d'esses olhos
De que est' alma está chea todo tempo,
Por quem vou convertendo os meus em agua; 10
Mas não basta a apagar o vivo fogo
Do puro amor que me consume o peito.

3. Vi-vos e enchi de vosso amor o peito,
Combatido por vós sempre da morte,
f. 113 v°. Ora aceso do claro e puro fogo 15
Que nele Amor acende, ora dos olhos
Estilando por vós amorosa agua,
Mas com agua e com fogo o mais do tempo.

4. Mas nem assi me queixarei do tempo
Pois neste amor me vai gastando o peito, 20
Nem terei por contraria á vida a agua
Que contra mim s'ajunta em mim coa morte,
Nem me devo queixar de vossos olhos,
Nem defender do amor, nem de seu fogo.

5. Qu'inda que aspero seja e grave o fogo 25
Que me arde sem d'alivio me dar tempo,
Por tam fermosos e tam claros olhos
Muito mais sofrer deve todo peito
f. 114 r°. Quanto mais este meu a quem a morte
E Amor provando estão com fogo e agua. 30

6. Ah! que bastar devera ja tant' agua
D'amor nacida, e d'amor tanto fogo,
Tanto esperar contente a dura morte
Sem cuidar em remedio em nenhum tempo,
Para claro se vêr que meu fiel peito 35
Nem quer nem 'spera vida em outros olhos!

7. Não vejo fermosura, nem vejo olhos
Que assi possam detêr a corrente agua
Como esses vossos, nem conheço peito
D'amor tam cheo e d'amoroso fogo 40
Como este meu que nada teme o tempo
E branda neste amor achará a morte.

f. 114 v°. 8. Como não ha de ser alegre a morte
Causada d'esses vossos brandos olhos,
Ante os quais fica brando o aspero tempo? 45
São meus olhos continuas fontes d'agua,

Mas alegram-me, e alegra-me o seu fogo
Com ser de vosso amor cheo este peito.

9. Não deveis desprezar, senhora, um peito
Ond' está tal amor, nem dar a morte 50
A quem ja vive em tam contino fogo;
Um só momento ponde em mim os olhos,
E com eles dareis doçura a est' agua
Que não lha pode dar té 'gora o tempo.

10. Mas quem tanto s'engana que algum tempo 55
Espera achar clemencia em vosso peito,
f. 115rº. Esperará de vêr o mar sem agua;
E quem (inda que dar podeis a morte)
A vida não vê clara nesses olhos,
Tambem não verá luz no claro fogo. 60

11. O resplendor do sol e a luz do fogo
Trevas cuido que são e escuro tempo,
Quando não vejo os nunca vistos olhos
Que Amor tem sempre vivos neste peito;
Sem eles me é a vida aspera morte, 65
E os meus derramam triste e amargosa agua.

12. Mas, inda que Amor nunca seque esta agua,
Inda que nunca co ela gaste o fogo
Qu'em mim dentro arde, inda que veja a morte
Sempre ante mim por vós, não virá tempo 70
f. 115vº. Que não estêm impressos no meu peito,
Ou vos veja ou não veja, os vossos olhos.

13. S'eu vira estes meus olhos sem tal agua,
S'eu vira este meu peito sem tal fogo,
Não tardara mais tempo a triste morte. 75

164.

f. 116 rº. **Epigrama XXVII.**

Se tu, Filis, es chea de brandura,
Como me queixo sempre d'asperezas?
Se tua condição o amor apura,
Como me queixo d'odios e durezas?
Se tanto alegra vêr tua fermosura, 5
Como me queixo, vendo-a, de tristezas?
Porque assi tua vontade quer e ordena
Que tudo o em que ela falta, seja pena.

Impr. P. p. 390 (Ep. CCXXXVI). —

165.

f. 116 vº. **Epigrama XXVIII.**

Mil vezes uns queixumes e uns louvores
Em meus versos são, Filis, repetidos,
Nacidos uns de teus graves rigores,
De tua fermosura outros nacidos.
Quem não repetirá suas grandes dôres? 5
Quem os louvores a ti tam devidos?
Deixem-me repetir minha ventura,
Deixem-me repetir tua fermosura.

Impr. P. p. 390 (Ep. CCXXXVII). — *Var.*: 6 que a ti só são devidos.

166.

f. 117 rº. **Soneto LXXXVIII.**

A grandissima força do tormento
Em que me tem o Amor sempre metido,
Me leva a cuidar nele o pensamento,
Desejando eu poder tê-lo esquecido.

Muito me doe meu grande sintimento, 5
Muito mais ser de vós pouco sintido;
Dai-me d'este meu mal contentamento
Com brandamente ser de vós ouvido!

Ou ordene-o Amor com que m'esqueça,
Para que d'esta dôr desocupado, 10
Em vossa fermosura sempre cuide;

E é bem que para tam alto cuidado
Outra cousa não queira, outra não peça
Senão que nada d'ele me descuide.

167.

f. 117 vº.

Soneto LXXXIX.

Dos olhos tristes lagrimas derramo
Quando ninguem as veja nem entenda,
Porque com vos culpar não vos ofenda
Quem vir' que em vão vossa piedade chamo.

E ja estas mesmas lagrimas tanto amo 5
Que nada no mundo ha que mas defenda,
E até que a triste vida se lhes renda
Toda alegria vã fujo e desamo.

Mas os breves espaços que vos vejo,
Em que a vida s'esforça e a alma s'alegra, 10
Muito mais em mim podem que a tristeza.

Eu sigo nisto a dura e branda regra
Do duro e brando Amor por quem me rejo,
Que ja o amor é minha natureza.

168.

f. 118rº.

Soneto XC.

Quando vejo do ceo decer a Aurora
Que vem com sua luz a noute abrindo,
E o claro Sol que logo a vem seguindo
E toda escuridade deita fora;

Quando vejo, senhora (como agora) 5
A Primavera o Inverno despedindo,
Que de flores a terra está cobrindo,
De que a vista s'alegra e se namora:

Imagino que a meus olhos vos vejo
Dar, quando apareceis, nova alegria 10
Com vosso resplendor claro e contino.

Que vossa fermosura, que eu desejo
Vêr sempre como o meu mais claro dia,
Nas mais fermosas cousas a imagino.

169.

f. 118vº.

Soneto XCI.

Quando vejo que o seu carro dourado
Recolhe o Sol nas ondas do ocidente,
E este nosso emisferio deixa á gente
Sem luz, de noute e sombras ocupado;

Quando vejo o rigor do inverno entrado 5
Tratar tudo tam dura e asperamente,
E a terra desornada e diferente
Do que tinha té então em si mostrado:

Me lembra a luz de vossa fermosura
Quando a meus olhos se vai escondendo, 10
Que os deixa em sombra triste e noute escura,

E a tristeza que em mim vai desfazendo
A alegria que tinha por segura
Quando a sorte me dava estar-vos vendo.

170.

f. 119rº.

Canção V.

1. D'aquele felicissimo momento
Em que Amor facilmente
Me pos em vossos olhos vida e morte,
Me move o mesmo Amor o entendimento
Que cante alegremente, 5
Pois foi principio d'esta minha sorte.
Amor é o claro norte
Por quem em mal e bem sempre me guio,
De quem assi me fio
Que sempre em sua guia os olhos tenho, 10
E ele me move os passos, ele o ingenho.

2. D'aquele bom momento a mim ditoso
Julgo, senhora, e creo
Que pende e penderá minha ventura,
f. 119vº. Pois nele o brando Amor e poderoso 15
Me deixou preso e cheo
O esprito d'essa vossa fermosura.
D'ali n'alma segura,
D'ali sempre segura está no peito
Que sempre satisfeito 20
Do que em vós vejo, só cantar deseja
Que quem quer ser contente que vos veja.

3. Quem vos vê, sempre tem desconfianças
D'achar remedio ós danos
Que quiserdes que o esprito por vós sinta; 25
Nem ha tam ociosas esperanças
Que lh'armem com enganos

Em que um entendimento bom consinta.
f. 120 r°. Quando melhor se pinta,
É chegar a perder por vós a vida; 30
Mas quem de vós duvida
Que vossa vista todo mal apaga?
Nem ha mal que a gram bem vêr-vos não traga?

4. Eu vi n'aquele ponto mil espantos,
De que sómente entendo 35
Que devem d'espantar a todo esprito;
Que em todo ingenho devem mover cantos
Que o mundo vão enchendo
De vosso claro nome em voz e escrito.
Eu em voz alta grito 40
Que todo mundo m'ouça e todo entenda,
Que d'esses olhos penda
f. 120 v°. Quem quer pender dos olhos mais fermosos
E sobre o mesmo Amor mais poderosos.

5. Vejo d'eles mil almas e mil vidas 45
Pender todas, contentes
De sua fermosura sempre clara;
Em vosso amor as vejo convertidas,
E nos resplandecentes
Lumes de que se o mundo mais aclara. 50
Nesses olhos repara
O Amor a quem os vê, toda tormenta,
E a alma neles atenta
Achará a toda pena refrigerio,
E d'ali rege Amor seu grande imperio. 55

6. Todo tempo, senhora, que me vejo
f. 121 r°. Sem esses olhos claros,
Fujo áquele momento coa memoria,
E inda que m'atormenta o gram desejo
D'esses olhos avaros 60
De mudar com sua vista a pena em gloria,
É parte de vitoria

Da dôr que o peito sente, e a alma faz triste
Lembrar-me que consiste
Em vos têr visto, um bem que satisfaz 65
Todos os males que não vêr-vos faz.

7. O arder na força dos maiores frios,
Tremer na maior calma,
Sintir juntas mil vidas e mil mortes,
No tormento maior de fracos fios. 70
f. 121 vº. Pender a vida e a alma,
Seguirem grande dôr outras mais fortes,
E outras mil varias sortes
De danos, de tristezas e de pena
Que a lei d'Amor m'ordena: 75
Passo com menos dôr nesta lembrança,
Inda que passo tudo sem 'sperança.

8. D'outra parte os receos e os queixumes
De mil rigores graves,
Que em mi o Amor, senhora, por vós usa: 80
Nacerem d'esses dous fermosos lumes
Mos torna tam suaves
Qu'eu mesmo a mim me dou d'eles escusa.
Mas sempre em minha Musa,
f. 122 rº. Ou cante ou chore, s'ouvirá a verdade 85
De quanto nesta idade
Em vós o largo ceo nos tem mostrado,
De que Amor está rico e o mundo onrado.

9. Vai vêr, cantiga, os olhos
Qu'eu não vejo e por quem sempre suspiro, 90
Dize que nunca aspiro
Senão ó bem de os vêr, mas sempre tarda
Este bem em que a vida o Amor me guarda.

171.

f. 122 v°. **Soneto XCII.**

Despois do breve e ultimo momento
Que deixei de vos vêr, sempre suspiro
Por outro tal momento e nunca tiro
Os olhos d'onde tenho o entendimento.

Foge-me para vós o pensamento, 5
Lá está ocupado, nele ca respiro
E a todo outro cuidado me retiro
Em vosso amor que é todo meu intento.

Se o que sinto por vós a noute e o dia,
Se o muito que vos amo vos movesse 10
A vêr-me um só momento em toda a vida:

Eu seguro que só d'esta alegria
Contra toda tristeza me valesse,
Por mais que fosse d'ela a alma ofendida.

172.

f. 123 r°. **Soneto XCIII.**

A vontade me leva, o Amor me guia,
Encaminha-me os passos o desejo
Quando busco coa vista o bem que vejo
Nest' alma toda a noute e todo o dia.

Aproveita-me pouco têr tal guia, 5
Dana-me mais tudo o que mais desejo,
Busco vêr-vos, senhora, mas com pejo,
Pois nem amor comvosco tem valia.

Amor, que em tudo val e vence tudo,
E com razão abranda a mór dureza, 10
Como não tem poder em tal brandura?

Vêr tal brandura armada em fortaleza
Ora me faz de todo cego e mudo,
Ora a vista m'aclara e a voz apura.

173.

f. 123 vº.

Soneto XCIV.

Se minha vida do aspero tormento
De que está sem vos vêr quasi vencida
Se defende inda tanto que com vida
Vos possa eu inda vêr algum momento,

Poderá tanto este contentamento 5
Que co ele me será restituida,
E para a tornar logo a vêr perdida
S'esforçará de novo o sofrimento.

Mas eu de minha dôr ja desespero
Que me dê tanto espaço qu'em vós veja 10
O remedio que só lhe busco e quero.

Só com vos vêr, senhora, a alma o deseja,
E co este pensamento em mim tempero
Do sofrimento e dôr ũa gram peleja.

174.

f. 124 rº.

Soneto XCV.

Quando o Amor na memoria me figura
O dia em que a cuidar mil vezes venho,
Que foi principio ó amor que n'alma tenho
Que em vossos olhos se conserva e apura:

Cheo d'ũa grandissima doçura 5
Nesta imaginação a alma detenho,
E nela o esprito, a voz, o estilo, o ingenho
S'alegra, abranda, aclara e se segura.

Não me posso lembrar d'aquele dia
De que devo de ser sempre lembrado, 10
Sem encher este peito d'alegria.

Inda do amor não tinha exprimentado
Senão contentamento do que via;
Veo despois a dôr, veo o cuidado!

175.

f. 124 v°.

Epigrama XXIX.

Se não tens, Filis, por acatamento
Ser teu nome de mim tam repetido,
Vê como póde ser um só momento
Deixar de ser em mim teu nome ouvido:
Filis no amor, Filis no entendimento, 5
E em Filis sempr' o esprito recolhido,
Filis na dôr e no contentamento,
E eu todo emfim em Filis convertido;
Sempre chamo o que só nomear sabe
A lingua em que outro nome ja não cabe. 10

Impr. P. p. 405 (Ep. CCLXXVII). —

176.

f. 125 r°.

Soneto XCVI.

Se, quando os olhos têm um só momento,
Senhora, de vos vêr, assi esquecida
Tod' outra cousa é d'eles que nem vida
Querem sem têr este contentamento;

E se, quando a vós s'ergue o entendimento, 5
(Inda que de nenhum sois entendida)
Neste prazer assi a alma está embebida
Que tem de tudo o mais esquecimento:

Quanto mais satisfeita e descuidada
Por vós de tudo o mais sempre sereis, 10
Vendo em vós o que só voss' alma entende.

Que, como querereis nunca vêr nada
Se vós mesma vos vedes, que entendeis
O que a todo outro esprito se defende?

177.

f. 125 vº.

Soneto XCVII.

Diz-me o vosso valor e o meu desejo
Que cante o ano e o mes, o dia e ora
De vós, valerosissima senhora,
Em quem grandezas de vós dinas vejo;

Mas o esprito por que eu me movo e rejo 5
De vêr quam pouco entendo inda tó 'gora
De quanto em vós a terra e os ceos namora,
Com razão de temor m'enche e de pejo.

Quem escreve de vós, ou canta, ou conta,
A si, senhora, s'onra, a vós ofende; 10
Mais diz de vós quem mais se cala e espanta.

E a alma que mais de vós sente e entende
Enche-se d'ira, toma por afronta,
S'alguem tanto ousar vê que de vós canta.

178.

f. 126 rº.

Soneto XCVIII.

Vosso nome clarissimo que vôa
De mil nomes clarissimos ornado,
Com prazer é de todos escutado
Que nas almas e ouvidos doce sôa.

Apolo a lira e a voz tempera e entôa 5
Para d'ele e das Musas ser cantado,
Das Graças anda sempre venerado,
A Fama e Amor o trazem por corôa.

Onde póde chegar o vosso nome,
Rodeado, senhora, dos louvores, 10
Devidos a vós só e a vós só dados:

Que justamente para si não tome
As vidas, as memorias, os cuidados,
As almas, os espritos e os amores?

179.

f. 126 vº.

Epigrama XXX.

Quem vê os olhos de Filis, que dirá?
Que neles Amor vive e co eles mata;
De seus cabelos que se cuidará?
Que neles vôa Amor e co eles ata;
E quem sua graça vir', que julgará? 5
Faz-se Amor nela forte e desbarata;
E que dirá quem vir' sua fermosura?
Que não póde Amor dar maior ventura.

Impr. P. p. 402 (Ep. CCLXVII). —

180.

f. 127 r°.

Soneto XCIX.

Do claro sol é o dia 'lumiado,
Da clara lũa a noute s'alumia,
Tem a noute ũa luz, tem outra o dia,
Tem cada luz seu tempo limitado.

O vosso resplendor num mesmo estado 5
Se vê sempre, senhora, e d'alegria
Enche o 'sprito que em tudo o tem por guia,
E a grandezas sempre é d'ele guiado.

Clarissimo, contino e vivo faro
Qu'igual em todo tempo resplandece 10
E mostra sempre ũa mesma formosura,

Nele todo outro lume s'escurece,
Nele se torna todo escuro claro,
Nele as setas o Amor forja e apura.

181.

f. 127 v°.

Soneto C.

Da vossa fama a doce suavidade,
Em que tempo será, senhora, ouvida
Que de todos não seja recebida
Com grandissima inveja d'esta idade?

Mas nem ela fará com que a verdade 5
Do que em vós vemos deixe de ser crida,
E ir-s' ha continuando a clara vida
Do vosso nome na imortalidade.

O mundo s'encherá todo d'espanto,
Ouvindo as maravilhas nunca ouvidas, 10
Que nunca em outrem vimos e em vós vemos:

Tais que obrigam que ingenho, pena e canto,
Voz, arte, esprito, amor, almas e vidas
Sempre em vossos louvores ocupemos.

182.

f. 128rº.

Soneto CI.

Quem busca ũa perfeita fermosura
Onde possa vêr mais do que deseja,
A vós, senhora, busque, a vós só veja,
Não cure de buscar outra ventura.

Quem um esprito onde o valor s'apura, 5
Por cujo exemplo acerte e bem se reja:
Nesse que a todos póde encher d'inveja
A alma se satisfaça e esté segura.

Quem um claro e divino entendimento,
E quanto tem ũa alma bem ornada: 10
Tudo em vós achará perfeitamente.

A quem tanto quer vêr, não deveis nada,
Quem tanto vê, deve o contentamento
Que vendo-vos, senhora, o esprito sente.

183.

f. 128vº.

Soneto CII.

Bem nacido, senhora, e claro o dia,
Fermosissima a ora, alva e ditosa
Em que ó mundo vos deu o ceo fermosa,
A clarissima estrela que influia.

Abriu o Amor os olhos que não via, 5
Viu na terra ũa luz maravilhosa,
E cerrou-os a mãi toda invejosa
Da nova fermosura que nacia.

As virtudes, as graças, os costumes
Dinos d'esse real sangue e real esprito, 10
Em vós inteiramente se juntaram.

Tantos, tam claros e fermosos lumes
Nas Musas para vós logo criaram
Nova voz, novo canto, novo escrito!

184.

f. 129 r°.

Epigrama XXXI.

Quando o sol se levanta no oriente,
Das estrelas a luz desaparece;
Quando despois s'esconde no ocidente,
Toda estrela outra vez clara aparece:
Assi, onde tu, Filis, es presente, 5
Tod' outra fermosura s'escurece;
E s'escondes tua luz fermosa e pura,
Clara se vê tod' outra fermosura.

Impr. P. p. 402 (Ep. CCLXVIII). — *Var.*: 5 quando tu, F. —

185.

f. 129 v°.

Soneto CIII.

Alma Real, esprito valeroso
A quem s'ajunta toda fermosura,
Onra dos claros Reis a que a ventura
Em vós tem dado nome mais famoso:

Qu'ingenho no mundo ha tam milagroso, 5
Que peito tam confiado, ou voz tam pura
Que s'atreva cantar co' alma segura
Quanto o mundo comvosco ó mais fermoso?

E ja que cante vossos Reais estremos
Que todo esprito têm confuso e atento, 10
Cometendo ora, ora temendo o canto:

Como póde cantar de qual mais vemos,
Se de todos mostrais, senhora, tanto
Que com cad' um se perde o entendimento?

186.

f. 130rº.

Soneto CIV.

Todo esprito què mais entende e sente
Ouça e veja ũa grande novidade;
D'esta s'espante sempre toda idade,
D'esta que vence a antiga e a presente!

Vemos, senhora, em vós quietamente 5
Grave brandura e branda gravidade,
Vemos coa cortesia autoridade,
Contrarios que um sogeito não consente.

Junto isto coa prudencia que o tempera,
Co valor que o conserva grande e raro 10
Á fermosura em vós tam milagrosa:

Sumamente fazer póde ditosa
A idade que mil anos inda espera
Têr-vos por vivo exemplo e lume claro.

187.

f. 130 v°.

Epigrama XXXII.

Juno a riqueza só distribuia,
Teus olhos dão riqueza mais segura;
Venus a fermosura concedia,
Mas tu só tens perfeita fermosura;
Minerva os dões do esprito repartia, 5
Filis, qual tem mais dões, qual é mais pura?
Tudo em ti pôs o ceo, e em ti o conserva
Mais que em Juno, nem Venus, nem Minerva.

Impr. P. p. 402 (Ep. CCLXIX). —

188.

f. 131 r°.

Soneto CV.

Quem os olhos ergue a vós, por Amor jura
(Inda que não entenda o que em vós vê)
Que, por muito que possa e tenha e dê,
Não póde maior bem dar a ventura.

Vê-se em vós sempre ũa luz clara e pura, 5
Vê-se, senhora, em vós um não sei quê
A que ninguem dá nome, nem se crê
Que nunca ouvesse em outra fermosura.

Isto não o confessa amor sómente,
Nem o diz só o entendimento claro, 10
Da mesma inveja o mesmo é confessado.

Dizer a inveja o que Amor diz é raro:
Mas d'isto não s'espanta quem vê e sente
Que o ceo vos tem larguissimos bens dado.

189.

f. 131 v°.

Soneto CVI.

Os claros raios d'esses poderosos
Olhos, senhora, em tudo o a que s'estendem,
A todo esprito, a todo peito acendem
Em brandos fogos, vivos e amorosos.

E claro mostram que esses valerosos 5
Espritos vossos que a si tudo rendem
Sejam cantados dos que mais entendem,
Se desejam seus nomes mais famosos;

E que, inda que impossivel lhes pareça
Cantar quanto em vós tem o ceo mostrado, 10
E quanto vai cad' ora mais mostrando:

Que nunca o canto falte ou enfraqueça,
Porque só em vosso nome ser cantado
Cad' ora irão seus nomes mais onrando.

190.

f. 132 r°.

Epigrama XXXIII.

Quando apareces, Febo a luz esconde,
Que ante ti de corrido s'escurece;
Quando falas, Mercurio não responde,
Que de todo ante ti logo emudece;
Não conte Marte suas vitorias, onde 5
Tanta sua vitoria s'engrandece:
Erro será pois, Filis, comparar-te
Com Febo, com Mercurio, nem com Marte.

Impr. P. p. 403 (Ep. CCLXX). — *Var.*: 7 Erro pois s. —

191.

f. 132 v°.

Soneto CVII.

Em quem se vê, senhora, o que em vós vemos?
E de quem s'ouve o que de vós ouvimos?
De quem se sente o que de vós sintimos?
De quem como de vós tanto creremos?

Conte espantos o mundo, conte estremos 5
Do que agora se vê, do que não vimos:
Mas nós sobre tudo isto só siguimos
Vosso louvor que sempre siguiremos.

A voz, o ingenho, a arte, a natureza,
O esprito, o amor, a rima, o livre estilo 10
A vosso nome todo peito abrandem.

Tenham nele azas, nele fortaleza
Com que vossos louvores inda mandem
Do claro Tejo té o famoso Nilo.

192.

f. 133 r°.

Epigrama XXXIV.

Diz que as Parcas senhoras são das vidas;
Mil vidas de teus olhos, Filis, pendem.
Das Graças são mil graças repartidas,
Mas a ti com razão, Filis, se rendem.
São as Musas ó ingenho concedidas; 5
Mil ingenhos de ti, Filis, aprendem:
Triunfas, Filis, (como do mais usas)
Das Parcas e das Graças e das Musas!

Impr. P. p. 403 (Ep. CCLXXII). —

193.

f. 133 v°.

Soneto CVIII.

Eu canto e cantarei ũa fermosura
Qu'enche o mundo d'espanto, o Amor de gloria,
E a quem a canta, dá clara memoria,
E a quem a ama, rarissima ventura:

Que com valerosissima brandura 5
De todo esprito tem certa vitoria,
E a seu nome dará imortal historia
Milagrosa, alta, doce, clara e pura.

Cantarei, mas conheço do meu canto
Qu'inda que lh'está sempre oferecido, 10
É indino a tanto nome e a valor tanto.

Mas como fôr' seu nome nele ouvido,
Todo peito encherá d'amor e espanto,
Justamente a quanto ha nele devido.

194.

f. 134 r°.

Epigrama XXXV.

O entendimento, Filis, me reprende
Quando em ti cuido, se louvar-te quero;
E diz que, se ninguem, Filis, t'entende,
Como poder chegar a tanto espero?
O esprito em teu louvor sempre s'acende, 5
Co esta lembrança este fervor tempero;
Mas vejo que a ti só tem o ceo dado
Quanto em mil fermosuras tem mostrado.

Impr. P. p. 396 (Ep. CCLII). — *Var.*: 6 furor — 7 Mais. —

195.

f. 134 v°. **Soneto CIX.**

Zéfiro brando, suave e amoroso,
Que vens de novo os ares refrescando,
E co Amor que comtigo vai voando,
Buscas a quem o faz mais poderoso:

Mais brando ficarás, e mais fermoso 5
Verás o dia ali onde derramando
Mil graças está sempre um riso brando
E um esprito altamente valeroso.

Ali acharás aquela fermosura,
Igual a tudo o mais que se vê nela 10
De rarissimos dões do ceo ornada.

Mil ingenhos cantar ouvirás d'ela,
E todo esprito de que fôr' cantada
Com seu nome terá nome e ventura.

196.

f. 135 r°. **Epigrama XXXVI.**

Tam grande ó, Filis, tua fermosura
Que quem louvá-la ousasse a ofenderia.
Sem ti o dia claro é noute escura,
Comtigo a escura noute ó claro dia,
Sempre num parecer estás segura, 5
Nunca em ti nada, Filis, se varia;
E não podendo ja ser mais fermosa,
Cada dia pareces mais fermosa.

Impr. P. p. 398 (Ep. CCLIX). — *Var.*: 7 famosa. —

197.

f. 135 v°. ## Soneto CX.

Por todo mundo a fama alegre vôa,
E o vosso nome só (que ela mais ama)
Co Amor (que o tem por onra e por corôa)
Mais que todo outro com razão derrama.

Em todo mundo o Amor Francisca sôa, 5
A fama em todo mundo Aragão chama;
Ela os louvores d'este nome entôa,
Ele enche os peitos d'amorosa chama.

Se ouvir de vós, senhora, póde tanto,
Julgai que poderá vêr essa nova 10
Fermosura, no mundo milagrosa!

Mil espritos comvosco o Amor renova;
Enche uns d'amor, outros de doce espanto;
Comvosco ocupa o verso, ocupa a prosa.

198.

f. 136 r°. ## Epigrama XXXVII.

Quando te vejo, vejo ũa fermosura
Que o mundo não cuidou, Filis, que visse;
Quando t'ouço, ouço ũa voz branda e segura
Que o mundo não cuido, Filis, que ouvisse:
Quanto em ti tem o largo ceo mostrado 5
Nunca no mundo, Filis, foi cuidado.

Impr. P. p. 398 (Ep. CCLVII). —

199.

f. 136 v°.

Soneto CXI.

Quer-me mover mil vezes meu esprito,
Mil vezes som levado do desejo
A cantar o que em vós sómente vejo,
E que d'outrem ninguem vi nunca escrito:

Mas na pena, na voz, no canto e escrito, 5
Com que sempre louvar-vos só desejo,
Acho sempre um devido e justo pejo
Que á alma estorva o seu contino grito.

Nela vos louvo sempre; a voz não ousa
Dizer quanto de vós dizer-se deve, 10
Porque do que em vós vê fica vencida.

E verá quem de vós cantar s'atreve,
Que nunca chega á obrigação devida
Porque em nada que diga a alma repousa.

200.

f. 137 r°.

Epigrama XXXVIII.

Por amores de si morreu Narciso,
A seu amor su' alma viu rendida;
Por si perdeu entendimento e siso
E por si teve em pouco a mesma vida:
Tua nova fermosura e brando riso 5
Que para ti tod' alma tem vencida,
Deve com mais razão, Filis, vencer-te;
Fermosissima Filis, e ousas vêr-te?

Impr. P. p. 398 (Ep. CCLVIII). —

201.

f. 137 v°.

Soneto CXII.

Quando, senhora, entr' outras fermosuras
Vejo essa vossa nova, fermosura,
Vejo-a maior que todas e mais pura,
Mais cercada das graças mais seguras.

Nos vossos olhos vejo estrelas puras, 5
Com vosso riso o ar s'abranda e apura;
Vejo que quem vos vê, tem mór ventura
Que outras mil felicissimas venturas.

Os olhos que vos vêm, nada mais vêm;
Ouvidos que vos ouvem, mais nada ouvem; 10
Quem ũa vez vos amou, nada mais ama.

Grandes entendimentos sós vos louvem;
Vosso merecimento estes sós chama
Que a vós louvor, a si memoria dem.

202.

f. 138 r°.

Epigrama XXXIX.

Sempre Amor em teus olhos está armado,
Mas a ti sempre está, Filis, rendido;
Em quanto fazes, ó o Amor achado,
Em quanto dizes, ó o Amor ouvido;
Nunca de ti o Amor se vê apartado, 5
Mas em ti se vê sempre o Amor vencido.
Que quer comtigo Amor, se te não vence?
Comtigo está porque comtigo vence.

Impr. P. p. 404 (Ep. CCLXXIII). — *Var.*: 5 vê-se. —

203.

f. 138 v°.

Epigrama XL.

Foi o Amor a Narciso duro imigo,
Porque o amor desprezou de quem o amava;
Fe-lo por si morrer, deu-lhe o perigo
Em si mesmo que em outrem desprezava:
Teme-te, Filis, d'outro tal castigo, 5
Qu'inda Amor póde dar o que então dava;
Mas ah, que antes terás por gram ventura
Morrer d'amores d'essa fermosura!

Impr. P. p. 397 (Ep. CCLIV). —

204.

f. 139 r°.

Soneto CXIII.

Não foi d'Amor vingança nem castigo
Verdes os vossos olhos ofendidos,
Inda que mil espritos têm vencidos,
E ninguem os vê nunca sem perigo.

A nós se mostrou nisto duro imigo, 5
Em vossa dôr nos quis vêr destruidos,
E a nova pena ja todos rendidos,
Senhora, co esses olhos e comsigo.

Quis que neles o mundo claro visse
Qu'inda ofendidos, são tam poderosos 10
Que ninguem a sua força se defende;

E quis que s'entendesse e se sentisse
Que dôr que ofende uns olhos tam fermosos
Com razão a tod' alma e vida ofende.

205.

f. 139 v°.

Epigrama XLI.

Toda dôr que por ti, Filis, se sente,
Por dôr não deve ser nunca julgada,
Mas passar-se com animo contente,
E como grande bem ser estimada:
A que se sente em ti, é diferente, 5
Por grandissima deve ser contada;
A dôr por ti sempr' é contentamento,
A dôr em ti sempr' é dôr e tormento.

Impr. P. p. 387 (Ep. CCXXIX). —

206.

f. 140 r°.

Epigrama XLII.

Deixa-te ser de mim, Filis, cantada,
Que desespero de poder cantar-te;
E não te deixes nunca ser louvada
De quem cuidar' que poderá louvar-te:
Nisto seja a ousadia castigada 5
Que presume que póde celebrar-te;
Mas não poderá aver esta ousadia
No esprito que a louvar-te Amor só guia.

Impr. P. p. 405 (Ep. CCLXXV). —

207.

f. 140 v°.

Epigrama XLIII.

Vejo em teus olhos, Filis, não sei quê,
Que nem o sei dizer nem inda entendo;
E o que só fico d'eles entendendo:
Que os quer vêr sempre quem ũa vez os vê.

D'este desejo com razão se crê 5
Qu'inda neles ha mais que o que s'entende,
Qu'assi sem s'entender os peitos rende.

Impr. P. p. 387 (Ep. ccxxviii). —

208.

f. 141 rº.

Epigrama XLIV.

Fermosissima vem a branca Aurora,
Alva e còrada e com cabelos d'ouro;
A escura noute em vindo deita fora,
Segue-a o fermoso Febo claro e louro:
Tal Filis vem, e o mundo se namora, 5
Filis, do Amor riquissimo tesouro;
Vindo Filis, comsigo traz o dia,
E é vencida a tristeza d'alegria.

Impr. P. p. 387 (Ep. ccxxx). — *Var.*: 3 lança — 4 branco e l. —

209.

f. 141 vº.

Sextina IV.

1. Qu'ingenho, estilo, ou arte, prosa, ou rima
Não se devem, senhora, a vossos olhos?
E á maior fermosura que ha na terra,
Quem póde amor negar? quem negar a alma?
Mas que amor bastará, que escrito ou canto 5
A tantos dões do ceo e a tantas graças?

2. Mas vossa fermosura e vossas graças
Onrarão sempre a minha prosa e rima,
Qu'inda que indino de vós é meu canto,
Sempre se ocupará nos vossos olhos; 10
E sempre cantarei coa voz e co' alma
De vós, de quem com razão s'onra a terra.

3. Não esta só, mas inda toda a terra
Por vêrem nesta idade tantas graças
f. 142 rº. Nũa fermosura juntas e nũa alma, 15
Que vencem toda prosa e toda rima,
Por vêrem onrado o mundo d'esses olhos
Que versos darão sempre a todo canto.

4. E ninguem tirará nunca a meu canto
Correr com vosso nome o mar e a terra, 20
Ora cantando esses fermosos olhos,
Ora mostrando as outras raras graças,
Qu'ou em prosa cantadas, ou em rima
Vencida a vosso amor trarão tod' alma.

5. Que não poderá achar-se nenhũa alma 25
A que não seja brando e doce o canto,
(Inda que com inculta e pobre rima
Nenhum nome mereça têr na terra)
f. 142 vº. Se ornado fôr', senhora, d'essas graças,
E rico d'esses vossos claros olhos. 30

6. Se vedes vossos poderosos olhos,
A eles atada sempre tereis a alma;
E se cuidais em vossas mesmas graças,
Indino achareis d'elas todo canto,
De vossa fermosura indina a terra, 35
De vosso nome indina toda rima.

7. Mas cante minha rima sempre uns olhos
Mais fermosos da terra, sempre ũa alma
Que póde ornar meu canto com suas graças.

210.

f. 143 rº.

Epigrama XLV.

Vejo o campo de flores variado
E cheo vejo o vale de mil fontes;
Na calma o bosque, do sol nunca entrado,
E as ribeiras correr dos altos montes;
Vejo o ar brando e doce e temperado, 5
Fermosissimos vejo os orizontes:
Mas comparado a tua fermosura
Tudo isto, Filis, é sombra e pintura.

Impr. P. p. 388 (Ep. ccxxxi). —

211.

f. 143 vº.

Sextina V.

1. Eu dera a vosso nome imortais versos,
Se ó desejo igual fôra o ingenho e arte;
Mas os que são e os que me der' o tempo,
Senhora, os ofereço a vosso nome,
A quem o mundo deve imortal fama, 5
A quem deverá sempre imortal onra.

2. Como não deverá sempre o mundo onra?
Como não dará sempre o ingenho versos
A vossa gloriosa e clara fama,
Que vence a voz, o verso, o estilo e arte? 10
Como não será ornado um tam gram nome
De grandissimos nomes todo tempo?

3. Eu não me verei nunca em nenhum tempo
Que com cuidado não procure a onra
f. 144 rº. Que vosso brando e alto e real nome 15
Póde dar a meus duros, baixos versos,
Qu'este só sem valia d'algũa arte
Lhes póde sempre dar segura fama.

4. Mas eu pretendo só ser vossa fama
Celebrada do mundo em longo tempo, 20
E não pretendo com estilo ou arte
Mostrar ó mundo em vós desusada onra,
Mas com encher os meus incultos versos
De vossa fermosura e claro nome.

5. Qu'esta só fermosura e este só nome 25
Grande poder dará, gram força á fama,
Grande valia á voz e grande ós versos
Contra o poder do poderoso tempo;
f. 144 vº. E a quem d'ele escrever', dará mór onra
Do que lhe pode dar seu verso ou arte. 30

6. E quem cuidar' que com ingenho ou arte
Póde, senhora, celebrar tal nome,
Nunca a seus cantos ache vida ou onra,
E moura a seus escritos logo a fama;
Use de seu poder o duro tempo, 35
Faça esquecer seus confiados versos.

7. Nunca a meus rudos versos busquei arte,
Só cantar todo tempo o vosso nome
Lhes fará certa a fama e certa a onra.

212.

f. 145 rº.

Soneto CXIV.

Amor em puro zelo est' alma acende
De cantar o que em vós, senhora, vejo:
Isto me diz o amor, isto o desejo,
O estilo teme, o ingenho se defende.

O entendimento que vos não comprende, 5
Nesta empresa faz duvida e tem pejo;
E assi, se seguir quero o que desejo,
Muito a mim dana e muito a vós ofende.

Leva-me ás vezes o fervor comtudo
A dizer algũa parte do que entendo 10
Do muito de que em vós o mundo se onra,

Mas, quando neste zelo mais me acendo,
Sinto que, quanto nele fôr' mais mudo,
Quanto mais o temer será mais onra.

213.

f. 145 vº.

Soneto CXV.

Tam fermoso não vejo o sol alçar-se
Quando mostra sua luz mais clara e pura,
Quanto se mostra vossa fermosura
De que o mundo e Amor póde e deve onrar-se.

Nem vejo em tantas côres variar-se 5
O arco que o tempo abranda, aclara e apura
Em quantas com firmeza mais segura
Podem em vós os olhos alegrar-se.

Fermosura em vós vemos verdadeira,
Nela robis e perlas, neve e rosas, 10
Nela ouro e nela a côr do ceo fermoso.

Junto isto com mil graças milagrosas,
Juntas nesse alto esprito e valeroso
Vos seguram de lingua lisongeira.

214.

f. 146 rº.

Soneto CXVI.

Inda que a nossos olhos anoutece,
Nunca sem lume está, nunca ociosa
Do claro sol a luz clara e lustrosa
Que ora nuns, ora noutros amanhece.

Quando a seu tempo a nós desaparece, 5
Deixando-nos em noute triste e umbrosa,
Noutra parte sua luz sempre fermosa
Com igual fermosura resplandece.

Assi de vossa clara fermosura
A luz continua, quando a nós s'esconde, 10
Noutras partes se vê igualmente pura.

Vai-se de nossos olhos, fica escura
E triste noute o dia, mas logo onde
Se mostra, a noute e o ar s'aclara e apura.

215.

f. 146 vº.

Epigrama XLVI.

A quem, Filis, deseja
Vêr sempre essa tua nova fermosura,
Em nada que mais veja
O que em ti, Filis, vê se lhe figura;
E que ha que de ti seja, 5
Filis, mais que vã sombra, e vã pintura?
Mas ninguem mais merece,
Que com Filis só Filis se parece.

Impr. P. p. 392 (Ep. CCXLI). —

216.

f. 147 rº.

Epigrama XLVII.

Quem os olhos a ti, Filis, levanta,
Muito mais vê do que ca vêr-se espera;
E o mundo assi do que em ti vê s'espanta
Que vêr outra tal Filis desespera.

Ditosa a voz que de ti, Filis, canta! 5
Ditoso quem cantar sempre pudera,
Fermosissima Filis, teus louvores
Qu'inda ós que te não viram enchem d'amores!

Impr. P. p. 389 (Ep. ccxxxv). — *Var.*: 8 vêm. —

217.

f. 147 vº.

Sextina VI.

1. Desque, senhora, vistes estes montes,
Desque os olhos pusestes nestes vales,
Tomaram melhor côr as suaves flores,
Cantam mais docemente as brandas aves;
E desque onrastes estas duras serras, 5
Mais claros decem d'elas brandos rios.

2. Mas como faltará frescura ós rios?
Ou como fermosura ós altos montes?
Como não terão ja brandura as serras?
Como fresca verdura e sombra os vales? 10
Quem negará doçura á voz das aves?
Quem cheiro e suavidade e côr ás flores?

3. São de todo sem vós secas as flores,
Não parecem sem vós claros os rios,
f. 148 rº. Pesadas são as musicas das aves 15
E sem graça se mostram sempre os montes;
Nem arvores nem sombra têm os vales,
Mais asperas e duras são as serras.

4. Para vós sempr' o Amor abranda as serras,
Para vós colhe as mais fermosas flores, 20
Enche de vossa fermosura os vales,
Enche de vossa fermosura os rios;
Para vós mais fermosos faz os montes
E para vós apura a voz das aves.

5. Vosso nome cantar faz sempre ás aves, 25
Cortado o deixa em todas estas serras,
E em todos estes campos e estes montes,
Nas arvores, nas plantas e nas flores;
f. 148 vº. E faz que sempre s'ouça ó som dos rios;
E esta só voz tenha eco nestes vales. 30

6. Quem deixará de vêr ja 'gora os vales,
Onde cantam de vós, senhora, as aves?
Quem deixará d'ouvir ja 'gora os rios
Que correm para vós das altas serras?
Quem deixará tal cheiro e côr de flores 35
Quais criam para vós prados e montes?

7. Eu nunca vi tais montes, nem tais vales,
Nem tal cheiro de flores, tal voz d'aves;
Nem tal graça de serras, nem de rios.

218.

f. 149 rº.

Soneto CXVII.

Quando, senhora, a branda saudade
Do animoso irmão que se apartava,
A alma de grave dôr vos ocupava
E de nova brandura essa vontade,

O brando Amor com doce suavidade 5
Comvosco em vossas lagrimas chorava,
E nelas claramente lhe mostrava
Do vosso amor a pura e sã verdade.

Quem essas brandas lagrimas merece
(Inda que obrigação tambem devida) 10
Contra que não irá animoso e forte?

Poderá nelas conservar a vida,
E por quem vós chorais, claro parece
Que deve têr em muito a sua sorte.

219.

f. 149 vº.

Epigrama XLVIII.

Em todas as sortes de versos cantada
Deves de ser sempre, Filis, com razão
Deves de todo ingenho ser louvada,
Mas ah! quando a louvar-te chegarão?
Nem os versos dirão nada, 5
Nem ingenhos bastarão;
Mas estás tanto acima
De quanto na terra ha
Que teu nome á rima
Que te cantará 10
Grand' estima
Lhe dará.

Impr. P. p. 407 (Ep. CCLXXX). — *Var.*: 2 ser, Filis, sempre c. r. — 7 Porque e. —

220.

f. 150 rº.

Epigrama XLIX.

Nunca vi
Fermosura,
Filis, como a ti
Tem dado a ventura;
E todo tempo assi 5
Tam firme e tam segura.
Em ti o Amor nos mostrou
Tudo o que póde na terra,
Nosso bem, nosso mal em ti juntou,
E nos pôs em teus olhos paz e guerra; 10
Mas sempre a paz neles, Filis, nos negou,
Vê bem quanto nisto Amor contra nós erra.

Impr. P. p. 407 (Ep. CCLXXXI). — *Var.*: 5 Em t. —

ELEGIAS.

221.

f. 151 r°.

Elegia I.

Não sei se de ti só, Filis, me queixe,
Se de mim, se do Amor, se da ventura,
Ou se de todo meus queixumes deixe.

Sinto a pena que passo, aspera e dura,
Sem nunca me deixar um só momento, 5
Causada só da tua fermosura.

Vejo em mim sempre vivo o gram tormento
Qu'em ti só tem remedio, e se me nega,
Nem vê ũa só esperança o pensamento.

Vêr-te e não vêr-te me desassossega, 10
Em nada posso achar, Filis, repouso,
E a alma ja de cansada á dôr s'entrega.

Cuidar sómente em ti, Filis, não ouso;
f. 151 v°. Mouro por vêr-te, e não espero tanto,
Nem no bem nem no mal, Filis, repouso. 15

Só quando de teu nome escrevo ou canto,
O meu dano sintir menos pudera
Dando-te versos, voz, estilo e canto:

Se par' eles em ti brandura ouvera,
Que como os ofereço os aceitara, 20
Mas que versos, então, Filis, te dera?

Impr. P. p. 152 (Elegia XIII: Á Mesma Filis). — *Var.*: 6 de t. — 17 sentir. —

A voz a teus louvores levantara,
Sofrera-me em meus danos e queixumes,
Só teu nome escrevera e só cantara.

Tomara luz dos teus dous claros lumes 25
Para seguir os teus claros louvores,
Mas segue Amor os seus duros costumes;

f. 152rº. Tem-me entre duras penas, vivas dôres,
De ti, fermosa Filis, desprezado,
Nem quer que inda de vivo tenha as côres. 30

Mas quam mal, Filis, é do Amor julgado
Que quem ũa fermosura vê tam nova
Possa ser de tristeza nunca entrado!

Fermosura, que todo esprito aprova
Por maior, por mais só, por mais perfeita, 35
E em que o mundo s'alegra e se renova!

Fermosura, que deixa satisfeita
Toda vista, tod' alma, toda vida,
Por quem tod' outra vista est' alma engeita,

Est' alma, que por ti sempre perdida 40
Anda, fermosa Filis, sempre triste,
f. 152vº. Porque não é de ti ja socorrida!

Vê como contra mi a tristeza insiste!
Vê como está d'est' alma tam entregue
Que té 'qui neste estado outra não viste! 45

Quem averá que piedade negue
A tanta dôr? e quem remedio certo
Não dará a quem tal dano tanto segue?

Filis, este meu mal não é encuberto,
Todos o vêm, de todos é entendido 50
Quantas vezes com ele desconcerto.

---

28 dinas p. — 31 m. é, F., do A. —

Se me quero queixar, som mais perdido,
Por que eu mesmo averei por desatino
Queixar, Filis, de mal por ti sofrido.

E se de ti me queixo, a quem contino 55
f. 153 rº. A prazer, grande Filis, só desejo,
De te amar serei inda mais indino;

Que s'eu em ti essa fermosura vejo,
Tam desusada, tam maravilhosa,
Por cujo puro amor, Filis, me rejo, 60

Como ei d'aver a dôr por rigurosa
Que de vêr-te me nace, se só vêr-te
Ma póde fazer branda e piedosa?

A minha sorte, Filis, é querer-te:
Isto só sei fazer, isto só faço, 65
Nem teme o meu amor nunca ofender-te.

De quanto te amo não me satisfaço
Não te podendo amar mais do que te amo,
Nem perco d'este amor um breve espaço.

f. 153 vº. E s'eu por este amor, Filis, me chamo 70
Mil e mil vezes com razão ditoso,
E quanto no mundo ha por ti desamo,

Como poderei ser de mim queixoso?
Ou como não serei de mim contente?
E meu nome averei por venturoso? 75

Que quem teu brando amor no peito sente,
Inda que o trate como duro e grave,
Toda dôr passar deve alegremente.

E inda que vêr-te, Filis, a alma agrave
E a possa encher de mil desconfianças, 80
Tambem vêr-te fará tudo suave.

---

54 queixarme. —

Cuidar em ti destrue as esperanças,
Mas eu no meu mór mal sei só ajudar-me,
f. 154 rº. Filis, de tuas docissimas lembranças.

E s'isto assi é, mal poderei queixar-me 85
Do Amor que assi me trouxe a vêr-te e amar-te
Que nunca d'este amor possa soltar-me.

Se quisesses, ah, Filis, só lembrar-te
Que não te ama este esprito porque espere
Poder com meu amor inda abrandar-te! 90

Que nada ha em ti que não me desespere;
Tudo me dana, tudo m'atormenta,
Tudo, Filis, espritos e olhos fere!

Mas d'este dano assi a alma se contenta
Qu'a troco de te vêr na vida um' ora, 95
Devendo-o de temer, se lh' apresenta.

Amo-te, Filis, por me não vêr fora
f. 154 vº. D'um amor tam devido ó que em ti vemos,
Que a tudo com razão vence e namora.

Amo-te, Filis, por que mais estremos 100
Juntos em ti se vêm (e não m'engano)
Que em quantas fermosuras vêr podemos.

E inda que só te vejo d'ano em ano,
Ou de mil em mil anos, me reparo,
Filis, de toda perda e todo dano. 105

Razão e Amor me mostram nisto claro
Que da ventura queixar-me não devo
Pois em ti contra a dôr me deu reparo;

E pois te me mostrou (mais não m'atrevo
A cuidar que te vi por não correr-me 110
De quam indinamente de ti escrevo)

---

83 Mas eu no amor mal sei só ajudar-me — 85 E se isto é assim — 109 te mostrou. —

f. 155 rº. De nada quero ja, Filis, valer-me,
De nada ja têr queixas, Filis, quero;
Amo-te, e basta para engrandecer-me.

Venha quanto vier', não desespero 115
De sofrer bem do Amor a dura guerra,
Antes tudo por ti contente espero,
Filis, a mais fermosa que ha na terra!

222.

f. 155 vº.

Elegia II.

Que posso, Filis, vêr que me contente,
Que póde a alma sintir de que eu não moura
Vendo-me d'esses teus olhos ausente?

D'esses teus olhos onde se entesoura
Do Amor e fermosura a mór riqueza, 5
Mais clara que o fermoso sol, mais loura.

Tudo é em mim sem te vêr dôr e tristeza,
E quanto em ti mais cuida o pensamento
Sinto n'alma por ti mais aspereza.

Não se me passa nunca um só momento 10
Que não se represente a meu cuidado
Que em só vêr-te está meu contentamento.

Que farei, Filis, neste triste estado
f. 156 rº. Se vendo que meu só remedio é vêr-te
Me vejo de tal bem tam apartado? 15

Se Amor, Filis, quisesse ora dizer-te
Qual me tem meu cuidado e meu desejo,
Quiça que poderia a dôr mover-te.

Impr. P. p. 155 (Elegia xiv: Á Mesma Filis). — *Var.*: 2 de que não m. — 14 que só meu r. —

De tudo o que aqui vejo nada vejo,
Nada que ouça é de mim, Filis, ouvido, 20
A todo outro cuidado a alma tem pejo.

Todo estou em amar-te convertido,
E na dôr de não vêr-te, e a mil tormentos
Que nacem d'esta dôr, oferecido.

Sempre me ocupam tristes pensamentos 25
Desque, fermosa Filis, te apartaste;
Quanto a voz sôa são tristes acentos.

f. 156 v°. Triste sem ti e escuro este ar deixaste,
Que onde teus olhos faltam tudo é triste,
Não é assi nessa parte que buscaste; 30

Nessa que com teus claros olhos viste,
Nessa que com teus olhos ves e aclaras,
Mil fermosuras, Filis, repartiste.

Vêm-se as nuvens ali puras e claras,
Variadas de mil alegres côres, 35
Que onde, Filis, estás tudo reparas.

A terra s'enche de diversas flores:
Ali se vê a brandura, ali alegria,
Ali o Amor, as Graças e os Amores;

Ali se mostra mais fermoso o dia, 40
E Febo, inda que claro, inda que louro,
f. 157 r°. Mais claro com teus olhos alumia.

Eu que só neles tenho meu tesouro,
Sem os vêr nem sómente sei que faço,
Nem sei, Filis, se vivo nem se mouro; 45

Mas só sei que com nada satisfaço
Meu esprito, que só vêr-te deseja
E por mil anos julga um breve espaço.

---

22 amante. —

Se não te vejo, que verei que seja
Remedio á grave dôr e á dura pena 50
Que a vida m'atormenta, a alma me peja?

Tua ausencia este mal, Filis, m'ordena,
Mata-me com te vêr: não me dês morte
Com mal que mais que a morte me condena.

Eu não naci para pequena sorte 55
f. 157 v°. Pois naci para vêr-te e para amar-te,
Nem ha mal que este amor, Filis, me corte.

Bem te posso eu não vêr, mas não deixar-te
D'amar com vivo amor, fe clara e pura,
Inda que nunca mais espere olhar-te. 60

Quem vê ũa vez tam grande fermosura,
Nem tempo, nem ausencia, nem dôr grave
Lhe faz a alma no amor menos segura.

Razão é, Filis, ja que desagrave
Tua vista a quem só por ela espera, 65
Para tudo lhe ser doce e suave.

Ah! se tam grande bem ja o ceo nos dera
Que viramos teus olhos tam fermosos
Sem cuja vista est' alma desespera!

f. 158 r°. Acude a mil espritos saudosos, 70
Filis, de quanto em ti se vê e s'entende,
E de tua ausencia tristes e queixosos.

Fermosissima Filis, não te ofende
Á natural brandura o grave dano
Que tem de não te vêr quem de ti pende? 75

Não ves que um só momento é mais que um ano,
Sem te vêr, a quem nisso espera a vida
Como eu que em 'sperar vêr-te a passo e engano?

---

64 R. á. —

Mas devias ser ja, Filis, vencida
Da tua companhia doce e branda 80
Em teu amor inteiramente unida:

Vê como triste por ti, Filis, anda!
Chea de dôr e saudades puras,
f. 158 v°. Com tua vista a saudade e dôr lh'abranda!

Eu digo aquelas raras fermosuras 85
Que a noute e o dia vem, Filis, comtigo,
Das quais pendem mil vidas, mil venturas;

Aquelas, em que Amor é grande imigo
A mil espritos d'elas desprezados
Qu'estão sempre em contino e gram perigo! 90

D'elas teus olhos são, Filis, chamados,
Tambem de fermosuras es amada,
Uns d'outros os divinos são amados!

Vem, Filis, Filis, vem, ah! tam chamada!
Como não vens? Vem, Filis, ah! não tardes, 95
Porque esta vida, á morte condenada
Sem te vêr, cóm te vêr da morte a guardes!

---

88 Aquelle. —

223.

f. 159 r°.

Elegia III.

Grandes, brandas e claras fermosuras,
Com cujos olhos o Amor póde tanto
Qu'abranda as pedras asperas e duras,

Em quanto alegre minha gloria canto,
(Pois tambem tendes parte nesta gloria) 5
Ajudai com prazer meu ledo canto!

Impr. P. p. 158 (Elegia xv: Á Mesma Filis). —

Ja Filis vem, por quem minha memoria
Triste e queixosa andava justamente,
Comsigo da tristeza traz vitoria!

Cad' ũa em rosto alegre e alma contente, 10
Cheas de novo amor, nova alegria,
Este bem esperai té 'gora ausente!

Em seus olhos vereis chegar o dia,
f. 159v°. Em seu rosto a manhã fermosa e clara,
E em tudo o seu docissima armonia. 15

Alegres esperai aquela rara,
Antes aquela só Filis fermosa,
Dina que todo esprito alto a cantara.

Nela vereis a neve, e nela a rosa,
E nela ouro e robis e perlas finas, 20
E em tudo ũa fermosura milagrosa;

E mil graças na terra peregrinas,
De todo entendimento bem julgadas
Não por umanas só, mas por divinas;

Graças que a si mil almas têm atadas, 25
Graças que presas têm a si mil vidas,
A seu serviço e amor sempre obrigadas.

f. 160r°. D'este devido amor tambem vencidas,
Esperai esta nova fermosura
Em quem mil perdas são restituidas! 30

Nela vereis amor, nela brandura,
Mas nela vê sempre odio, e vê dureza
Quem tem em seu amor a alma segura.

Não vedes ida ja d'aqui a tristeza,
Dos olhos fermosissimos temida 35
De Filis? e ja no ar outra pureza?

Var.: 20 ouro, rubis, e p. f. — 36 De F.? ja. —

Não vedes do prazer a dôr vencida?
Não vedes Musas ja, Graças e Amores?
Não vedes ida a morte, vinda a vida?

Sinais que chega ja: D'alegres côres 40
Ornadas a esperai! O prazer soe,
f. 160 v°. Orne-se o ar de cheiro, o chão de flores!

Alegres cantos toda vez entoe,
Seja sempre este dia bem cantado,
E d'ele a toda idade a fama voe! 45

Com nova gloria e nova onra ilustrado
Seja sempre este dia venturoso
Em que é tal bem a nossos olhos dado!

Onde Filis está, tudo é fermoso,
Inda que ela é fermosa mais que tudo; 50
Mas onde não se vê, tudo é queixoso.

Para d'ela cantar o ingenho é rudo,
Inda que vê-la apura o entendimento,
E quem melhor a vê, fica mais mudo.

Se de não vêr a Filis um momento 55
f. 161 r°. Póde tanto que a vida á dôr se rende,
(Inda que sempre a veja o pensamento)

Quando escondida tanto tempo ofende
A quem sempre seus olhos vêr deseja,
Outra dôr causa que se não comprende: 60

D'aqui se julgará quam grande inveja
Devo têr a quem pode vêr té 'gora
A vista de que Amor quer que me reja;

A vista ond' esta vida e alma mora,
D'onde tudo o que espero está pendendo, 65
E de que a mesma Filis se namora.

---

58 a t. t. —

Fermosuras, que o mundo estais vencendo,
A vossa Filis vem de vós amada,
Alegrias lh'estais grandes devendo:

f. 161 v°. A grandissima Filis, sempre ornada 70
De valor, cortesia e autoridade,
De grande entendimento acompanhada;

A clarissima Filis, que esta idade
Dá grande nome e dará sempre fama,
A que dará seu nome claridade; 75

A belissima Filis, que derrama
De seus olhos por onde os vem mostrando
Graças que sem querer tudo a si chama!

Por onde passa vem tudo ilustrando,
Faz a terra fermosa, o ar serena, 80
E tudo com seus olhos vem onrando.

Acrecenta o prazer, suspende a pena,
A quem a nunca viu dá novo esprito;
f. 162 r°. A voz seus louvores move e ordena.

Póde d'eles encher a todo escrito, 85
Os baixos pensamentos alevanta;
Quanto, emfim, faz não póde ser escrito.

Ja vos vem, ja vos torna, ja Amor canta,
Porque vem, porque torna, porque vêr-se
Possa a força com que as almas encanta; 90

E porque ninguem ouse defender-se,
Vendo esta fortaleza de sua guerra,
Contra a qual não ha quem baste a valer-se;

Porque ũa fermosura onde s'encerra
Quanto ũa fermosura tem inteira, 95
Se conheça quanto onra e ilustra a terra;

---

73 a e. i. — 77 vai m. — 78 Graça — 84 a s. l. — 88 nos v. — 90 com que Alma mil enc. —

E que não póde aver tam lisongeira
f. 162v°. Condição que por mais que d'ela diga
Não se tenha por certa e verdadeira.

Ja tendes Filis sempre branda e amiga 100
A vós, a ela tambem brandas e amigas!
Não seja a meu esprito dura e imiga,
A outros mil não sejais duras e imigas!

224.

f. 163r°.

Elegia IV.

S'eu pudera mostrar meu pensamento,
E dizer tudo o que a alma por ti sente
Sem do amor perder nunca um só momento,

Qu'esprito mais que o meu fôra contente?
Que mal pudera ser de mim sentido 5
Que o não passara branda e alegremente?

Qu'inda que nunca fôra de ti crido
Para ser de ti, Filis, remediado,
Pudera ó menos ser de ti ententido!

Viras o meu amor e o meu cuidado, 10
E a segura firmeza e sã verdade
De que este peito está sempre guardado.

Viras ũa clarissima vontade
f. 163v°. Para nunca deixar, Filis, d'amar-te
Inda que em ti nunca ache piedade. 15

Mas tambem temo muito, Filis, dar-te
A entender quanto peno e quanto te amo,
Porque não possa com razão culpar-te.

Impr. P. p. 161 (Elegia XVI: Á Mesma Filis). —

Que s'eu por ti sempre o meu bem desamo,
Se porque mal me queres mal me quero, 20
Se na mór pena mais no amor m'inflamo,

S'inda que de ti, Filis, desespero,
(Razão que desespere me parece)
Não deve crêr-se que culpar-te espero.

Ja este amor ũa brandura te merece, 25
Mas contr' ele mil culpas imagino
Com que venho a cuidar que a desmerece.

f. 164 rº. Sempre ó num ser o meu amor contino,
Não póde ser maior; e eu inda creo
Que não ser mais o faz, Filis, indino! 30

De mim mais que de tudo me receo,
Eu som o que me dano e o que me ofendo,
E contra o meu amor a mim m'enleo!

Mas causa-me isto, Filis, o que entendo,
Que não eu só, mas todo o mundo deve 35
O que em ti vejo e ouço e não comprendo.

Quem nunca a vista a ti segura teve
Que a não visse perdida do teu raio?
Quem sem dano a cuidar em ti s'atreve?

Nunca te vejo, Filis, sem desmaio 40
Do esprito que ante ti logo se rende,
f. 164 vº. Mas d'um amor seguro nunca caio.

A alma do que em ti vejo ámar-te aprende,
E inda que a desespera o que em ti vejo
Nada á grandeza d'este amor ofende. 45

Mil vezes contra mim, Filis, pelejo,
Porque ás vezes me queixo de meu dano,
Sendo-me ele por ti prazer sobejo.

Var.: 21 Na m. p. — 30 Filis, que o nom ser mais, o faz ind. — 34 cança-me. —

Mas creçam sempre, Filis, d'ano em ano
Quantos danos por ti alegre padeço, 50
Nunca averei que em os sofrer m'engano,
Nem crerei que lembrar-te só mereço!

---

51 que d'os s. —

225.

f. 165r°.

Elegia V.

Ah! Filis, Filis, em quem sempre vemos
Tam grande e tam inteira fermosura
Ornada de grandissimos estremos,

Não é razão que em tanta desventura
Deixes morrer quem vive de querer-te 5
E tem morrer por ti por gram ventura!

Se não basta um amor puro a mover-te,
Se não basta ũa dôr n'alma contina,
De tua condição deves vencer-te.

A tua condição branda e divina, 10
Usada sempre, Filis, a branduras,
Como contra o amor sempre s'inclina?

Um amor que nos teus olhos apuras
f. 165 v°. Te merece ja, Filis, que lhe abrandes
Suas tristezas asperas e duras, 15

E que a su' alma de teus olhos mandes
Algũa suavidade em que respire
De seus tormentos sempre por ti grandes.

Quem, Filis, averá que não suspire
Por esta doce e branda suavidade? 20
Quem que sintindo-a a outra nunca aspire?

Impr. P. p. 163 (Elegia xvii: Á Mesma Filis). — *Var.*: 13 nos o. teus. —

Se acaso e descuidada e sem vontade
D'obrar com tua vista os olhos viras
A quem morre por vêr sua claridade,

De su' alma as tristezas todas tiras, 25
E parece que toma nova vida,
E contra a dôr novo animo lh'inspiras.

f. 166 rº. Fermosissima Filis, se vencida
De piedade quisesses só um momento
Vêr quem a alma por ti traz esquecida, 30

Que farias em seu entendimento?
De que novos espritos o encherias?
Quanto levantaria o pensamento?

De quam maravilhosas alegrias
Seu esprito seria todo cheo? 35
Como contra mil danos o armarias?

Ah! Filis, Filis, por quem tudo feo
Julgo quanto no mundo é mais fermoso,
Nada espero de ti, muito receo!

Anda sempre este esprito saudoso 40
De vêr esses teus olhos, onde vejo
f. 166 vº. O Amor em tua brandura riguroso.

Não faça tanto mal tam bom desejo!
Não peço que me vejas, vêr-te deixa,
E nisto, Filis, sei quanto desejo. 45

Mas inda assi de ti nunca se queixa
A alma (inda que não queres que t'eu veja)
Só de mim em meu mal é minha queixa.

Mas quem assi me vê, Filis, deseja
Que mostres teu poder contr' esta morte, 50
Que a vida sem te vêr me cansa e peja.

---

22 Se acaso desc. —

Mas cada vez meu mal fazes mais forte,
Deves-me de valer em quanto é tempo,
Não queiras que tal nome com tal sorte
D'idade a idade vá, de tempo a tempo! 55

226.

f. 167 rº.

Elegia VI.

Filis, de cujo nome enche as memorias
O Amor que tudo o mais por ti desama
E orna por ti seu carro de vitorias,

Filis, de quem gloriosa e clara fama
Do Amor guiada em tudo e da verdade 5
No mundo justamente se derrama,

Se te deves servir d'ũa vontade
A teus louvores sempre oferecida,
Filis, ũa só gloria d'esta idade,

Deve a minha de ti ser recebida, 10
Qu'inda que sempre indina de louvar-te
Gasta nestes desejos tempo e vida.

Sei que nem voz, ingenho, estilo, ou arte,
f. 167 vº. Fermosissima Filis, podem tanto
Que nem com desatino ousem cantar-te; 15

Mas quando a teu louvor ergo meu canto,
Não é porque de mim tanto imagine
Que chegue onde chegar não póde o espanto:

Quem averá que em ti não desatine?
Qu'esprito que em te vêr não emudeça, 20
Inda que nisto o mesmo Amor o ensine?

Impr. P. p. 140 (Elegia IX: A Filis). —

Mas canta-te a alma porque não padeça
O desejo que sente noute e dia
D'em ti mostrar com que tudo escureça.

Que quem, fermosa Filis, te veria 25
Qu'entendimento e olhos não abrisse
A quanto em ti tudo isto venceria?

f. 168 r°. E quem um só momento de ti ouvisse,
Como veria mais livre o esprito
Do que d'este momento só sintisse? 30

Como daria mais a voz e escrito
Senão á nunca vista fermosura
De que tanto é cantado e tanto escrito?

Filis, com cuja vista a noute escura
Como o fermoso dia fica clara, 35
E cuja graça o ar serena e apura,

Quem tivera um esprito que voara
Á menor parte do que em ti s'entende
Para que ó sol e á sombra te cantara?

Mas tudo quanto ha em ti se nos defende 40
Ás palavras, ó esprito, ó entendimento
f. 168 v°. Qu'então nestes desejos mais s'acende.

Filis, do Amor um só contentamento,
Como s' ha d'esperar que tanto ousemos
S'inda em ti s'embaraça o pensamento? 45

E se a ti ousadamente olhos erguemos,
Tanto estás sobre tudo levantada
Que de todo da vista te perdemos.

Mas se acaso te deixas ser olhada,
N'alma imprimido deixas um desejo 50
De todo tempo ser d'ela cantada.

---

29 Como mais livre veria o espr. — 46 E se os olhos ousados a ti e. —

Sempre sinto este em mim, mas em ti vejo
Tanto (quando do ceo tanto m'é dado)
Que não sei como siga o que desejo.

Vejo em teus olhos sempre o Amor armado, 55
f. 169 rº. Fere e sara d'ali, dá vida e mata,
Tudo ali tem vencido e sugigado;

D'ali o mais forte peito desbarata,
Que nada tem contr' eles resistencia;
D'ali as vidas cativa, as almas ata. 60

Vemos que ó Amor dá tudo obediencia,
Mas Amor a ti, Filis, obedece,
Nem se vê nunca Amor em tua ausencia.

Na tua graça, Filis, aparece
A quem por grande dita chega a vêr-te, 65
Um bem que o mundo todo não merece.

Ah, Filis, quem pudera oferecer-te
Versos que de ti vira recebidos!
Mas mal tos darei tais, sem entender-te.

f. 169 vº. S'espritos a tam grande bem nacidos 70
Ha ca na terra que ousar tanto devam,
Estes te são a ti, Filis, devidos;

Estes a tanto o esprito alçar se atrevam,
E no mundo derramem teus louvores,
Estes falem, estes cantem, estes escrevam! 75

Cantem-te rodeada dos Amores,
De Venus e das Graças e das Musas,
Derramando em ti sempre novas flores!

Como diante de ti ficam confusas
Todas as outras raras fermosuras, 80
Qu'em todo outro lugar serão Medusas!

---

76 Cante-te. —

Como pendem de ti tantas venturas
Que de teus olhos sós estão pendendo,
f. 170r°. Esperando onde os pões, onde os seguras!

Cantem o que de ti s'está entendendo 85
De descuido de tudo o que s'espera,
Porque t'estás de ti só merecendo!

Cantarão como nunca o Amor pudera
Ferir teu peito, e quantos outros vimos
A que só com tua vista a morte dera; 90

Como quanto em ti vemos, quanto ouvimos
Torna de todo branda a mór dureza,
Como apos este som todos nos imos.

E dirão que do Amor a fortaleza
Em ti, Filis, está continuamente, 95
E que onde não estás tudo é tristeza;

Qu'em teu riso nos abres novo oriente,
f. 170v°. Que torna o ar sereno e claro e brando,
Contente o triste, o alegre discontente;

Qu'estás com tuas palavras espantando, 100
Mas muito mais com seus entendimentos
Que mil vidas á morte estão julgando;

Qu'enredas no crespo ouro os pensamentos,
E neles tece Amor tantos cuidados
Que atam mil almas todos os momentos. 105

E os espritos que Amor tem nele atados,
E de se vêrem assi tam satisfeitos
Qu'estão de tudo, Filis, descuidados;

E tuas obras iguais a teus conceitos
Coa prudencia que sempre em tudo usaste, 110
Guardando em quanto deves os respeitos.

---

98 o ar sereno cl. — 99 e alegre o desc. —

f. 171 rº. Com espanto dirão como ajuntaste
Tal cortesia e autoridade tanta,
E como ũa coa outra temperaste.

Cantarão (o que a todo esprito espanta) 115
Teu estranho valor, teu alto preço
De que todo alto ingenho (s'ousa) canta.

Cantarão tudo o mais de que ó começo
Só chegarão por muito que se cante,
Em que eu, Filis, cuidar só não mereço. 120

E por muito que o esprito a ti levanto,
Si tento teus louvores logo tremo,
Logo pareço neles inconstante.

Antes de calar sempre quero o estremo
Que mal cantado ser de mim teu nome; 125
f. 171 vº. E o que desejo mais, muito mais temo
Amor me diz que este conselho tome.

---

115 com que. —

227.

Elegia VII.

Fermosissima Filis, (ah! perdôa
Com tam grande ousadia assi chamar-te
Ũa alma onde o teu nome sempre sôa!)

Fermosissima Filis, s'eu contar-te
Inteiramente o meu amor pudera, 5
E quanto passo e sinto por amar-te,

f. 172 rº. Tam pouco sentimento não ouvera
Em ti que o mal que causas desprezaras,
E que a dôr que me dás não te doera.

Impr. P. p. 144 (Elegia x: Á Mesma). —

Se como eu amo, Filis, assi amaras, 10
Como eu sinto, tambem, Filis, sintiras,
E como eu choro, assi, Filis, choraras,

Ah! se o meu mal, se o meu cuidado ouviras
E a verdade d'est' alma clara e pura,
Quantas verdades claras em mim viras! 15

Mas minha cruel sorte aspera e dura,
Contraria de meu bem, ver-te não deixa
O que em mim causa tua fermosura.

Deveras tirar a alma d'esta queixa,
Ouvindo-lhe o que passa e o que sente, 20
f. 172 v°. E tudo o de que sempre ó Amor se queixa.

Mas inda que meu mal continuamente
Me trate, Filis, pior do que me trata,
Sempr' o Amor estará n'alma presente;

Que a alma que a tais cuidados ũa vez s'ata, 25
E o esprito que a tal amor se prende
Nunca se solta mais nem se desata.

Assi t'amo que um grande odio s'acende
Em mim contra meu bem, porque o não queres,
E quem mais mo deseja, mais m'ofende. 30

Mas ah! Filis cruel, por quê assi feres
Meu brando peito com teu odio duro
Que não póde durar se o não perderes?

Assi pagas um claro amor e puro
f. 173 r°. Qu'inda que nunca tua dureza canse 35
Não deixará de ser, como é, seguro!

Amam-se ja tua aspereza, amam-se
Teu duro desamor, e ó sofrimento
D'est' alma espaço algum dá que descanse.

Var.: 25 Que Alma uma vez que a t. c. se a. —

Deixa-lhe ja tomar, Filis, alento 40
Para poder tornar a sofrer tudo
Por teu amor com mais contentamento!

Não cuides que por mim, Filis, acudo,
Trato só do que quer tua vontade,
Que contra mim tua ira sempre ajudo. 45

Pois ves em mim tam clara esta verdade,
Por quê me mostras, Filis, assi clara
Com tanto desamor tal crueldade?

f. 173v°. Quem, Filis, algum tempo inda chegara
A vêr tua dura condição mais branda, 50
Que tempo fôra ja que se mudara!

Ah que não sei se a dôr mais se desmanda
Do que deve, e se menos obedece
Do que o meu sofrimento e amor manda!

Tua condição não é a que em mim parece, 55
Brandura é, Filis, sua natureza,
Mas em mim tua brandura s'endurece.

Nada em ti ha que mova a alma a tristeza,
Mas eu mouro de triste se te vejo
Tendo em teus olhos sós minha riqueza! 60

Será porque não tenho outro desejo
Senão poder a vida toda vêr-te,
f. 174r°. E de temer faltar-me o que desejo.

S'isto póde ser causa d'ofender-te,
Ou t'ofende vêr que a alma isto deseja, 65
Perdoa, que não póde obedecer-te!

Mas, que perdes tu, Filis, que te veja
E que viva de vêr-te? Antes acude
Ó que em mim falta co que em ti sobeja.

Sofre que Amor com teus olhos ajude 70
A viver quem só neles busca a vida,
Inda que em morte neles se lhe mude.

Esta não tenho eu inda merecida
Senão se por amor queres dar morte,
E á grande fe ser mal agradecida. 75

E inda que isto usar queiras, minha sorte
f. 174 v°. Sempre, Filis, terei por gloriosa,
E por mais branda a pena e dôr mais forte.

Dir-s' ha que pola cousa mais fermosa
Que o mundo vê a vida se me gasta, 80
E toda vida lhe será invejosa.

A alma d'estes desejos não s'afasta,
Pois minha morte irá junta a teu nome;
E para quem busca onra isto só basta:
Amor me diz que este conselho tome. 85

— — — — — —

228.

f. 175 r°.

Elegia VIII.

Prudentissima Filis, em quem chove
Tantas graças o ceo, tantas rarezas
Que todo esprito a teu amor se move,

Em quem se viram juntas tais grandezas?
Tais maravilhas que enchem d'alegria 5
O peito todo entrado de tristezas?

Quem o esprito ó que entendes alçaria
Que d'amor não enchesse e d'espanto o peito?
Quem o menos que em ti ha entenderia?

Impr. P. p. 146 (Elegia xi: Á Mesma). —

Um saber de si mesmo satisfeito, 10
Tam geral, tam inteiro e certo em tudo
Que a si só póde e deve têr respeito!

Quem t'ouvirá que não se torne mudo?
f. 175 v°. Quem ante ti terá, Filis, esprito?
Ou que peito ante ti não será rudo? 15

Como não dará a fama imortal grito
Em louvor imortal de quanto fazes,
Dino de ser imortalmente escrito?

Co muito com que a ti te satisfazes,
O entendimento, a voz, a mão e a pena 20
A teu louvor devidamente trazes.

Assi, Filis, em ti tudo s'ordena,
Qu'enches de novo espanto toda a terra,
E a quem tanto não vê, de nova pena.

Têm ja por ti continua e dura guerra 25
O valor, a prudencia, a fermosura,
Inda que, Filis, tudo em ti s'encerra.

f. 176 r°. Cad' ũa em ti quer ser mais clara e pura,
Cad' ũa em ti deseja mais mostrar-se,
E cad' ũa em ti está inteira e segura. 30

Quanto d'elas depende em ti juntar-se,
Perfeitissima Filis, claro vemos,
E quantos bens no mundo podem achar-se.

Que verso e canto ja não deveremos,
Que louvor, que cuidado e entendimento 35
A quem o esprito, a quem o amor devemos?

Mas ah que entendes teu merecimento,
Sabes que tudo t'é, Filis, devido,
Até na dôr que dás contentamento!

Var.: 31 d'elles — 39 E até. —

Sabes quanto é melhor de ti entendido 40
Que de nós quanto em ti tem o ceo juntado,
f. 176 v°. Que a nosso entendimento é defendido;

Sabes que quem te vê fica obrigado
Sempre a servir-te, Filis, sempre a amar-te,
E ocupar neste amor sempre o cuidado; 45

Sabes que quem se ocupa em só cantar-te
Mais que a ti a si mesmo enche de fama,
E que busca louvor quem quer louvar-te;

Sabes que quem teu nome sempre chama,
Que para si procura nome e vida, 50
E que quem não te amar', que se desama:

Ves em tudo isto que não é devida
Tua memoria a ninguem, nem obrigada,
Filis, estás a ser agradecida;

Mas seja de ti embora desprezada 55
f. 177 r°. (Inda que nisto faça o que a si deve)
A voz de que es, em vão, sempre chamada.

Despreza o esprito que se a tanto atreve
Que não avendo, Filis, quem t'entenda
De ti ousadamente canta e escreve; 60

Despreza o peito (inda que só pretenda
Teu serviço) que em ti só falar sabe,
E o cuidado em que tudo al se defenda;

O desejo despreza em que só cabe
Sempre servir-te, sempre poder vêr-te, 65
E que só nestes bens a vida acabe.

Podes, Filis, de tudo isto ofender-te,
Mas não t'ofenda um claro amor e puro,
Determinado a em tudo obedecer-te.

---

63 a tudo. —

f. 177 v°. Não desprezes amor, que o amor seguro 70
Não se quer desprezado, nem merece
Teu brando peito achar contra si duro.

Nunca amor verdadeiro desmerece
Um agradecimento verdadeiro,
Mas ah! quam duramente este aparece! 75

Não deixa de mostrar-se o esprito inteiro
Que os olhos volve um' ora brandamente
A um claro amor e em nada lisongeiro.

Mas tu, fermosa Filis, cruelmente
O amor desprezas, tens em pouca conta 80
Quanto a alma t'oferece fielmente.

Como e justo é que amor padeça afronta?
E se amor onra, que onras não mereça?
f. 178 r°. Nem monte amor que tanto em tudo monta?

Apareça em ti, Filis, apareça 85
Brandura que onre amor e sua verdade!
Verdade e amor bem é que se agradeça.

Tudo póde ũa grande autoridade,
A um tam grande valor nada lhe dana,
Nada escurece á grande claridade. 90

O meu esprito, Filis, não m'engana,
Que dentro em mim m'está sempre dizendo
Qu'es verdadeiramente mais que umana;

E que, inda que t'estê sempre esquecendo,
Nunca de teu amor nem de teu nome 95
A memoria um momento vá perdendo:
Amor me diz que este conselho tome.

229.

f. 178 v°. **Elegia IX.**

Filis valerosissima, a quem deve
Tod' alma amor, e todo ingenho canto,
Minh' alma paga, o ingenho não s'atreve.

Filis, de quanto te amo não m'espanto,
Quisera amar-te mais; o que m'espanta 5
É sofrer ũa tam fraca vida tanto.

A alma a teus pensamentos se levanta,
Com isto a vida em sua dôr engana,
A vida sem ti chora, a alma em ti canta.

E quanto não te vêr, Filis, lhes dana, 10
Tanto cuidar em ti lhes aproveita,
Inda que em ti cuidar as desengana.

S'eu visse a dôr que passo ser-te aceita,
f. 179 r°. Inda que sem remedio ma deixasse,
A alma me deixarias satisfeita. 15

Se de minha tristeza te lembrasses,
Filis, não quererei outra alegria;
Ah! se este triste esprito assi alegrasses!

Passo a noute velando, passo o dia,
Mas a alma todo tempo em ti cuidando, 20
Que teu amor em tudo tem por guia.

Cuido mil vezes em teu peito brando
Como d'odios está sempre tam cheo
Contra quem a ti só está sempre amando;

Impr. P. p. 149 (Elegia xII: Á Mesma). — *Var.*: 16 minhas **tristezas**. —

Cuido que o que de ti entendo e creo 25
É tanto que pouco é o que por ti sinto,
E quanto te amo mais, mais te receo.

f. 179 vº. Quando algum grande bem, Filis, me pinto,
Não o imagino em vida, mas na morte
Em que eu alegre ja por ti consinto. 30

Mas se me tu mudares minha sorte,
E emparada de ti vir' minha vida,
Que mal averá, então, que por mim corte?

E s'ó bem que ela seja de ti ouvida,
Por dôr e por amor e fe mereço 35
Ser-me ja de ti est' onra concedida;

E s'eu a vida a ti toda ofereço,
Que perdes, Filis, em ma sustentares
Que diminue assi teu grande preço?

Mil vezes de meus gritos encho os ares, 40
Mas nem assi do Amor som nunca ouvido,
f. 180 rº. E sê-lo-ei logo se me tu escutares.

Ah! que tó de mi mesmo avorrecido
Ando porque de mim tu te avorreces,
Nem me creo pois não som de ti crido! 45

Sempre a meus pensamentos apareces
Como de meu amor toda indinada,
Pois te não sei amar quanto mereces.

Quanto eu posso, es de mim, Filis, amada;
Não julgues o que dou polo que devo, 50
Por piedosa te deixa ser julgada.

Se tambem teu louvor mal canto e escrevo,
Bem ves que todo ingenho e esprito raro
S'atreverá tam mal como eu m'atrevo.

---

42 E logo selo hey se m'esc. — 48 como m. —

Esta falta a quem t'ama custa caro, 55
f. 180 v°. Quem cantar-te deseja muito sente
Ser a sua voz e ingenho Febo avaro.

Mas s'eu som d'isto menos descontente,
É porque inda pouco é o favor d'Apolo
Para seres cantada inteiramente. 60

Corre teu nome d'um té outro Polo,
Voa do claro Tejo ó famoso Indo,
Da Fama e Amor levado, não d'Eolo,

Um desejo nas almas imprimindo
De vêr essa tua nova fermosura 65
Que antes de vêr-te foi meu peito abrindo.

Ja n'alma Amor me tinha viva e pura
Quando a vêr-te cheguei esta verdade,
Que de todo em te vêr ficou segura.

f. 181 r°. Sinti nos olhos nova claridade 70
Qu'inda nunca té então neles sintira,
Sinti n'alma ũa nova suavidade.

O mór espanto vi que nunca vira,
E que nunca cuidei, Filis, que visse,
E ó ceo dei graças que tal luz abrira. 75

Quanto então receei que inda sintisse,
Tudo sinti; mas mais do que receas
Has de passar, o Amor logo me disse.

Tem em mim descuberto novas veas
De lagrimas, que caem dentro em meu peito, 80
Que não quer minha sorte que me creas;

Mas do que sinto assi estou satisfeito,
Pois, Filis, teu amor a isso m'obriga
f. 181 v°, Como que a ti e a Amor o vira aceito.

Se ja chamei a minha sorte imiga, 85
A alma, que entende quanto m'enganava,
Me manda que de todo me desdiga.

A dôr o entendimento me cegava,
Obedecia mais á dura pena
Que ó Amor e á razão que m'ensinava. 90

Quem assi contra Amor se desordena,
Quem por contraria tem sua sorte boa,
Sofra tudo o que Amor manda e ordena.

Dentro em minh' alma, Filis, sempre sôa
A tua fermosura e o teu nome 95
Qu'eu por era terei, louro e corôa:
Amor me diz que este conselho tome.

---

96 Que eu por ella terei. —

230.

f. 182 r°.

Elegia X.

Traduzida d'Angeriano.

Fermosissimo Amor, que com gloriosa
Arma, que sempre vence, andas vagando,
Por quê te cria nu tua mai fermosa? —

Porque vou a todo homem despojando
Que a minha casa vem. — Para que efeito 5
Trazes as setas? — Co elas vou matando. —

Por quê es minino? — Aquele cujo peito
Tem de meu ferro ou fogo sentimento,
Como um minino, em tudo, é logo feito. —

Impr. P. p. 136 (Elegia VII: Angeriano e Amor). —

Jupiter para que, ou com que intento 10
Te pôs nos hombros azas tam ventosas? —
Porque quem ama, mais leve é que o vento. —

Por quê essas fachas trazes tam danosas? —
f. 182 v°. Coracões vivos, mar e a serra dura
Queimo com minhas chamas furiosas. — 15

Es cego, ou tens a vista clara e pura? —
Quem ama é cego, eu não; mais resplendente
Que o sol é a luz de minha fermosura. —

Sostem-te ambrosia ou nectar? — Diligente
Esprito e mimos, risos e alegria 20
Me têm só satisfeito e só contente. —

Por quê tens mai fermosa? — Gera e cria
A fermosura n'alma mil Amores,
E eu com ela naço cada dia. —

Por quê naceu do mar? — Os amadores 25
Mais que o mar a alma desassossegada
Têm com 'speranças vãs, ou com temores. —

f. 183 r°. Tens casa pobre, ou rica e concertada? —
Nenhũa tenho, e o ar do inverno irado
É minha habitação mais costumada. — 30

Quando, Amor, de voar estás cansado,
Onde o repouso teu tens escolhido? —
Ja de voar estou todo apartado:

No peito e olhos de Filis recolhido,
No riso e em tudo o mais guerra fazemos 35
A todo peito para amor nacido,
E a tudo o que nos vê e a quanto vemos.

———

Var.: 17 resplendecente — 20 Spritos. —

231.

f. 183 v°.

Elegia XI.

Vejo em ti sempre, Filis, ũa brandura
Natural que naceu logo comtigo,
De que ornada sempre é tua fermosura;

Mas nace d'ela ás almas mór perigo
Que d'asperezas d'outras fermosuras: 5
Com ela o Amor se mostra mais imigo.

São asperas, são graves e são duras
As penas que eu por ela estou sintindo:
Quem viu nunca asperezas de branduras?

Estou comigo mesmo desavindo, 10
Porque me queixo que acho em ti asperezas,
E eu por elas de tudo ando fugindo!

Queixo-me d'odios teus e de tristezas
f. 184 r°. Causadas d'eles, Filis, e de danos
A que ás vezes dou nome de cruezas. 15

Mais me posso queixar de meus enganos,
Que como entender devo não entendo
Teus grandes e altos dões e sobre-umanos.

Mas não cuide ninguem, Filis, que ofendo
A tua fermosura e tua grandeza 20
Coas queixas com que o ar estou rompendo;

Que se me queixo d'odio e d'aspereza,
Se digo que outros mil danos me fazes,
Se choro que a alma m'enches de tristeza,

Se m'espanto de vêr que não refazes 25
Esta vida por ti quasi gastada,
Mas cada vez em mór perigo a trazes,

Impr. P. p. 164 (Elegia XVIII: Á Mesma Filis). —

f. 184 vº. Não é, Filis, por vêr-te só lembrada
De fazer todo mal que poderias
A est' alma em teu amor sempre ocupada; 30

Nem que a desprezes, Filis, nem te rias
Do mal que por ti passa e por ti sente
Chorando as noutes, suspirando os dias,

Nem porque a trates dura e asperamente,
Que nunca es d'aspereza tam vencida 35
Que uses do que a brandura não consente:

Queixo-me de te vêr sempre esquecida
D'est' alma sempre a ti, Filis, sugeita,
D'est' alma de ti, Filis, nunca ouvida;

E queixo-me de vêr que não aceita 40
Tua vontade este amor tam claro e puro
f. 185 rº. Qu'em tudo á tua vontade se sugeita;

E queixo-me de vêr-te tam seguro
Esse esprito contr' esta sã verdade
De teu amor em que eu o esprito apuro; 45

E de vêr que por mais que a alma a ti brade,
Por mais que em teu amor arça este peito,
Por mais que por ti negue a liberdade,

Sempre de tua brandura um brando efeito
Me negas, Filis, com que me deixaras 50
De muitos mais cuidados satisfeito.

Se da tristeza assi me levantaras
Ó prazer de te vêr para mim branda,
Filis, que novo esprito em mim criaras?

Se este desejo muito se desmanda, 55
f. 185 vº. Ou perdôa, ou castiga o atrevimento:
Tudo em mim tua vontade póde e manda.

Mas teu descuido e teu esquecimento
Efeitos fazem d'aspereza e d'ira
Em quem sempre em ti tem seu pensamento. 60

Quem por ti chama, quem por ti suspira,
Quem por ti cheo está de sentimentos,
Quem por ti de vêr mais os olhos vira,

Não d'asperezas, Filis, nem tormentos
Se queixa, que os não usas, só tem queixas 65
De teu descuido e teus esquecimentos,
Com que em pena e em tormento igual o deixas.

Var.: 59 asp. e ira. —

232.

f. 186 rº.

Elegia XII.

Apos o verão brando o inverno duro
Começa triste e cheo d'asperezas,
Importuno e pesado, frio e escuro.

Entra o tempo com furias e bravezas,
Na terra, n'agua, no ar faz movimentos 5
Que ameaçam mil danos, e tristezas.

Revolvem tudo os furiosos ventos,
E parece que têm aspera guerra
Uns cos outros os grandes elementos.

Mais pesada se torna e grave a terra, 10
E tudo quanto d'antes produzia
Nega, e dentro em si mesma esconde e encerra.

O que ora ós olhos mostra, o que ora cria,
f. 186 vº. Tojos, espinhos, cardos e secura:
Tudo alheo de graça e d'alegria. 15

Impr. P. p. 166 (Elegia XIX: Á Mesma Filis). —

Cessou aquela varia fermosùra
De diferentes rosas, varias flores,
De que se ornam as plantas e a verdura.

Das fontes não tam claros os licores
Correm como corriam, turvo é tudo, 20
Têm as aves silencio em seus amores.

Seu brando canto está de todo mudo,
E só das tristes s'ouve o triste canto
Qu'eu com meus tristes versos sigo e ajudo.

O vento enche no mar de medo e espanto 25
Assi o destro e esforçado navegante
Como o que não entende ou ousa tanto:

f. 187 r°. Ora as ondas com furia leva avante,
Ora as contrasta, e força que ũa deça
Ó mais fundo e outra ás nuvens se levante. 30

Não ha cousa que triste não pareça,
Tanques, fontes, ribeiras, mares, lagos,
Nem peito que de os vêr não s'entristeça.

Todo mundo padece mil estragos
Da gram força dos ventos poderosos, 35
Mais livres e mais soltos e mais vagos.

Os ceos puros e claros e fermosos
São de nós vistos menos livremente
Coa grossura dos ares rigurosos.

O clarissimo sol resplandecente, 40
Todo d'escuras nuvens encuberto,
f. 187 v°. Deixa com menos luz a umana gente.

A lũa, inda que a nós anda mais perto,
Tambem cos tempos tristes e cerrados
Ja seu lume não dá tam descuberto. 45

Var.: 36 Mais l., mais s. — 37 puros, claros. —

De trovões os ouvidos atroados,
Os olhos de relampados vencidos,
Os ares de chuveiros carregados;

Mil outros danos são vistos e ouvidos
No triste inverno, duro e grave imigo, 50
Qu'inda que costumados são temidos.

Mas entre tanta dôr, tanto perigo,
Que póde aver na terra tam suave
Em que se ache á tristeza brando abrigo,

Senão nuns olhos onde Amor a chave 55
f. 188 rº. Tem do que póde, e ond' a alma satisfeita
Fica por mais que Amor a ofenda e agrave?

Senão nuns olhos por que Amor engeita
Toda outra vista e só neles descansa,
Neles onde a mór dôr logo é desfeita? 60

Só nos olhos de Filis, onde amansa
O Amor a sua mór ira e aspereza,
Inda que ele de usá-las nunca cansa.

Que tormento, que pena, que tristeza
Lembrara a quem aqueles olhos vira, 65
Por quem est' alma o mundo ja despreza?

E quem para si brandos os sintira,
Que outro contentamento lhe lembrara?
Que pudera no mundo aver que ouvira?

f. 188 vº. Inda que o tempo tudo trastornara, 70
Inda que o tempo tudo revolvera,
Nestes olhos a tudo se furtara.

E por mais que no mundo acontecera
De quanto póde dar a imiga sorte,
Nestes olhos a tudo s'escondera. 75

---

69 Que pudera aver no mundo. —

A brandura de Filis é mais forte
Que quantas forças noutros olhos vemos,
Como sua aspereza é mais que morte.

De seus fermosos olhos vêr podemos
(S'ela quer) mil efeitos d'eles dinos, 80
Que nunca em outros vimos nem veremos.

Mas nossos olhos são dos seus indinos,
Assaz tem quem um' ora os vê na vida,
f. 189 rº. Que os grandes bens não podem ser continos.

Visse-os em um momento, fosse ouvida 85
De mim sua voz; d'este contentamento
Fôra a vida a mil bens restituida;
Mas ah! que anos farão este momento!

233.

f. 189 vº.

Elegia XIII.

Apos o inverno duro o verão brando
Começa alegre e cheo de branduras,
Vai-se com ele o ano renovando.

Traz o tempo alegrias e frescuras
Coa branda e alegre e clara primavera, 5
Chea de diferentes fermosuras.

Tudo o que triste, tudo o que seco era,
S'alegra ja de novo e reverdece;
Ah! s'o mesmo este esprito usar pudera!

Impr. P. p. 169 (Elegia xx: Á Mesma Filis. — *Var.*: 5 branda, alegre e suave pr. —

Ja de mil varias flores aparece 10
A terra toda ornada e tam fermosa
Que ó ceo com suas estrelas se parece.

No roxo lirio e na purpura rosa,
f. 190 rº. No alvo jasmim, no goivo mesturado,
Na amarela giesta e bem cheirosa, 15

E em outras muitas flores de que ornado
Vem o doce verão, claro e fermoso,
Se vê o ceo mais benino e temperado.

Tudo é mais claro, tudo mais lustroso
Quanto ora cria a grande natureza, 20
Mais brando, mais suave, mais cheiroso.

Fugiu ja aquela furia e aspereza
Do inverno ante o verão, que a deitou fora
E venceu com brandura sua dureza.

A fermosura da fermosa Aurora, 25
Sempre fermosa e clara e sempre pura,
Mais fermosa e mais clara e pura é agora.

f. 190 vº. Traz o dia outra nova fermosura,
É fermosa a manhã, fermosa a tarde,
Fermoso o orizonte é, fermosa a altura. 30

A noute em tam fermosos lumes arde
Que póde competir co claro dia;
Nace mais cedo o sol, põe-se mais tarde.

A agua não corre ja como corria
Escura e turva, mas ja pura e clara 35
Enche os ouvidos e olhos d'alegria.

O fermoso verão tudo repara;
Dá a tudo novo fruito e nova vida,
Faz liberal a terra antes avara.

---

18 Vê-se — 24 co' a br. —

É ja das aves docemente ouvida 40
Aquela branda musica e suave
f. 191 rº. Que lhes tem natureza concedida.

Ouvem-se ora em som brando, ora em som grave
Seus queixumes cantar e seus amores,
Que não é a quem o Amor não dane e agrave; 45

Entre as folhas das arvores e as flores
Da gram força da calma se defendem,
Nem temem ja do inverno ali os rigores.

Ũas a outras parece que se entendem,
Que ora ũa canta, ora outra lhe responde, 50
Ora juntas no canto mais s'acendem.

Mas que parte aver póde no mundo onde
Do verão a brandura não se veja?
E á sua fermosura que s'esconde?

O mar, que contra si mesmo peleja, 55
f. 191 vº. Da gram força do inverno tam movido
Qu'inda té os altos ares rompe e peja,

Do brando tempo seu furor vencido
Se vê ja tam quieto, ja tam manso
Que parece que nunca foi temido. 60

Correm os brandos ventos manso e manso,
E os de maior rigor e mais forçosos
Parece que buscaram ja descanso.

Os zéfiros suaves e amorosos
Sem furia, sem rigor, mas brandamente 65
Contra a força do sol são poderosos.

No trabalho que mais cansa e se sente,
Dão ó que o sente e passa novo alento,
E lho fazem passar mais facilmente.

f. 192r°. Mais claro o fermosissimo ornamento 70
Do claro ceo se vê resplandecendo
Sem nada que dê á vista impedimento.

Ora as fermosas nuvens s'estão vendo
Que do fermoso sol todas ornadas
Vão d'ele varias côres recebendo: 75

Verdes, azues e roxas e encarnadas,
De prata e d'ouro, brancas e amarelas,
Outras de muitas côres variadas.

Vêm-se com gram prazer da vista entr' elas
Fermosissimas formas diferentes: 80
Fermoso é tudo quanto se vê nelas.

Mas como podem nunca ser contentes
Os olhos, inda que tudo isto vejam,
f. 192v°. Se dos olhos de Filis fôrem ausentes?

Os espritos, que a Filis só desejam, 85
De nada são sem Filis satisfeitos,
Nem no mundo ha sem Filis do que o sejam.

Nenhuns contentamentos são aceitos
A quem ũa vez a viu, se de a vêr deixa,
Por improprios os tem, por imperfeitos. 90

Quanto sem Filis vejo, é dôr e queixa;
Assi o sinto nest' alma que sem ela
Sempre em tudo se doe, sempre se queixa.

Nela vê o que deseja, e vê só nela
Maravilhas grandissimas e espantos, 95
E cheo o mundo está d'eles e d'ela.

Mas como os olhos poderão com tantos
f. 193r°. Bens como em Filis podem sempre vêr-se,
Dinos de raros, graves e altos cantos?

Mas quem póde tambem tanto atrever-se 100
Que veja, sem vêr Filis, outra cousa?
E vendo-a, de que dôr póde temer-se?

Vendo sua fermosura só repousa
Est' alma que está d'ela sempre chea,
E inda que a teme, em al cuidar não ousa. 105

Em nenhũa outra fermosura alhea,
De todas as que o mundo mais aprova,
Como só nesta a vista se recrea.

Nada que ós olhos mostre o tempo estrova
O pensamento que a alma tem contino 110
Na vista em que me a vida o Amor renova.

f. 193 v°. É das mercês do ceo o mundo indino;
Dar-nos Filis, do ceo é mercê grande,
Cuidar que se merece, é desatino.

Mas inda o largo ceo mil anos mande 115
Qu'esta fermosa Filis onre a terra,
A cujo nome tudo o Amor abrande.

Quanto nũa perfeita alma s'encerra,
Em Filis juntamente tudo vemos,
E quanto póde Amor em paz e em guerra. 120

Quanto d'antigas fermosuras lemos,
Quanto se viu em todas as que vimos,
Em sua fermosura junto temos.

Quando sua doce e branda voz ouvimos,
Que zéfiro mais brandamente sôa? 125
f. 194 r°. Em que outro som tam gram prazer sintimos?

Nele o fermoso Apolo a voz entôa,
Nele tempera a sua branda lira,
Nele está preso Amor e co ele vôa.

Neste som a cansada alma respira 130
Se acaso e por gram dita ouvi-lo acerta,
E este contentamento sempre aspira.

S'eu na vida tivera um' ora certa
De vêr e ouvir a Filis, ah! que Filis!
A vida não julgara por incerta 135
Em quanto vêr e ouvir pudera a Filis.

ODAS.

234.

f. 195 r°.

Oda I.

1. Quando os suspiros movo,
Fermosissima Filis, a chamar-te,
Do doce e brando e novo
Som de só nomear-te
Não ha quem a alma nem a voz m'aparte. 5

2. Teu brandissimo nome,
Sempre a mim doce, sempre a mim suave,
Que peito ha que não dome?
Que dôr tam dura e grave
Que co ele não s'abrande e desagrave? 10

3. Na mór minha tristeza,
No meu mais triste e grave pensamento,
Na maior aspereza
Do amor e seu tormento,
f. 195 v°. Tomo em teu nome, Filis, novo alento. 15

4. Se tanto ás vezes ouso
Que d'este nome canto ou d'ele escrevo,
Nunca em nada repouso,
Mais do que digo devo,
E assi com medo até cantar m'atrevo. 20

5. Mas ja serás cantada
De mim, fermosa Filis, toda a vida,
E inda que em vão cantada,
Ja nunca arrependida
A alma será do amor que a tem vencida. 25

Impr. P. p. 219 (Oda XIII: A Filis). —

6. Nem do amor, nem da rima,
Tudo a ti justamente oferecido
Como a seu preço e estima,
f. 196 rº. Será nunca movido
Este peito de ti, Filis, vencido. 30

7. Alem do Eufrate e Nilo
Irá d'este por ti fermoso Tejo
O meu inculto estilo,
Que com teu nome vejo
Livremente correr tudo sem pejo. 35

8. Que onde teu nome brando
Póde chegar que a si não traga certo
Quanto fôr' alcançando,
Filis, ó longe e ó perto?
Ou que peito a seu som não será aberto? 40

9. Não só ficará escrito
Nos espritos gentis d'amor vencidos,
f. 196 vº. Serão do inculto esprito
Com amor recebidos
Teu nome e teu louvor um a outro unidos; 45

10. Teu nome a que preso anda
O meu entendimento inteiramente,
E toda dôr abranda
Qu'est' alma por ti sente,
Inda que na mór dôr por ti contente. 50

11. Fermosa Filis, ouve
Minha voz, e em teu nome ouvindo a apura;
Meu canto sempre louve
Teu nome e fermosura,
E não quero do Amor outra ventura! 55

235.

f. 197 r°.

Oda II.

1. Eu, Filis, não entendo
Este amor com que te amo;
Amar-te só pretendo,
A mim por ti desamo,
E cada vez em mais amor m'inflamo. 5

2. É sempre meu intento,
Filis, servir-te e amar-te,
Nunca outro pensamento
Tenho senão louvar-te,
Se soubera o louvor devido dar-te. 10

3. Falar em outra cousa
Não sei, Filis, nem quero,
Falando em ti repousa
O esprito e d'ele espero
f. 197 v°. Que sinta o que eu dizer ja desespero. 15

4. Para louvar-te falo,
Para louvar-te escrevo,
Para louvar-te calo
Quando a tanto m'atrevo,
Mas tudo a teus louvores, Filis, devo. 20

5. A tudo a vista escondo
Quando es, Filis, ausente;
Nem ouço, nem respondo
Senão de ti sómente
Que neste esprito estás sempre presente. 25

6. Nada que de ti diga
Me deixa satisfeito,
Nem sorte ha tam imiga
f. 198 r°. Que mude este meu peito,
Inda que a ti nunca é, Filis, aceito. 30

Impr. P. p. 221 (Oda XIV: A Filis). —

7. Amo-te, Filis, quanto
Póde minha vontade,
No intento do meu canto
Verás esta verdade
Que m'enche o esprito de suavidade. 35

8. Mas, quando, Filis, vejo
Tua grande fermosura,
Mais amar-te desejo,
Se póde ser mais pura
Est' alma em teu amor firme e segura. 40

9. Quando te vejo creo
Que nada, Filis, faço,
f. 198 vº. E co este duro enleo
A vida em dôr desfaço,
Mas se mouro d'amor, d'amor renaço. 45

10. Não queiras que julgado
Do que em ti ha me veja,
Porque a mais condenado
De ti, Filis, não seja:
A brandura, a vontade, aqui te reja! 50

236.

f. 199 rº.

Oda III.

1. Eu vejo o Amor armado
Não de ferro, nem fogo,
Nem d'arco, nem de setas;
Nem o vejo ajudado
De manhas, nem de rogo, 5
Nem d'invenções secretas;

Impr. P. p. 223 (Oda xv: A Filis). —

2. Não vence os fracos peitos,
Como antes costumava,
Com força e fortaleza;
Ja não lhe são aceitos 10
Os meos de que usava
Cheos de só crueza:

3. Em teus olhos o vejo,
Filis, sempre fermoso,
f. 199 v°. Armado fortemente; 15
D'ali vence o desejo,
E a alma deixa queixosa
E alegre juntamente.

4. Ali tem brandos raios
Com que com força branda 20
Os peitos vai entrando,
E mil doces desmaios
Ás almas co eles manda
O Amor aspero e brando.

5. Com tua fermosura 25
Nada ha que não abrande,
Nada que a si não renda;
Nessa tua brandura
f. 200 r°. Tem fortaleza grande
Com que os espritos prenda. 30

6. Os olhos d'ali fere,
Os peitos d'ali acende,
D'ali os entrega á morte;
Nem dá lugar que espere
Quem nos teus laços prende, 35
Têr nunca livre sorte.

7. Occasião nem tempo
Para vencer espera
Quem póde, Filis, vêr-te;

Var.: 32 D'alli os peitos accende. —

Comtigo em todo tempo 40
Vence, mas desespera
Poder nunca mover-te.

f. 200 v°. 8. Em ti não se varia
A fermosura e graça,
Sempre ũa nos pareces; 45
Não fica escuro o dia,
Inda que o sol não naça,
Filis, se tu apareces.

9. Pois á tua vontade
Nos prende Amor e deixa 50
Almas e pensamentos,
Mova-te ja a verdade
D'est' alma que se queixa
De teus esquecimentos!

237.

f. 201 r°.

Oda IV.

1. Bem nacidos espritos,
Ingenhos bem criados,
Das Musas fielmente bem guiados
Em prosa, em rima, em cantos e em escritos,
Se quereis vossos versos celebrados 5
Das mesmas Musas, se do mesmo Apolo,
E que d'este ó outro Polo
Com grande espanto e grande inveja sôem,
Sabei-lhes buscar azas com que vôem!

2. Se clara e imortal vida 10
Buscais, se ũa memoria
A quem seja do ceo justa vitoria

Impr. P. p. 210 (Oda x: Aos Bons Espritos). — *Var*.: 7 d'um a otro. —

Do tempo e esquecimento concedida,
Se um nome a que mil nomes cheos de gloria
f. 201 v°. Sejam devidamente atribuidos, 15
Em novo esprito erguidos
Cantai d'um nome e d'ũa fermosura
Que dar-vos poderão fama segura!

3. Eu digo ũa Francisca
Qual nunca o mundo teve, 20
Qu'inda que o que escrever d'ela s'atreve
A perigos grandissimos s'arrisca;
A suas grandezas com razão se deve
Que todo verso em seu nome cantado
Seja perpetuado, 25
E assi no mundo sempre se celebre
Que sua fama do tempo a força quebre.

4. Ũa Francisca digo,
f. 202 r°. Do sangue e nome raro
Dos clarissimos Reis d'Aragão claro, 30
A quem em tudo sempre onra consigo,
Cujo esprito (que sempre ó vivo faro
Que a grandezas o esprito que bem sente
Guia direitamente)
Almas enche d'amor, peitos d'espanto, 35
Linguas mudas de voz, vozes de canto.

5. S'o esprito vos inclina
A ser de vós cantada
Algũa fermosura desusada,
Em tudo rara, em tudo peregrina, 40
D'outro esprito nenhum foi celebrada
Outra tal fermosura inda tó 'gora;
f. 202 v°. Ano, mes, dia e ora
D'ela cantai, que d'ela cantareis
Com que antigos espritos vencereis! 45

6. O rosto onde está viva
Ũa encarnada neve

Que a vista mata e acende em espaço breve
E faz que Amor d'ali mate e ali viva,
Qu'ingenho póde aver que apos si leve, 50
Que voz que d'ele cante, ou mão que escreva
A que o mundo não deva
Onra e louvor, s'inda mais quer que a onra
D'escrever de quem tanto o mundo s'onra?

7. D'aquele fermoso ouro, 55
Ou solto ou recolhido,
f. 203 rº. De que o raio do sol fica vencido,
Da fermosura e Amor rico tesouro,
D'aqueles laços ond' está escondido
O Amor, e onde se mostra, e d'onde prende, 60
D'onde tant' alma pende:
Quem averá que (inda que indino) cante
Que seu nome no mundo não levante?

8. Aqueles raios claros
De seus olhos fermosos, 65
Que os ares tornam muito mais lustrosos
Quando de sua luz não são avaros,
Como não darão nomes mais famosos
Ós espritos, que coa Razão por guia
Cantarem noute e dia 70
f. 203 vº. Seus grandes e rarissimos louvores,
Que a quem cantar' de reis e imperadores?

9. Pois, no estremo que vemos
Que divide as fermosas
Duas estrelas e as purpureas rosas 75
Na maior perfeição que vêr podemos,
A cuja clara sombra as poderosas
Armas o duro Amor recolhe e esconde,
D'onde faz guerra e d'onde
Nega paz, terá certo todo esprito 80
Nome raro a seu canto e a seu escrito.

10. Em coral puro e fino
As perlas engastadas,
De robis fermosissimos cercadas
f. 204 rº. De que té 'gora foi o mundo indino, 85
Por onde ũas palavras saem formadas
A cujo som se vai o ar serenando,
Nele as Graças voando
Co Amor e cos Amores: Quem tal canta,
Se não co verso, co argumento espanta. 90

11. Rir-s' ia da fortuna
Quem ela tanto alçasse
Que em clara voz e em alto som cantasse
A fermosa e alvissima coluna,
(Ditoso canto que a este bem chegasse!) 95
Em que aquela cabeça se sustenta,
Onde se representa
A maior fermosura que ha na terra,
f. 204 vº. E mil dões que o ceo dentro nela encerra.

12. Quem cantará da graça 100
Que outras mil graças chove,
Quem de riso, com que almas abre e move,
Que tod' alma não vença e satisfaça?
Quem ha que o estilo (inda que baixo) prove
Em escrever o mais que se vê nela, 105
E quanto se crê d'ela,
Que não se lhe converta a pobre vea
Na rica d'Aganipe e sempre chea?

13. Se pede vosso intento,
Só esprito vos deseja 110
Cantar d'um claro esprito onde se veja
Rarissimo saber e entendimento,
f. 205 rº. Onde outro achar podeis que tanta inveja
Possa fazer a todos, nem que possa
Nomes e fama vossa 115
Tanto ilustrar, e voar do Tejo ó Nilo
Se a seus louvores levantais o estilo?

14. A sua prudencia vede,
Que onrará vossos cantos!
Ouvi o que diz, vede o que faz, e quantos 120
Bens podeis cuidar d'ela todos crede!
Mas muitos mais crede inda, porque tantos
Bens nunca cuidareis quantos o ceo
Em su' alma recolheo,
De que a tem rica e satisfeita assi 125
Que póde contentar-se só de si!

f. 205 v°. 15. Quem cantar não espera
Da brandura tam grave,
Do prudente concerto e tam suave,
Com que tudo o que faz assi tempera 130
Que não avendo esprito a quem agrave
Não ha nenhum que deva contentar-se,
Nem possa gloriar-se?
Não perca o raro ingenho tal empresa,
Pois do Amor nem da Musa lhé defesa. 135

16. Se cantar desejais
D'um valor alto e grande
Que todo peito mova e todo abrande
Aprontamente ouvir o que cantais,
O esprito ja buscando mais não ande 140
f. 206 r°. Onde o saber e ingenho o estilo empregue;
Aqui nunca se negue,
Que aqui achareis valor e magestade
Que dará a vosso verso autoridade.

17. Aqui ũa confiança 145
D'esprito generoso,
Um animo real e valeroso,
Ũa onra, um preço, um ser que não s'alcança;
Mas não é á brandura isto danoso,
Nem a brandura á autoridade dana: 150
Voz e arte mais que umana
Convem para poder subir tam alto,
Mas cad' um como póde de seu salto.

18. Se Amor e seus costumes,
f. 206 v°. Se suas fortalezas, 155
Seus odios, suas branduras, suas durezas,
Seus cuidados, seus rogos, seus queixumes,
Seus descuidos, seus danos, suas tristezas
Quereis cantar, e o mais que co Amor anda,
O mesmo Amor vos manda 160
Largo argumento neste só sugeito
A quem o mesmo Amor sempr' é sugeito:

19. Vereis aqui sugeitas
Mil e mil liberdades,
E a ũa só vontade mil vontades 165
Oferecidas sempre e nunca aceitas;
Aqui vereis mal cridas mil verdades
Que Amor, inda que as veja, as não conhece;
f. 207 r°. Vereis que aqui oferece
O Amor mil corações, e aqui os despreza, 170
D'aqui vence, e aqui ser vencido preza.

20. Amor d'ũa parte duro
Vereis ir-se escondendo,
D'outra brando, e estar a alma a amar movendo
Mais que a si quem lhe tem claro odio e puro; 175
Vereis ũa vez a voz ir-se perdendo,
Soltar-se outra em queixume, outra em vão rogo,
Ora em agua, ora em fogo
Gastar-se a vista e o peito, e a tanto dano
Inda negar o Amor um leve engano. 180

21. Se a guerras, se a vitorias
Quer o esprito inclinar-vos,
f. 207 v°. Em quais nunca podeis melhor mostrar-vos
Que possam mais ornar vossas memorias,
Nestas que sobre vós podem alçar-vos 185
Achareis maravilhas nunca ouvidas;
Deixai como esquecidas
Duras armas e guerras a ũa parte,
Que o brando Amor mais val que o duro Marte!

22. Anda a alma aqui em perigos, 190
Lá o corpo só se mata;
Como imigo a quem ama ca se trata,
Lá s'ofendem com odio só os imigos;
Tudo aqui vence Amor e desbarata,
Nuns olhos se faz forte e neles s'arma, 195
D'ali sempre desarma
f. 208 rº. Mil fogos e mil setas e mil tiros,
E arder faz tudo em choros e em suspiros.

23. Tudo aqui são receos
De mil contrarias sortes, 200
Tudo roubos e incendios, tudo mortes,
Vitorias e triunfos e trofeos.
Não ha onde fazer contra Amor fortes,
Que com cad' um dentro no peito vai;
Das almas nunca sai, 205
Que por tal fermosura Amor não deixa
A alma ond' está sem morte ou grave queixa.

24. A quanto desejardes
Tereis aqui argumentos,
Quando a grandezas e altos fundamentos 210
f. 208 vº. Vossos claros espritos levantardes;
O vosso canto e verso e entendimentos
A est' alta fermosura oferecei,
Qu'eu canto e cantarei!
E este bem seus louvores vos darão, 215
Que com seu nome os vossos se lerão.

238.

f. 209r°.

Oda V.

1. Naçam ingenhos para teus louvores,
Que em ti tam grandes vemos
Que deixam muito atras inda os maiores;
Se tanto cometemos,
Que não basta, entendemos 5
A tanta fermosura e a tal esprito
Usado canto nem usado escrito.

2. Se quero começar por este estremo,
Vejo um, vejo outro e cento,
Vejo mil, vejo mais, e ant' eles tremo; 10
Vejo o merecimento
Mór que o entendimento
De que nisto esperar guia pudera,
Se mais a ti o ceo qu'a ele não dera.

f. 209v°. 3. Fico, Filis, assi nisto confuso: 15
Vejo-te, não t'entendo,
A ti mesmo dou culpa, a mim m'escuso,
Que do que em ti estou vendo
Me nace estar temendo
Cantar de ti com medo d'ofender-te; 20
Canta-te tu, que sabes entender-te.

4. De ti mesma devias ser cantada;
Teus louvores ensina
A quem de ti não sabe dizer nada;
Tu de louvar es dina 25
A tua peregrina
Fermosura, a que nada, Filis, falta,
Que para nós estás, Filis, mui alta.

Impr. P. p. 218 (Oda XII: A Filis). —

f. 210r°. 5. Mas eu que esperar posso se te canto,
Se ó que em ti, Filis, vejo 30
Inda não sei bem dar devido espanto?
Mas d'este justo pejo
Me salvará o desejo
Que tenho de cantar-te toda a vida,
Obrigação de todos bem devida. 35

6. Mas para teus louvores o ceo crie
Ingenhos desusados
De que, Filis, teu canto se confie.
Nós em vêr-te ocupados
Sobre nós levantados, 40
Louvaremos o ceo pois que chegamos
A vêr o que no mundo não cuidamos.

EGLOGAS.

239.

Egloga I.

f. 211 rº.

Androgeo.

Por Filis arde Androgeo em vivo fogo,
(Filis só de si mesma satisfeita)
Queixume não lhe val, nem lhe val rogo.

Muitas vezes (mas nada lh'aproveita)
Entr' as arvores só se recolhia 5
Onde a vida em chorar lh'era desfeita;

D'ali de quando em quando a voz erguia
O triste, e em vão ó vento, em vao ós montes
Com suspiros e lagrimas dizia:

f. 211 vº.

„Filis, para mim dura, não te afrontes 10
D'ouvir meus rudes versos, nem t'escondas
A meus olhos por ti tornados fontes.

Filis, a meu amor mal não respondas,
Que primeiro que deixe assi d'amar-te
Sem luz verás o fogo, o mar sem ondas. 15

Se um pouco ja quiseras abrandar-te,
E a mim volver teus olhos piadosos,
Viras que só sei sempre em vão chamar-te;

Viras que por teus olhos mais fermosos,
Que quantos vê o povoado e a serra, 20
Arde este peito em fogos amorosos.

Impr. P. p. 19 (Egloga IV). — *Var.*: 14 que eu d. — 18 Verás — 19 Verás. —

Por eles, Filis, em continua guerra
Ando triste, ora os veja, ora os não veja,
f. 212 rº. Neles meu mal, neles meu bem s'encerra.

Em quanto sem ti vejo se me peja 25
A vista, que eu em vão, Filis, derramo
Sem vêr o bem que mais a alma deseja.

Teu brando nome sempre a alta voz chamo
Por estes vales, e Eco só responde
Repetindo-me o nome que eu mais amo. 30

Acudo áquele voz, mas não vejo onde
Soa teu nome, sempre o bem sómente
Ouço, mas sempre ós olhos se m'esconde.

Como tua brandura assi consente
Que seja de ti, Filis, desprezado 35
Quem por ti todo mal sofre contente?

Vem ja vêr, Filis, o fermoso prado!
f. 212 vº. Vem ja vêr, Filis, a fermosa fonte
Onde teu nome, Filis, é cantado!

Não ha aqui quem não cante, e quem não conte 40
Da grandissima tua fermosura
Qu'enche de graça o bosque, o vale e o monte.

Vem com teus olhos dar nova frescura
A tudo o que sem ti seco parece!
Vem ja dar cheiro á flor, graça á verdura! 45

Aqui comtigo, Filis, aparece
O sol mais claro e puro, aqui comtigo
O campo com mais graça reverdece.

E quando aqui é o tempo duro e imigo,
Comtigo fica facil, fica brando 50
Comtigo sem receo o mór perigo.

f. 213 rº. Vê qual por ti, fermosa Filis, ando
Perdido ora no monte, ora no vale,
Cos olhos a ti só sempre buscando.

Nada ha que a meus queixumes não se abale, 55
Ninguem que em meus suspiros não se doa,
Ninguem que em meu amor sempre não fale.

Nestes vales e bosques sempre sôa
Este amor, esta dôr e esta verdade,
E d'aqui a tod' outra parte vôa. 60

E tu, Filis, tens inda essa vontade
Tam dura para mim que ja parece
Naturalmente imiga de piedade!

S'este meu amor tanto t'avorrece
Que assi deixas por mim secar os prados, 65
f. 213 vº. Que fazes a quem odio te merece?

As Ninfas d'estes bosques apartados
Te desejam e esperam coas mãos cheas
De dões a ti só, Filis, dedicados.

Para ti mais copiosas suas veas 70
Soltam as claras fontes e os ribeiros,
Mas tu lá só comtigo te recreas.

Para ti os frescos vales e os outeiros
Se vão cubrindo de mil varias flores,
Mas tu em ti só tens gostos verdadeiros. 75

Para ti cantam sempre mil pastores
Em amor apurando a voz e a cana,
Mas tu tens só comtigo teus amores.

Olha, Filis, que Amor nunca s'engana!
f. 214 rº. Se se vê desprezado ás vezes s'ira, 80
E a quem assi o despreza ofende e dana.

---

52 Ve que. —

Amor é o que em mim chora e em mim suspira!
Amor é o que em mim canta e o que em mim fala!
Amor que me não deixa usar mentira!

Amor é o que em mim cuida, e o que em mim cala, 85
E o que sempre em mi faz tudo o que faço,
E o meu amor de todos desiguala!

Em nada sem te vêr me satisfaço,
E o peito e olhos quando te não vejo
Em suspiros e lagrimas desfaço. 90

A nada sem te vêr movo o desejo
Senão, fermosa Filis, a só vêr-te,
Que por teus olhos sós sempre me rejo.

f. 214 vº. Ja me tentou a dôr a não querer-te,
E me dizia por me vêr vencido 95
Que quiça poderia assi aprazer-te.

Mas nunca o meu amor será ofendido,
Filis, d'algũa falta, a ti só quero,
Seja embora de ti sempre esquecido.

Se brandura a meu mal em ti não 'spero, 100
Se de piedade em ti não faço conta,
Com vêr que é tua vontade a dôr tempero,
Que ja 'gora outro amor me será afronta."

240.

f. 215 rº.

Egloga II.

Filis.

Serrano. Androgeo. Pierio.

Serrano.

Acaso dous pastores se juntaram,
Quando mais seu ardor o sol mostrava,
N'ũa sombra onde o gado refrescaram.

Um Pierio, outro Androgeo se chamava:
Por Filis este em vivo fogo ardia, 5
De Filis todo tempo o outro cantava.

O mal Androgeo chora noute e dia
Que lhe a vida por Filis tem gastada,
E o descuido que nela d'ele avia.

f. 215 vº. De Pierio sempre era só cantada 10
A mesma Filis cuja fermosura
De ninguem póde ser assáz louvada.

Eu que d'ũa grave pena, aspera e dura
Por ũa e outra parte era levado,
Trazido pera ali fui da ventura. 15

D'eles fui visto, d'eles fui chamado:
Se podes (dizem) repousar, Serrano,
Aqui estarás quieto e repousado.

E aqui (se póde ser) ao grande dano
Qu'inquieto te traz, farás, amigo, 20
Com teus amigos algum leve engano.

Impr. P. p. 3 (Egloga I). —

Aqui acharás á calma doce abrigo,
Se abrigo póde achar em algũa cousa
f. 216 rº. Quem traz a vida em dôr, a alma em perigo. —

Eu, inda que meu mal buscar não ousa 25
Alivio, ali com eles me detive,
Mas ah que em nada a grande dôr repousa!

Quem sómente á vontade alhea vive,
Nunca da sua tem um só momento;
Assi eu té 'qui da minha nunca o tive. 30

Achei-os ambos, e cad' um atento
Em Filis que mil vezes nomeavam
Ó som d'um pastoril doce instrumento.

Docemente alternados o tocavam,
E áquele som suave docemente 35
Alternados de Filis só cantavam,

E do que ouvi me lembra isto sómente:

f. 216 vº. Androgeo.

Asperissima Filis a meus danos,
De que eu por aprazer-te mais desejo,
Não sei s'isto é verdade ou são enganos: 40
Ouço dizer que es branda, não o vejo!
Acrecenta-me, Filis, a tristeza
Mudares para mim tua natureza.

Pierio.

Fermosissima Filis, s'eu tivera
Do gram Titiro a frauta, a voz e o canto, 45
A frauta, a voz e o canto a ti só dera
Co mesmo amor com que ora a ti só canto.
Mas isto, Filis, é pura verdade
Que muito mais te dá minha vontade.

f. 217rº. **Androgeo.**

Amo-te, Filis, quanto amar-te posso, 50
Vejo que quanto podes te avorreço;
Escondido lá tens o lume nosso,
Sem ele nem me vejo nem conheço.
Deixa-te, Filis, vêr; ah! não t'escondas
Só porque mal a meu amor respondas! 55

Pierio.

Canto-te, Filis, quanto sei cantar-te,
Sempre a teu canto dou tudo o que entendo,
A meus versos não busco estilo ou arte
Pois nunca hão de chegar ó que pretendo.
D'isto ha, Filis, em mim continua queixa, 60
Mas assi como sei, cantar-te deixa.

f. 217vº. **Androgeo.**

Inda, Filis, que n'alma com que te amo,
Sempre te tenho, se não posso vêr-te,
Dos olhos tristes lagrimas derramo
Que a abrandar-te não bastam nem mover-te; 65
Mas se a lagrimas, Filis, não te abrandas,
Não tens as condições (como ouço) brandas.

Pierio.

Inda, Filis, que sempre a alma te canta,
Se á voz teu canto ás vezes se m'estrova,
Se cobre o esprito de tristeza tanta 70
Que s'enche d'ũa dôr aspera e nova;
E não se gasta, Filis, esta pena
Té que outra vez ó canto a voz se ordena.

f. 218rº. **Androgeo.**

Todo um ano não é, Filis, tam grande
Quanto a mim sem te vêr um breve espaço; 75
Nem ha quem minha grave dôr m'abrande

Sem a vista em que só me satisfaço.
Dão teus olhos á pena, Filis, termo,
Sem eles quanto vejo é escuro e ermo.

Pierio.

Não é, Filis, tam grande ũa triste vida 80
Quanto a mim sem cantar-te um 'spaço breve;
De mim só a voz que de ti canta é ouvida,
Só cantado de mim quem de ti escreve;
Enche teu nome, Filis, meus ouvidos,
Tenho todos os outros esquecidos. 85

f. 218 vº. Androgeo.

Filis, não é tam aspero e tam duro
O bravo Boreas na maior tormenta,
Nem é o triste inverno tam escuro
Quando a sua mór furia representa,
Quanto a mim, Filis, é danoso e forte 90
Vêr de ti desprezada minha sorte.

Pierio.

Filis, não é tam doce nem tam brando
Zéfiro quando mais brando o sintimos,
Nem tam alegre e claro o verão quando
Mais fermoso e mais claro e alegre o vimos, 95
Quanto, Filis, a todo peso grave
Tua branda voz sempr' é doce e suave.

f. 219 rº. Androgeo.

Minha tristeza, Filis, grave seja
Quando não vejo os teus olhos fermosos,
Outra vez em alegria nova veja 100
Os meus do que em ti viam saudosos:
A dôr com eles, Filis, se desterra,
E sem eles a paz se muda em guerra.

Pierio.

De flores seja o campo, Filis, cheo,
De côres ria o bosque, o prado e o vale, 105
Meta-se o duro tempo logo em meo,
Tudo seque, destrua, mova e abale:
Se te vas, Filis, flor e côr perece,
Se tornas, logo tudo reverdece.

f. 219 v°. Androgeo.

Por mil arvores vou, Filis fermosa, 110
Cortando quanto te amo e me desamas;
Vêr-s' ha nelas a pena rigurosa
Qu'este peito m'acende em vivas chamas,
Porque, quando a voz, Filis, me faleça,
Nelas este amor e odio se conheça. 115

Pierio.

Por mil arvores, Filis, o teu nome
Tenho (como em meu peito está) esculpido,
Nelas digo que não ha quem assome
Ó louvor que de todos te é devido,
Porque, quando eu cantar-te ja não possa, 120
De mim s'ouça inda o bem da idade nossa.

f. 220 r°. Serrano.

Estes versos ali foram cantados;
Não cuidei que em tal parte tal ouvisse.
Vendo os ambos em Filis transformados,
Com desejo e amor e dôr lhes disse: 125
„Crea Filis, Androgeo, teus amores!
De tua voz ouça, Pierio, seus louvores!"

---

111 Contando. —

CANTIGAS. VILANCETES. GLOSAS.
ENDECHAS.

241.

Cantiga XIX.

f. 221 r°. **A esta Cantiga velha:**

1. *Para que me dan tormento*
Aprovechando tan poco,
Perdido, mas no tan loco
Que descubra lo que siento?

2. El alma de miedos llena 5
Toma por buena disculpa
Sufrir antes tanta pena
Que caer en tanta culpa.
Puede crecer el tormento,
Que aun quanto sufro es poco, 10
Y sufriré como loco
f. 221 v°. Pues que como loco siento.

3. Mas la fuerça del dolor
Temo que me dé osadia
Para mostrar un amor 15
Que ha vencido el alma mia.
Mucho puede un gran tormento,
Y este no puede tan poco
Que no me haga como a loco
Dezir todo lo que siento. 20

Cod. Lisb. f. 109r°. — *Var.*: 10 sofro — 19 como loco. —

242.

Cantiga XX.

f. 222 r°. A ESTA CANTIGA VELHA:

1. *Todo me cansa y me pena,*
No sé que remedio escoja:
Que si la vida me enoja,
La muerte tan poco es buena.

2. No ay cosa que no me pene, 5
Ni bien ni mal me segura:
El bien, porque ya no viene,
Y el mal, porque tanto dura.
El remedio d'esta pena
Espero qu'el tiempo escoja, 10
Mas la esperança me enoja
f. 222 v°. Porque es de recelos llena.

3. El tiempo passa bolando,
No sé como ya no llega;
Triste, assi me voi cansando 15
Tras una esperança ciega!
Vida de cuidados llena
A que todo cansa y enoja,
Que reposo avrá que escoja
Si la muerte no le es buena? 20

Cod. Lisb. f. 110r°. —

243.

Cantiga XXI.

f. 223 r°. A ESTA CANTIGA VELHA:

1. *Veante mis ojos,*
Y muerame yo luego,
Dulce amor mio
Y lo que yo más quiero!

2. Aunque verte temo, 5
Muero por mirarte:
Todo en ti es estremo,
Todo en mi es amarte.
Sin saber dessearte
De desseos muero, 10
Dulce amor mio
f. 223 v°. Y lo que yo más quiero!

3. Quando veo tus ojos
Siento en mi otra suerte,
Blandos mis enojos 15
Y dulce mi muerte.
Ya no puedo verte
Yotro bien no espero,
Dulce amor mio
Y lo que yo mas quiero! 20

Cod. Lisb. f. 111 r°. —

244.

Vilancete XVII.

f. 224 r°. A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Veo que todos se quexan,*
Yo callando moriré.

2. De mis tristezas y enojos
Devo con razon quexarme,
Mas en viendo vuestros ojos, 5
Lo que más devo es callarme.
Diviera esto remediarme,
Mas en vano lo esperé,
Y en vano me callaré.

3. Quiçá que una quexa o ruego 10
f. 224 v°. Me fuera remedio bueno,
Mas aun las palabras niego
Al pecho de quexas lleno.
Callome con lo que peno,
Sientolo y no lo diré, 15
Mas poco aprovecharé.

Cod. Lisb. f. 111 v°. — *Var.*: 10 ronego. —

245.

Vilancete XVIII.

A ESTE VILANCETE DE BADAJOZ:

1. *Más deveis a quien vos sirve*
Sin esperança ninguna,
Que a quien sirve con alguna.

2. Serviros sin esperança
f. 225 r°. Es gran señal d'entenderos: 5
Más merece, pues alcança
Que no ay poder mereceros.
Al que llega solo a veros
No avrá esperança ninguna
Que no le sea importuna. 10

3. El que os ve, y de más s'acuerda
Y más que veros espera,
No es poca razon que pierda
Quanto merecer pudiera.
Señora, si siempre os viera, 15
No viera esperança alguna
Que no uviera por ninguna.

Cod. Lisb. f. 112 v°. —

246.

Vilancete XIX.

f. 225 v°. A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Señora, que no mirais,*
Que si penas tengo
Vos me las dais.

2. Quanto sufro y quanto siento
Escrito traigo en mis ojos, 5
Mil cuidados, mil enojos,
Y nunca un contentamiento.
Vase como niebla al viento
La vida, y vos lo causais,
Señora, y no lo mirais. 10

f. 226 r°. 3. Yo bivo de mi cuidado
Y muero de vuestro olvido,
Quanto por uno é ganado
Tanto por otro é perdido.
Ando como sin sentido, 15
Ciego y loco, y no mirais
Que sola vos lo causais.

Cod. Lisb. f. 113 r°. — *Var.*: 2 tiengo. —

247.

Vilancete XX.

A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Tangovos yo, mi pandero,*
Tangovos y pienso en al.

2. No es del' alma esta alegria,
f. 226 v°. Toda es vana, toda es viento,
Del' alma es un pensamiento 5
Que la occupa noche y dia.

De fuera el plazer porfia,
De dentro porfia el mal,
Tangovos, mas pienso en al.

3. No bastan estos engaños 10
Aunque al parecer son buenos,
Qu'estan los cuidados llenos
De mis tristezas y daños.
Assi se me van los años:
Si tango, pienso en mi mal, 15
Si lloro, no pienso en al.

Cod. Lisb. f. 113 v°. —

248.

Vilancete XXI.

f. 227 r°. A ESTE VILANCETE VELHO:

1. *Ay que biviendo no bivo,*
Ay que no muero muriendo,
Ay de mi que no m'entiendo!

2. En mi la vida no es vida,
En mi la muerte no es muerte, 5
Tengo una assi más perdida,
Y siento otra assi más fuerte.
En esta dudosa suerte
Ni d'una ni d'otra entiendo:
Si bivo, o si estoy muriendo. 10

f. 227 v°. 3. Y aunque todos esto ven,
En esto solo estoy cierto:
Que ni bivo para el bien,
Ni para el mal estoy muerto.
Ando en muerte, y veo al puerto 15
Ado la vida estoy viendo,
Mas todo m'está fuyendo.

Cod. Lisb. f. 166 v°. — *Var.*: 15 el p. —

249.

Vilancete XXII.

A ESTE VILANCETE VELHO:

1. *Ya nunca veran mis ojos*
Cosa que les dé plazer
Hasta tornaros a ver.

f. 228 r°. 2. De sus lloros agraviado
Voy siguiendo este dolor, 5
Nunca olvidado d'amor
Y siempre de mi olvidado.
Bien se ve que os hé mirado,
Y que estoy lexos de os ver
Pues nada me da plazer. 10

3. En sentimiento tan fuerte
Perder la alegria es poco,
Devese llegar a loco
O a lo menos a la muerte.
Qualquiera es devida suerte 15
Aunque mucho de temer
f. 228 v°. Pues no sentirá no os ver.

4. Bivo en esta desventura
Para más mi desconsuelo
Entre esperança y recelo 20
Dudoso de mi ventura.
Quien viesse vuestra hermosura
Para acabar de perder
Temores, o más temer!

Cod. Lisb. f. 117 v°. —

250.

Vilancete XXIII.

A ESTE VILANCETE VELHO:

1. *Contarte quiero mis males,*
Pastorcico, en buena fé,
f. 229 rº. *Dime tu lo que haré?*

2. Mas desvario parece
Pensar que podré contal-los, 5
Porque tan solo en pensal-los
El sentido me fallece.
La vida se me amortece,
Mas ellos nunca a mi fé,
Dime tu lo que haré? 10

3. Esperança es vana y ciega
Esperar de ti algun medio,
Pues tan solo es mi remedio
Como es sola quien lo niega.
f. 229 vº. Todo me desassossiega, 15
No me vale amor ni fé,
Y muero y no sé el porqué.

4. Bien siento yo por quien muero,
Mas el porqué no lo siento;
Y es de suerte mi tormento 20
Que quanto es más, más espero.
Si consejo de ti quiero
No es como le perderé,
Mas como le sufriré.

Cod. Lisb. f. 118 vº. —

251.

Cantiga XXII.

f. 230 r°. A ESTA CANTIGA VELHA:

1. *Ay de mi,*
Que muero despues que os vi!
Ay de vos,
Que dareis la cuenta a Dios!

2. Por vos peno, y por vos muero, 5
Por vos de mi no me acuerdo;
No sé si soy loco o cuerdo,
Mas solo siento que os quiero.
Todo en mi
Es amor despues que os vi; 10
Ay de vos,
f. 230 v°. Que dareis gran cuenta a Dios!

3. Lo que causa mi tristeza
No es solo mi sentimiento,
Mas poderse en lo que siento 15
Dar culpa a vuestra dureza.
Ay de mi,
Pues para este mal os vi!
Ay de vos,
Que cuenta dareis a Dios? 20

Cod. Lisb. f. 120 r°. —

252.

Cantiga XXIII.

A ESTA CANTIGA VELHA:

1. *Quierese morir Anton*
f. 231 r°. *D'amores de Mirabella,*
Diz qu'es mal de coraçon,
Mas, en fin, el mal es d'ella.

2. D'ella le nace un cuidado 5
De que se muere el perdido,
Tan tomado del olvido
Que anda de todo olvidado.
Assi pena y muere Anton,
No lo siente Mirabella, 10
Quéxase el del coraçon,
Quéxase el coraçon d'ella.

3. Por la mayor hermosura
f. 231 vº. Qu'el mundo tiene se muere,
Ni espera de lo que quiere 15
Sino la muerte o locura.
No ay amor como el d'Anton
Ni otra como Mirabella
A quien deva el coraçon
Morir sin quexarse d'ella. 20

Cod. Lisb. f. 121 vº. —

253.

Vilancete XXIV.

A ESTE CANTAR VELHO:

1. *No estoy en mi si estoy sin ti,*
Ni bivo desque te vi.

2. Sin verte ya desespero
f. 232 rº. De plazer y de reposo,
Y mientras por ti no muero 5
Biviré de mi quexoso.
Siempre de ti desseoso
Yaborrecido de mi
Ando yo desque te vi.

3. El tiempo que no te veo 10
De mi mismo ando perdido,

Tan loco tras mi desseo
Que por el de mi me olvido.
L'alma, la vida, el sentido
Todo fuye para ti, 15
Yo sin ti quedo y sin mi.

Cod. Lisb. f. 122 r°. —

254.

f. 232 v°. CANTIGA VELHA.

1. *Todo me cansa y me pena,*
No sé que remedio escoja:
Que si la vida me enoja,
La muerte tan poco es buena.

2. OUTRA CANTIGA VELHA.

Donde estás que no te veo? 5
Qu'es de ti, esperança mia?
A mi que verte desseo
Mil años se me haze un dia.

f. 233 r°. Grosa III a estas duas Cantigas.

3. *Todo me cansa y me pena*
Despues que dexé de verte, 10
La vida tengo por muerte,
De tristeza el alma llena.
Todo en mi es devaneo,
Mas es toda mi locura
Dezir: Oh! estraña hermosura, 15
Donde estás que no te veo?

4. *No sé que remedio escoja*
A tristeza tan pesada:
Si la muerte que me agrada,
f. 233 v°. Si la vida que me enoja. 20

Ando assi la noche y dia
Entr' estas dudas malsano,
Gritando, señora, en vano:
Qu'es de ti, esperança mia?

5. *Que si la vida me enoja* 25
Y en esto te satisfaze:
Reposo que no te aplaze,
Que seso avra que lo escoja?
Todo quanto temo veo
Y aun más de lo que recelo, 30
Porque todo es desconsuelo
A mi que verte desseo.

f. 234 rº. 6. *La muerte tan poco es buena,*
Señora, como la vida,
Si d'ellas no eres servida, 35
Y una y otra es daño y pena.
Mas si te viesse, seria
Todo mi mal buena andança,
Mas ay que en esta esperança
Mil años se me haze un dia! 40

Cod. Lisb. f. 122 vº. —

255.

Endechas I.

1. A mi vida llena
D'enojos, enojos,
f. 234 vº. Ojos dieron pena,
Muerte daran ojos.

2. Dieronme cuidados, 5
Engaños, engaños,
Daños no pensados,
Nunca vistos daños.

3. Duras ansias mias,
Tristes cuentos, cuentos, 10
Tormentos los dias,
Las noches tormentos.

4. Nunca al dolor mio
f. 235r°. Valió ruego, ruego,
Ciego que me guio 15
Por solo otro ciego.

5. Vaseme la vida
Bolando, bolando,
Llegando a perdida
Mas nunca llegando. 20

6. Oh si ya llegasse
La mi muerte, muerte,
Suerte que acabasse
Mi tan dura suerte!

Cod. Lisb. f. 124v°. —

256.

Vilancete XXV.

f. 235 v°. A este Vilancete velho:

1. *Passesme por Dios, barquero,*
D'essotras partes del rio,
Duelete del dolor mio!

2. Detienesme con engaños,
No los sufre mi firmeza: 5
Yo solo pago los daños
De tu tardança y pereza.
Quanto aqui veo es tristeza,
Quanto pienso es desvario;
Muevate ya el dolor mio! 10

f. 236 r°. 3. No esperaras tanto ruego
Si sintieras mis enojos,
El pecho está buelto en fuego
Y en bivo llanto los ojos.
Veo por ciegos antojos, 15
Y es todo el mundo este rio
Entre mi y el amor mio.

Cod. Lisb. f. 127 v°. —

257.

Cantiga XXIV.

A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Quien con veros pena y muere,*
Que hará quando no os viere?

2. Ya que muere por quereros,
f. 236 v°. Y en morir ha d'aplazeros,
Más quiero morir con veros, 5
Porque assi, aunque se muere,
Es viendo lo que más quiere.

3. Por un' ora que no os mira
Dias y noches suspira,
Contra si está lleno d'ira 10
Porque luego no se muere
Pues no ve el bien que más quiere.

4. Quanto siente es yelo y fuego,
Tristeza y desassossiego,
Vana quexa y vano ruego, 15
f. 237 r°. Mas siempre igualmente os quiere,
Aunque siempre pena y muere.

Cod. Lisb. f. 128 r°. —

258.

Cantiga XXV.

A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Los ojos que matan a mi,*
Dias ha que los no vi!

2. L'alma triste y ojos ciegos
Siempre en mil desassossiegos,
Siempre ardiendo en bivos fuegos 5
Estan despues que no vi
Los ojos que matan a mi.

f. 237 v°. 3. Yo triste, ciego y lloroso,
Perdido todo el reposo,
Pensar en ellos no oso 10
Porque no me muera assi
Sin ver los ojos que vi.

4. Mil vezes de sentimiento
Tan lleno estoy que no siento
Si estoy triste, si contento: 15
Que todo está muerto en mi
Del dia que no los vi.

Cod. Lisb. f. 130r°. —

259.

Vilancete XXVI.

f. 238 r°. A ESTE VILANCETE ALHEO:

1. *No quisieron mis enojos*
Que perdiesse yo la vida
Porque fuesse más perdida.

2. Tales mis enojos son,
Tales en ellos mi suerte: 5
Que no puedo hallar razon
Que con ellos me concierte.
Teniendo vida en la muerte,
Me dan la muerte en la vida
Porque sea más perdida. 10

Cod. Lisb. f. 167 rº: A este Vilancete de Manoel Tellez. —

260.

Cantiga XXVI.

f. 238 vº. A ESTA CANTIGA ALHEA:

1. *Es tan grave mi tormento,*
Que si d'el quiero quexarme
Hallo qu'es mejor callarme
Por no danar lo que siento.

2. No piensen qu'es esto mengua 5
De quexas ni de razon,
Es mal que turba la lengua
Y enflaquece el coraçon.
Llega a tanto este tormento
Qu'el remedio de quexarme 10
Lo dexo por no dañarme
f. 239 rº. Ni dañar a lo que siento.

3. Aunque quexarme no quiero
No quedo de mi engañado,
Porqu' el dolor de que muero 15
Mejor se muestra callado.
Que tan grande sentimiento
No da lugar a quexarme,
Pues que no puedo igualarme
Con quexas a lo que siento. 20

Cod. Lisb. f. 134 vº: A esta Cantiga de Dom Lopo d'Almeida. —

261.

Vilancete XXVII.

A este Vilancete velho:

1. *Los cabellos de mi amiga*
f. 239 v°. *D'oro son,*
Para mi lançadas son.

2. No sin razon en este oro
Tras que siempre devaneo, 5
Tiene el amor su tesoro
Y tengo yo mi desseo.
Muero porque no los veo,
Aunque son
Lançadas al coraçon. 10

3. Quitan la vista a los ojos
Y vencen el pensamiento,
De cad' uno mil enojos
f. 240 r°. Me nacen cada momento.
Son quexas al sentimiento, 15
Y con razon
Para mi lançadas son.

Cod. Lisb. f. 135 r°. — *Var.*: 8 quando. —

262.

Esparsa de Garcisanchez de Badajoz.

1. *El grave dolor estraño*
Que vuessa merced sintió,
Aunque en su cuerpo dolió,
En mi alma hizo el daño.
Y segun fué su graveza, 5
Aunque sana os torne a ver,
f. 240 v°. *Ya no llegará el plazer*
Adó llegó la tristeza.

Grosa IV.

2. *El grave dolor estraño*
Qu'en mi alma hizo assiento, 10
No basta ningun engaño
Para dexarme un momento.
Con razon lo sufro yo,
Aunque lo sufro peor,
Pues me nace del dolor 15
Que vuessa merced sintió.

f. 241 rº. 3. *Aunque en su cuerpo dolió,*
Puedolo affirmar assi
Qu'el Amor no lo causó
Sino por danarme a mi. 20
Supo cierto el desengaño
Que vida en mi no tenia,
Y en lo que yo más temia,
En mi alma hizo el daño.

4. *Y segun fué su graveza* 25
Nel mal con que me ha dañado,
Jamás usó de crueza
Que a tanto oviesse llegado.
La vida pensé perder,
f. 241 vº. Y el bien que d'ello esperé, 30
Señora, no lo veré
Aunque sana os torne a ver.

5. *Ya no llegará el plazer*
De verme por vos morir
Al gran dolor de poder 35
Con vuestro dolor bivir.
Consuelame en la grandeza
De mi pena mal creida
Ver que no dura una vida
Adó llegó la tristeza. 40

Cod. Lisb. f. 136rº. —

263.

Cantiga XXVII.

f. 242 rº. A esta Cantiga alhea:

1. *Pastores, herido vengo*
D'un mal que no tiene cura,
Puedelo sanar ventura
Y no la tengo!

2. Ya que me falta remedio 5
Para el mal en que me veo,
Tomara ya por buen medio
Faltar tambien el desseo.
Mas dióme el mal con que vengo
Para tristeza más dura 10
Desseo de la ventura
f. 242 vº. Que no tengo.

3. Faltara el medio a mi daño,
Mas nunca yo lo supiera;
Llevarame d'año en año, 15
Y esperandolo muriera.
El gran dolor con que vengo
Sin esperança de cura
M'acrecienta la ventura
Que no tengo. 20

Cod. Lisb. f. 140 rº. —

264.

Cantiga velha.

1. *Justa fué mi perdicion!*
f. 243 rº. *De mis males soy contento,*
Ya no espero galardon,
Que vuestro merecimiento
Satisfizo mi passion. 5

2. *Es vitoria conocida*
Quien de vos queda vencido,
Qu'en perder por vos la vida
Es ganado el qu'es perdido!
Pues lo consiente razon, 10
Consiento mi perdimiento
Sin esperar galardon,
Que vuestro merecimiento
Satisfixo mi passion.

f. 243 v°.

Grosa V.

3. La tristeza y el dolor 15
En que mil vezes me veo,
Con mi cuidado y desseo
Quieren contra mi amor
Que niegue yo lo que creo.
Mas contra esta tentacion 20
Que a mi y al' alma fatiga,
Luego acude la razon
Y haze que contento diga:
Justa fué mi perdicion!

4. Con conocer claramente 25
f. 244 r°. Esta verdad que confiesso,
Huye del' alma el aviesso
Qu'el dolor impaciente
Quiere dexar nella impresso.
Con este contentamiento, 30
Que quita toda esta pena,
Por mostrar más lo que siento
Mil vezes digo a voz llena:
De mis males soy contento.

5. Mas no es mucho contentarme 35
Y d'este gusto vencerme
Pues quereros fué quererme,
Y en otro amor occuparme

f. 244 v°. Fuera claro aborrecerme.
Y es tan gran satisfacion 40
Del mal el bien de os amar,
Qu' aunque m' hizo mi passion
Locamente ya esperar,
Ya no espero galardon.

6. Aunque l' alma assi se quede 45
D'otro bien desesperada,
Quédase tan abastada
Con lo que os quiere que puede
Darse por muy bien pagada.
Haze este conocimiento 50
Sufrir todos mis enojos,
f. 245 r°. Mas no hay otro fundamento
Que traiga más en los ojos
Que vuestro merecimiento.

7. Muchas vezes satisfaze 55
El mal a quien le sostiene,
Que por la causa do viene
Con tanto gusto le aplaze
Que piensa que le conviene.
Yo lleno de presuncion 60
De verme penar tan bien,
Tomé al mal tal afficion
Qu'el mismo como gran bien
Satisfizo mi passion.

f. 245 v°. 8. Si acaso por destruirme, 65
Como quien nunca reposa,
Mi mal m'acuerda otra cosa
Que de vos quiera partirme
Y al' alma dexar quexosa,
Lluego alli como corrida 70
S'acuerda de vós, su gloria,
Y assi no queda vencida,
Porqu' este bien y memoria
Es vitoria conocida.

9. De mi mismo me quexara, 75
Con razon contra mi fuera,
Señora, si no entendiera
f. 246 rº. Qu' aunque más os amara,
Que mucho más os deviera.
Y assi lo tengo entendido 80
Qu' aunqu' es mi mal peligroso
Y es afrenta ser rendido,
Conozco por muy dichoso
Quien de vos queda vencido.

10. Es natural a todo hombre 85
Que muerto, bivo se quiere,
(Ya que todo hombre se muere)
Procurar con que su nombre
Biva despues que muriere.
Yo, por no ver consumida 90
f. 246 vº. Mi vida con el morir,
Por vos la desseo perdida,
Qu'en que podró más bivir
Qu'en perder por vos la vida?

11. Contento devo de ser, 95
Señora, de mi cuidado
Aunqu' el me traiga cansado,
Pues trae consigo el plazer
De verse bien empleado.
Y d'este buela el sentido 100
A otro cuidado muy fuerte,
Del qual yo no me despido
Hasta ver como en tal suerte
f. 247 rº. *Es ganado el qu'es perdido.*

12. Vencióme vuestra hermosura, 105
Luego el amor me prendió!
La voluntad confirmó,
Approbólo la cordura,
La razon lo consintió.

Ya contra esto el coraçon 110
Aunque quiera no podrá,
Ni avrá para ello occasion,
Que quien no consentirá
Pues lo consiente razon?

13. Yo todo vencido d'ella, 115
f. 247 v°. Sufro y callo quanto peno;
Y el dolor de qu'estoy lleno,
Vencida toda querella,
Juzgo por dulce y por bueno.
Y pues de mi vencimiento 120
Sois vos la causa, señora,
Con alegre sentimiento
Y voluntad, desde agora
Consiento mi perdimiento.

14. Con los daños que padezco, 125
Que siempre uno a otro alcança,
Con el amor sin mudança
Puedo pensar que merezco
Tener alguna esperança.
f. 248 r°. Mas ver vuestra condicion 130
Qu'aunque contra mi s'ordene
Por ser vuestra es perficion,
Haze que contento pene
Sin esperar galardon.

15. Entre daños y recelos, 135
Entre quexas y dolores,
Entre otros males peores,
Que haré a mis desconsuelos
Que no los sienta mayores?
Levantaré el pensamiento 140
Aunque mi dolor no quiera,
f. 248 v°. Y verá el entendimiento
Que no ay por quien mejor muera
Que vuestro merecimiento.

16. Quanto ay para espantarse 145
De vos tod' alma y rendirse,
Viene en esto a concluirse:
Qu'en vos todo puede amarse
Y de vos nada dezirse.
La grande desproporcion 150
Que ay de vos a las demás
Tanto sin comparacion,
Sin medida ni compás,
Satisfizo mi passion.

Cod. Lisb. f. 143 r°. —

265.

Cantiga XXVIII.

f. 249 r°. A ESTA CANTIGA ALHEA:

1. *Luego que llegué a os ver,*
Aunque senti gran dolor
Dexé de tenerme amor
Por daros todo el querer.

2. Aunque vuestros ojos fueron 5
La causa de mis enojos,
En deuda quedó a mis ojos
Pues tanto en vel-los me dieron.
No me quise más querer
Por daros todo el amor, 10
Quedóme solo el dolor
f. 249 v°. Que por vos huelgo tener.

Cod. Lisb. f. 147 r°. — *Var.*: 8 ellos. —

266.

Cantiga XXIX.

A esta Cantiga alhea:

1. *De mi ventura quexoso,*
De quien m'agravia contento,
De mi remedio dudoso
Mas no de mi perdimiento.

2. Entr' estas dudas incierto 5
No sé qu'es lo que m'engaña,
Que no me desseo muerto
Porque la vida me daña.
De lo qu'estoy más quexoso
f. 250 rº. Estoy mucho más contento, 10
Y viendo mi bien dudoso
Me agrada mi perdimiento.

Cod. Lisb. f. 147 vº.

267.

Cantiga XXX.

A esta Cantiga velha:

1. *Justa cosa fué quereros,*
No ay más bien que dessearos,
Impossible es olvidaros
Quien una vez pudo veros.

2. Quien avrá que un punto entienda 5
De quanto en vos ay que ver,
Que no se dexe vencer
f. 250 vº. Sin que al amor se defienda?
Ay tanta fuerça en quereros
Y es tan justo dessearos 10
Qu'impossible es olvidaros
Quien una vez pudo veros.

3. Ninguna cosa que vea
Mis ojos contentos haze,
Que Amor no se satisfaze 15
Sino con lo que dessea.
Mi bien está solo en veros,
Mi plazer en dessearos,
Y no poder olvidaros
Justa paga es de quereros. 20

Cod. Lisb. f. 148 rº. —

268.

f. 251 rº. CANTIGA ALHEA.

1. *Justa cosa fué quereros,*
No ay más bien que dessearos,
Impossible es olvidaros
Quien una vez pudo veros.

OUTRA CANTIGA ALHEA.

2. *De mi ventura quexoso,* 5
De quien m'agravia contento,
De mi remedio dudoso
Mas no de mi perdimiento.

f. 251 vº. **Grosa VI a estas duas Cantigas.**

3. *Justa cosa fué quereros*
Tan de verdad como os quiero, 10
Pues assi sin entenderos
Veo qu'aunque por vos muero
Soy el que quedo a deveros.
Y viendome tan dichoso
Qu'espero por vos perder 15
La vida tras el reposo,
Que avrá por que pueda ser
De mi ventura quexoso?

f. 252 r°. 4. *No ay más bien que dessearos,*
Y aunqu' el desseo da pena 20
Basta que nace d'amaros,
Y que d'entrambos s'ordena
No cansar d'imaginaros.
Y este mi pensamiento
Que contra el mal me sostiene 25
Y ampara a todo tormento,
Con justa razon me tiene
De quien m'agravia contento.

5. *Impossible es olvidaros*
Quien a tanto bien llegó 30
Que oyesse solo nombraros:
f. 252 v°. Ved que hará el que os miró
Y siempre dessea miraros!
Mas pensar en vos no oso
Y he miedo a este mi desseo 35
Que tengo por peligroso,
Pues solo en veros me veo
De mi remedio dudoso.

6. *Quien una vez pudo veros*
No tiene que dessear 40
Sino morir por quereros,
Ni que deva recelar,
Señora, sino offenderos.
Con razon todo esto siento,
f. 253 r°. Sin razon no soy sentido, 45
Y es mi descontentamiento
De verme tan mal creido,
Mas no de mi perdimiento.

Cod. Lisb. f. 148 v°. —

269.

Vilancete XXVIII.

A este Vilancete alheo:

1. *Pues ves ora, Anton, allá*
La que mi alma tiene en si,
Mandame nuevas de mi.

2. Nunca sin mi alma está,
Por mucho que ella lo quiera: 5
Si se va con ella va,
f. 253 v°. Si queda con ella espera.
Aunque mi vida se muera
La alma la terná en si:
Mandame nuevas de mi! 10

3. Mandalas al desdichado
Cuerpo del alma salido,
Que del todo anda perdido
Sin perder nunca el cuidado.
Triste y solo aqui dexado, 15
Nunca más mi alma vi
Para me las dar de mi!

Cod. Lisb. f. 150r°. —

270.

Vilancete XXIX.

A este Vilancete alheo:

f. 254r°. 1. *El que os vió, señora mia,*
Y tanto tiempo no os ve,
Qual andará yo lo sé.

2. Todo lo sé por mi daño,
Pues os vi para no verme, 5

Perdios para perderme
Con este dolor estraño.
Lo que digo no es engaño,
Que por mi, triste, lo sé,
Y mi alma mal da d'ello fé! 10

Cod. Lisb. f. 150 vº. —

271.

Cantiga XXXI.

A esta Cantiga alhea:

f. 254 vº. 1. *Señora, despues que os vi*
De mi mismo no me fio,
Porque en lugar de ser mio
Soy ya por vos contra mi.

2. Pero más contra mi fuera 5
Si por vos no me dexara,
La vida no me sufriera
Y el alma me desechara.
Yo soy contento de mi
Viendome vuestro y no mio, 10
Aunque de mi no me fio,
Señora, despues que os vi.

Cod. Lisb. f. 151 rº. —

272.

Vilancete XXX.

f. 255 rº. A este Vilancete alheo:

1. *Tu presencia desseada,*
Do la tienes escondida,
Zagala desconocida?

2. Quando nos muestras tus ojos
Das a todo nuevo aliento, 5
Sin ellos son todo enojos,
Dano, quexa y sentimiento;
Que quien podrá ser contento
Estando tan escondida,
Zagala desconocida? 10

f. 255 v°. 3. Estan arboles y flores,
Campos, montes y ganados,
Zagalejas y pastores
Como de ti tan dexados!
Buelve con tus desseados 15
Ojos a darles la vida,
Zagala desconocida!

4. Toda el ave el canto pierde,
No es la mañana tan clara,
Sécase la yerva verde, 20
Y todo en tristezas para.
Tu vista a todo repara,
Tu ausencia quita la vida,
f. 256 r°. Zagala desconocida!

Cod. Lisb. f. 152 r°: A este V. de Dom Simão da Silveira.

273.

Vilancete XXXI.

A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Desdeñado soy de amor,*
Guardeos Dios de tal dolor!

2. Dolor que quita la vida
Sin quitar su desconsuelo,
Y es el su menor recelo 5
Ver la esperança perdida!

El alma tiene afligida,
La vida trae en dolor
El desdeñado de amor.

f. 256 vº. 3. Alçar los ojos no osa, 10
Muere si su bien no mira,
Gime y llora, arde y suspira,
Dia ni noche reposa.
Temese de toda cosa,
Todo se buelve en dolor 15
Al desdeñado de amor.

Cod. Lisb. f. 153 rº. —

274.

Cantiga XXXII.

A esta Cantiga
de Garci Sanchez:

1. *Pues no mejora mi suerte*
Cedo morir me conviene,
Quiçá que terná la muerte
Lo que la vida no tiene.

f. 257 rº. 2. Del Amor me quexo en vano: 5
Si me oye no me responde;
Triste, no sé ya por donde
Busque algun remedio sano!
Si me lo diesse la muerte,
Esso es lo que me conviene; 10
Mas no halla tan buena suerte
Quien tan mala suerte tiene.

3. Mudars' ia mi ventura
Quiçá con esta mudança,
Y aunque pierda la esperança 15
Perderé la desventura.

Mas aun temo que mi suerte
f. 257 v°. No quede como conviene,
Y que a mi solo la muerte
No quiera dar lo que tiene. 20

Cod. Lisb. f. 153 v°. —

275.

Cantiga XXXIII.

A esta Cantiga alhea:

1. *El bien que pierden mis ojos*
Me paga mi pensamiento,
Del qual estoy tan contento
Quanto d'ellos con enojos.

2. No ay tristeza de no veros 5
Que quite el plazer d'amaros,
Ni congoxa de perderos
f. 258 r°. Que no se pague en pensaros.
Pueden ser tristes mis ojos,
Mas no lo es mi pensamiento: 10
El con vos está contento,
Ellos sin vos con enojos.

Cod. Lisb. f. 154 r°. —

276.

Vilancete XXXII.

A este Vilancete alheo:

1. *Si de vos, mi bien, me aparto,*
Que haré?
Triste vida biviré.

2. Ya sé quanto es de temer
Lo que sentiré en perderos, 5
f. 258 vº. Que ya por el bien de os ver
Siento el dolor de no veros.
Mas sé que solo en quereros
Sosterné
La vida que biviré. 10

3. Tomara aver de dexarme
Dexando de os ver, la vida,
Mas para peor tratarme
No espero vel-la perdida.
Verla hé llorada y sentida, 15
Que bien só
Que tal sin vos la tendré.

Cod. Lisb. f. 155 vº. —

277.

Vilancete XXXIII.

f. 259 rº. A ESTE VILANCETE VELHO:

1. *Desd' el coraçon a l'alma*
Hé propuesto de mudaros
Para jamás olvidaros.

2. Solo en amaros entiende
El coraçon que fué mio, 5
Mas este amor d'el no fio
Porque l'alma lo defiende.
Hasta el coraçon le offende
Porque sola quiere amaros
Para jamas olvidaros. 10

f. 259 vº. 3. D'esto el coraçon se quexa
Y de nuevo pena y muere,
Y aunque l'alma toda os quiere

No le obedece, ni os dexa.
Con esto el bien se le alexa, 15
Mas el no puede olvidaros,
Ni l'alma dexar de amaros.

Cod. Lisb. f. 121 r°. —

278.

Cantiga XXXIV.

A este Cantar velho:

1. *Allá miran ojos*
Adó quieren bien.

2. Tras el alma van,
f. 260 r°. Quien los detendrá?
Que adonde ella va 5
Siempre ellos iran.
Todo son enojos
Quanto siempre ven,
Si no ven los ojos
A que quieren bien. 10

3. D'un grande dolor
Quien podrá valerse?
O como esconderse
Puede un grande amor?
Allá miran ojos 15
Adó quieren bien,
f. 260 v°. Y mueren de enojos
Si su amor no ven.

4. Van buscar la vida,
Y aunque hallan la muerte 20
Hallarán la suerte
A ellos mas devida.
Morirán de enojos,

Y es razon tambien
Morir tras los ojos 25
Que hazen del mal bien.

5. Mas no es espanto
Que mueran por ellos,
f. 261 r°. Pues que solo en vel-los
Pueden ganar tanto. 30
Huir los enojos
Que sin ellos ven,
Y ver unos ojos
Adó está su bien.

6. Aunque ver no osan 35
Por vel-los suspiran,
Y quando los miran
Solo alli reposan.
Espinas y abrojos
Ven en quanto ven 40
Sino en los ojos
f. 261 v°. Que han por solo bien.

7. Entre graves daños
Con razon los veo,
De ver el desseo 45
Tambien entre engaños.
Buscan a los ojos
A que quieren bien,
Hallan solo enojos
Porque no los ven. 50

Cod. Lisb. f. 157 v°. —

279.

Vilancete XXXIV.

A ESTE VILANCETE ALHEO:

1. *En trasponiendo tus ojos*
f. 262 r°. *La noche sobrevenia*
Hasta en ti bolver el dia.

2. La luz que al mundo amanece
Tan hermosa, clara y pura, 5
A mi sin tu hermosura
Escura y triste parece;
Que s' yo en solos tus ojos
Veo amanecer el dia,
Que bien sin ellos veria? 10

3. Mientras nos apareciesses,
Que avria de que temer?
Ni que bien podria aver
f. 262 v°. Quando te nos escondiesses?
Que con la luz de tus ojos 15
La noche clara seria,
Sin ellos escuro el dia.

4. Nada puede ver sin verte
El alma de ti vencida,
Que en tu vista está la vida 20
Y en tu ausencia la muerte;
Y si estuviesse en tus ojos
Entonces vida seria,
Que en ellos la noche es dia.

5. Juntos la muerte y el amor 25
f. 263 r°. Contra mi se han levantado,
Yo con ellos conjurado
Soy mi enemigo mayor;
Mas si yo viesse tus ojos
Nada d'esto temeria, 30
Ni escurecerseme el dia.

Cod. Lisb. f. 149 r°: A este Vilancete de Dom M^el^ de Portugal. —

280.

Cantiga XXXV.

A esta Cantiga alhea:

1. *Prendan la zagala*
Que mató al zagal,
Hagase justicia
De quien haze mal.

f. 263 v°. 2. Prendala el Amor 5
Pues d'amor mató,
Hierala el dolor
Con que ella lo hirió.
Sienta la zagala
Que mató al zagal 10
Que haze Amor justicia
De quien haze mal.

3. Qu'aunque Amor maltrata,
Es razon que quiera
Quien d'amores mata 15
Que d'amores muera.
Esto la zagala
f. 264 r°. Deve ya al zagal
Porque la justicia
Sea en todo igual. 20

4. Como no ay quien d'ella
Al zagal defienda,
Nadie guarde a ella
Que Amor no la prenda.
Presa la zagala 25
D'amor del zagal,
El con más justicia
Muerto de su mal.

5. Mas quien ay que pueda
f. 264 v°. O que ose acusal-la, 30

Si vencido queda
El que osa miral-la?
Venció la zagala
Y mató al zagal,
Vino con justicia 35
De tal bien tal mal!

Cod. Lisb. f. 160r°. —

281.

Vilancete XXXV.

A ESTE VILANCETE ALHEO:

1. *Mi ganado busque dueño,*
Que yo ya no soy pastor
De ovejas sino de amor.

f. 265 r°. 2. Despues que un solo cuidado
Mi alma tiene occupada, 5
No solo de mi ganado
Mas de mi anda olvidada,
Y en otro amor levantada
Do nunca llegó pastor,
Que quita todo otro amor. 10

3. Mi ganado perdió dueño,
Yo hé llegado a perder
La vida, el reposo, el sueño,
La esperança y el plazer.
En esto se puede ver 15
Que al ganado y al pastor
f. 265 v°. Ha dañado un solo amor.

Cod. Lisb. f. 161r°. —

282.

Vilancete XXXVI.

A ESTE VILANCETE VELHO:

1. *Adond' estás, alma mia,*
Que mucho desseo verte
Antes que venga la muerte?

2. Despues que estoy sin mirarte,
Los ojos traigo cercados 5
De desseos d'una parte,
De enojos d'otra y cuidados.
D'estos daños agraviados
Mal se librarán sin verte
f. 266 r°. Del peligro de la muerte. 10

3. El alma adonde te veo
No tiene por poco estraño
Que d'este tan buen desseo
Pueda venir tanto daño.
Mas aun no basta este engaño 15
Para que verme sin verte
No me sea más que muerte.

4. Si el alma se satisfaze
Porque siempre en si te tiene,
A los ojos no les plaze 20
Sino lo que les conviene.
f. 266 v°. Este bien se les detiene,
Mientras que no pueden verte,
Si tarda, vendrá la muerte.

Cod. Lisb. f. 161 v°. —

283.

CANTIGA VELHA:

1. *Si os pesa de ser querida,*
Yo no puedo no os querer,
Pesar aveis de tener
Mientras yo tuviere vida.

Grosa VII a esta Çantiga.

2. Contra el aspero tormento — 5
f. 267 r°. De cuyo dolor me muero,
Solo en el merecimiento,
Señora, de lo que os quiero
Hize todo el fundamento.
Mas en esto me engañé, — 10
Y esta opinion fué perdida,
Pues poco aprovecharé
Ni con amor, ni con fé,
Si os pesa de ser querida.

3. Mas aunque a mi desventura — 15
Poco aprovecha quereros,
Es tanta vuestra hermosura
Que la vida en solo veros
f. 267 v°. Contra el dolor se segura.
Solo os amo por amaros, — 20
Y assi llegué a entender
El mal que será olvidaros
Qu'aunque m'arrisque a enojaros,
Yo no puedo no os querer.

4. Y si d'esto os offendeis — 25
Los ojos a vos bolved:
Que mejor os entendeis,
Y como os vieredes, ved
Si es razon que me culpeis!
Amaros, en que os offende? — 30

En que es contra vuestro ser?
f. 268 r°. Antes del que no os entiende
Ya vuestro amor se defiende;
Pesar aveis de tener.

5. Este juzgad por perdido 35
Pues no os mira, y si os miró
No entiende que aquel que os vido,
Si de si no se olvidó,
Que merece eterno olvido.
Por vos a mi me desamo, 40
Por vos todo en mi s'olvida,
Por vos siempre en mi alma llamo,
Y os amaré como os amo
Mientras yo tuviere vida.

Cod. Lisb. f. 163 r°. —

284.

f. 268 v°. Moto.

Lloro el bien y sufro el daño.

Grosa VIII.

Si el bien no dura un momento,
Y el daño quita la vida
Más presto que niebla el viento,
El lloro es cosa devida 5
Y devido el sufrimiento.
La esperança creer no oso,
Que siempre es llena d'engaño,
Y al' alma quita el reposo;
Y assi contento y quexoso 10
Lloro el bien y sufro el daño.

Cod. Lisb. f. 137 v°. —

285.

Cantiga XXXVI.

f. 269 rº. A esta Cantiga velha:

1. *Tan contento estoy de vos*
Como de mi descontento,
Porque no me hizo Dios
A vuestro contentamiento.

2. Todo me yelo y me quemo, 5
No sé si bivo, si muero;
Siempre mil tristezas temo,
Y nunca un plazer espero.
Todo esto siento por vos,
Mas mucho más grave siento 10
Ver que no me hizo Dios
f. 269 vº. A vuestro contentamiento.

3. Seria grande locura
Presumir de contentaros,
Que solo vuestra hermosura 15
Puede, señora, agradaros.
Poneis los ojos en vos,
Teneis lo demás por viento,
Porque a vos sola hizo Dios
A vuestro contentamiento. 20

Cod. Lisb. f. 110 vº. —

286.

Cantiga XXXVII.

f. 270 rº. A esta Cantiga velha:

1. *Justicia pido, que muero,*
De vos que muerto m'aveis!
O me querais como os quiero,
O del todo me mateis!

2. Con vuestro amor o mi muerte 5
Perderé esta triste vida,
Terné con el mejor suerte,
Sereis con ella servida.
No me pesa porque muero,
Mas porque no lo creeis, 10
Y en pago de quanto os quiero
f. 270 v°. Pidoos que ya me mateis.

3. Llevado de mi tristeza
Mil vanos desseos siento,
Mas contra vuestra dureza 15
No basta mi sentimiento.
Entr' estos cuidados muero
Y no sé si lo quereis,
Mas porque tanto lo quiero
Temo que no me mateis. 20

Cod. Lisb. f. 120v°. —

287.

Cantiga XXXVIII.

A esta Cantiga
de Dom Francisco de Moura:

f. 271 r°. 1. *Toda la noche suspiro*
Hasta llegar a llamarte,
Qu'el dia que más te miro
Más desseo de mirarte.

2. No tengas por cosa estraña 5
Si tu nombre llamar oso,
Porque en lo que más me daña
Siente el alma más reposo.
Quanto más por ti suspiro,
M'enciendo más en amarte, 10

Y aunque a gran miedo te miro
Siempre desseo mirarte.

f. 271 vº. 3. Quando acaso me acaece
Que más despacio te vea,
Aunque el alma más padece 15
Más tiempo verte dessea.
Y siento quando suspiro
Que me conviene llamarte,
Y entiendo quando te miro
Que me conviene mirarte. 20

4. No bive si no te mira
Quien una vez te miró,
Y siempre por ti suspira
Quien ya por ti suspiró.
Quando más por ti suspiro 25
f. 272 rº. Llega el dolor a llamarte,
Mas nunca el bien si te miro
Llega al bien de más mirarte.

Cod. Lisb. f. 164 vº. —

288.

Grosa IX á mesma Cantiga.

Luego quando tu hermosura
Apareció a mis ojos,
Entendi que mi ventura
Solo en mis daños y enojos
Seria siempre segura. 5
Mira qual es mi dolor
Qu'en más dolores respiro!
f. 272 vº. Y deviendose a mi amor
Otro remedio mejor,
Toda la noche suspiro. 10

Y como a remedio cierto
Siempre, señora, te llamo,
Mas esto es gran desconcierto,
Porque quanto yo más te amo
Me siento por ti más muerto. 15
Tu nombre será reposo
A quien dexares nombrarte;
Y aunque a mi siempre es dañoso,
Por ti suspirar siempre oso
Hasta llegar a llamarte. 20

f. 273 r°. Tu hermosura puesto tiene
Mi bien y mi mal en ti:
Quando te miro se viene
El mal luego para mi,
Y el bien en ti se detiene. 25
Mas como a ventura buena
Solo a este bien siempre aspiro,
Aunque siempre se m'ordena
Que nunca sienta más pena
Qu'el dia que más te miro. 30

Mas es verte tan gran cosa,
Tienen tus ojos tal fuerça
Qu'aunque la vista no osa
f. 273 v°. Verte, por te ver s'esfuerça,
Y en esta pena reposa. 35
Bien sé que en vano desseo
Verte más y más amarte;
Mas yo quando más te veo,
Por lo que no entiendo y creo,
Más desseo de mirarte. 40

Cod. Lisb. f. 165 v°. — *Var.*: 22 mi mal y mi bien. —

289.

Cantiga XXXIX.

A esta Cantiga alhea:

1. *Si os pesa de ser querida,*
Yo no puedo no os querer,
Pesar aveis de tener
Mientras yo tuviere vida.

f. 274 rº. 2. El que al bien llegó de veros 5
Es tan obligado a amaros
Que más teme no quereros,
Señora, que no agradaros.
No os mostreis d'esto offendida,
Y dexadme antes tener 10
La muerte por os querer
Que sin amaros la vida.

Cod. Lisb. f. 167 vº. — *Var.*: 5 Ya que al b. llegué — 6 Soy — 7 temo. —

EPIGRAMAS.

290.

f 274 v.

Epigrama L.

S' a estes versos notados e nacidos
De tua nunca vista fermosura
E a teu nome real oferecidos
Com a fe que te devem clara e pura
Aconteceu chegar a teus ouvidos, 5
Não podem desejar maior ventura,
Francisca fermosissima, nem querem
Mais nada, nem mais nada ha qu'esperem.

Impr. P. p. 381 (Epigr. CCXIII: Á mesma, no fim de um livro de versos meus). — *Var.*: 8 por que. —

291.

f. 286 rº.

Epigrama LI.

Tudo em ti, Filis, é claro e fermoso,
Nada em ti ha que a ti não se pareça,
O mundo está comtigo mais lustroso,
Nada vejo sem ti que te mereça.
Comtigo Amor é mais vitorioso, 5
Mas ninguem ha que amor em ti conheça;
Vê-se em ti, Filis, natural brandura
E efeitos de vontade aspera e dura.

Impr. P. p. 390 (Epigr. CCXXXVIII). —

292.

f. 286 vº. **Epigrama LII.**

Quem de ti, Filis, canta ou de ti conta,
Quem de ti, Filis, fala ou de ti escreve,
Ou diga muito ou pouco, o mesmo monta
Ser largo em teus louvores ou ser breve.
Tudo vem a parar nũa mesma conta, 5
Nem ha quem o que deve a sorte leve:
Mais diz quem menos diz e mais s'espanta,
E menos diz quem mais escreve ou canta.

Impr. P. p. 391 (Epigr. cxxxix). — *Var.*: 6 N. á qu. no que diz a s. l. —

293.

f. 287 rº. **Epigrama LIII.**

A mãi do Amor, a mesma Fermosura,
Busca seu filho d'ele saudosa,
Mas ele está noutra maior ventura
Ouvindo e vendo a Filis mais fermosa:
De o buscar ante Filis ja não cura, 5
Que aparecer não ousa d'invejosa;
Que ali onde Amor entregue tem a vida
Em fermosura Venus é vencida.

Impr. P. p. 392 (Epigr. ccxlii). —

294.

f. 287 vº. **Epigrama LIV.**

Vejo, Filis, o inverno furioso
D'aspero tempo e de tormentos cheo,
Vejo Boreas tam bravo e riguroso

Qu'enche tudo d'espanto e de receo;
Vejo em sua furia o mar tam porfioso 5
Que parece que nunca a tanto veo:
Mas quem vir', Filis, tua fermosura,
Na aspereza achará doce brandura.

Impr. P. p. 393 (Epigr. ccxliv). — *Var.*: 1 rigoroso — 3 furioso. —

295.

f. 288 rº.

Epigrama LV.

Voando vai Amor por mar e terra,
Acompanhado vai da clara Fama;
Por tudo vai pregoando paz e guerra,
Para ũa fermosura tudo chama,
Para ũa fermosura onde s'encerra 5
Quanto no mundo s'onra e quanto s'ama:
Esta é aquela Francisca clara e puro
Que ós Reis d'Aragão dá nova ventura.

Impr. P. p. 380 (Epigr. ccix). —

296.

f. 288 vº.

Epigrama LVI.

Fermosura e valor e gravidade,
Saber e confiança em si segura,
Grande brandura em grande autoridade,
E grande autoridade na brandura;
Esprito e preço e ser e magestade, 5
Ar, graca, cortesia e onra pura,
E tudo o mais que na imortalidade
Com devida e gloriosa fama dura:
Têm posto em ti na mór altura arisca,
Em ti, valerosissima Francisca. 10

Impr. P. p. 380 (Epigr. ccx). — *Var.*: 1 F., v. — 5 *e* 6 *faltão* — 9 e na. —

297.

f. 289 r°.

Epigrama LVII.

Sempre este nome o Amor Francisca sôa,
Francisca em todo tempo sôa a Fama,
Para Francisca a voz Minerva entôa,
Para Francisca Apolo as Musas chama.
Flora para Francisca faz corôa; 5
Tambem a mesma Inveja a Francisca ama,
Venus ante Francisca s'escurece,
E só de si Francisca se merece.

Impr. P. p. 381 (Epigr. ccxi). —

PARTE SEGUNDA.

POESIAS

DEDICADAS

AO

SENHOR DOM DUARTE.

CANTIGAS. VILANCETES. GLOSAS.

EPIGRAMAS. ESPARSAS.

ENDECHAS. RECEOS DE LOUVOR.

TROVAS. ROMANCE.

298.

. 1 r°.

Epigrama LVIII.

Ao Senhor Dom Duarte.

Os meus versos buscam vida
Inda que a não merecem:
Para isto a ti se oferecem
Porque em mim têm-na perdida.
A teu nome oferecidos, 5
Seguro nome terão,
Se por meus mal recebidos,
Por teus se receberão.

299.

Epigrama LIX.

Ao Livro.

Deveras, livro, esconder-te,
Se não foras dedicado
A quem póde defender-te
E com seu nome valer-te
Se te vires mal julgado. 5
E se com esta ventura
Te vir' a mór fermosura
Que o mundo ora póde vêr,
Contra tudo te segura,
Que não tens maior ventura. 10

300.

f. 2 v°.

Cantiga XL.

A esta Cantiga velha:

1. *Noutes d'inverno,*
Quamanhas sondes!
Mouro-me de frio,
Perco-me d'amores.

2. Passo-as enganando 5
Meu doce tormento,
E d'outrem chorando
O esquecimento.
Com meu pensamento
Entre mil temores, 10
Tremendo de frio,
Ardendo d'amores!

301.

f. 3 r°.

Receo de louvor I

á

Senhora Dona Margarida da Silva

por

Pero d'Andrade Caminha.

1. Que posso de vós dizer,
Se não mereço chegar
Co desejo a vos louvar?

2. Como isto possa cumprir
Cuido a noute e cuido o dia, 5
Mas não póde lá subir
Desejo nem fantesia.

Que grande erro, pois, seria
Se cometesse falar
No que não sei desejar! 10

3. Cuidado será sobejo
Seguir esta opinião,
Que onde não chega desejo
Palavras mal chegarão.
Desculpe-me esta tenção 15
De não m'atrever falar
No que não sei desejar.

f. 3v°. DOM PEDRO D'ALMEIDA:

4. Vejo-me em grandes estremos,
Pois me pedem que ajude
Onde em tudo se concrude 20
Saber quam pouco dizemos!
Melhor é, porém, que erremos
Em, senhora, começar
Inda que ó nunca acabar.

DOM FRANCISCO LOBO:

5. Fico tam atras de tudo 25
Em dizer pouco de tanto
Que de mim mesmo m'espanto,
E ei por melhor ser mudo.
Cada dia ando em cuido
Como poderei chegar, 30
Senhora, a vos louvar.

DOM JORGE ANRIQUEZ:

6. Quem vos contempra e adora,
Tendo-vos na fantesia,
D'estes louvores, senhora,
Aqueste só louvaria: 35
O que escrever poderia
Se vos pudera louvar,
Que não ouso em vós cuidar.

f. 4rº.

Fernão Martinz Freire d'Andrade:

7. A quem louvar-vos deseja,
Grandes cuidados lhe dais: 40
Nũa só vez que vos veja
Sem vêr o que em vos sobeja,
Verá que não ha vêr mais.
Assi que no que mostrais
Se vê que louvor vos dar 45
É botar agua no mar.

Gomez Freire d'Andrade:

8. Se alguem louvor vos dá,
É de não vos saber vêr,
Porque com vêr-vos está
Não poder dar a entender 50
O menos do que em vós ha.
Quem vos souber' vêr, dirá
Que quem vos não sabe olhar
Deseja de vos louvar.

Pero Leitão:

9. O que se não sabe entender 55
Mal se poderá julgar,
Mas eu sou de cometer
O que é mais de recear.
E de muito d'isto têr
Me atrevo a desejar, 60
Senhora, de vos louvar.

f. 4vº.

Fernão da Silveira:

10. Mui grande pena merece
Quem com ela quer dizer
O que não sabe entender,
Nem por vós o que padece. 65
O que melhor me parece,
É morrer e não chegar
Co desejo a vos louvar.

CHRISTOVAM DE MELO:

11. Não deve de têr começo
O que não póde têr fim, 70
Meos não são para mim
Porque eu não os conheço.
De falar nisto me deço
Pois se·não póde chegar
Co desejo a vos louvar. 75

FRANCISCO DE MIRANDA:

12. Bem pudera escusar,
Pois que são ja dos perdidos,
Senhora, de vos louvar,
Porque o que dizem vivos,
Mortos não podem falar. 80
Mas quem quiser' acertar
Nestes louvores que vejo,
É melhor têr o desejo
Que co desejo louvar.

f. 5 r°.

DOM DIOGO DE MENESES:

13. Quem pudera presumir, 85
(E quem tal presumiria?)
De louvar, e quem vos vir'
Muito bem póde sentir
O que eu d'isto sintiria.
Mas logo me assolveria 90
Da culpa de vos gabar
Se falasse o desejar.

14. Veja-se o que eu vejo!
Pasmados, mal louvarão;
Saberá quam bem desejo 95
Quem me vir' o coração.
É a minha concrusão
Que folgo de me calar
Pois não fala o desejar.

Dom Pedro de Noronha:

15. Louvar-vos quem ousará 100
Que não corra gram perigo?
Que onde não chega o sentido,
Com palavras que dirá?
Pois, em que confiará
Quem não se atreve chegar 105
Co desejo a vos louvar?

f. 5 v°.

Dom Alvaro de Sousa:

16. Falece todo saber
A quem cuida tê-lo nisto,
Que louvar-vos está visto
Ninguem podê-lo fazer. 110
A quem falta merecer,
Como poderá chegar
Co desejo a vos louvar?

Francisco da Silva:

17. Quem ha dama de louvar
Para que seja louvada, 115
Ha de ser para acabar,
Não para ser começada.
Ninguem cuide que faz nada
Em lhe mil louvores dar,
Que mais nela se hão d'achar. 120

18. Assi, quem tam bem parece
Que lhe mais louvores dem,
Sabe bem
Qu'inda muito mais merece.
E a muito se oferece 125
Quem se põe em vos louvar:
Vai-se muito aventurar.

f. 6 r°.

João da Silva:

19. Eu sou o que mais receo
Em cuidar de vos gabar,

Porque então mais me enleo 130
Quando quero começar.
Pois, mal poderá acabar
Quem não merece chegar
Co desejo a vos louvar.

20. Não vivo nem tenho vida 135
Quando cuido em vos louvar,
É melhor o acabar
Coa vida ja perdida.
Por serdes desconhecida,
Não quero mais desejar 140
Que saber não vos louvar.

Bras da Silva:

21. É tamanha ufania
Emprender cousas sem fim
Que averia dó de mim
Gastar nisso um só dia. 145
Quanto mais não poderia
Em cem mil anos dobrar
O cabo de vos louvar!

f. 6v°.

Aires da Silva:

22. Que mil anos navegasse
Por este mar oceano, 150
Seria para mais dano
Quanto mais tempo gastasse.
Pois, por mais que m'engolfasse,
É impossivel dobrar
O cabo de vos louvar. 155

Dom Vasco d'Almeida:

23. Isto em que tanto m'enleo,
Isto que tam pouco entendo,
Quanto mais o arreceo
Tanto menos vos ofendo.

Cuidando em vós, aprendo 160
A saber arrecear,
E do receo a calar.

Dom Antonio d'Almeida:

24. Polo que vejo e entendo
Quanto vos mais vou olhando,
Digo mais de vós calando 165
Do que diria escrevendo.
E por vos não ofender
Não ouso d'aventurar
Vosso louvor no falar.

f. 7 rº.

Dom Pedro de Sousa:

25. Nunca nada receei: 170
Isto só soube temer;
Louvar-vos como ousarei
Que me falta o merecer?
Só isto se deve crêr
Que ninguem póde chegar 175
Co desejo a vos louvar.

Bernardim de Carvalho:

26. Que grande erro seria
Ousar alguem cometer
Ocupar a fantesia
Em tam alto merecer! 180
Não se póde comprender
Que possa ninguem chegar
Co desejo a vos louvar.

João Gomez da Silva:

27. O que sente de vós mais,
Esse teme dizer menos 185
Pois não chegam os estremos
Ó menos do que mostrais.

Vejo-vos craros sinais
De não merecer chegar
Meu desejo a vos louvar. 190

f. 7 vº.

Luis Carneiro:

28. Quis de vós dizer o menos
E logo me tornei mudo,
Entendei-me por acenos
Pois não posso dizer tudo.
Quem se tiver' por sesudo 195
Deseje de vos louvar,
Mas não queira começar.

João Caminha:

29. Dobrado tenho o cabo,
Senhora, o da esperança;
Em quanto o sentido alcança 200
Achei peso, achei balança
Salvo neste vosso gabo,
Porque sobreleva tanto
Ao que se póde cuidar
Que me faz, senhora, espanto 205
Poder-se nem desejar.

Dom Pedro de Meneses:

30. Quais foram os olhos tristes
Que os vossos livres olharam?
Quais foram os que vós vistes
Que tam cedo em si tornaram? 210
Quais foram os que cuidaram
De merecerem chegar
Co desejo a vos louvar?

f. 8 rº.

Diogo Lopez de Sequeira:

31. Folgara de poder ser
Isto que ninguem merece, 215
Mas aqui falta o saber

Porque em vós a causa crece.
Só quem vos pode fazer
Tem o poder e o lugar,
Senhora, de vos louvar. 220

Manoel d'Oliveira:

32. Para dizer o que entendo
Tudo quanto pude fiz,
Mas, senhora, em vos vendo
Fica em nada o que se diz.
Isto só ei de dizer, 225
O mais diga-o quem cuidar'
Que vos poderá louvar.

João de Betancor:

33. Ao menos que em vos vejo,
(Se em vós menos se padece)
Louvor não póde o desejo 230
Desejar tal qual merece.
Onde o sentido falece
Menos poderão chegar
Palavras a vos louvar.

f. 8 v°.

Vasco da Silveira:

34. Tem-me o pensamento tal, 235
Cuidando no que mais quero,
Que aquilo que mais espero
É o que menos me val.
Vede: quem tem este mal,
Em que se póde ocupar, 240
Quanto mais em vos louvar!

Filipe d'Aguilar:

35. Ser por demais o desejo
Não desobriga de o têr,
Antes o ei por sobejo
Em cousas leves d'aver. 245

Quanto menos póde ser,
Tanto ei mais de desejar,
Senhora, de vos louvar.

Dom Martinho de Tavora:

36. Trabalho será perdido
E muito de recear 250
Querer com a lingua chegar
Onde não chega o sentido.
Quem d'isto mais entender',
Mais temerá começar,
Senhora, de vos louvar. 255

f. 9 r°. Eitor da Silveira:

37. Inda que arrecear
É pior que cometer,
Para que é aventurar
Quando falta merecer?
Folgaria de saber 260
Quem merecerá chegar
Co desejo a vos louvar?

Ruy de Sousa:

38. Se ao que chega a fantesia
Palavras pudessem ir,
Sei qu'eu só abastaria 265
A vos louvar e servir.
Mas, porque não poderia
Em minha vida acabar,
Receo de começar.

Bernardo de Figueiroa:

39. Quem dará o que não tem? 270
Quem tam cego que não veja
Se não póde o que deseja
Que é pouco todo outro bem?

D'entender isto me vem
Não começar, 275
Começo sem acabar.

f. 9v°. 40. Quem mais não póde, o desejo
Abasta para o salvar,
E se nisto me enganar',
Nenhum remedio ja vejo. 280
Em tudo o mais acho pejo,
Nem sei mais que desejar
Saber para vos louvar.

Dom Jorge de Meneses:

41. Quem louvar-vos emprender',
Cairá em muita mingua, 285
Ha-lhe de faltar a lingua
No que a vista comprender'.
D'aqui me vem não poder
Nem co desejo chegar,
Senhora, a vos louvar. 290

Dom Alvaro da Costa:

42. Se se pudesse dizer
O que dentro n'alma está,
Acabarieis de vêr
O que, senhora, em vós ha.
Mas, porque não póde ser, 295
Contento-me com mostrar
Desejos de vos louvar.

f. 10r°. Francisco de Sá de Miranda:

43. Esta vaidade minha
Que tam ousada começa,
Está sem pés nem cabeça, 300

Acha-se impresso na edição das Poesias *d'este poeta por* C. Michaelis de Vasconcellos (Halle 1885) *a p. 446 (No. 135).* —

Nem deu começo ó que vinha
A vã, que só se mantinha
Como Camalião do ar,
Nem ousou de desejar.

44. Forças, que assi desmaiais 305
Cuidando em tam altos vôs,
Ja nestes começos tais
Imos acabando nós!
Senhora, a quem vos lá pôs
Tam alta, ha graças que dar, 310
E a vós por nos perdoar.

45. Quem será de vêr-vos dino?
Vi-vos, foi a alma pasmada;
Fui assi como um minino
Que vê, que s'espanta, e brada, 315
Não sabe dizer mais nada,
Póde-se a vêr-vos chegar:
O mais tudo é pasmar.

f. 10 vº. PERO D'ANDRADE:

46. Se de nós, senhora, aveis
Que louvar-vos presumimos, 320
Vede-vos, e em vós vereis
Que o receo só seguimos!
Porque aqueles que vos vimos,
Não podemos mais chegar
Que ao medo de vos louvar. 325

Var.: 304 Não se atreve a desejar — 305 F. que vos enganais — 306 a t. — 311 de nos p. — 316 Não s. mais d. n. — 318 O m. é t. p. —

302.

f. 11 rº.

Cantiga XLI.

1. Para ser mais triste o estado
De minha desaventura,
Julgam meu alto cuidado
Por minha baixa ventura.

2. Não quero d'ela esta ser 5
Mór sinal que o que vem d'ela,
Pois que faz julgar e crêr
O pensamento por ela.
Que mal tam desesperado,
Que grande desaventura 10
Para julgarem o cuidado
Lançarem mão da ventura!

3. Vejo meu mal ir crecendo
De s'isto julgar assi,
Pois sofreis por vos vivendo 15
Morrer polo que ha em mi.
Não vos seja mal julgado,
Tendo tanta fermosura,
Senhora, em vosso cuidado
Sofrerdes minha ventura. 20

303.

f. 11 vº.

Cantiga XLII.

A ESTA CANTIGA ALHEA:

1. *Na fonte está Lianor*
Lavando a talha e chorando,
Ás amigas perguntando:
Vistes lá o meu amor?

2. Mil sinais nela se vêm 5
De sua tristeza e cuidado:
Chorar, perguntar „se vem"?
E olhar desassossegado.
Leva-lhe os olhos o amor
Que lhe foi a alma levando, 10
E ela por eles chorando
Pergunta por seu amor.

3. Detem-se em lavar a talha
Por desculpar sua tardança,
E não quer que a d'ele valha 15
Para perder a lembrança.
Chora, e diz com grande dôr
Sem sentir que está falando:
„Vai-se me a vida acabando
Porque não vem meu amor!" 20

f. 12 r°. 4. Inda que lhe a agua faltara
Da fonte, nada lhe dera,
Que a dos olhos lhe bastara
Para quanto falecera.
Sobeja-lhe em tudo dôr, 25
Vai-lhe todo bem faltando,
E diz ja desconfiando:
„Cedo morrerá Lianor!"

304.

f. 12 v°. ## Cantiga XLIII.

A esta Cantiga alhea:

1. *De pequena tomei amor*
Porque o não conheci,
Agora que o entendi
Mata-me com disfavor.

2. Começou comigo brando, 5
E eu, cuidando que era tal,
Dentro n'alma o fui criando:
Criei-o para meu mal.
Que gram semrezão d'Amor!
Enganei-me co que vi; 10
E agora, desque o servi,
Paga-me com disfavor.

3. Agora que entendo o dano
Me queixo, mas é em vão,
Nem val chamar-me ó engano 15
De o não entender então.
Quanto mór é meu amor,
Tanto mais mal sinto em mi;
Matou-me o que nele vi,
E agora seu disfavor. 20

305.

f. 13 r°.

Vilancete XXXVII.

A este Vilancete
de Manoel d'Oliveira:

1. *Trabalho por encubrir*
A causa de minha dôr,
Não me deixa meu amor.

2. Este trabalho, este medo,
Senhora, vós me causais, 5
Mas o amor com mil sinais
Me rompe todo segredo.
Ora estê triste, ora ledo,
(S'isto póde ser) o amor
Mostra donde nace a dôr. 10

306.

f. 14r°.

Esparsa I.

Vai-se a vida apos a sorte
Que o tempo lh'ouver' de dar,
Mas cuido que só na morte
Se póde ela boa achar.
Porque, que al pode esperar 5
Quem esperando a melhor,
Se acha sempre coa pior
Que se póde recear?

307.

f. 14v°.

Vilancete XXXVIII.

A este Cantar velho:

1. *Uns olhos que eu vi*
Ali, ali,
Mal penam a mi.

2. Cuidei qu'a esperança
D'eles me bastasse 5
Para segurança
De quanto esperasse.
Por mais mal que passe,
Sempre ali, ali
Mal penam a mi. 10

3. Não posso querer
Mais que o que desejo,
Nem ha mais que vêr
Que o que neles vejo.
Seja o mal sobejo, 15
Veja eu sempre ali
Os olhos que eu vi!

308.

f. 15 v°.

Epigrama LX.

A João Lopez Leitão.

1. Inda oje vim a saber
Que se agora vos não vemos
É porque quisestes vêr
O que todos vêr tememos.
Mas, ja sei que por estremos 5
É necessario fazê-los,
Pois nunca se chega a vê-los
Se os, senhor, não cometemos.

2. Deu-vos o que cometestes,
Forçado do coração, 10
Prisão, mas pois o fizestes
Tende-a por bom galardão.
Os soltos todos dirão,
Se entendem essa ventura,
Que morre toda soltura 15
D'inveja de tal prisão.

Impr. P. p. 361 (Epigr. CLXVII: A João Lopez Leitão, estando preso em sua casa por entrar ũa porta a ver as Damas contra vontade do Porteiro). — *Var.*: 9 cometeste — 11 fizeste — 14 entenderem. —

309.

Epigrama LXI.

f. 16 r°.

Reposta de João Lopez.

1. *Bem pudera eu sofrer*
O trabalho em que me vejo,
Se vêr quem tanto desejo
Me a mim não fôra tolher.

Que antes me quero perder 5
Por vêr o que mais tememos,
Que deixando de os vêr
Viver seguro d'estremos.

2. *Estou-me agora doendo*
De quem tiver' para si 10
Que é melhor andar vendo
Verduras que estar aqui.
Ninguem aja dó de mi
Por me vêr nesta prisão,
Aja-o de meu coração 15
Que vê tanto dano em si.

Impr. P. p. 361 (Epigr. CLXVIII). —

310.

f. 16 vº.

Cantiga XLIV.

A ESTA CANTIGA ALHEA:

1. *Quanto tempo trabalhei*
Por não perder a esperança,
E quam pouco ha que sei
Que o perdê-la descansa!

2. Tras ũa esperança vã 5
Andei em vão trabalhando,
Cri que me fosse mais sã,
Foi-me seu nome enganando.
Anos e anos me furtei
Ó siso co esta esperança 10
Que ja perdi, mas ja sei
Que o perdê-la mais descansa.

3. Em quanto se me mostrava,
Em tudo ó som da vontade
Queria que o que esperava 15
Logo ouvesse por verdade.

Inda que assi m'enganei,
Cansou-me tanto a esperança
Que o muito que então cansei
É o que agora me descansa. 20

311.

f. 17 rº.

Cantiga XLV.

1. Esta que chamam ventura
Esperá-la é gram baixeza,
Pois, se não vem, dá tristeza,
Se vem, pouco tempo dura.

2. O sol ja 'gora não arde 5
Qu'inda pouco antes ardera;
Corre o tempo e chega tarde
O que com ele s'espera.
Rir d'ele e rir da ventura
Porque em tudo usam crueza, 10
Pois negam para tristeza
E dão para pouca dura!

312.

f. 17 vº.

Endechas II.

1. Vai-se a vida e foge,
Voa o dia e ora,
Quanto via inda oje
Que não vejo agora!

2. Da manhã á tarde 5
Quanto traz o dia!
O sol ja não arde
Qu'inda agora ardia.

3. Um contentamento
Com que m'enganei, 10
Foi-se como vento:
Quando o alcançarei?

4. Não ha mal que canse,
Não ha bem que dure,
Nada que descanse, 15
Nada que segure.

f. 18 rº. 5. Leves fundamentos
Têm leves mudanças,
Vam-se apos os ventos
As vãs esperanças. 20

6. O prazer é leve
Mais que o vento corre,
E apos bem tam breve
Toda vida morre.

313.

f. 19 vº.

Vilancete XXXIX.

A ESTE VILANCETE
DE NUNO ALVAREZ PEREIRA:

1. *Todo bem que vem a tempo*
Que não póde aproveitar,
Mal se deve de chamar.

2. Que cousas o tempo faz!
Que largos espaços tem! 5
Qu'inda o mesmo bem desfaz
Que a tempo fôra gram bem.
Inda que venha, não vem:
Que ja não acha lugar
Senão de mais magoar. 10

3. Com apressados momentos
Traz ũas e outras mudanças,
Ora corta fundamentos,
Ora desfaz confianças.
Sempre tarda ás esperanças, 15
Tam apressado em voar,
Tam vagaroso em chegar!

314.

f. 19 rº.

Vilancete XL.

A este Vilancete
de Francisco de Sá de Miranda:

1. *Esperanças mal tomadas,*
Agora vos deixarei
Tam mal como vos tomei!

2. Não cuidei que m'enganava
Em tomar tais esperanças, 5
Nem temi nunca as mudanças
Com que o tempo ameaçava.
Foi-se me quanto cuidava,
Faltou-me quanto esperei,
Levemente m'enganei! 10

3. Foi vão todo meu cuidado!
Vós o quisestes assi;
Se m'enganei, em vós vi
Com que ficasse enganado.
Todo bem vejo mudado: 15
Mal, pois tam mal me fiei,
Bem, pois por vós m'enganei.

315.

f. 20 v°.

Vilancete XLI.

A este Vilancete
de Dom Afonso de Meneses:

1. *Guardei-me andando d'enganos*
Por não vir ao que vim,
E não me guardei de mim!

2. Enganou-se a fantesia:
Não vi onde o mal estava, 5
Os enganos só temia,
De mim não me receava.
Não sentia nem cuidava
Que meu mal estava em mim,
Por isso vim ó que vim. 10

3. Eu sou a mim mesmo imigo,
Eu a mim mesmo sou dano
E acho sempre mór perigo
Em mim qu'em nenhum engano.
Foi-se um ano apos outro ano 15
Té que a este estremo vim
Porque me fiei de mim.

f. 21 r°.

4. Qu'esperanças ja terei
Sobre têr tanto esperado
Nũas com que me enganei, 20
Noutras com que ando enganado?
Foge o bem, crece o cuidado,
E eu, vendo o mal a que vim,
Não me guardo inda de mim!

316.

f. 24 r°.

Esparsa II.

Quantas cousas estou vendo
Que não quisera entender!
Mas para poder viver
Faço que as não entendo.
O tempo as virá mostrar, 5
Que tudo faz descubrir:
Muitos terão de que rir,
Muitos terão que chorar.

Impr. P. p. 376 (Epigr. cxcviii). — *Var.*: 8 de que ch. —

317.

f. 24 v°.

Vilancete XLII.

A este Vilancete
de Dom Afonso de Meneses:

1. *Perdido o contentamento*
E esperança de o tér,
Que fica para perder?

2. Contentamento e esperança,
Tudo se me foi perdendo, 5
E por mór tristeza entendo
Qu'isto nunca mais s'alcança.
Ficou-m'inda ũa lembrança
Que nunca posso perder
Para mais triste viver! 10

3. Lembrança do bem passado
E do mal que ei de passar
Me dá tanto em que cuidar
Que tudo em mim é cuidado.

Trouxe-me meu mal a estado 15
Que não tenho que perder,
E tenho inda que temer.

f. 25 rº. 4. Só a vida inda me dura
Porque durem mais meus danos,
Quam longos serão os anos 20
Com tanta desaventura!
Quanto mal se me figura,
Quanto vejo que temer,
Quam pouco em mim que perder!

318.

f. 26 rº.

Epigrama LXII.

Á senhora Lianor da Costa, mandando-lhe ũas trovas minhas para cantar.

Estas palavras, senhora,
Foram nacidas em vão
Do que a triste alma chora,
Do que sente o coração.
Foram de mim bem choradas, 5
Nunca moveram brandura,
Se fossem de vós cantadas
Teriam grande ventura.

319.

f. 26 vº.

Vilancete XLIII.

A este Vilancete de Vasco da Silveira em louvor da senhora Dona Guiomar de Castro.

1. *Se os olhos vos vêm a medo,*
Se ninguem vos sabe olhar,
Quem vos ousará louvar?

2. Vai-se-me o tempo em desejo
De vos louvar toda a vida, 5
Mas se em vós cuido ou vos vejo
Fica esta tenção perdida.
De ninguem sois entendida,
E quem mais vos sabe amar
Menos vos ousa louvar. 10

3. Quantas vezes em vós cuido
Co esprito em vosso louvor,
Tantas de mim me descuido,
Levado todo d'amor.
Fico entre tristeza e dôr 15
Porque vos não sei louvar
Sabendo-vos tanto amar! ♦

320.

f. 27 rº.

Esparsa III.

Quem siso acertou de têr,
Trabalhe polo poupar,
Porque cousas ha de vêr
Que ou deve dissimular,
Ou o deve de perder. 5
Por mil cousas passa o siso.
Tenha-o em conta quem o tem,
Que não póde têr mór bem;
Sabe arrebentar de riso
Quando entende que convem. 10

Impr. P. p. 377 (Epigr. CCII). —

321.

f. 28 rº.

Epigrama LXIII.

A Vasco da Silveira.

Os olhos são d'alma imigos:
D'aqui venho a suspeitar
Que lhes vem tantos perigos
De s'ela querer vingar.
Mil cousas d'isto suspeito, 5
Nenhũas rezões m'aprazem,
Ou seja do mal que fazem,
Ou do que outros lhe têm feito.

Impr. P. p. 362 (Epigr. CLXIX: A Vasco da Silveira, tendo elle um desastre nos olhos, avendo poucos dias que tivera outro). —

322.

Epigrama LXIV.

Reposta de Vasco da Silveira.

Meus olhos, sendo-me imigos,
Só me podem lisonjar
Porque a força de perigos
Possa a que os causa abrandar.
Este só bem suspeito, 5
Por onde os males m'aprazem,
Nem chegará o que me fazem
A quanto me ja têm feito.

Impr. P. p. 363 (Epigr. CLXX: Reposta do dito). —

323.

f. 29 v°.

Romance.

Desque me parti de vêr-vos,
Tenho quanto mal mereço
Pois m'aventurei, senhora,
A quanto sem vós padeço.
Co que passo e co que sinto 5
A mim mesmo desconheço,
Sómente em tristezas vivo,
Nenhum prazer ja conheço;
Com cuidados sempre acordo,
Com cuidados adormeço, 10
Sonho cousas espantosas,
Nunca quieto amanheço.
Com mil medos passo o dia,
Com mil medos anouteço,
Acho-me sempre entre tristes, 15
Nunca entre alegres pareço.
Tudo o que me faz mais triste
É ante mim de mór preço,
As magoas que mais me seguem
Contra mim as favoreço. 20
f. 30 r°. O que soía alegrar-me
De todo agora avorreço,
Vou-me ao longo d'ũa praia
Porque ali mais m'entristeço.
Coas aguas que m'apartaram 25
Dos olhos a que obedeço
Em sofrer danos sem fim,
A que eles deram começo,
Se quer alguem consolar-me
Logo lhe desapareço; 30
Quando a saudade mais segue
A mim me desfavoreço,
E o peito todo lhe entrego,
Toda a vida lhe ofereço

Por vêr se com sua força 35
De minhas forças faleço.
Mas a morte não me quer,
De novo em meus danos creço,
E porque os sinto por vós
Nunca lhes desobedeço. 40
f. 30vº. Ergo a vós os pensamentos,
Mas logo d'eles me deço,
Que entre tantas maravilhas
De todo logo esvaeço.
Co que em mim sinto e em vós vejo 45
Cuido de mim que endoudeço,
Mas inda este bem me falta,
Inda mal que o desmereço.

324.

Vilancete XLIV.

A ESTE VILANCETE VELHO:

1. *Em que fim se me puseram*
Os meus amores,
Em que fim se me puseram!

2. Que amores tam enganados,
Que premio de tantos anos 5
Coa alma sempre em mil cuidados,
Coa vida sempre em mil danos!
Eu só choro os desenganos
Que me vieram,
E o fim em que me puseram. 10

3. Nada de novo me veo
Que muito antes não temesse,
Mas não fez este receo
Que agora menos doesse.

Porque a dôr mais me vencesse, 15
Do que fezeram
A esperança desfezeram.

f. 32 rº. 4. Para sentir esta dôr
É pequena toda a vida,
Como para tanto amor 20
Sempre a desejei cumprida.
Cedo a verei destruida
Pois ma quiseram
Destruir co que fezeram.

5. O mais do que sinto calo, 25
Não me deixa a dôr falar,
N'alma dia e noute falo,
Nela só m'ei de queixar.
Póde-me só consolar
Vêr que quiseram 30
O fim em que me puseram.

325.

f. 32 vº.

Vilancete XLV.

A este Cantar velho:

1. *Sequer dos olhos, meus olhos,*
Sequer dos olhos me olhai.

2. Polo que esta alma suspira,
Chea d'um vão pensamento,
Me olhai sómente um momento, 5
Inda que seja com ira.
Vereis que não é mentira
Quanto d'alma aos olhos sai:
Isto, meus olhos, olhai!

3. Não vos peço que me olheis 10
Para com isso viver,
Que bem sei que com me vêr
Mais cedo me matareis.
Mas se matar-me quereis,
Sequer dos olhos me olhai, 15
E com me vêr me matai!

326.

f. 33 v°.

Epigrama LXV.

De Lopo Rodriguez Camelo mandando-me mostrar ũa obra sua.

1. *Melhor é cair na caça*
Para não cair em mingua,
Que cair ca com a lingua
No terreiro e na praça.
Porque lá, se fôr' ao chão, 5
Logo sou alevantado,
E ca serei mui notado
Com qualquer caçafatão.

2. *Polo qual dissimulai*
Qualquer falta que sentirdes, 10
Que se bem mo encubrirdes,
Muito melhor o esperai.
Que o que escreve e é poeta,
Deve d'estar advertido,
Não se faça outrem Cupido 15
Tomando o arco e a seta.

Impr. P. p. 364 (Epigr. CLXXIII: De Lopo Roiz Camello, **mandando** mostrar ao Autor ũa obra em que quiz imitar a **Batrachomyomachia** de Homero, avendo poucos dias que dera ũa queda na caça). — *Var.*: 4 e mais na p. —

327.

f. 34 r°.

Epigrama LXVI.

Reposta a Lopo Rodriguez.

1. Não sem rezão temeis mais
Quedas da lingua que tudo,
Que sabeis como sesudo
Que as mais d'elas são mortais.
No mais não ha que temer, 5
E ha muito de que pasmar
E muito para louvar
Quem a tanto s'atrever'.

2. Ũa só cousa dizer quero:
Que mil povos, se se atrevem, 10
Sobre vós contender devem
Como sobre o grande Homero.
Fôra boa esta contenda,
Por vossa parte a tomara,
Quiçá que a ventura avara 15
Pudera assi têr emenda.

Impr. P. p. 365 (Epigr. CLXXIV). — *Var.*: 6 espantar — 11 cont. s. v. d. —

328.

f. 34 v°.

Cantiga XLVI.

1. De meu mal tomado ás mãos
Estou, não me sei valer:
Tudo são desejos vãos,
Tudo conselhos mal-sãos,
Todos para me perder. 5

2. Diante dos olhos vejo
Ir-se o remedio escondendo,
E d'aqui fico entendendo

Que em vão o busco e desejo,
Pois que se me está detendo. 10
Ando assi tomado ás mãos,
Não tenho ja que perder
Senão uns desejos vãos
E mil conselhos mal-sãos
Que me não podem valer. 15

329.

f. 35 rº.

Esparsa IV.

Pois vejo em tudo mudança
Sempre de mal em pior,
Para que é têr esperança
Que virá tempo melhor?
Cuidar que não pode vir 5
Basta para descansar,
E basta para me rir
De quanto vejo passar.

Impr. P. p. 376 (Epigr. cxcix). — *Var.*: 8 chorar. —

330.

f. 35 vº.

Cantiga XLVII.

A esta Cantiga
de Dom Miguel de Noronha:

1. *Ando d'engano em engano*
Por encubrir meu tormento,
E querem só por meu dano
Entender meu pensamento.

2. Entre enganos e receos 5
Quis meu cuidado esconder-se,
Mas a juizos alheos

Quem poderá defender-se?
De si mesmo o desengano
Está dando meu tormento, 10
Porque não nace tal dano
Senão de tal pensamento.

331.

f. 36 rº.

Vilancete XLVI.

A este Vilancete de Dom Luis de Meneses
á senhora Dona Guiomar de Castro:

1. *Dos estrangeiros, senhora,*
A causa de se perderem
Foi de vos não entenderem.

2. Se d'isto alguem s'espantar'
Não sei se vos sabe vêr, 5
Porqu'eu vejo em vós perder
Quem se cuida em vós salvar.
Não vos merecerem olhar
Foi causa de se perderem
Para nunca mais vos vêrem. 10

3. Perderam-se os que vos viam,
Os que vos vêm perder-s' hão,
Que nem lá vos entendiam
Nem ca vos entenderão.
Mas vossas graças estão 15
Nest' alma para se vêrem
Seguras de se perderem.

332.

f. 36 v°.

Epigrama LXVII.

A Dom Luis de Meneses.

1. Com dôr de meu coração
Que voss' alma ha de sentir,
Não vos ouso descubrir
Como vos vai na armação:
Tendes-me por verdadeiro, 5
A verdade ei de dizer:
S'inda quereis mais perder,
Podeis mandar mais dinheiro.

2. Mas, como se negará
O que está tam entendido? 10
Que quem arma c'um perdido,
Como se não perderá?
Vede que posso esperar
Das verdades que a alma sente,
Se nunca em jogo sómente 15
Me quis a dita enganar!

Impr. P. p. 365 (Epigr. CLXXV: A Dom Luis de Menezes Alferes mór, tendo armado comigo no Jogo). —

333.

f. 37 r°.

Epigrama LXVIII.

Reposta de Dom Luis.

1. *Quem não tem consolação,*
Todo mal póde sentir,
Mas se perdi n'armação
Folgo de mo descubrir.

Ja sei que é verdadeiro, 5
Pesa-me de tanto o ser;
Polo perdido não vêr
Lhe não mando mais dinheiro.

2. *E eu me contento co mal*
S'eu ficar' só o perdido, 10
Porque ja tenho entendido
Qu'esse é o meu natural.
Se com dinheiro quisera
Minha mofina abrandar,
Cada dia o perdera 15
Para me poder ganhar.

f. 37 vº. 3. *Mas em pago d'estas novas*
Outras lhe quero mandar,
E se lhas mando em trovas
É por mais o enfadar: 20
Ontem á tarde cavalguei,
Sendo ja passado o dia,
A Enxobregas cheguei;
Do que eu vi, eu morrerei
Se não fôr' lá cada dia. 25

4. *As damas andavam na orta,*
Todas com grande alegria,
E eu estava á porta:
Ora chorava, ora ria.
Lembrou-m' o tempo passado 30
E d'agora o presente,
Do que sou mui descontente
Porque me traz enganado.

Faltam as duas ultimas estrophes na edição da Academia, *onde está impresso a* p. 366 (Ep. CLXXVI). — *Var.*: 7 Por vos p. — 8 Vos não m. —

334.

f. 38 rº.

Vilancete XLVII.

A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Vida, falai-me oje,*
Qu'amanhã é longe!

2. Se em só vos ouvir
Vida espero achar,
Que posso sentir 5
S'isto mais tardar'?
Qu'ei ja d'esperar
Se me negais oje
Um bem de tam longe?

3. Faz-me este desejo 10
Anos os momentos,
E em quanto o não vejo,
Tudo são tormentos.
Estes sentimentos
Remediai oje, 15
Qu'amanhã é longe!

335.

f. 39 vº.

Epigrama LXIX.

A Gomez Freire d'Andrade.

Não pód' homem mais fazer
Que servir no qu'é mandado,
Inda que podereis crêr
Que o fiz como peitado.
Mas ja que a carne é tam fraca, 5
Não tenhais por maravilha
Que não m'esqueça da faca
Pois não m'esqueci d'almilha.

Impr. P. p. 363 (Epigr. CLXXI: A Gomes Freire de Andrade, com ũa almilha que me tinha pedido, que lhe ouvesse, e promettido ũa faca). —

336.

Epigrama LXX.

Reposta de Gomez Freire.

Em mim é o prometer
Tam certo como têr dado,
Por onde me podeis crêr
Têr pola faca mandado.
E segundo a carne é fraca, 5
Não tereis por maravilha
Crêr que os desejos d'almilha
Iriam ja pola faca.

Impr. P. p. 363 (Epigr. CLXXII). —

337.

f. 42v°.

Cantiga XLVIII.

1. Perca-s' a vida pois vejo
Um mal que sempre temi,
E vingar-m' ei d'um desejo
Que sempre foi contra mi.

2. Vi sempr' o que veo a ser: 5
Nem pude, nem quis fugir;
Depois de tanto temer,
Qu' ha d'aver senão sintir?
Sinto o que vi, e o que vejo
Ja desejei, ja temi; 10
Foi contra mi o desejo,
Foi o temor contra mi.

3. Mas d'um desejo tam vão
Que podi' eu esperar,
Senão perder a razão 15
Que tinha de desejar?

Um mal qu'agora em mim vejo
Passa polo que temi,
Ah, triste do meu desejo!
Mas ah, mais triste de mi!

338.

Receo de louvor II.

f. 45 r°. 1. Se consistira em amar-vos
Saber-vos bem entender,
Bem me pudera atrever,
Senhora, em parte a louvar-vos.
Inda então o entendimento 5
Tevera grandes temores
De tratar vossos louvores
Senão só co pensamento.

Senhor,

Se a louvores de ũa dama de tanto nome têm licença de acudir os que o têm tam pouco que polos que tomam do que sentem podem ser mais conhecidos que polos proprios, pedimos a v. m. que lhe queira apresentar nestas trovas a verdade do que nelas dizemos, e a dôr do que não soubemos dizer.

f. 45 v°. UM SEM NOME, QUE O PERDEU:

2. Tanta graça e tal brandura,
Qu'esprito ha que não abale? 10
Que voz muda que não fale
De tam grande fermosura?
Que ocupado pensamento
Que não deixe mil amores
Por seguir vossos louvores 15
Que vencem o entendimento?

Um receoso:

3. Louva menos quem mais ousa,
E mais quem menos se atreve,
Que o 'sprito em nada repousa
Que de vós se diz e escreve. 20
Porque, inda que o entendimento
Não chega a vossos louvores,
Vê que todos são menores
Que o vosso merecimento.

f. 56 rº.*

Um triste:

4. Muito em vêr-vos m'entristeço, 25
Vêr-me m'entristece mais,
Que vejo que não mereço
Falar em louvores tais.
De tristeza o pensamento
Se enche entre vossos louvores, 30
Porque se vê com temores
Cercado do entendimento.

Um duvidoso:

5. De mil pensamentos cheo
Me vejo quando me vejo,
Porque louvar-vos receo, 35
E o vosso louvor desejo.
É contente o pensamento
De si por vossos louvores,
Descontente dos temores
Em que o traz o entendimento. 40

f. 56 vº.*

Um constante:

6. Traga o entendimento medos,
Sempre vos ei de louvar,
Porque em vos vêr e cuidar
Descobre a alma mil segredos.
Constante no pensamento 45

De seguir vossos louvores,
M'esconderei aos temores
Que me põe o entendimento.

Um verdadeiro:

7. Por mais que cuido e que digo
De vós, sou tam verdadeiro 50
Que não posso têr perigo
De parecer lisongeiro.
Verdadeiro o pensamento
Cuidando em vossos louvores,
Verdadeiros os temores 55
De que s'onra o entendimento!

f. 46 rº. Pero de Sousa:

8. Onde ha d'amor profissão
É licença concedida
Passar termos da razão,
Pois passa mais que da vida 60
Quem tem esta ocasião.
Assi que meu alto intento
Não careça de desculpa
Usando de atrevimento,
Pois em tudo tem a culpa 65
Um ousado pensamento.

9. E como fortuna seja
A que sustenta os ousados,
Sem que a requesta é sobeja,
Guia-me a passos contados 70
Que siga o que a alma deseja.
Como a maior das maiores,
A vontade nisso experta
Despreza cousas menores,
E por via clara e certa 75
Me leva a vossos louvores.

f. 46 v°. 10. Mas chegando ao edificio,
Ficou pasmado o sugeito
Sem lhe valer exercicio,
Porque é tam grande o efeito 80
Que envileça o arteficio.
Meus suspiros corredores,
De que todo o ar é cheo,
Me pintam de vossas côres,
Não vazio de receo 85
Mas cheo de mil temores.

11. Indicio é de desatino
Sobejidão de temor;
Confesso que desafino
No al, porém no d'amor 90
Em que temo me refino.
Vivo assi com meu tormento
Como quem mais não alcança
Que da perda o sentimento,
Porque o porto da esperança 95
Mo defende o entendimento.

f. 47 r°. DOM MANOEL DE LACERDA:

12. Ũa estranha fermosura,
Um raro valor e preço,
Louve-a quem teve ventura,
Qu'eu só com vê-la emudeço! 100
E assi nem do pensamento
Ouso fiar seus louvores,
Cercado mais de temores
Que livre d'entendimento.

FRANCISCO LEITÃO:

13. De quem a si se defende 105
Louvar-vos, sois mais louvada,
Porque o que em vós mais s'entende
É que não se entende nada.

E assi, se ousa o pensamento
Cuidar em vossos louvores, 110
Não o deixa com temores
Ir avante o entendimento.

f. 47 vº.

AVENTUREIRO:

14. Si en juizio humano cabe
El valor de alguna cosa,
No sé por que temerosa 115
Discreta lengua lo alabe.
Atrevido pensamiento
Será el que os diere loores,
Aunque a miedo y con temores,
Pues passais a entendimento. 120

JOÃO CORREA:

15. Vejo não serem iguais
Meus louvores, mas pequenos,
Que em partes tam principais
Quem cuida ganhar por mais,
Fica perdendo por menos. 125
Mas a fe do pensamento
Ousado em vossos louvores,
Supre com outros maiores
A falta do entendimento.

f. 48 rº.

FERNÃO DE CASTRO:

16. Tem-me posto em tal estado 130
Amor falso e seus enganos
Que me faz sofrer mil danos
Sendo sempre despresado.
Deu-me agora um pensamento
Que ir ousa a vossos louvores, 135
Mas cercado de temores
Lho defende o entendimento.

GONÇALO DE SOUSA:

17. Confesso que não me atrevo
Louvar o que é proprio vosso,
Pois louvando quanto posso 140
Não louvarei quanto devo.
Que mal póde o entendimento
Louvar com iguais louvores
A quem causa mil temores
No mais alto pensamento. 145

f. 48 v°. 18. Se ouso, de ousado me acuso,
Se temo, não dou louvor,
Entre ousadia e temor
Estou suspenso e confuso.
Confunde-se o pensamento 150
No mar de vossos louvores,
E um vento de temores
Desbarata o entendimento.

ANRIQUE DE FIGUEIREDO:

19. É a forma do louvor
Entender a cousa amada; 155
Eu de vós não entendo nada,
Porque, em fim, é cego Amor.
Que, se faço fundamento
Ocupando-me em louvores,
São tam certos os temores 160
Que abatem o entendimento.

f. 49 r°. DOM LUIS DE NORONHA:

20. Se a vista não se assegura
Na vossa que raios lança,
Como posso em tanta altura
Louvar o que não se alcança? 165
Como pode o pensamento,
Ousado em vossos louvores,
Não temer quando os temores
Procedem do entendimento?

João de Tovar Caminha:

21. A natureza se espanta, 170
Ceo e terra se deleita,
Pasma o mundo, a gente canta
Vendo cousa tam perfeita.
O mais alto pensamento
Falece em vossos louvores, 175
Padece a lingua temores,
Rende-se o entendimento.

f. 49 vº. Dom Antonio de Melo:

22. Os vossos novos estremos
Que se vêm e não se entendem,
Quando os vemos nos defendem 180
Que louvá-los não ousemos.
Porque, se inda o pensamento
Cuida neles com temores,
Como para seus louvores
Terá a voz atrevimento? 185

Martim Afonso de Sousa:

23. Por mais que ninguem vos gabe,
Sabei que menos entende
De vós, se dizer pretende
Quanto nesses olhos cabe.
Que não basta atrevimento, 190
Senhora, para louvar-vos,
Nem só para contemplar-vos
Um ousado pensamento.

f. 50 rº. 24. Que, se por ousar bastara,
Creo eu que tanto ousasse 195
Que se sempre vos louvasse
Mil vezes vos contemplara.
Mas se vedes em mim côres
De vos querer dar louvor,
Sabei que força d'amor 200
Me leva a vossos louvores.

f. 50 vº.

Gaspar de Sousa:

25. Não faz pouco quem pretende
Louvar vossa fermosura,
Mas quem a tal se aventura,
Não vos louva, mas ofende. 205
Porque, se meu pensamento
Me leva a vossos louvores,
Vai tam cheo de temores
Quam falto d'entendimento.

Aventureiro:

26. D'este temerario ousar 210
A culpa que me condena,
Bem se desconta na pena
De vos não saber louvar.
Mas a tanto atrevimento
Devem-se castigos móres 215
Que faltar-vos em louvores
Donde falta o entendimento.

339.

Trovas I.

f. 51 rº.

Alfesibeo:

1. Os prados, vales e montes
Com tua vista reparas,
Ribeiras e frescas fontes
Para ti correm mais claras.
Tua graça alegre e branda 5
Enche d'alegria a terra,
Sem ela a vida desanda,
E a morte á vida faz guerra.

MELIBEO:

2. Nos prados frescas boninas
Facem fermosas pinturas, 10
Dos teus olhos as mininas
Têm muitas mais fermosuras.
A alegria neles anda,
Mal merecidos da terra,
Neles o amor se abranda, 15
Neles a dôr se desterra.

f. 51 vº.

ANDROGEO:

3. Vejam-te assi ou assi,
Sempre es fermosa igualmente,
Que nunca se muda em ti
A fermosura presente. 20
A graça, que em ti sempre anda,
Nunca de ti se desterra,
E inda que te vemos branda
Fazes coa brandura guerra.

FRANCO:

4. Tua vista desbarata 25
Mais que ferro e mais que fogo,
Mas inda que fere e mata
Sara e torna a vida logo.
Na mesma aspereza ó branda,
Tem paz escondida em guerra, 30
O Amor por ela se manda,
E assi póde mais na terra.

f. 52 rº.

SALICIO:

5. Ninguem, Pascoala, te entende,
Polo que quem quer louvar-te,
Louvando-te mais te ofende 35
Que se quisera anojar-te.

Mas tua condição branda
Perdoe a quem d'amor erra;
Baste a quem se assi desmanda
Vêr-se em perigosa guerra.

NEMOROSO:

6. Os pastores do teu Douro
Mil vezes alegres vi
Como de seu mór tesouro
S'estarem onrando de ti.
A teu nome só se abranda 45
Sua dura e aspera serra,
Que essa fermosura branda
Tambem ausente faz guerra.

f. 52 v°.

ALBANO:

7. Cantada es de todos bem
Inda que entendida mal, 50
Mas tudo o que de ti crêm
No que não dizem lhes val.
Fermosura que o ceo manda
Mal s'entenderá na terra,
Que, inda que nos olhos anda, 55
Mais é o que n'alma encerra.

TIRRENO:

8. Por tornar a vêr bem tanto
Quem te viu sempre suspira,
Quem crêra tam grande espanto
Nem de ti, se te não vira! 60
Teu nome nas almas anda,
Move nelas branda guerra;
Ũas vence, outras abranda,
D'outras todo bem desterra.

f. 53 r°.

ALZINO:

9. Quem de ti, Pascoala, conta, 65
Quem de ti escreve ou canta,
Pouco ou muito, o mesmo monta,
Porque de ti tudo espanta.
A fermosura tam branda
Não chega engenho da terra, 70
Diz o Amor, que calar manda;
Quem mais cala, menos erra.

ELENCO:

10. Inda que sejas cantada
De mim, sei quanto me atrevo;
Bem posso não dizer nada, 75
Mas quanto entendo te devo.
A alma ocupada nisto anda,
Ergue-se o 'sprito da terra,
E cheo do amor que o manda
De mim por ti se desterra. 80

f. 53 v°.

TITIRO:

11. Pastores ouço e pastoras,
Que eles e elas de ti cantam,
E têm por tristes as oras
Que em teus olhos não s'espantam.
A vista que se desmanda 85
Por outras pastoras, erra,
E o que por vêr-te sempre anda
Não se satisfaz da terra.

LIMIANO:

12. Quem ha que a vêr-te se atreva
E que de ti cantar ouse 90
Que por mais que cante e escreva
Diga nada em que repouse?

Quem de·ti cuida, sempre anda
Em dificultosa guerra,
Porque graças que o ceo manda 95
Louvá-las não póde a terra.

f. 54 rº.

DURIANO:

13. As brandas Ninfas do rio
A teu brando nome acodem,
E o tecem com sotil fio
Como devem e como podem. 100
Cada ũa a competir anda
Coas do bosque, coas da serra,
Todas teu amor abranda,
E move entre todas guerra.

MOPSO:

14. Inda que em vão de ti diga, 105
Inda que em vão de ti cante,
Não me será a sorte imiga
Se a teu nome a voz levante.
O entendimento me manda
Que, inda que nisto a ti se erra, 110
Te louve, Pascoala, branda,
No povoado e na terra.

f. 54 vº.

URANIO:

15. Se de ti cantar ousamos,
Perdoa se te ofendemos;
E se de ti nos queixamos, 115
Conhece que razão temos.
O esprito que se desmanda
A te cantar, muito te erra,
E o que de ti queixoso anda,
Dá-lhe vida ou o desterra. 120

f. 57 rº.*

ALPINO:

16. Quando o sol claro alumia
As estrelas s'escurecem,
E como s'esconde o dia
Logo claras aparecem.
Tua vista alegre e branda 125
Escurece os que ha na terra,
E o que tem luz, com luz anda
Quando a tua em si s'encerra.

SERRANO:

17. Olho as estrelas com pejo,
E a clara e fermosa lũa, 130
Porque a ti sempre te vejo
Mais fermosa que outra algũa.
Fermosura grave e branda,
Qual não se vê em toda a terra,
É, Pascoala, a tua, em que anda 135
O Amor dando paz e guerra.

f. 57 vº.*

SINCERO:

18. Se a manhã fermosa e clara,
E se a alegre primavera
Inda a ti não se compara,
Quem ha que louvar-te espera? 140
Ante teus olhos se abranda
Do Amor a mais dura guerra:
Quem em tal guerra não anda,
Não tenha nome na terra!

EUGENIO:

19. Quem te vê, vê logo a vida, 145
Quem te não vê, vê a morte:
Cad' ũa é sorte devida
A tam triste e alegre sorte.

É comtigo a morte branda,
Sem ti será a vida guerra. 150
Quem em tal guerra sempre anda
Terá gram nome na terra.

f. 58 r°.*

MELISEO:

20. Se o campo seco aparece
Do duro tempo roubado,
Vendo-o tu se reverdece 155
De mil flores variado.
E pois tua vista branda
Alegra, Pascoala, a terra,
Não desempares quem anda
Por ti sempre em dura guerra. 160

GALICIO:

21. Ora cuides, ora cales,
Ora bailes, ora cantes,
Ora rias, ora fales,
Que tens com que não espantes?
Teu brando nome sempre anda 165
Enchendo de espanto a terra,
E nele o duro Amor manda
Ás vidas aspera guerra.

f. 58 v°.*

PIERIO:

22. A teu fermoso meneo
S'enche o campo de mil flores, 170
E quanto vês logo é cheo
Das Graças e dos Amores.
Sempre nos teus olhos anda
Vida e morte, paz e guerra,
Mas neles tudo se abranda 175
Mais que em quantos ha na terra.

SILVANO:

23. Em mil arvores teu nome
Vejo, Pascoala, escrito,
Nem tem outro com que dome
Tanto amor a todo esprito. 180
A que peito não abranda,
A que animo não faz guerra
Teu nome, com que sempre anda
O Amor conquistando a terra?

340.

f. 55 rº.*

Vilancete XLVIII.

1. Naceu a causa da dôr
De que a tal tristeza vim,
De vos vêr, e vêr-me a mim.

2. Vejo, por mais que padeça,
Em quanto em vós se conhece, 5
Tudo que não se merece,
Nada em mim que vos mereça.
Que averá com que não creça
Cad' ora o mal a que vim,
Se vos vejo, e vejo a mim? 10

3. Em vós ũa fermosura
A que outra não se compara,
Em mim por pena mais clara
Contraria em tudo a ventura.
Vida triste, e morte dura 15
Virá da dôr a que vim
De vos vêr, e vêr-me a mim.

f. 55 vº.* 4. Comigo quis enganar-me
Para cuidar de mim mais,
D'amor proprio nem sinais 20
Vi de que possa ajudar-me.

Que o proprio Amor, que deixar-me
Quis desque a vosso amor vim,
Tudo ama em vós, nada em mim.

5. Se me enganara comigo 25
Para que em mais me tivera,
Por mal que vos entendera
Sintira o mesmo perigo.
Que só vêr-vos traz comsigo
O desengano a que vim, 30
Inda que me engane a mim.

341.

f. 59 rº.

Vilancete XLIX.

A este Vilancete
de Francisco de Sá de Miranda:

1. *Que vos farei, meu cuidado?*
Onde vos terei metido
Que não sejais entendido?

2. Inda que de vós me vem
Sempre um triste desengano, 5
Mais quero este grande dano
Que por outro um grande bem.
A alma dentro em si tem,
Mas ando inda assi temido
Que me sejais entendido. 10

3. De vós mesmo ei grande medo
Porque me chegais a estremo
Que os mesmos meus olhos temo
Que descubram meu segredo.
Não ha mal que, tarde ou cedo, 15
Por mais que seja escondido,
Não venha a ser entendido.

f. 59 v°. 4. Ánda a alma toda perdida,
Erguer os olhos não ouso,
Não tem o esprito repouso, 20
Nem acha sossego a vida.
Minha tristeza é mal crida,
E vós, cuidado, mal crido,
Porque não sois entendido.

5. Mas assi vos quero têr: 25
Não saiba ninguem de vós,
Ca nos entendemos sós
Que tudo ei ja de sofrer.
Comvosco espero morrer:
Quer esteis sempre escondido, 30
Quer sejais inda entendido.

342.

f. 60 v°.

Esparsa V.

Ja 'gora um vão pensamento
Me não devia enganar:
Porque, a que posso eu chegar
S'inda um castelo de vento
Não chego a poder armar? 5
Ũa esperança perdida
Me tem deitado a perder,
E o que temo recolher
É vir a perder a vida
Quando a mais sinta perder. 10

Impr. P. p. 376 (Epigr. cc). —

343.

f. 61 v°.

Epigrama LXXI.

A Dom Luis de Meneses.

1. A verdadeira amizade
Em nenhum tempo s'esquece,
Quando outra cousa acontece
Ou ha culpa ou novidade.
Eu, doente, que crerei 5
De vos vêr tam esquecido?
A qual de nós culparei
Que o tenha mais merecido?

2. Anda sempre o pensamento
Buscando em mim ũa culpa 10
Para vos achar desculpa
A tam grande esquecimento.
Mas vêr-vos tam descuidado
Me dá causa de cuidar
Que ou é terdes-me deixado, 15
Ou quererdes-me deixar.

Impr. P. p. 367 (Epigr. CLXXVII: Ao Mesmo, estando eu doente, e não me tendo visto). — *Var.*: 15 teresme — 16 queresme. —

344.

f. 62 r°.

Epigrama LXXII.

Reposta de Dom Luis.

1. *Ei-vos de falar verdade*
Porque vos não avorrece:
A boa e firme amizade
Em nenhum tempo s'esquece.
Depois que a minha vos dei 5
Nunca vos pus em olvido,
De contino trabalhei
Por serdes d'ela servido.

2. *Quem vive com tal tormento,*
Não se lhe deve pôr culpa, 10
Mas buscar-se-lhe desculpa
Pois é por tal pensamento.
Estais de mim agravado,
E não vos quereis lembrar
Que quem morre d'um cuidado 15
Que não póde em al cuidar.

Impr. P. p. 367 (Epigr. CLXXVIII). —

345.

f. 62 v°.

Epigrama LXXIII.

A Pero d'Alcaçova Carneiro mandando-lhe uns papeis meus que me tinha pedido.

De corrido de tardar
Folgava ja d'ir tardando,
Mas ja 'gora vou estando
Mais corrido de chegar.
Sempre quis obedecer, 5
Mas té 'gora me deteve
Não dever aparecer
O que aparecer não deve.

Impr. P. p. 368 (Epigr. CLXXIX: A Pero d'Alcaçova Carneiro com uns papeis meus quo me tinha pedido). —

346.

Vilancete L.

A ESTE VILANCETE
DE PERO MONIZ DA SILVA:

1. *Folgo tanto de me vêr*
Sem nenhum contentamento
Qu'ei por vida meu tormento.

2. É tam grande meu prazer
De me vêr tam longe d'ele 5
Que queria nunca o têr
Para mór parte têr nele.
Mouro por viver sem ele
Para me vir do tormento
De o não têr, contentamento. 10

347.

f. 64 rº.

Cantiga XLIX.

A esta Cantiga velha:

1. *Vida da minh' alma,*
Não vos posso ver:
Isto não é vida,
Ei-me de perder!

2. Não póde a vontade 5
Onde vive amor,
Esconder saudade,
Nem encubrir dôr.
Não ha mal maior,
Nem ha mais morrer 10
Que vêr-me com vida
Sem vos poder vêr.

3. Neste bem que quero
N'alma e no desejo,
Vivo do que espero, 15
Mouro do que vejo.
Faz-me a vida pejo
Pois não posso vêr
Quem me tem a vida
E sempre ha de têr. 20

348.

f. 65 v°.

Cantiga L.

A esta Cantiga
de Dom Fadrique Manoel:

1. *Pois dá tam crecida pena*
Só de vós novas ouvir,
Terrivel dôr se lhe ordena
A quem vos vir'.

2. Ninguem póde isto saber — 5
Melhor que quem ja sintiu
A pena do que me ouviu
E o tormento de vos vêr.
Julgará por mais pequena
A dôr que mais se sintir', — 10
E sentirá maior pena
Se vos vir'.

3. Pouco a pouco perde a vida
Quem o que ouve de vós crê,
E ganha quando vos vê — 15
Nela de todo perdida.
Qu'inda que a morte se ordena
A quem vos sabe sintir,
Não a ha de sintir por pena
Se vos vir'. — 20

349.

f. 56 v°.

Vilancete LI.

A este Vilancete de João de Sá
em louvor da Senhora Dona Antonia de Vilhana:

1. *Se o menos que em vós se vê,*
Emudece e faz pasmar,
Quem vos poderá louvar?

2. Quem vos louva vos ofende,
Serve-vos mais quem recea, 5
Onra-se quem mais s'enlea
Pois de vós nada se entende.
Esprito que mais se rende,
Vos póde melhor louvar
Com temer e com calar. 10

350.

f. 67 rº.

Cantiga LI.

1. Perca-se a vida pois vejo
Perdida ja a confiança
De me mostrar a esperança
O que me mostra o desejo.

2. Com ela me sustentava 5
Na dôr que d'ele sintia,
O que esperava isto cria,
E o que cria desejava.
Ja 'gora que perder vejo
Ũa tam grande esperança, 10
Mate-me a desconfiança,
Vingue-me assi do desejo.

351.

f. 71 rº.

Vilancete LII.

A este Vilancete de Pero de Castro em louvor da Senhora Dona Isabel de Vilhana:

1. *Cuidei de com voz umana*
Louvar parecer divino:
Achei que era desatino.

2. Têr nisto muitos temores
Não ó d'espritos pequenos, 5
Porque em tam grandes louvores
Ganha mais quem ousa menos;
Mas a alma a quaisquer acenos
Entra logo em desatino
Por um parecer divino. 10

352.

f. 71 v°.

Vilancete LIII.

A este Vilancete de Manoel Tellez
Á Senhora Dona Joana de Noronha:

1. *A vida que é sem vos vêr*
Bem merece ser perdida,
Pois sem vos vêr não ha vida.

2. A quem crê que este só bem
Da morte o póde salvar, 5
Um só remedio que tem,
Como se lhe ha de negar?
Deixai-vos, senhora, olhar,
Dai-lhe com vos vêr a vida
Que sem vos vêr tem perdida! 10

353.

f. 72 r°.

Vilancete LIV.

A este Vilancete de Dom Rodrigo de Melo
em louvor da Senhora Dona Antonia de Vilhana:

1. *Do divino parecer,*
Que averá que mostre mais
Do que nesse nos mostrais?

2. Tratar um juizo umano
D'um bem de que o mundo é indino, 5
Não sómente é grande dano,
Mas tambem gram desatino.
Tudo em vós de vós é dino,
E tudo, senhora, mais
Do que entender nos deixais. 10

354.

f. 72 v°.

Vilancete LV.

A este Vilancete de Manoel da Silva
Á Senhora Dona Violante de Meneses:

1. *Quem, senhora, vos tem visto,*
Se vos souber' entender
Forçado s' ha de perder.

2. Tenha gram contentamento
De quem fordes entendida, 5
Inda que este entendimento,
Senhora, lhe custe a vida.
Mas é obrigação devida
Não a deixardes perder
A quem vos soube entender. 10

355.

f. 74 v°.

Vilancete LVI.

A este Cantar velho:

1. *Caterina bem promete,*
Era má, como ela mente!

2. Prometeu que meus queixumes
Brandamente me ouviria,
E os seus dous fermosos lumes 5
Brandos a mim voltaria;

E eu ja como quem se fia
Nesta esperança contente,
Ria de quem diz que mente.

f. 75 r°. 3. Promete, mas sempre engana, 10
Oxalá nunca o dissera!
Que assi muito mais me dana
Que se nunca prometera.
Ja minh' alma desespera
De se vêr nunca contente 15
D'um si de quem tanto mente.

4. Promete para enganar
Quem nunca lhe disse engano,
E engana para danar
Quando mais se sinta o dano. 20
Vai-se o mes, vai-se o ano,
Se lhe lembro o que promete
Diz que si, mas sempre mente.

5. O seu si sempre é fermoso
Quando se ouve e se lhe crê, 25
Mas é mais que o não danoso
Quando o não nele se vê.
Mente-me, não sei porquê,
Nem sei como ja não sente
Quanto m'engana e me mente. 30

f. 75 v°. 6. Mil vezes me ponho em ira,
Vendo sua crueldade,
Pois crendo eu sua mentira
Me não crê minha verdade.
Mostro-lhe a alma e a vontade, 35
Não me crê, pois me promete
Para mentir como mente.

7. Ja com tanto falecer
Me falece a confiança,
E de sua fe perder 40

Perdi eu minha esperança.
Mas o amor não faz mudança,
Que quem d'ele muito sente
Nem a quem lhe mente, mente.

356.

f. 76 rº.

Vilancete LVII.

A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Coifa de beirame*
Namorou Joane.

2. Viu quem no toucava,
E o que nela via,
Ar e graças dava 5
A quanto trazia.
Vèr em tal valia
Tam baixo beirame
Namorou Joane.

3. Quem nunca cuidara 10
Que sem ser engano
Tanto preço achara
Em tam baixo pano?
Contente do dano
Que achou no beirame 15
Se acha ali Joane.

f. 76 vº.

4. Do que ali se vê
Ninguem se segura,
Que tudo ali é
Graça e fermosura. 20
Mostrou-lhe a ventura
Que até no beirame
Se vê ali que s'ame.

5. Cousa em si tam pouca
Tanto o não movera, 25
Si o ar da que a touca
Em si não tevera.
Mais do que s'espera
Em nenhum beirame,
Neste viu Joane. 30

f. 77 rº. 6. Fez esta verdade
Que ali nela viu
Que outra novidade
Logo em si sentiu.
Nela consintiu 35
Que por tal beirame
Matasse Joane.

7. Co que nele achou
Nele os olhos tinha,
E o que nela olhou 40
A alma lhe detinha;
Que só d'ela vinha
Graça ao beirame
E amor a Joane.

357.

f. 77 vº.

Vilancete LVIII.

A esta Cantiga velha:

1. *Donde vem Rodrigo?*
De mondar o trigo.

2. Inda que forçado
Tanto se deteve,
Nem momento teve 5
No trigo o cuidado.
Só d'amor lembrado
Que a alma tem comsigo
Sempre foi Rodrigo.

3. A alma sempre tinha 10
No seu pensamento,
E neste tormento
Hia a morte e vinha.
O em que se detinha
Proveito era ó trigo, 15
Mas dano a Rodrigo.

f. 78 rº. 4. Do que n'alma traz
Nunca se descuida;
Tem-na no que cuida,
Só mãos no que faz. 20
Nisto satisfaz
Seu amor Rodrigo,
Não em mondar o trigo.

5. Quando o trigo louro
Rodrigo mondava, 25
A alma chea estava
D'uns cabelos d'ouro.
Todo seu tesouro
Neles tem Rodrigo
Mais que no seu trigo. 30

f. 78 vº. 6. Na sua tardança
Muito mais merece,
Pois nela aparece
Mais sua lembrança.
Só desconfiança 35
D'esquecer Rodrigo
Lhe é de mór perigo.

7. Chorava e sintia
Vêr-se assi ausente;
Cuidou que presente 40
Menos sintiria.
Mas a noute e o dia
Lá e ca Rodrigo
Sempre tem perigo.

358.

f. 79 r°.

Vilancete LIX.

A ESTE CANTAR ALHEO:

1. *Tende-me mão nele,*
Que um real me deve.

2. Se assi brado e grito,
É porque releva
Que me leva o 'sprito 5
Tras o que me leva.
Quemquer que lh'eu deva,
Tenha-me mão nele
Polo que me deve.

3. Mais é do que digo 10
O que peço e calo;
Mas por seu perigo
Não ouso obrigá-lo.
Quero envergonhá-lo
Com pubricar d'ele 15
Que foge a quem deve.

f. 79 v°.

4. Quanto póde corre
Por se m'alongar,
E a vida me morre
De me assi deixar. 20
Póde-ma tornar
Quem fezer' com ele
Que torne a quem deve.

5. Com brados o chamo,
Si ouve não responde; 25
Lagrimas derramo,
D'elas se me esconde.
Vai não sei por onde,
E o que só sei d'ele
É que amor me deve. 30

f. 80 r°. 6. Quisera encubrir
Co que peço e que é,
Por não se sintir
Que foge a tal fé.
Cuido que a não crê, 35
Mas eu creo que ele
Nisto mais me deve.

7. Vai de mim fugindo:
Por ele me corro,
Não de o ir seguindo 40
Coa pressa que corro.
Dé-me alguem socorro,
Tenha-me mão nele
Que espere quem deve.

f. 80 v°. 8. Por me dever mais 45
Tudo lh'encubria;
Não me valem ais,
Nem ha dôr que os cria.
Mas ja tomaria
Que fugisse d'ele 50
Quem lhe muito deve.

9. Pois não se correu
Da gente ou de mi,
Sinta o que perdeu,
Corra-se de si.
E isto que eu sinti, 55
Sinta tambem ele
Inda em quem lhe deve.

359.

f. 81 rº.

Vilancete LX.

CANTAR AO MESMO MODO:

1. *Tenham-me mão nele,*
Que mais dias deve.

2. Não me deixem ir
Quem só me descansa,
Qu'em o vêr e ouvir 5
Minha dôr se amansa.
Pois tanto a alma cansa
Vendo-me sem ele,
Pague o que mais deve.

3. Tardou em chegar: 10
Paga c'um momento,
Quer-se ir e levar
Meu contentamento.
Mas meu pensamento
Lá s'irá tras ele, 15
Que isto tambem deve.

f. 81 vº.

4. Oras dá contadas
Por dias sem conto,
Se as dera dobradas
Fôra algum desconto. 20
Mas de mim me afronto
Pois não posso qu'ele
Pague as que mais deve.

5. Pois eu tanto espero
Sem o ouvir nem vêr, 25
O que agora quero
Deve de querer;
E inda póde crêr
Que não quero d'ele
Tanto como deve. 30

360.

f. 82 rº.

Trovas II.

Quando a Rainha se queria ir pera Castela.

1. Não sofre calar-se a dôr
Que ja, senhoras, tememos
Do mal que ordenar-se vemos,
Todo contra o grande amor
Com que este mal não sofremos. 5
Se nossas queixas ouvis
Que são móres só por vós,
Se nossos danos sentis
Que só fazem dano a nós,
Mostrai que com dôr vos is. 10

Á Senhora Dona Ana d'Aragão.

2. Como poderá passar-se
Esta dôr que ja sintimos,
Se quanto mais a seguimos
Tanto mais vemos chegar-se,
E com nova dôr a ouvimos? 15
E se só nos dana tanto
De vos vêr ir o temor,
Senhora, julgai a quanto
Chegará presente a dôr
Que temida faz espanto. 20

f. 82 vº.

Á Senhora Dona Caterina d'Eça.

3. Quem vos verá ir, senhora,
Que o não tenha por mal grande?
Nunca o Deos queira nem mande,
E antes que chegue tal ora
Esta dôr se nos abrande. 25
A quanto ha em vós, é devido
Sintirmos vossa ida assi

Que averemos por perdido
Quem vendo-vos ir d'aqui
Não ficar' de si esquecido. 30

Á Senhora Dona Lianor Anriquez.

4. Tem-vos dado a natureza
Partes sobrenaturais!
Se com elas nos deixais,
Deixais em grande tristeza
A terra em que vos criais. 35
Mas si pagar-nos quereis
O mal que aveis de fazer,
Pese-vos que nos deixeis,
E não queirais esquecer
As almas que levareis. 40

f. 83 rº.

Á Senhora Dona Violante de Noronha.

5. A terra de que vos is
Que tal ficará sem vós?
Deixais-nos tristes e sós,
Mas inda que vos partis
Não nos apartamos de vós. 45
Perda é para ser temida,
E muito para sintir
Dos que gastam sua vida
Em vos amar e servir
Sem serdes d'isso servida. 50

Á Senhora Dona Madanela d'Alcaçova.

6. Em, senhora, nos deixardes
Ha casos mui diferentes:
Nós seremos descontentes
De vos de nós apartardes,
E eles lá sempre contentes. 55
To dos teremos razão,
Mas a sua valerá

Pois entre si vos terão,
E a nós tudo faltará,
Mas faz-se nos sem razão. 60

f. 83 vº. **Á Senhora Dona Joana de Castro.**

7. No mal que se ordena este ano
A vosso contentamento,
Temos para mais tormento
Sobre a dôr do nosso dano
A do vosso sentimento. 65
Se vos is, pagais-nos bem
Em vos pesar de vos irdes,
Que inda que essa dôr não vem
De nosso dano sintirdes,
Julgamos que nos convem. 70

Á Senhora Dona Ana d'Ataide.

8. Ir-vos como sofreremos
D'onde tanto vos merecem,
Para onde inda não conhecem
Nenhum dos grandes estremos
Que em vós, senhora, aparecem? 75
Cada vez que vos olhamos
E vemos esses espantos,
De novo nos espantamos,
E perder bens tais e tantos
Mais que a morte receamos. 80

f. 84 rº. **Á Senhora Dona Maria de Noronha.**

9. Quem verá essa fermosura
Que em si tantos bens encerra,
Donde Amor dá paz e guerra,
Que sofra vêr tal ventura
Em nenhũa estranha terra? 85
Mas se avante este mal vai
E por nosso mal vos ides,

Um bem então nos mostrai:
Que se agora de nos rides
De magoa de nós chorai. 90

Á Senhora Dona Francisca d'Aragão.

10. O Algarve onde nacestes
A mais onra levantastes,
Aragão co nome onrastes,
Portugal engrandecestes
Porque nele vos criastes. 95
Castela querreis onrar,
Mas nós temos por verdade
Que aveis todos de matar:
Ca com vossa saudade,
E lá de os desesperar. 100

f. 84 v°. 11. O tempo mostrará ca
Quanta falta nos fazeis,
De que nada vos doeis,
E tambem mostrará lá
Quanto, senhora, podeis. 105
Mas se o que vos ca merecem
É razão que agradeçais,
Lembre-vos quam bem conhecem
Que o dia que nos faltais
Mil bens sem vos vêr falecem. 110

12. Em quanto esta ida tememos
Nela cuidar não ousamos,
Porque se nela cuidamos
A vida logo perdemos
Que para vos vêr guardamos. 115
Mas despois que fordes ida,
Se nos trocará esta sorte,
Cuidaremos na partida
Porque venha logo a morte
Dar remedio ao mal da vida. 120

f. 85 rº. 13. A pena em que nos deixais
Não-no-la podeis pagar,
Senão só com amostrar
Que inda que vos apartais
Vos não quereis apartar. 125
Nisto muito se deseja,
Mas sofrei querermos tanto,
Pois tememos que se veja
Que os que morrerem d'espanto
Nos hão de matar d'inveja. 130

361.

f. 85 vº.

Cantiga LII.

A este Cantar alheo:

1. *Isabel e mais Francisca,*
Ambas vão lavar ao mar:
Se bem lavam, melhor torcem,
Namorou-me o seu lavar!

2. Metidas n'agua lavando, 5
Sente ũa frio, outra fogo:
Quer mal Francisca a Diogo,
Morre Isabel por Fernando.
Esta está triste cantando
O mal que sente d'amar, 10
E a outra lava e torce
Sem mais nada lhe lembrar.

3. E diz: „Eu te ajudarei
Com tanto que alegre cantes,
Porque de mim não t'espantes 15
Canta, que eu te seguirei;
Mas crê que não perderei
O pensamento d'amar,
Por mais que lave e que torça,
Por mais que m'ouça cantar.“ 20

4. Francisca, que o desejava,
Logo a cantar começou,
Novo rogo inda esperou
Isabel, que s'excusava;
Cantando, emfim, a ajudava: 25
„Se toda agua vai ao mar,
Para qu'é andar e torcer
Por outras aguas buscar?"

— - —

362.

Trovas III.

f. 86 v°. **Ũas que se lêm de muitos modos.**

1. O meu triste pensamento,
Sem vós que vida tivera?
Senhora, como pudera
Viver sem vosso tormento?
De vós minha fantesia, 5
De vós nace meu cuidado,
Em vos só anda ocupado
Meu esprito noute e dia.

2. Sem vós mal tivera vida,
Não fôra melhor a morte? 10
Viver sem tam grande sorte
É perda mui conhecida.
De vós minh' alma imagina
Não sabendo em vós cuidar,
Querer, sintir e falar 15
Em vós, senhora, se afina.

f. 87 r°. 3. Chorar a alma por perdida
Sem têr saudade tam forte,
Inda que a vida me corte
Tenho esta dôr por devida. 20

Vossa figura divina
Faz minha pena abrandar,
Faz doce todo pesar,
Faz dita toda mofina.

4. Não tendo tal sentimento, 25
A vida me não quisera;
Muito maior dôr sofrera
Por têr tambem sofrimento.
Trago em meus danos por guia
Lembranças do bem passado, 30
Têr-vos a alma e vida dado
Faz da tristeza alegria.

f. 87 vº. 5. Quem por vós não se perder'
Conte-se por bem perdido,
De ninguem será querido 35
Quem vos não sabe querer.
Sempre a vós sómente amei
Desque é vosso meu amor,
Com nenhum prazer nem dôr
Nunca ja me mudarei. 40

6. Que bem póde têr que o seja
Quem por vós não sofre mal?
Quem por vos querer não val,
Que póde querer que veja?
Ja não sei senão querer-vos, 45
Amar-vos sómente entendo,
Mudança ja não pretendo
Pois perco mais em perder-vos.

f. 88 rº. 7. Minha alma vêr-vos deseja,
Vêr-vos é bem sem igual, 50
É grande pena e mortal
A que se causa d'inveja.
Mouro ja por poder vêr-vos
Como entre vós está vendo,
Cuidando em vós vos ofendo 55
Porque não sei entender-vos.

8. Meu bem todo está em vos vêr,
Vêr-vos me era bem devido.
Não ser meu mal de vós crido
Dôr é mui má de sofrer. 60
Não sei quando vos verei
Sem vosso odio e meu temor,
Inda que o dano é maior
Por vêr-vos trabalharei.

363.

f. 88 v°.

Cantiga LIII.

1. Fique ó mundo esta memoria
De vossa gram fermosura
Par' onra, para ventura,
Par' espanto e para gloria!

2. A vossa sombra, senhora, 5
Faz efeitos da verdade,
Trará assi toda vontade
Como a vossa vista agora.
E bastará esta memoria
D'essa nova fermosura 10
Para aver grande ventura
No que agora ha grande gloria.

364.

f. 89 r°.

Vilancete LXI.

1. Quem chega a vêr-vos, senhora,
Não deve aver que tem vida,
Se a não tem por vós perdida.

2. Se um só momento alcançara
Em que bem vêr-vos pudera, 5
Em pouco o mundo estimara,
E em muito a mim me tivera.
Mas quem tanto merecera,
De prazer perdera a vida,
E fôra assi bem perdida. 10

365.

f. 89 vº.

Cantiga LIV.

Para çalamear, vindo de Tángere.

1. Nesta nao que busca a terra,
Dia claro e noute escura,
Vou fugindo a dura guerra
Que me faz ausencia dura.
Por chegar sempre trabalha, 5
Mas té 'gora não bastou:
Ou! çalha!
Ou!

2. Dentro n'alma suspirando
Vou polo bem que não vejo, 10
E vai-me o tempo estorvando
Vêr o fim d'este desejo.
Parece que o mar se coalha
Quanto mais ouvindo vou:
Ou! çalha! 15
Ou!

f. 90 rº. 3. E por têr dissimulados
Meus suspiros, os escondo
Entre estes gritos usados
A que com eles respondo. 20

Faço isto porque me valha,
Mas a dôr não ma abrandou:
Ou! çalha!
Ou!

4. Volta á terra, e volta ao mar: 25
D'ũa sempre agua se vê,
E d'outra não ha chegar
Á terra que Deos nos dê.
Ora a troça, e ora a driça,
Não val quanto se gritou: 30
Ou! iça!
Ou!

f. 90 vº. 5. Quando corre ao mar a pròa
Não vai tras ela o sentido,
E nada em minh' alma sôa 35
Senão suspiro e gemido.
Mas logo a dôr se lhe tira
Ouvindo a voz que soou:
Ou! vira!
Ou! 40

6. Quem ja esta voz ouvisse
Para vèr o efeito d'ela,
E nunca mais mudar visse
Á parte contraria a vela!
Toda a vida em mim s'ouvira 45
Como voz que me alegrou:
Ou! vira!
Ou!

366.

f. 91 rº.

Cantiga LV.

1. Os olhos que vêr desejo,
De que tenho a alma vencida,
Matam-me quando os não vejo,
Se os vejo não me dão vida.

2. Não vêr sua fermosura 5
Me gasta a vida em tristeza,
Se a vejo usa d'aspereza
Com desusada brandura.
Por ela vê-los desejo,
D'eles tenho a alma vencida, 10
Se mouro quando os não vejo,
Vendo-os acho-me sem vida.

3. Vê-los ou não, sempre é sorte
Para a vida se perder,
Mas é triste sem os vêr, 15
E alegre, vendo-os, a morte.
Se sempre vê-los desejo
Não é porque espere vida,
Mas só porque quando os vejo
A espero melhor perdida. 20

367.

f. 91 vº.

Cantiga LVI.

A esta Cantiga velha:

1. *Por se onrar a natureza*
Vos quis dar tal parecer
Que vos não pudessem vêr
Sem espanto e sem tristeza.

2. Espanta o que não se entende, 5
E o que não se espera vêr-se,
De tristeza a alma se ofende
Quando tem de que temer-se.
Em vós pôs a natureza
Que espantar e entristecer: 10
O espanto do que ha que vêr,
Do que se teme a tristeza.

368.

f. 92 rº.

Vilancete LXII.

A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Saudade minha,*
Quando vos veria?

2. A vida se esconde
Desque vos não vejo;
Suspira o desejo, 5
Só dôr lhe responde.
Foge a alma para onde
Veja o bem que via,
Mas em vão porfia.

3. Gaste-se me a vida 10
Num contino grito,
E é do triste esprito
Quasi despedida.
Se antes de perdida
Vos visse algum dia, 15
De novo a teria.

f. 92 vº.

4. Crece por momentos
Minha saudade,
Porque na verdade
Tem seus fundamentos. 20
A alma em sentimentos
Gasta noute e dia,
Sem vós, qu' al faria?

369.

f. 93 rº.

Cantiga LVII.

A esta Cantiga velha:

1. *Senhora, quem vos disser'*
Que vos quer bem d'amizade,
Não creais que diz verdade,
Que d'amores vo-lo quer.

2. Se bem, senhora, vos vedes, 5
Se tudo em vós entendeis,
Quem crerá que de vós credes
Senão tudo o que podeis?
Quem d'amizade disser'
Que vos quer bem, a amizade 10
Faz mais pura na verdade
Com que d'amores vos quer.

3. Deve-se a tal fermosura
E a tam alto entendimento
Amor de maior altura 15
Que encha mais o pensamento.
Quem d'amizade quis ser,
Inda que ame com verdade
Passa avante d'amizade
Quando d'amores vos quer. 20

f. 93 vº.

4. Na amizade esconde amores
Que mostrar claros não ousa;
Nela nem neles, favores
Acha a dôr que não repousa.
Ouvi-lhe o que vos disser', 25
Mas crede d'alma a verdade;
Falai-lhe pola amizade,
Querei-o como vos quer!

370.

f. 94 rº.

Grosa X.

A ESTE MOTO DO DUQUE DOM JAMES:

1. *Pois não sei cousa mais vossa*
Vingar-m' ei em mim de vós.

Grosa.

2. Se se podem com brandura
Fazer danos d'aspereza,
Se com graça dar tristeza, 5
Nessa nova fermosura
Vemos esta natureza.
Desqu' esta tenho entendida,
Que tempo averá que possa
Que, inda que de dôr vencida, 10
Folgue de perder a vida
Pois não sei cousa mais vossa?

3. Para amar-vos a desejo,
Mas de viver desespero,
Cuidando em quam pouco espero, 15
E inda que assi triste a vejo
Para essa tristeza a quero.
Vosso eu, e o meu pensamento,
Meus os sentimentos sós,
Entregando-me ao tormento 20
De que não perco um momento,
Vingar-m' ei em mim de vós.

371.

f. 94 vº.

Grosa XI.

A ESTE MOTO ALHEO:

1. *Usai comigo razão,*
Deixai, senhora, razões.

Grosa.

2. Se um contino pensamento
Sempre em vós todo ocupado,
S'o esprito em vós enlevado 5
Se dar' todo o entendimento
A vosso amor e cuidado,
Se quanto os olhos padecem
Quando sem vos vêr estão
Que a si mesmos se avorrecem, 10
Algũa razão merecem:
Usai comigo razão.

3. Mas porque não podereis
Sem mostrar desigualdade
Negar a minha verdade 15
Contra a razão que deveis,
Dais razões de só vontade.
D'elas sempre ando temido
Como de só semrazões,
Mas contra um triste rendido, 20
A amor e á morte ofrecido,
Deixai, senhora, razões.

372.

f. 95 rº.

Cantiga LVIII.

A esta Cantiga alhea:

1. *A alma sempre desenganos*
Mostra á vida, e ela foge;
O tempo passa em enganos.
Triste de quem viu ind' oge
Dobrar seu mal e seus danos! 5

2. Quando a alma na vida cuida,
Em tudo o que entende d'ela
Vê que se engana tras ela
Quem por seu mal se descuida

De quanto engano vê nela. 10
Neles vê mil desenganos
A vida, e de todos foge,
Por não deixar seus enganos.
Triste quem sintiu ind' oge
Estes cuidados e danos! 15

f. 95 vº. 3. A alma só busca o que crê,
Do entendimento guiada,
A vida como enganada
Vai sempre apos o que vê:
Que é vento, pó, fumo e nada. 20
Não quer d'estes desenganos
Valer-se, mas d'eles foge
Coa força de seus enganos,
Com que a vista põe no d'oge,
Não nos infinitos anos. 25

4. Cuidei na minha tristeza
De que a alma sempre é temida:
Vi desenganada a vida,
Enganada a natureza,
Sempre d'enganos seguida. 30
Mostra-lhe a alma estes enganos,
E a vida, que d'eles foge,
Nunca os ha por desenganos,
Porque teme acabar-se oge
Querendo entender seus danos. 35

f. 96 rº. 5. Com este meu pensamento,
Em que sempre ha que temer,
E a que mal me sei valer,
Se me dobrou o tormento
Que em pena me faz viver. 40
Á vida mil desenganos
Dei, mas ela a todos foge,
Porque o tempo em seus enganos
(Porque assi menos anoge)
Esconde seus grandes danos. 45

373.

f. 96 v°. **Cantiga LIX.**

1. Apos tantos desenganos
Da vida que sempre foge,
Segura de seus enganos,
Vejais mil anos desd' oge
Sempre bens, e nunca danos. 5

2. A alma que em tristeza cuida
Mal se sabe apartar d'ela,
E o mal que segue apos ela
É que em vir não se descuida
O mal que se cria nela; 10
Não fugir aos desenganos
Da vida, que sempre os foge,
Nem seguir os seus enganos,
Mas crêr que apos o mal d'oge
Sempre aja bens, nunca danos. 15

f. 97 r°. 3. A alma que cuida o que crê
É do que cuida guiada,
E assi não se vê enganada
Para não crêr que o que vê
Na vida é pó, vento e nada. 20
Mas nem estes desenganos,
De que a vida sempre foge
Como de claros enganos,
Obrigam que do mal d'oge
Não se esperem bens mil anos. 25

4. Que quem póde dar tristeza
Inda que sempre é temida,
Póde dar gostos á vida
Que restaurem a natureza
De mil desgostos seguida. 30
Veja a alma bem os enganos
De que a vida tam mal foge

Para os têr por desenganos,
Mas não cuide que ao mal d'oge
Seguirão sempre outros danos. 35

f. 97 vº. 5. Sempre um triste pensamento
Com razão se ha de temer,
Que mal se póde valer
Ao gravissimo tormento
Em que a alma assi faz viver. 40
Se mais que cos desenganos
Coa tristeza a vida foge,
Fujam os tristes enganos,
Fuja todo mal que anoge,
Sempre aja bens, nunca danos! 45

374.

f. 98 rº.

Grosa XII.

A este Moto alheo:

1. *Sem vós, e com meu cuidado*
Olhai sem quem, e com quem!

Grosa.

2. O cuidado que mais sigo
O tempo que vos não vejo,
É dôr, tristeza e desejo, 5
É sempre estar em perigo
E até da vida têr pejo.
E se vêr-me sem vos vêr
É viver sempre em estado
De desejar e temer, 10
Vede como ei de viver
Sem vós, e com meu cuidado!

f. 98 vº. 3. Sem vós, em quem vejo a vida,
Com ele, em que sinto a morte,
Sem vós, de quem pende a sorte 15
Ao que vos quero devida,
Com ele contr' ela forte;
Sem vós, de quem foge o mal,
Com ele, que mo detem,
Sem vós, a mim sem igual, 20
Com ele, a mim desigual,
Olhai sem quem, e com quem!

375.

f. 99 rº.

Cantiga LX.

A esta Cantiga alhea:

1. *Se meu peito é duro e forte,*
Tem nisto o vosso mais ser,
O meu sofrerá a morte
O vosso vê-lo morrer.

2. Ambos só contra mi são 5
Fortes por mais minha dôr:
Forte o vosso em condição,
Mas o meu forte no amor:
Mostra-se esta minha sorte
No que sei por vós sofrer, 10
. . . .
A vossa em não me valer.

3. De meu peito a fortaleza
Nace d'amor e brandura,
Do vosso nace a dureza 15
De vossa condição dura.
Faz amor meu peito forte
Em vos amar, e em sofrer
Em vida pena de morte
Sem comvosco me valer. 20

f. 99 v°. 4. Em tudo sigo o desejo
O que devo ao que vos quero,
Mas ja polo que em vós vejo
O que deveis não espero.
Meu peito de brando é forte 25
Para por vós mais sofrer,
O vosso não sente a morte
Que em vida me fazeis têr.

5. Amor tudo torna brando,
E[m] vós não vejo este efeito, 30
Que quanto estou mais amando
Mais duro sinto esse peito.
Mas tenha eu sempre o meu forte
No amor que vos devo têr,
Que ele fará branda a morte, 35
E a vida em quanto a tiver'!

376.

f. 100 r°.

Vilancete LXIII.

**As senhoras Maria de Parma
e Caterina da Costa, grandes musicas.**

1. Se cuida que mais vos louva
Quem louvando-vos mais fala,
Mais vos louva quem mais cala.

2. Quem, senhoras, merecer'
Tanto que vos possa ouvir, 5
Terá tanto que sintir
Que nada possa dizer.
Ouvir-vos faz entender
Que diz menos quem mais fala,
E louva mais quem mais cala. 10

3. A suavidade e doçura
De vossas vozes suaves,
As asperezas mais graves
Convertem logo em brandura.
Ouvir-vos é gram ventura, 15
E quem vos ouve, se fala,
Menos diz que quem mais cala.

f. 100 v°. 4. Vossa musica emudece
Quem bem vos ouve cantar,
E se alguem vos quer louvar 20
Ouvir-vos mais não merece.
A esta pena se oferece
Quem fica tal que inda fala,
Ouça-vos quem ouve e cala!

377.

f. 101 r°.

Vilancete LXIV.

Á Senhora Maria de Parma, grande musica e fermosa.

1. Dos olhos e dos ouvidos
Quando vos ouvem e vos vêm,
Igual gosto as almas têm.

2. Por eles nelas entrais,
E d'elas mais não sais, 5
Porque onde ũa vez chegais
Para sempre possuis.
E pois vos vedes e ouvis
Vereis a razão que têm
Os que vos ouvem e vos vêm. 10

3. Vossa fermosura espanta
Os olhos e entendimentos,
Vossa suavidade encanta
As almas e os pensamentos.

Olhos e ouvidos atentos 15
Em vêr-vos e ouvir-vos têm
Quantos vos ouvem e vos vêm.

f. 101 v°. 4. Venceis mil coa fermosura,
Muitos mais coa suavidade,
Assi vençais com a ventura 20
Como com esta verdade.
Deveis a toda vontade
Dos que vos ouvem e vos vêm
Desejar-vos todo bem.

5. Se alguem cuida de si tanto 25
Que póde tanto louvar,
Logo o faz o justo espanto
Emudecer e calar.
Só vêr e ouvir e pasmar
É, senhora, o que convem 30
Aos que vos ouvem e vos vêm.

6. Mais se mostra o entendimento
Calando o que não se entende
Que tomando atrevimento
Contra o que a razão defende. 35
Quem mais louvar-vos pretende
Dos que vos ouvem e vos vêm,
Menos ousadia tem.

f. 102 r°. 7. Cos olhos e cos ouvidos
Se ajunta logo o receo, 40
E d'eles todos unidos
Se forma um devido enleo.
Por isso, senhora, creo
Que maior receo têm
Os que mais vos ouvem e vêm. 45

CANTIGAS. VILANCETES. GLOSAS.

TROVAS. EPIGRAMAS. ENDECHAS.

378.

Epigrama LXXIV.

f. 108 r°.

Ao Senhor Dom Duarte.

Não canso inda d'escrever
Danos, tristezas, cuidados;
Não canses, senhor, de os lêr,
E ser-m' hão menos pesados.
Bem vejo a quanto m'atrevo, 5
Mas busco o que me convem,
Inda estes versos te devo
E a mim esta onra tambem.

379.

f. 108 v°.

Cantiga LXI.

1. Tu, gitana, que adevinas,
Me dize, que no lo sé:
Si saldré d'esta ventura
O si en ella moriré?

2. Despues que lleno me veo 5
De quantos dolores siento,
Mas m'aquexa este deseo
Que todo otro sentimiento.
Quitame este pensamiento,
Y mejor sentir podré 10
Los daños de mi ventura
A que ya me aventuré.

3. Esta mi vida no cierta,
Que no sé si llame vida,
Quando la siento más muerta 15
Hallo que es menos perdida.
Desseola destruida,
No sé quando lo veré,
Que temo que mi ventura
Sepa que lo desseé. 20

380.

f. 109 v°.

Cantiga LXII.

A ESTA CANTIGA VELHA:

1. *Sembré amor por mi mano*
Pensando aver galardon,
Y cogi de cada grano
Mil manojos de passion.

2. La tierra dura engañó 5
La esperança en que quedé,
Que quanto en ella sembró
En daños me respondió.
Pero no sembré en vano,
Que aunque cogi passion, 10
Por ser fruto de tal grano
La tengo por galardon.

381.

f. 114 rº.

Vilancete LXV.

A este Vilancete velho:

1. *Que no duermen los mis ojos,*
Ni descança el coraçon
Hasta que vengais, amor!

2. Los ojos pierden el sueño,
Siente el coraçon su daño, 5
No hay espacio tan pequeño
Que no les parezca un año.
Los dias vanse en engaño,
Las noches vanse en dolor
Hasta que vengais, amor. 10

3. Es devida esta esperança
A quanto os desseo y quiero,
Injusta vuestra tardança
A quanto tiempo ha que espero.
Poco a poco desespero 15
De mi vida y vuestro amor,
Con razon y con dolor.

382.

f. 114 v°.

Vilancete LXVI.

A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Veo que todos se quexan,*
Yo callando moriré.

2. Entiendo lo que me daño,
Sé lo que puede sanallo,
Mas no uso de quexa o maña 5
Para aver de remediallo.
Solo siento y sufro y callo,
Y aunque quexarme sabré
Callando me moriré.

3. El tiempo vase passando, 10
Fuye el remedio tras el,
Yo triste, siempre callando
Á mi mismo soy cruel!
De mi me quexo y no d'el,
Pues que callando esperé 15
Lo que callando no avré.

4. Con este mi desacuerdo
Quedo yo de mi engañado,
Pudiera hablar como cuerdo,
Callé como confiado. 20
Mas pues hasta aqui he callado
A todo ya callaré,
Y todo ya sufriré.

383.

f. 115 v°.

Grosa XIII.

A ESTAS REGRAS DE DOM JOÃO FURTADO DE MENDOÇA:

1. *Alço los ojos mirando,*
Y tan largo espacio veo
De mi bien a mi desseo
Que los abaxo llorando.

Grosa.

2. Quando está mi pensamiento 5
Más ocupado en pensar
En mi descontentamiento,
Apenas llego a esperar
Remedio a mi sentimiento.
Su gravedad recelando, 10
No viendo un medio con que
Vaya algun bien esperando,
Por ver si algun veré
Alço los ojos mirando.

f. 116 rº. 3. Veo una sola esperança 15
Y quiçá vana y fingida,
Mas mengua la confiança
Que dure tanto mi vida
Que passe tanta mudança.
Que vagaroso desseo 20
Es este que voy siguiendo?
Que espero d'el, o que creo?
Que nello estoy ya fingiendo,
Y tan largo espacio veo.

4. Este mi bien desseado 25
Apenas lo ve el sentido,
Y aunque despues alcançado,
Ya no será posseido
Tanto quanto fué esperado.
Por trabajoso rodeo 30
Se me promete el remedio,
Y aun lo dudo quando veo
Tan largos tiempos en medio
De mi bien a mi desseo.

f. 116 vº. 5. La vista que de ver cansa 35
Mi bien tan lexos y incierto,
Llorar que a vezes descansa
Toma por remedio cierto,

Mas ni esto a mi mal amansa.
Y assi cansados mirando 40
Lo que á ciegas ven mis ojos,
Se les van represantando
Ant' el bien tantos enojos
Que los abaxo llorando.

384.

f. 117 r°.

Cantiga LXIII.

A ESTA CANTIGA VELHA:

1. *Bien sé yo a qual*
D'amores le va muy mal,
Bien sé yo a quien
D'amores le va muy bien.

2. No el que ama, 5
Mas quien más se quexa y clama
Y importuna,
Sube al cuerno de la luna.
A aquel va bien
Que más pide que le den, 10
Y a aquel mal
Que ama y sufre y habla en al.

3. Quien más quiere
É razon que más espere,
Y más merece 15
Quien más sirve y a más s'ofrece.
Mas no hay bien
Para el que ama y sirve bien,
Y al que mal
Todo es bien y nada mal. 20

385.

f. 119 v°.

Cantiga LXIV.

A ESTA CANTIGA VELHA:

1. *De piedra pueden dezir*
Que son nuestros coraçones:
El mio en sufrir passiones,
El vuestro en no las sentir.

2. Si me quexaré en mi daño 5
De mi que lo sufro y callo,
Si de vos que d'año en año
Me traeis sin remediallo:
Só que es vano mi sufrir,
Só que me hazeis sinrazones; 10
No sentis proprias passiones,
Otras no podeis sentir.

3. Flacas esperanças siento
De remediar mi tristeza,
Viendo que mi sufrimiento 15
No ablanda vuestra dureza.
Dañame tanto sufrir,
No me aprovechan razones,
Porque a quien bive en passiones
Todo le ayuda a morir. 20

386.

f. 124 r°.

Cantiga LXV.

A ESTA CANTIGA VELHA:

1. *Soñava, madre, que via*
Alegre mi coraçon,
Mas los sueños, madre mia,
Madre mia, sueños son.

2. Solamente en vano sueño 5
Mi bien se me represienta,
Y aun el espacio es pequeño
Porque menos plazer sienta.
Entiendo la suerte mia:
Quiso doblar mi passion 10
Con esta vana alegria,
Mas los sueños sueños son.

3. A mis tristezas y daños
Que en tanto dolor me tienen,
Aun faltan estos engaños 15
Que a desengañarme vienen.
Queda d'esta fantasia
Y vana imaginacion
Más turbada el alma mia,
Más triste mi coraçon! 20

387.

f. 125 v°.

Endechas III.

Ao som de
Parióme mi madre.

1. Sin que yo la viesse
Murió mi alegria,
Que ante que naciesse
Ya no la temia.

2. Nacieron comigo 5
Lloros y cuidados,
Son d'esto testigo
Mis dias cansados.

3. Creció con los años
Amor y tormento, 10
Crecieron los daños,
Creció el sentimiento.

4. Comigo crecieron
Mil desseos vanos,
Que siempre fuyeron 15
De consejos sanos.

f. 126 rº. 5. Desque el triste pecho
Ocupó el amor,
Nunca satisfecho
Fuó de mi dolor. 20

6. Ya mi desventura
Me ha desengañado,
Que tendré ventura
Contraria al cuidado.

388.

f. 126 vº.

Grosa XIV.

A esta Cantiga velha:

1. *Si os pesa de ser querida,*
Yo no puedo no os querer,
Pesar aveis de tener
Mientras yo tuviere vida.

Grosa.

2. *Si os pesa de ser querida,* 5
Que esperaré de mi amor
Sino vida con dolor
Y muerte mal gradecida?
Tenga siempre que temer,
Todo sossiego me huya, 10
Que aunque en esso me destruya
Yo no puedo no os querer.

3. *Pesar aveis de tener,*
Que en mi firmeza lo entiendo,
Triste de mi que os ofendo 15

En lo que os pensé aplazer!
Del' alma ya se despida
El plazer y la esperança,
Mientras yo tuviere vida. 20

---

f. 127 rº.

389.

Outra Grosa (XV) á mesma Cantiga.

1. *Si os pesa de ser querida*
De quien tanto no merece,
Valga el amor que os ofrece
Quien por vos de si se olvida.
Mas no dexo d' entender 5
Que es poco quanto os ofrezco,
Y aunque amaros no merezco
Yo no puedo no os querer.

2. *Pesar aveis de tener*
Viendome por vos morir, 10
Yo muero en verme bevir
Tanto a vuestro desplazer.
Mas no puede ser perdida
Del' alma esta voluntad,
Ni negará esta verdad 15
Mientras yo tuviere vida.

390.

f. 128 vº.

Vilancete LXVII.

A este Vilancete velho:

1. *Vos me aveis muerto,*
Niña en cabello,
Vos me aveis muerto!

2. El cabello hermoso,
Suelto y esparzido, 5
Me quitó el reposo,
Me prendió el sentido.
Tenia escondido
Dolor grave y cierto
Con que me aveis muerto. 10

3. Quedó alli forçada
Y d'amor vencida,
La vida enlazada,
La alma detenida.
Entre muerte y vida, 15
Pena y desconcierto
Me dexó por muerto.

f. 129r°. 4. Verte assi desseava
Aunque d'ello indino,
Vida alli buscava, 20
Muerte alli me vino.
En desseo contino
De peligro cierto
Vivo aunque soy muerto.

5. La ora dichosa 25
En que assi te veo,
Es la más hermosa
Que halla mi desseo.
Ved si es devaneo
Buscar por buen puerto 30
Al peligro cierto!

391.

f. 129 v°.

Cantiga LXVI.

A ESTA CANTIGA VELHA:

1. *No me aprovecharon,*
Madre, las yervas,
Ellas eran pocas,
Yo derramélas.

2. Madre, a mis enojos 5
Que aprovecharia
Sino ver los ojos
En que veo el dia?
Vana fantasia
Es buscar las yervas, 10
No me aprovechavan,
Y derramélas.

3. Qanto veo me pena,
El pecho arde en fuego,
Y está l'alma llena 15
De desassossiego.
Si mataran luego,
Madre, las yervas,
No las derramara,
Mas yo derramélas. 20

392.

f. 130 v°.

Vilancete LXVIII.

A ESTE VILANCETE
DE DOM LUIS DE MENESES:

1. *El mal que agora más siento*
Es poder nadie pensar
Que os puedo yo olvidar.

2. Si alguno a pensar se mueve
Este mal que nunca espero, 5
Ni sabe quanto se os deve,
Ni conoce quanto os quiero.
Por vos bivo y por vos muero,
Y aunque no os oso mirar
Ya nunca os podré olvidar. 10

393.

f. 131 rº.

Cantiga LXVII.

A esta Cantiga velha:

1. *Arçan mis dulces lembranças*
Como yo ardo por ellas,
Perdidas las esperanças
Pierdase el plazer tras ellas.

2. Si mi esperança es perdida 5
Poco tardaré en morir,
Porque mal podré bivir
Sin lo que me dava vida.
Perdidas mis esperanças
Y todo plazer tras ellas, 10
Para que son más lembranças?
Para que es vida sin ellas?

394.

f. 131 vº.

Vilancete LXIX.

A este Vilancete velho:

1. *Al' arma, al' arma, al' arma!*
Oh que lindo cavallero!
Si tornará cedo?

2. No se contenta el desseo
Aunque cedo nelle espero, 5
Porque mientras no le veo
Ninguna esperança quiero.
Si cada momento muero
No viendo este cavallero,
Que haré si no torna cedo? 10

3. Mil vezes se me figura
Que va aventurar la vida,
Y la mia en más ventura
Queda de se ver perdida.
El alma toda vencida 15
D'amor d'este cavallero,
Sin el me dexará cedo.

f. 132 rº. 4. En quanto pongo los ojos
Si no es en el m'entristrece,
Y entre cuidados y enojos 20
El alma siempre padece.
Si a mi amor se parece
El amor del cavallero,
Pienso que tornará cedo.

395.

f. 132 vº.

Vilancete LXX.

A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Solias venir, amor,*
Agora no vienes, no.

2. Bien sé que no se t'olvida
Tu amor ni mi desseo,
Mi desdicha es la que creo 5
Que detiene tu venida.
Solo un momento de vida
Me son mil años, amor,
Mienstras no te veo, no.

3. Es el dolor que me viene 10
D'esse mal porque no vienes
Grande porque tu lo tienes,
Mayor porque te detiene.
Lo que a mi mal más conviene
Es verte venir, amor: 15
Que haré que no vienes, no!

f. 133 rº. 4. Nel grande dolor que siento
Sin te ver, que es más que muerte,
En pensar que aun podré verte
Solamente me sustento. 20
Mas ay que este pensamiento
No quita del todo, amor,
El mal de no te ver, no!

396.

Epigrama LXXV.

f. 133 vº. **A Jorge de Montemór.**

1. Quasi que parece sueño,
Si no es milagro de amor,
Que quepa un monte mayor
Do apena cabe un pequeño:
Salvo si esto assi se ordena 5
Para en vos bien se mostrar
Que ni en estrecho lugar
Puede estrecharvos la vena.

2. Mas, si es verdad qu' el obgeto
Distraer suele al sentido, 10
Para estar bien recogido
Esse lugar es perfeto;
Que en el no se alargará
La vista para os turbar,
Que aunque algo quiera mirar 15
De si misma no saldrá.

397.

Epigrama LXXVI.

f. 134 rº.

Reposta de Jorge de Montemór.

1. *Chico estudio no desdeño,*
Que si lo mira señor,
Aunque chico, muy menor
Es la vena de s[u due]ño.
Y aunque fuera [ap]ena 5.
Tener a do pass[ar],
Héme, enfin, de[con]tentar
Pues estoy en casa agena.

2. *Tenga a mi estudio [perf]eto:*
Que no estoy nel recogido, 10
Antes estoy encogido
Y a su estrechura sugeto.
El, enfin, no crecerá
Porque ha llegado a cerrar,
Y si lo quiero enojar 15
Por su puerta se saldrá.

398.

f. 135 vº.

Cantiga LXVIII.

A ESTA CANTIGA VELHA:

1. *Quien piensa que tiene amiga*
Tiene una higa,
Quien piensa que tiene amada
No tiene nada.

2. Piensalo quien lo merece, 5
Mas cuitado,
Pues tan mal se l'agradece
Su cuidado.

En pago de su fatiga
Danle una higa, 10
Y a su alma mal tratada
No le dan nada.

3. Si a pensar esto s'atreve
A si se ciega,
Porque adonde más se deve 15
Más se niega.
Siempre a la mayor fatiga
Mayor higa,
Y es su vida bien penada
Y mal mirada. 20

399.

f. 138r°.

Cantiga LXIX.

A esta Cantiga alhea:

1. *Yo la vi andar perdida*
A tres leguas del lugar,
La pastorica garrida
Triste, llena de pesar.

2. Era el pesar que sentia 5
(Aunque no se declarava)
De ver que no se moria
El pastor qu' ella matava.
Dessea vel-lo sin vida,
Y el muerese por amar 10
La pastorica garrida
Que nunca puede olvidar.

3. Con desamor satisfaze
Al grande amor que le tiene,
Mas el, porque ella lo haze, 15
Piensa que assi le conviene.

Aunque le quita la vida
Nunca se sabe quexar,
Y a la pastora garrida
Nada la puede ablandar. 20

f. 138 v°. 4. Ándase siempre escondiendo
Del triste pastor malsano,
Y el tras sus daños corriendo
Vozes da por ella en vano.
La pastora anda perdida 25
Por fuir de lo mirar,
Y el sin plazer y sin vida,
Porque no la puede hallar.

5. Quanto ve se le figura
Qu' es la pastorica hermosa, 30
Y el alma de si no cura
Ni se acuerda d'otra cosa.
Tras ella se anda perdida
Sin la poder nunca hallar,
Porqu' aunque triste, es garrida, 35
No está mucho en un lugar.

f 139 r°. 6. Tristezas son que la traen
Con cuidado y sin sossiego,
Y a el por su rostro caen
Lagrimas de bivo fuego. 40
Mientras andare perdida
Sin qui la pueda mirar,
Andará el pastor sin vida,
Triste, lleno de pesar.

7. Sabe quanto lo desama, 45
Dessea no la offender,
Mas el amor con que la ama
No sabe sino querer.
En quanto tiver' vida
No dexará de la amar, 50
Aunque ella se ande perdida,
Triste, llena de pesar.

400.

f. 139 v°.

Vilancete LXXI.

A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Si lo dizen, que lo digan,*
Alma mia,
Si lo dizen, que lo digan.

2. Aunque digan quanto quieren,
Nunca diran quanto os quiero; 5
D'embidia de mi se mueren
Que de vuestro amor me muero.
Mas ya que otro bien no espero,
Que lo digan
Aunque nunca se desdigan. 10

3. Quieren dezir lo que callo
Y entender lo que no digo,
Temome de confessallo
Y muero si lo desdigo.
Pues en esto me persigo: 15
Que lo digan
Y assi tambien me persigan.

401.

f. 140 v°.

Cantiga LXX.

A ESTA CANTIGA VELHA:

1. *Gitana, no me dirás*
Si estaré seguro, hermana?
Respondióme la egitana:
„Pensar esso es por demás.“

3. Aunque crece d'año en año 5
Mi mal sin hallarle medio,
Tras mucho tiempo de daño

Llega un' ora de remedio.
No me desengañarás
Si es esta esperança vana? 10
Respondióme la egitana:
„No esperes, qu' es por demás."

3. El tiempo, aunque tarde llega,
No turbes este consuelo,
Con esta esperança ciega 15
Me dexa engañar mi duelo.
Creer qu' esperas por demás
Te será cura más sana;
Si no cres a l'egitana
Quiçá t'arrepentirás. 20

402.

f. 141 rº.

Cantiga LXXI.

A esta Cantiga velha:

1. *No tengais passion, señora,*
En ser morena,
Que morena es la color
Que a mi da pena.

2. No ay por que descontentar 5
De la color que se ve,
Que hermosura es no sé qué
Que no se sabe nombrar.
Quien os supiere mirar
Aunque morena,
Debaxo d'essa color 10
Sacará pena.

3. Mas la causa por que creo
Qu' esso en vos no os satisfaze,
Es por quanto a mi me plaze 15
Quanto en vos, señora, veo.

Yo con dolor y desseo,
Y vos sin pena
D'este desseo y dolor
Que me condena. 20

403.

f. 141 v°.

Vilancete LXXII.

A este Vilancete
de Nun' Alvarez Pereira:

1. *Quiero ir morar al monte*
Solo, sin mas compañia
Que la tierra y su agua fria.

2. El alma busca sossiego
Donde piensa que lo avrá, 5
Mas quando lo hallará
Qu' es tarde aunque sea luego.
Y embuelta en su bivo fuego
Y en la gran tristeza mia,
Todo bien se le desvia. 10

3. No s'engañe el pensamiento
Con este vano desseo,
Qu' aunque huya lo que veo
No huiré lo que siento;
Porque un grande sentimiento, 15
Quanto más sin compañia
Tanto más sin alegria!

404.

f. 142rº.

Cantiga LXXII.

A esta Cantiga velha:

1. *Castigado me ha mi madre*
Por vos, gentil cavallero;
Mandame que no os hable:
No lo haré, que mucho os quiero.

2. Huelgome que me castigue 5
Mi madre por vuestro amor,
Porque a vos más os obligue
Mi pena y vuestro dolor.
Mas la tristeza mayor
Que siento aqui, cavallero, 10
Es mandarme que no hable
Ni vea a quien tanto quiero.

3. Sabe quanto me quereis
Y quanto yo lo agradezco,
Sabe que me mereceis 15
El amor que yo os merezco.
Ve bien quanto me entristezco
Si no os veo, cavallero,
Y mandame que no os hable,
Mas yo haré lo que quiero. 20

f. 142vº. 4. Yo no só como lo entiendo
En me mandar que no os vea,
Pues lo que más se defiende
Es lo que más se dessea:
Sino si es razon que crea 25
De mi madre, cavallero,
Que me manda que no os hable
Porque crezca lo que os quiero.

5. Mi madre fué enamorada
Y ha passado estos dolores, 30
Quiça como exprimentada

Me defiende mis amores.
Sabrá quanto son mayores
Defendidos, cavallero:
Todo esto manda que os hable 35
El grande amor con que os quiero.

405.

f. 151 v°.

Vilancete LXXIII.

A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Los plazeres buelan y vanse,*
Y los pesares estanse.

2. Con el tiempo el plazer buela,
No dura solo un momento;
Viene, y quando mas consuela 5
Todo se deshaze en viento.
A costa del sentimiento
Buelan plazeres y vanse,
Y los pesares estanse.

3. Un plazer que se detenga 10
No viene en toda la vida,
Ni pesar que una vez venga
La dexa sino perdida.
Que hará un' alma afligida
Entre plazeres que vanse? 15
Entre pesares que estanse?

406.

Trovas IV.

f. 154 v°.

Á Pavana.

1. Quien apartará mis ojos
De su contino llorar?
Que palabras ablandar

Podran mis tristes enojos?
En ti sola esto hallaria, 5
Mas la gran desdicha mia,
Contenta en me perseguir,
No te los dexa sentir.

2. Tu tan poco sentimiento
Lloro más que el mucho mio, 10
Mi vida en mi desvario
Se deshaze en lo que siento.
Tu sola eres occasion
De mi grave perdicion,
Tu sola (aya en ti querer) 15
Me harás todo mal perder!

407.

Trovas V.

f. 155 r°.

Á Galharda.

1. Vos sois, señora, por cuya hermosura
Un punto del mal jamas no me alexo,
Vos sois aquella por quien mal sin cura
Padezco y sufro, peno y no me quexo;
Pero yo soy contento 5
De todo mal y tormento
Pues tengo tal pensamiento.

2. Quanto más os veo, tanto menos bivo,
Quanto os miro menos, tanto más me muero,
Sin veros m'es el esperar esquivo 10
Y no sufro en veros quanto mal espero;
Y nesta confusion
Puso vuestra perfecion
Vida y alma y coraçon.

408.

f. 156rº.

Cantiga LXXIII.

A esta Cantiga alhea:

1. *Yo la vi andar perdida*
A tres leguas del lugar,
La pastorica garrida
Triste, llena de pesar.

2. No só qu' es lo que sentia 5
Que toda turbada andava,
Como que algun mal temia
O que algun bien le tardava.
De todo plazer se olvida,
No lo solia olvidar, 10
Que será que assi la vida
Le hizo tanto mudar?

3. En passatiempos y juegos
Gastava alegre los dias;
Lagrimas, desassossiegos 15
Son aora sus alegrias.
Tan grande mudança de vida,
A quien no hará turbar?
Tal tristeza y no fingida,
Quien la podrá remediar? 20

f. 156 vº. 4. Sus cabellos y sus ojos,
Do tiene amor su tesoro,
Vi bueltos en mil enojos,
En ansias, desprecio y lloro.
No es mucho que ande perdida, 25
Triste, llena de pesar,
Pues que le quita la vida
Quien se la deviera dar.

5. Mengua d'agena cordura
Y de seso bien mirado 30
Traerian su hermosura

A tal tristeza y cuidado!
La pastorica es sufrida,
Conténtase con llorar,
No se quexa aunque la vida 35
Le quieren, triste, quitar.

f. 157 rº. 6. Los zagales qu' entendieron
De su pena la occasion,
Todos a una boz dixeron
Que le sobrava razon. 40
La zagala era entendida,
No osava de lo mostrar,
Mas vel-la andar tan sentida
Dava a todos que llorar.

7. Mas como no irá perdiendo 45
Quien la ve todo el plazer,
Que si haze llorar riendo,
Llorando que puede hazer?
Hará que pierda la vida
De tristeza y de pesar 50
Quien la viere assi perdida
Sin la poder remediar.

409.

f. 162 vº. **Cantiga LXXIV.**

A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Hallé la niña*
Naquella campina
Sola y sin pastor;
Si me el Rey la muerte quita
Yo seré su guardador. 5

2. En viendola fuó siguiendo
Mi coraçon tras los ojos
Hasta el sintir los enojos
Que ellos vieron en la viendo.
Sola en la campina, 10
Viendo assi la niña
Quedé yo, pastor,
Qu' aunque la vida me quita
No me quitará el amor.

3. Vi cosa que nunca viera 15
Ni pensé que ver podria,
Y vi en sus ojos el dia
Que en ellos amaneciera.
Vila en la campina,
Pensé ser divina,
Dile mi amor: 20
Si me el Rey la muerte quita
Darmel' ia su dolor.

410.

f. 168 r°.

Vilancete LXXIV.

A ESTE VILANCETE VELHO:

1. *Si de solo verla muero,*
Dime por tu fe, zagal,
Como le diré mi mal?

2. Lo que yo veo en sus ojos
Se siente luego en mi vida, 5
Que entre cuidados y enojos
De los ver queda perdida.
Y el alma d'ellos vencida
Ni sabe pensar en al,
Ni dexa dezir mi mal. 10

3. Y aunque ver como me muero
Para creer mi mal bastara,
Ni d'ella ni d'el espero
Se crea verdad tan clara.
Que si la muerte ayudara 15
A creer que mi daño es tal,
No viviera por más mal.

411.

f. 168 v°. CANTIGA ALHEA:

1. *Pensamientos, adó vais?*
Catá que os despeñareis;
Pues ventura no teneis
Para que os aventurais?

Grosa XVI a esta Cantiga.

2. En mucha cuenta os tenia, 5
Mas tanto no lo esperava,
Pensamientos, ni pensava
Que tanto nel mundo avia.
Veo por quien me dexais,
Veo que es razon dexarme, 10
Mas, que haré para llevarme,
Pensamientos, adó vais?

3. Si quedando acá mis ojos
D'embidia se morirán,
Tambien allá se hallarán 15
Tristezas, daños y enojos.
En vos mismos sentireis
Lo que aun acá no sintis,
Que si tan alto subis
Catá que os despeñareis. 20

f. 169 r°. 4. Mas amor que os lleva, ordena
Con la causa la disculpa,
Y aunque vais allá sin culpa
No os vereis allá sin pena.
Y si de amor os valeis, 25
Aun teneis por entender
Que amor no os puede valer
Pues ventura no teneis.

5. Por mucho que el tiempo ruede,
No avrá esperança segura 30
Que valga amor sin ventura,
Y ella sin el mucho puede.
Si de amor algo esperais
Engáñaos el coraçon,
Y si no esperais razon 35
Para que os aventurais?

412.

f. 169 v°. CANTIGA VELHA.

1. *Por entre casos injustos*
Me han traido mis engaños
Donde los daños son daños
Y los gustos no son gustos.

Grosa XVII a esta Cantiga.

2. El tiempo y los movimientos, 5
Que siempre al mundo han traido
Varios acontecimientos,
Por lo que me era devido
Me dan descontentamientos.
De mi servicio y mi fé 10
No esperava yo desgustos,
Mas en mi siempre mostré
Que a los que siento llegué
Por entre casos injustos.

f. 170 rº. 3. Fueran grandes sinrazones 15
Qu' el tiempo contra mi hizo,
Endureció coraçones,
Y nunca se satisfizo
De blandura ni razones.
Mas con creer que ablandaria 20
Mi desgusto con los años,
Passava todo y sufria,
Y en esta vana porfia
Me han traido mis engaños.

4. Engaños fueran, mas yo 25
Fui el que quise engañarme,
Porque mil vezes me dió
Razon de desengañarme
El tiempo en lo que mostró.
Y de yo tan mal creer 30
A tan ciertos desengaños
(O fuesse yerro, o saber)
Me quise aqui detener
Donde los daños son daños.

f. 170 vº. 5. Daños son pues no se esconde 35
En ellos algun engaño,
Ni se ve como o por donde
Se pueda salir de daño,
Mas daño a daño responde.
La ausencia me fuera buena 40
Hasta otros tiempos justos,
Que este en todo assi se ordena
Que la pena siempre es pena
Y los gustos no son gustos.

413.

f. 171 rº.

Vilancete LXXV.

A este Cantar alheo:

1. *No puedo apartarme*
De los mis amores, madre,
No puedo apartarme.

2. Quien partirse puedo
De tales amores 5
Sin que el alma quede
Entre mil dolores?
En graves temores
El coraçon queda, madre,
De ver apartarme. 10

3. De si es olvidada
La alma si los veo,
Lo que les agrada
Solo ver desseo.
Ningun dolor creo 15
Que me pueda llegar, madre,
A este d'apartarme.

f. 171 vº.

4. Llena el alma siento
De alegria en vellos,
Y un año un momento 20
Pienso que es sin ellos.
Apartarme d'ellos,
De la misma vida, madre,
Seria apartarme.

5. No ay amores tales 25
En toda la aldea,
Ni avrá quien iguales
Nel mundo otros vea.
El alma dessea
Poder siempre vellos, madre, 30
Y nunca apartarme.

414.

f. 172 r°. **Vilancete LXXVI.**

A ESTE CANTAR VELHO:

1. *Quiero dormir, y no puedo,*
Qu' el amor me quita el sueño.

2. Por engañar mi dolor
Pruevo dormir un momento,
Mas luego acude el amor 5
Y deshaze el sueño en viento.
Trae al alma un pensamiento
A que esconderme no puedo,
Con que puede más que el sueño.

3. Teme el amor que dormiendo 10
Pierda un' ora d'un cuidado,
Que por no l'estar perdiendo
Me tiene assi desvolado.
Y si el dormir me ha quitado
Y reposar nunca puedo, 15
Más bien me quitara el sueño.

415.

f. 172 v°. **Cantiga LXXV.**

A ESTA CANTIGA
DE DOM JORGE DE FARO:

1. *Si una voluntad supiesse,*
Aunque mal me causaria,
Por ella no temeria
Todo el daño que viniesse.

2. No tengo este mi desseo 5
Ni por sano, ni por bueno,
Que pues sin la saber peno

Que haré si clara la veo?
Mas quando assi la supiesse,
Aunque contra mi seria, 10
Satisfecho quedaria
De todo el mal que viniesse.

416.

f. 173 rº.

Vilancete LXXVII.

A este Vilancete alheo:

1. *Passados contentamientos,*
Que quereis?
Dexadme, no me canseis.

2. Contentamientos, vos fuistes
De mi tristeza occasion, 5
Pues que con razon venistes
Y os bolvistes sin razon.
Dexastes mi coraçon
Como veis,
Y aun más cansarme quereis? 10

3. Pues me dexó vuestra gloria,
Aunque no lo mereci,
Dexeme vuestra memoria,
No aya de vos nada en mi.
Que pues del todo os perdi, 15
No deveis
Bolver ya como bolveis.

f. 173 vº. 4. Porque en más daños me vea
Bolveis solo al pensamiento,
Y hazeis que tristeza sea 20
Lo que fué contentamiento.
Este no duró un momento,
Y quereis
Que dure el mal que me hazeis?

417.

f. 174rº. **Vilancete LXXVIII.**

A ESTE VILANCETE ALHEO:

1. *Quando te veran los ojos*
Que lloraron tu partida
Y agora lloran mi vida?

2. Quando bolveré a te ver
Para me restituir 5
Lo que me heziste perder
Y lo que me hazes sintir?
Si lloré verte partir,
Y lloro por tu partida,
Todo esto es llorar mi vida. 10

3. Desque sin verte me veo
Se puede dezir que muero,
Pues la vida no desseo,
Y la muerte busco y quiero.
Y si d'ella desespero 15
Es porque con tu partida
Pueda más llorar mi vida.

f. 174vº. 4. El tiempo que no te viere
Estaré siempre en la muerte,
Porque mi amor no quiere 20
Que tienga vida sin verte.
Siempre será tal mi suerte
Mientras lloro su partida,
Y en ella lloro mi vida.

418.

f. 175 r°.

Cantiga LXXVI.

A esta Cantiga
de Dom Jorge de Faro:

1. *Triste de mi, que me veo*
(No sé si avrá quien lo crea)
Quando el alma más dessea
Más lexos de mi desseo!

2. Quiere mi suerte cruel, 5
Por agraviar mi dolor,
Quando el desseo es mayor
Que menos espere d'el.
Y porque este mal que veo
Nel' alma más grave sea, 10
Faltale lo que dessea,
Y no le falta el desseo.

3. El desseo que me aquexa
Viene de vuestra hermosura,
Y d'ella y de mi ventura 15
La razon d'esta mi quexa.
Esto que en mi siento y veo,
Como avrá quien no lo crea,
Pues por lo que se dessea
Juzgar se puede el desseo? 20

419.

f. 175 v°.

Cantiga LXXVII.

A esta Cantiga alhea:

1. *Esclavo soy, pero cuyo,*
No lo puedo dezir yo,
Que cuyo soy me mandó
Que no diga que soy suyo.

2. A quien yo la vida ofrezco, 5
En lo que mandado tiene
Obedecerle conviene,
Y muero si le obedezco.
Si declaro que soy suyo,
Haré lo que defendió; 10
Si callo como mandó,
A mi mismo me destruyo.

3. Gloria me fuera callarme,
Si cuyo soy lo mandara,
Porque assi más se prendara, 15
O por más a mi prendarme.
Mas si negar siempre cuyo
Soy y seré me mandó,
Fué porque no consintió
Jamás que yo fuesse suyo. 20

f. 176 rº. 4. El amor que le entreguó
Dessea ser entendido,
Mas, si d'ella es defendido,
Porqué assi la ofenderé?
A ser tan de veras cuyo 25
Siempre hé de ser, me obligó
Este amor a que negó
Querer tenerme por suyo.

5. Lo que le quiero me obliga
A lo que sufro por ella, 30
Y hazeme callar temella
Contra mi más enemiga.
A la fin, yo me concluyo,
Que aunque contra mi mandó
Por mi mal callaré yo, 35
Y por mi bien seré suyo.

420.

f. 176 vº. **Vilancete LXXIX.**

A este Vilancete alheo:

1. *Socorred con agua al fuego,*
Ojos, aprissa llorando,
Qu' el alma se va abrasando.

2. El bivo fuego que me arde
Ardiendo va sin cessar, 5
Si llega el remedio tarde
Mal se podrá remediar.
No os descuideis de llorar,
Qu' es bien que acudais llorando
Al mal que uvistes mirando. 10

3. Mas el llorar poco vale
Contra el mal del alma que ama,
Pues fuera el agora se sale,
Y dentro queda la llama.
Sin provecho se derrama, 15
Qu' el mal que se haze mirando
No se deshaze llorando.

f. 177 rº. 4. Ora baste, ora no baste,
Llorar es lo que os conviene
Porque del todo no se gaste 20
El fuego que el alma tiene.
Vuestro dolor d'ella viene,
Y el mal que la está penando
De vos se le fué causando.

5. Nel mal que el alma padece, 25
Que llorais con prissa tanta,
Quanto más el agua crece
Más el fuego se levanta.
No es lo que aqui más espanta:
Que ni ella le va templando, 30
Ni el fuego la va gastando.

421.

f. 177 v°.

Cantiga LXXVIII.

A esta Cantiga alhea:

1. *Bras muere d'amores de Ana,*
Juana le trava del sayo,
Pelayo muere por Juana,
Ana muere por Pelayo.

2. D'amor es esto ordenado, 5
Aunque crueldad le llaman,
Solo porque todos amen
Y ninguno sea amado;
Que si Bras muere por Ana,
Ana muere por Pelayo, 10
Y si Pelayo por Juana,
Juana a Bras trava del sayo.

3. Aunque todos son amados,
No basta a hazel-los contentos,
Pues tienen los pensamientos 15
En otro amor ocupados:
Huye de Pelayo Juana,
Brás de Juana como un rayo,
De Bras huye tambien Ana,
Y de Ana huye Pelayo. 20

f. 178 r°. 4. Do quieren no son queridos,
Queridos son do no quieren,
Que bien puede aver que esperen
Amados y aborrecidos?
Amada de Bras es Ana, 25
Desamada de Pelayo,
Que la desecha por Juana,
La qual rompe a Bras el sayo.

5. Estos terminos estraños
De amor y de desamor 30
Son invenciones de Amor

Para hazer mayores daños.
Ama Bras, aborrece Ana,
Sigue Ana, huye Pelayo,
Pelayo quiere, y no Juana, 35
Que en vano a Bras rompe el sayo.

422.

f. 178 vº.

Cantiga LXXIX.

1. Por Pelayo se muere Ana,
Por Bras Elena se muere,
Entrambos mueren por Juana,
Juana a si sola se quiere.

2. No pagan amor que deven 5
Por pagar amor devido,
Y Amor en esto atrevido
Haze que a tanto se atreven.
No quiere uno el amor de Ana,
Otro el de Elena no quiere, 10
Muerense por sola Juana,
Juana por si sola muere.

3. Ellos tienen gran razon,
Mas Juana más razon tiene,
Porque a si sola conviene 15
Darse su misma afficion.
Aunque Pelayo quiere Ana
Y Elena por Bras se muere,
Se deven ambos a Juana,
Y ella a si lo que se quiere. 20

. 179 rº.

4. No solos Bras y Pelayo
Por la hermosa Juana mueren,
Mas la misma muerte quieren
Quantos pueden ver su rayo.

Aunque hiere y nunca sana, 25
Con tanta dulçura hiere
Que quien se muera por Juana
No puede dezir que muere.

5. Quien de su vista se prende,
Por la amar todas desama, 30
Y ella con más razon se ama
Que mejor se ve y se entiende.
Su hermosura es más que humana,
Y verá quien tanto viere,
Que si se muere por Juana 35
Con grande razon se muere.

423.

f. 179 vº.

Vilancete LXXX.

A ESTE VILANCETE ALHEO:

1. *No os cumple venir, plazer,*
Qu' el lugar do aveis d'estar
Todo lo tiene el pesar.

2. Siempre os tuve por agenos:
No vengais, que es por demás, 5
Que no da quien puede más
Lugar a quien puede menos;
Ni los vasos que estan llenos
Pueden más nada llevar,
Y yo lleno estoy de pesar! 10

3. Plazer, vuestra compañia
Bien sabeis que no es segura,
La del pesar siempre dura,
No falta noche ni dia.
Desigual trueco seria 15
Lo que es tan firme dexar
Por lo que no ha de durar.

f. 180rº. 4. Si en el dolor me crié,
Aunque vezes d'el me aquexe
No es bien que por vos le dexe, 20
Que quasi el nombre no os sé.
No veais a quien no ve
Sino tristeza y pesar,
Que por vos no ha d'olvidar!

5. Nel alma, en que tiene assiento 25
Un dolor de tantos años,
No entra con sus engaños
El plazer para un momento.
A falso contentamiento
No es razon que dé lugar 30
Un verdadero pesar.

424.

f. 180vº.

Vilancete LXXXI.

A ESTE VILANCETE
DE DOM FRANCISCO DE MOURA:

1. *No me veis, porque os mirais,*
Y assi no teneis razon
De os doler de mi passion.

2. Porque la vista ocupais
Nel grande bien que en vos veis, 5
Los ojos nunca bólveis
Al gran mal que en mi causais.
Con razon sola os mirais,
Mas yo lloro esta razon
Porque es contra mi passion. 10

3. El que no ve por antojos
Ve que con razon segura
Porque es sola essa hermosura

No moveis d'ella los ojos.
Bolverlos a mis enojos 15
Tambien sin comparacion
Deveis por vuestra razon.

425

f. 181 rº. ## Cantiga LXXX.

A esta Cantiga alhea:

1. *No sé, vida, quien te alaba,*
Pues no ay cosa en ti segura;
No quiero bien que no dura,
Ni temo mal que se acaba.

2. Alabate quien no entiende 5
Quanto daño en ti s'esconde,
Y quien dessea o pretende
Lo que el engaño responde.
Quien te entiende no te alaba,
Y contra ti se segura 10
Con saber que el bien no dura
Y que el mal presto se acaba.

3. De dulce engaño ha venido
Al mundo, en esto engañado,
Ser el mal siempre temido, 15
Y siempre el bien desseado.
La verdad esto no alaba,
Porque en vida no segura
Ni bien ni mal mucho dura,
Pues ella tan presto acaba. 20

f. 181 vº. 4. Y aunque es contra el engaño
Esta verdad bien creida,
Vino a ser por nuestro daño
Quasi siempre mal seguida.

Quien en vida que se acaba 25
Juzga cosa por segura,
Ni entiende si en ella ay dura,
Ni lo que condena o alaba.

5. Con el plazer y dolor
Se pierde el entendimiento, 30
Y de mejor a peor
Le falta el conocimiento.
Y aunque tanto ciego alaba
La vida, que no es segura,
Yo, que sé que el bien no dura, 35
No temo el mal que se acaba.

426.

f. 182r°. Grosa XVIII á mesma Cantiga.

1. Vida, llena d'ansia y muerte,
A que el nombre no conviene
Pues nadie biviendo tiene
Firme ni segura suerte,
Porque ora va y ora viene. 5
Sin orden y sin concierto
Una comiença, otra acaba,
Y el bien de ayer es oy muerto:
Viendo tanto desconcierto
No sé, vida, quien te alaba. 10

2. Quien al bien busca y dessea,
Para poco se desvela;
Quien al mal huye y recela,
Aunque en si lo sienta y vea
No ay de que mucho se duela. 15
De miedo y perdidas llena,
Hazes, vida amarga y dura,
Con tu desconcierto y pena
La muerte sabrosa y buena
Pues no ay cosa en ti segura. 20

f. 182 v°. 3. Quien ay que en ti plazer tenga?
Viene el mal para doler,
Y el bien para se perder,
Assi que bien o mal venga
Por mal se deve tener. 25
Y pues de solo un momento
Es el bien que se procura,
Y el breve contentamiento
Dexa largo sentimiento,
No quiero bien que no dura. 30

4. Y que ay para ser temida
La tristeza que el mal da
Pues si viene assi se va?
Y aunque acabe con la vida
Bien presto se acabará. 35
Y aunque con engaño igual
El que es engañado alaba
El bien y reprueva el mal,'
No desseo bien que es tal,
Ni temo mal que se acaba. 40

427.

f. 183 r°.

Cantiga LXXXI.

A esta Cantiga alhea:

1. *A la villa voy,*
De la villa vengo,
Si no son amores
No sé que me tengo.

2. D'alegria lleno 5
Quando voy me veo,
En bolviendo peno
Con nuevo desseo.

No sin causa creo
Que assi voy y vengo: 10
Deven ser amores
Pues tal ansia tengo.

3. Si contraria suerte
Acá me detiene,
Muestrase la muerte, 15
Y si no voy viene.
No ay mal que me pene
Si allá me detengo,
Quien avrá que amores
Diga que no tengo? 20

428.

f. 183 v°.

Cantiga LXXXII.

A esta Cantiga alhea:

1. *Vaya o venga,*
Que siempre seré de Menga;
Venga o vaya,
Que mi fe nunca desmaya.

2. Mi aficion, 5
No la quita al coraçon
Ser ausente,
Ni la [pr]iva ser presente.
Siempre a Menga
Ama el alma, o vaya o venga, 10
Ni desmaya
Mi fe aunque venga o vaya.

3. Vida o muerte
Viendo o no viendo es mi suerte,
Mas perdido 15
Nunca es el amor devido.

Soy de Menga,
Bien o mal que vaya o venga;
Venga o vaya,
Mi fe con nada desmaya. 20

429.

f. 184 r°

Cantiga LXXXIII.

A esta Cantiga alhea:

1. *Dime, zagal, que sentias*
Quando ayer te oi quexar?
Mi fe, Gil, que niñerias
Del Amor me han de matar.

2. Que mal, que nuevo cuidado, 5
Contrario de tu reposo,
Te tenia enagenado
Quando ayer te vi quexoso?
Bien vi que gran mal sintias,
Sospeché que era d'amar, 10
Mas, viendo ante quien morias,
Culpéte en verte quexar.

3. Unas vezes te quexavas
Con ansia del coraçon,
Otras, callando mostravas 15
Más que hablando tu passion.
Otras, do estavas no vias
Sin otro te lo avisar,
Otras, nada respondias
A lo que oias hablar. 20

f. 184 v°. 4. Si buscas esse remedio
Para amor menos dañarte,
Quiça fuera mejor medio
Más amar, menos quexarte.

La zagala que ayer vias 25
Todo zagal deve amar,
Si d'ella es lo que sintias
Amala sin te quexar.

5. Mi mal causa una zagala,
Y mis quexas el Amor: 30
Ella con su linda gala,
Y el con su grande dolor.
Por ella las ansias mias
Sin quexas podré passar,
D'Amor y sus niñerias 35
Mal puedo no me quexar.

f. 185 r°. 6. Su niñeria es dañosa,
Y contra mi ayudada
D'aquella zagala hermosa
Qu' el alma dexa turbada. 40
La zagala es la que vias,
Viendola puedes juzgar
Que no pueden niñerias
D'Amor sin ella dañar.

7. El como niño se olvida 45
Del amor que m'es devido,
Ella desprecia la vida
Que a su amor tengo ofrecido.
No bastan las ansias mias,
Aunque es blanda, a la ablandar, 50
Mas d'Amor las niñerias
Ainda a más me dañar.

430.

f. 185 vº.

Vilancete LXXXII.

A este Vilancete alheo:

1. *Como se podrá partir*
Quien a vos vido,
Si el seso no ha perdido?

2. Quien verá vuestra hermosura,
Aunque poco entienda d'olla, 5
Que quiera dexar de vella
Si no fuere con locura?
Que mientras el seso dura
Al que os vido,
No se quiere tan perdido. 10

3. Perdido, si, porque os vió,
Mas no por dexar de veros,
Que la razon de quereros
En veros se començó.
Si alguno este bien dexó 15
Desque os vido,
Bien tiene el seso perdido.

f. 186 rº.

4. Mas para sufrir tal daño
Como no veros hará,
No poco aprovechará 20
La locura para engaño;
Porque un dolor tan estraño
Mal sufrido,
Será sin seso perdido.

431.

f. 186 vº.

Vilancete LXXXIII.

A este Vilancete alheo:

1. *Di, pues vienes del aldea,*
Assi, Mingo, Dios te vala:
Si me viste allá Pascuala?

2. Bivia mientras la vi,
Y agora que no la veo 5
No siento que biva en mi
Sino tristeza y desseo.
Biviria segun creo,
Si bolviesse a ver la gala
De tan hermosa zagala. 10

3. Despues que mi suerte triste
Sin miral-la me detiene,
Hablando en ella resiste
El alma al dolor que tiene.
Y al mismo dolor conviene 15
Que no hablemos de otra gala
Sino de la de Pascuala.

432.

f. 187 r°.

Vilancete LXXXIV.

A este Cantar velho:

1. *Todos vienen a la vela,*
Y no viene Domenga.

2. Deteniame la vida
Sin la ver quasi gastada,
La esperança bien fundada 5
En el bien de su venida.
Falta, sientola perdida,
Y es bien que todo mal venga
Pues que no viene Domenga.

3. Si por mi contraria suerte 10
Ay quien allá la detiene,
Quien la culpa en esto tiene

Será en cargo de mi muerte.
Que sobre dolor tan fuerte
Como es no venir Domenga, 15
Que daño avrá que no venga?

433.

f. 187 vº.

Cantiga LXXXIV.

A esta Cantiga alhea:

1. *Creme, linda Pascuala,*
Assi yo siempre te vea,
Qu' el mundo no tiene gala
Que como la tuya sea.

2. Lo que en ti, zagala, vemos 5
No veo en quien lo veamos,
Y aunque no te entendamos
Esto siquiera entendemos.
Quien avrá, blanda zagala,
Si bien te ve, que no vea 10
Qu' el mundo no tiene gala
Que como la tuya sea?

3. Muestranlo tus blandos ojos,
Muestralo tu hermosura
Con cuya gracia y blandura 15
Siempre das dulces enojos.
Quien puede verte, zagala,
Ninguna otra ver dessea,
Porque no ay nel mundo gala
Que como la tuya sea. 20

f. 188 rº. 4. En tus ojos tiene Amor
Sus arcos, flechas y fuego,
Sin moverse a blando ruego
Ni dar por grave dolor.

A si mismo se regala 25
Sin darse que no te vea
Quien ve que no áy otra gala
Que como la tuya sea.

5. Vese en tus ojos la vida,
Hállase en ellos la muerte, 30
Y aunque es contraria la suerte
Es a tus ojos devida.
Tambien te deve, zagala,
Quien te ve, que otra no vea,
Pues no tiene el mundo gala 35
Que como la tuya sea.

434.

f. 188 v°.

Cantiga LXXXV.

A esta Cantiga alhea:

1. *Si tiengo ventura*
Como soy hermosa,
Viviré segura
De ser embidiosa.

2. Seré, si es assi, 5
(No m'engaño yo)
Embidiosa, no,
Embidiada, si;
Que a tal hermosura,
Tanto en todo hermosa, 10
Se deve ventura
De nadie embidiosa.

3. Para esta verdad
En mi misma siento
Gran merecimiento, 15
Gran difficultad;

Que con mi hermosura
Vivo recelosa
Que no aya ventura,
Como soy hermosa. 20

f. 189 r°. 4. Mas si no la uviere,
Ni assi perderé
La que en mi tendré
Quando a mi me viere.
No es poca ventura 25
Verme tan hermosa
Que tenga hermosura
D'otra no embidiosa.

435.

f. 189 v°.

Vilancete LXXXV.

A ESTE VILANCETE ALHEO:

1. *Pastora, presto me parto,*
Y partirseme ha la vida
Si te alegra mi partida.

2. Quisiera el dolor dezir
Que siento porque me aparto, 5
Mas solo en dezir que parto
Digo quanto ay que sintir.
Y aunque esta pena es morir,
Señal seria de vida
Si fuesse de ti sentida. 10

3. Mira a que me truxo amor,
Que quiere darme por suerte
Ver en tu plazer mi muerte,
O mi vida en tu dolor!
Partir es daño mayor 15
Que morir, mas la partida,
Qu' es muerte, hazer puedes vida.

436.

f. 190r°.

Vilancete LXXXVI.

A este Vilancete alheo:

1. *Contentamientos de amor*
Que tan cansados llegais,
Si venis, para que os vais?

2. No sirve vuestra llegada
De más que dañar la vida, 5
Pues no veo la venida
Quando siento la tornada.
La vida, en todo engañada,
Ni bive quando llegais,
Ni se muere quando os vais. 10

3. No bive porque mil años
Siempre tardais en venir,
Ni muere para sintir
De vuestra buelta los daños.
Y aun con estos desengaños 15
Me alegro quando llegais,
Aunque llore quando os vais.

f. 190v°. 4. Porque cansados venis
Cansais al triste que espera,
Y porque biviendo muera 20
Presto en llegando partis.
Bien mostrais que no sintis
Los daños que me causais,
Porque assi venis y os vais.

5. Venis por contentamiento, 25
Y traeis el nombre errado
Pues venis para cuidado,
Para ansias, para tormento:
Que si tan solo un momento
No os deteneis, si llegais 30
Sin razon assi os llamais.

f. 191 rº. 6. Venir tarde y bolver luego
Es mal que no se compara,
Nunca Amor esto ordenara
Si no fuera niño y ciego. 35
No vale quexa ni ruego
Para que despacio os vais,
Pues tan d'espacio llegais.

7. Cansados para llegar,
Prestos para la mudança, 40
Cansais mi triste esperança
Que hazeis en vano esperar.
Y si de tanto tardar
A mi cansados llegais,
Porqué en mi no descansais? 45

437.

f. 191 vº. ## Grosa XIX ao mesmo Vilancete.

1. El Amor que en vuestra pena
Me va ordenando la muerte
Porque la sienta mas fuerte,
Si un breve plazer me ordena
En más daño le convierte. 5
Alegróme el sentimiento
Tras mil tiempos de dolor,
Doblóme luego el tormento,
Que son de solo un momento
Contentamientos de amor. 10

2. Vuestro daño, a mi mortal,
Para serme más cruel
No tiene Amor parte en el;
Mas si el no os causa esse mal
Causa en mi los daños d'el. 15

Oh, mis tristes pensamientos,
Que de mi lexos andais,
Tras que sombras, tras que vientos
Truxistes mis fundamientos
Que tan cansados llegais! 20

f. 192 r°. 3. Si de miedo de morir
Temeis que morirme puedo,
Muero, y corrido no quedo,
Que si no es razon bivir
Esfuerzo es morir de miedo. 25
Miedos, pues contra la vida
La muerte tanto ayudais
Que para verse perdida
Bastará vuestra venida,
Si venis, para que os vais? 30

---

f. 192 v°.

438.

Outra Grosa (XX) ao mesmo Vilancete.

1. Despues que el Amor me tiene,
Aunque contra mi pretende
Hazer todo el mal que entiende,
Pienso que más me conviene
Aquello en que más me offende. 5
Y aunque al alma es gran afrenta
Sentir siempre su dolor,
Siempre será más contenta
Si haze Amor que no os sienta,
Contentamientos de amor. 10

3. Al venir sois perezosos,
Y sois al bolver ligeros,
Y tanto assi lastimeros
Que hazeis los daños hermosos
Como gustos verdaderos. 10

Y aunque bienes os llameis,
Tanto al que espera cansais
Que vuestro nombre perdeis;
Mas a quien no cansareis
Que tan cansados llegais? 20

f. 193 r°. 3. Teneisme el alma cansada
De tener siempre la vida
Incierta en vuestra tornada,
De mi llorada y sentida. 25
Llorando bivo y sintiendo,
Y pues del nombre os preciais,
Si hareis tanto bien viniendo
Y tanto más no os bolviendo,
Si venis, para que os vais? 30

439.

f. 193 v°.

Cantiga LXXXVI.

A esta Cantiga alhea:

1. *Quien llamó al partir partir*
Erróle el nombre á la clara,
Que muy mejor acertara
Si le llamara morir,
Y al morir partir bastara. 5

2. Que se llame una partida
No sin razon triste muerte,
Fuera cosa mal creida
De mi, si contra mi vida
En mi no viera esta suerte. 10
Partiendo llegué a morir,
Y porque menos dañara
La muerte si me acabara,
Puedo con ella bivir
Por morir más á la clara. 15

f. 194 r°. 3. Ya siento que al apartar
Morir por nombre conviene,
Porque el daño que d'el viene
Es ver con el acabar
El bien que la vida tiene. 20
Llamese al partir morir,
Por hablar más á la clara;
Y si al morir se llamara
Por nombre proprio partir,
Más con el se declarara. 25

440.

f. 194 v°.

Cantiga LXXXVII.

A esta Cantiga alhea:

1. *Quando entrardes, cavallero,*
En el palacio real,
No mireis a mi primero
Porque no digan que os quiero,
Mirareis en general. 5

2. Miradme nel coraçon,
Dissimulad con los ojos,
Porque no den occasion
De sospechas y de enojos
Que turben nuestra aficion. 10
Si el amor es verdadero
Al amor que os tengo igual,
Mejor será, cavallero,
Que queriendoos como os quiero
Piense que pensais en al. 15

f. 195 r°. 3. Si a mi primero mirais,
Aunque en ello obedeceis
Al amor con que me amais,
Al mismo amor dañareis

Que sin mirar conservais. 20
Viendoos, de miedo me muero
Qu' a entrambos viendo hagais mal;
Por esso avisoos primero,
Por encubrir lo que os quiero,
Que mireis en general. 25

4. En grandes dudas me veo,
Todas de solo quereros,
Obedeceros desseo
Y recelo obedeceros
Por el mal que en todo veo. 30
Que si no os miro primero,
En quien tendré vista igual
A lo que en vos ver espero?
Y no mirar lo que quiero,
No me atrevo a tanto mal! 35

f. 195 v°. 5. Si delante vos me hallasse,
Por más que contraria suerte
Solo en veros me esperasse,
Seria caso de muerte
No morir si no os mirasse. 40
Y pues por vos sola muero
Con amor tan sin igual,
Dexadme veros primero
Pues han de ver que a vos quiero
Aunque mire en general. 45

441.

f. 196 r°. ## Grosa XXI.

A ESTE VILANCETE ALHEO:

1. *Donde sobra el merecer,*
Aunque se pierda la vida,
Bien perdida no es perdida.

Grosa.

2. Quien quiere llegar a suerte
Que en la noche vea el dia, 5
Y halle vida en la muerte
Y en la tristeza alegria,
Y blando el dolor más fuerte,
Vea una clara hermosura
En que ay lo más que ay que ver, 10
E si llega a tal ventura
Verá una gracia y blandura
Donde sobra el merecer.

f. 196 v°. 3. Verá un claro entendimiento
Vencer los entendimientos, 15
Y un hermoso movimiento
Llevar con blandos tormentos
Tras si todo pensamiento.
Quien tan clara verdade viere
Aunque de nadie entendida, 20
Si por ella se muriere
No juzgará que se muere
Aunque se pierda la vida.

4. Que hermosura tan estraña,
De tantas gracias ornada! 25
Aunque da muerte no daña,
Ni la vida es engañada
Aunque mal la desengaña.
Siempre en sus hermosos ojos
Vida es muerte, y muerte es vida, 30
Y la que con sus enojos
Se queda entre sus despojos
Bien perdida no es perdida.

---

f. 197 rº. **442.**

Outtra Grosa (XXII) ao mesmo Vilancete.

1. Si con firme pensamiento,
Si con amor claro y puro,
Si con dolor y tormento
Se hace merecimiento,
Tengo el remedio seguro. 5
Mas lo que no quiere ver
Al mal que causa algun medio,
Por más agravios hazer
Haze que falta el remedio
Donde sobra el merecer. 10

2. Que sobra puedo dezir,
Pues amor tan alto salta
Que a quien d'el sabe morir
Para merecer bivir
Le suple toda otra falta. 15
No es mi pena bien creida,
Aunque amor claro la ordena;
Y assi no será sintida
De quien la causa esta pena,
Aunque se pierda la vida. 20

f. 197 vº. 3. En ella la vida veo,
Y en ella la muerte hallo;
Quanto d'ella entiendo y creo
Es contrario a mi desseo,
Mas a todo sufro y callo: 25
Porque aun perdiendo la vida
No tendré justa querella,
Pues a sus ojos devida
Es la vida que por ella
Bien perdida no es perdida. 30

---

f. 198 r°. **443.**

Outra Grosa (XXIII) ao mesmo Vilancete.

1. Con una nueva hermosura,
De mil hermosuras llena,
Se conjuró mi ventura
Porque más firme y segura
Contra mi fuesse su pena. 5
Y si ventura sin ella
Tanto daño puede hazer,
Juzgad que devo temer
Si es ayudada d'aquella
Donde sobra el merecer! 10

2. Despues que en ella entendi
De su poder la verdad,
Siempre mis daños temi
Pues tiene el poder por si
Contra mi la voluntad. 15
Esta s'emplea en dañarme,
Y con pena no devida
Me tiene el alma afligida,
Ni da licencia a quexarme
Aunque se pierda la vida. 20

f. 198 v°. 3. Huye de mi justa quexa
De su injusta sinrazon
Que de todo bien me alexa,
Porque no la oyendo dexa
De confessar mi razon. 25
Mas yo a su amor tendré
El alma siempre ofrecida,
Y a su servicio la vida;
Y si assi la perderé,
Bien perdida no es perdida. 30

f. 199 r°.

444.

Outra Grosa (XXIV) ao mesmo Vilancete.

1. Yendo Amor bolando un dia,
Oyó que d'el me quexava;
Baxó, perguntó que avia;
Dixe que me lastimava
Un mal de que me moria. 5
Dixo: Contra mi, que quieres?
Que más bien te puedo hazer?
Aun tienes que agradecer,
Pues por hermosuras mueres
Donde sobra el merecer. 10

2. Sobra, dixe, bien lo entiendo,
Ni huir tal muerte quiero.
Que quieres, di, que me offendo?
Crer que por ella me muero
Es solo el bien que pretendo. 15
Respondió: Si llegarás
A ser tu pena creida
De quien d'ella no es servida,
No pienses que morirás
Aunque se pierda la vida. 20

f. 199 v°. 3. Pues assi me hé de morir,
Respondi, sin ser creido?
En esto está el no bivir,
Dixo, y pues estás vencido
Cumple a quien venció servir. 25
Con que la hó de servir, di?
Con la muerte y con la vida
Aunque mal agradecida.
Sea, dixe, pues assi
Bien perdida no es perdida. 30

445.

f. 200r°.

Cantiga LXXXVIII.

A esta Cantiga alhea:

1. *Si espero contentamiento*
Nunca acaba de llegar,
Y si temo algun pesar
Tiene las alas de viento.

2. Si contentamiento espero 5
No es porque nello espere,
Mas mi ventura lo quiere
Por faltarme lo que quiero.
Muestra el contentamiento
Por dañarme en no llegar, 10
Y haze que tema el pesar
Por no faltarme un momento.

3. Nunca el bien que espero, viene,
Presto el mal que temo, llega,
Todo me desassossiega 15
Y en tristes ansias me tiene.
Daña en el contentamiento
Esperal-lo y no llegar,
Y temel-lo y no tardar
Haze contino el tormento. 20

446.

f. 200v°.

Grosa XXV á mesma Cantiga.

1. El Amor para dañarme
Con dolor igual de muerte,
En lo que puede alegrarme
Me muestra el dolor más fuerte
Con que puede atormentarme 5

Haze que espere contento
Un alivio a mi cuidado
Para no verle un momento,
Y assi me quedo engañado
Si espero contentamiento. 10

2. Con la esperança m'engaña,
Que siempre cansa y da pena,
Con el tardar más me daña,
Y no llegando me ordena
Vida triste y muerte estraña. 15
Mas esta, por más dañar
El mal del bien que se espera,
Que más daña en más tardar,
Y porque biviendo muera
Nunca acaba de llegar. 20

f. 201 rº. 3. Quando me temo de daño,
Qu' es lo que más vezes viene,
Nunca quedo con engaño,
Que en temer y en sentir tiene
El alma dolor estraño. 25
En mi se pudo igualar
El esperar y el temer:
Pues siempre suelo penar
Si me espero algun plazer,
Y si temo algun pesar. 30

4. Que dolor tan sin igual
Ay como el que siente quien
Para pena más mortal
Ni bive esperando el bien,
Ni muere temiendo el mal! 35
Del bien, como de tormento,
Pues huye quiero huir,
Y hazer del mal fundamento
Pues para a mi se venir
Tiene las alas de viento. 40

447.

f. 201 v°. CANTIGA ALHEA.

1. *Pues no mejora mi suerte*
Presto morir me conviene,
Quiçá que terná la muerte
Lo que la vida no tiene.

OUTRA CANTIGA ALHEA.

2. *Justicia pido, que muero,* 5
De vos que muerto me aveis!
O me querais como os quiero,
O del todo me mateis!

Grosa XXVI a estas duas Cantigas.

3. *Pues no mejora mi suerte*
Tras tanto tiempo de amor, 10
Que esperaré en mi dolor
Sino que en mi se despierte
Con más aspero rigor?
Matame injusta passion,
Matame el bien que no espero, 15
Callara viendo razon,
Mas muriendo sin razon
Justicia pido, que muero.

f. 202 r°. 4. *Presto morir me conviene*
Pues no quereis mi vida, 20
Y el alma d'esto afligida,
Que aun por mi mal se detiene,
Os culpará en su partida.
Muriendome alegraré
Pues vos mi muerte quereis, 25
La sinrazon lloraré,
Por ella me quexaré
De vos, que muerto me aveis.

5. *Quiçá que terná la muerte*
Lo que acá no puedo hallar, 30
Qu' es el desseo acabar,
Mas daño seria fuerte
Vuestro bien no dessear.
Y por no sintir tal daño
Desseo, aunque desespero, 35
Que a mi grave mal y estraño
Mostreis siquiera un engaño,
O me querais como os quiero.

f. 202 v°. 6. *Lo que la vida no tiene*
En otra, en vos sola veo, 40
Y lo que no entiendo y creo
Es causa que se sostiene
El alma en este desseo.
Si este desseo causais,
Señora, bien entendeis 45
Que es razon que soccorrais
Con la vida que no dais,
O del todo me mateis.

448.

f. 203 r°. Alheo.

„El grave dolor estraño."

Grosa XXVII a toda a trova.

1. Quando Amor y mi ventura,
Costumbrados a dañarme,
Con pena más grave y dura
Procuran atormentarme,
Dañanme en vuestra hermosura. 5
Quieren darme en vos tormento
Y no quedan con engaño,
Saben que me haze contento
Del daño que por vos siento
El grave dolor estraño. 10

2. Quien avrá que quiera huir,
Aunque mucho le atormente
El mal que le hazeis sintir?
Mas aquel que en vos se siente,
Como se podrá sufrir? 15
Para mostrarme el Amor
Con la muerte conjuró,
Y para hazel-lo mejor
Me dió muerte en el dolor
Que vuessa merced sintió. 20

f. 203 v°. 3. Dolor, de vos tan sintido,
Quien pensará que es razon
Que sea de mi sufrido
Sino con tanta passion
Qu' el bivir ponga en olvido? 25
En mi tristes pensamientos
Lo que d'el siento causó,
En mi daños y tormentos,
Y quexas y sentimientos,
Aunque en su cuerpo dolió. 30

4. Qualquier dolor que sintais,
Aunque en vos muy poco duela,
Si en mi alma lo buscais
Vereis que la desconsuela
Más que el mal que le causais. 35
Y assi el dolor que sintistes,
Con que triste desengaño
De muerte a mi vida distes,
Con mil sentimientos tristes
En mi alma hizo el daño. 40

f. 204 r°. 5. No solo al alma ha dañado
Con ansias y con dolores,
Mas todo en mi trastornado
Tiene el seso con temores
Del mal que se os ha causado. 45

Mas no es mucho si se ordena
De mi daño la grandeza,
A que el Amor me condena,
Segun siento vuestra pena
Y segun fué su graveza. 50

6. Al que un mal passa, y librarse
Puede de los daños d'el,
Despues sirve de alegrarse,
De lo que passó con el,
Viendose libre, acordarse. 55
En el mal, tanto a mi dañoso,
Esto en mi no podrá ser,
Que pues os quita el reposo
Siempre d'el seré quexoso
Aunque sana os torne a ver. 60

f. 204 v°. 7. Por mi no me quexaré,
Que siempre callé, señora,
A quanto hasta aqui passé,
Mas lo que sintis agora
Con quexas lo sintiré. 65
Y a la tristeza devida
Que siempre avré de tener
Mientras durare la vida,
Para que un punto la impida
Ya no llegará el plazer. 70

8. Siempre en mi el plazer tendrá
Con la tristeza pelea,
Pues siempre me acordará.
Aunque entonces sana os vea,
El mal que sintistes ya. 75
Y en lo que siento y senti
Sintiré más aspereza
(Ved si es razon ser assi!)
Sino creyerdes de mi
Adó llegó la tristeza. 80

449.

f. 205 rº.

Cantiga LXXXIX.

A esta Cantiga alhea:

1. *No ay amor sin obediencia,*
Ni tristeza sin dolor,
Ni pena do no ay amor,
Ni mal donde no ay ausencia.

2. No ay dama sin gran poder, 5
Ni buen galan sin verdad,
Ni dañar sin voluntad,
Ni sin amor merecer.
No ay plazeres sin presencia,
Ni olvido sin desamor, 10
Ni pena do no ay amor,
Ni mal donde no ay ausencia.

3. No ay sin sobervia hermosura,
Ni humildad con favores,
Ni sin recelos amores, 15
Ni con amores cordura.
No ay sin temor competencia,
No sin congoxa temor,
Ni pena do no ay amor,
Ni mal donde no ay ausencia. 20

f. 205 vº.

4. No ay sin voluntad estar,
Ni con voluntad partir,
Ni sin burlar ay reir,
Ni sin agravios quexar.
No ay gran amor sin paciencia, 25
Ni con blandura rigor,
Ni pena do no ay amor,
Ni mal donde no ay ausencia.

5. No ay vida sin coraçon,
Ni muerte sin desengaño, 30
Ni desengaño sin daño,

Ni sufrir sin aficion.
No ay querer do ay resistencia,
Ni contento sin favor,
Ni pena do noy ay amor, 35
Ni mal donde no ay ausencia.

f. 206 rº. 6. No ay desprecio sin afrenta,
Ni afrenta sin sentimiento,
Ni lloro sin fundamento,
Ni alma sin favor contenta. 40
No ay valer sin diligencia,
Ni quexa sin disfavor,
Ni pena do no ay amor,
Ni mal donde no ay ausencia.

7. No ay sin pena desconsuelo, 45
Ni con recelos sossiego,
Ni gran amor ay sin fuego,
Ni gran desamor sin yelo.
No ay agraviar con clemencia,
Ni mucho amar sin furor, 50
Ni pena do no ay amor,
Ni mal donde no ay ausencia.

450.

f. 206 vº.

Grosa XXVIII.

A esta Cantiga alhea:

1. *Mueran, mueran, que es razon,*
Ojos que tan mal velaron,
Pues que por ellos entraron
Ladrones al coraçon!

Grosa.

2. A vezes, con vano intento 5
Procurar mis pensamientos,
Quexosos del mal que siento,
Que dexe mis sentimientos

Y olvide mi pensamiento;
Mas pues contra mi intencion 10
Procuran mi perdicion
Dexando yo mis cuidados,
Pensamientos tan dañados
Mueran, mueran, que es razon!

f. 207 rº. 3. Vivo con este cuidado, 15
Siempre con el viviré,
Y la que me lo ha causado,
Quando sin el la miró
No la avia bien mirado.
Y pues tan mal la miraron 20
Mis ojos, que me dexaron
Sin su amor un punto estar,
Con que podré disculpar
Ojos que tan mal velaron?

4. Aunque a riesgo de dolor, 25
Mi coraçon a mis ojos
Ver la perficion mayor
Mandó que, aunque con enojos,
Fuesse obgeto de su amor.
Aunque la vieron, tardaron 30
En ver como les mandaron
Los bienes que despues vieron,
Y en no ver culpa tuvieron
Pues que por ellos entraron.

f. 207 vº. 5. Mas, que ojos aver podria 35
Que viessen tanto en tan poco,
Si de nuevo cada dia
Lo que veo me haze loco
De tristeza y de alegria?
Y pues sin comparacion 40
Es este bien, sinrazon
Seria pensar dexallo,
Ni que entren para roballo
Ladrones al coraçon.

451.

f. 208 r°. **Vilancete LXXXVII.**

A ESTE VILANCETE VELHO:

1. *Con amor y sin dinero,*
Mira con quien y sin quien
Para que me vaya bien.

2. Caso es de admirable espanto
Y de hazer un hombre loco: 5
Valer el amor tan poco,
Valer el dinero tanto.
Buelva amor su riso en llanto,
Pues ya no ay nel mundo a quien
Con solo amor vaya bien. 10

3. Amor está puesto en precio:
Ved como puede ayuntarse
Que no pudiendo preciarse
Viniesse a tanto desprecio!
Bien es tenido por necio, 15
Si con solo amor ay quien
Piense que le vaya bien.

f. 208 v°. 4. El precio en que es puesto amor
No es para ser preciado,
Mas para ser apreciado 20
Para el que compra mejor.
Este no siente el dolor
Que siente siempre en si quien
Sin dinero quiere bien.

5. Tenga uno solo dinero, 25
Solo amor tenga otro herido:
Este está puesto en olvido,
Y aquel nel lugar primero.
Tienese por verdadero
El amor falso de quien 30
Con dineros busca bien.

f. 209 rº. 6. Pretende uno porque tiene,
Y otro pretende porque ama:
Este se muere en su llama,
Y al otro el bien presto viene. 35
Amar a nadie conviene
Sin dinero, pues no ay quien
Sin dinero alcance bien.

7. Uno porque amor alcance
En almoneda amor pone, 40
Si otro dineros pregone
Es le rematado el lance.
Anda en peligroso trance,
Contrario a la vida, quien
Sin dinero espera bien. 45

f. 209 vº. 8. Tenga uno Minerva y Apolo,
Tenga las hermanas nueve,
Tenga otro Dite: este mueve
Todo a si, queda otro solo.
Más que d'uno a otro Polo 50
Está lexos de si quien
Busca sin dinero bien.

9. Motos, canciones, sonetos
Bien compuestos, bien medidos,
Aunque alegran los oidos 55
Ni llegan a los secretos.
Juzgan por muy más discretos
Los que tienen, ay! de quien
Sin dineros quiere bien!

f. 210 rº. 10. En amor y en versos vena 60
Cansa, aflige, hiere y mata,
Mas vena de oro y de plata
Siempre para todo es buena.
Más en los oidos suena
Quien con ella ama, que quien 65
Con solo amor busca bien.

11. Servicios de muchos años,
Constantes y verdaderos,
No llegan a los dineros
Con sola un' ora d'engaños. 70
Sinta uno d'amor los daños,
Tenga otro dineros: quien
Duda que este alcance bien?

f. 210 v°. 12. Amor y altos pensamientos
Seran juzgados por buenos, 75
Mas en vasos de oro llenos
Se hazen los fundamentos.
Ay de los entendimientos
Que quieren lo menos! quien,
Sin lo que es más, tendrá bien? 80

13. Aunque biviendo se mueran,
No les vale amor ni lloro;
Vale a quien lo tiene el oro,
Que haze con que le quieran.
Engañados los que esperan 85
Amor por amor, que quien
Más ama halla menos bien!

f. 211 r°. 14. No sirve coraçon triste
Para quien ha de servir,
Que mucho amar o sintir 90
Poco haze aunque mucho insiste.
En el dinero consiste
El bien del amor, y a quien
El falta, falta este bien.

15. No quita el amor passiones, 95
Mas acrecienta dolores,
Enciende el dinero amores
Y obliga los coraçones.
No mueve amor compassiones,
Los dineros si: pues quien 100
Busca en el amor su bien?

f. 211 v°. 16. Malas noches, malos dias,
Mal dormidos, bien velados,
Ansias, tristezas, cuidados
Se juzgan por niñerias. 105
Los dineros sin porfias
Son bien juzgados, y quien
Tiene amor no tiene bien.

17. No ay cosa que satisfaga
A un amor, si otro amor no, 110
De dineros veo yo
Que agora el amor se paga.
Cura el dinero la llaga,
Hazela el amor: ved, quien
Tendrá al amor por más bien? 115

f. 212 r°. 18. Con dinero amor concierta,
Mal avenido es sin el
Para do no lo ay cruel,
Para do lo ay vista abierta.
Triste del triste que acierta 120
Amar sin dinero! quien
Ay que no impida su bien?

19. Pintan al Amor con alas,
Y el dinero tanto más
Buela que lo dexa atras, 125
Lleno de venturas malas.
No se escoge amor ni galas,
Dinero s'escoge y quien
Guarda su dinero bien.

f. 212 v°. 20. Notro tiempo despendiendo 130
Se iva al amor ganando,
Agora solo ajuntando
Al amor se va venciendo.
No llore amor; d'el riendo
Vaya con el oro quien 135
Del mismo amor quiere el bien.

21. Que falte amor, poco va
Si sobrare la riqueza,
Porque el suele dar tristeza,
Y ella alegria dará. 140
Con engaño quedará,
Aunque assi parezca, quien
Diere uno por otro bien.

f. 213 r°. 22. Nunca vence, nunca aplaze
Quien por amor se destierra, 145
De su culpa haze la guerra
Quien con dineros la haze.
Qual que sea satisfaze,
Y sin ellos yerra quien
Busca en el amor su bien. 150

23. Sin dineros pierde el son
Amor, y si es el que deve,
Por no dañar no se atreve
A pedir satisfacion;
Que si ha dado el coraçon, 155
Como ha de hazer mal a quien
Más que a si dessea bien?

f. 213 v°. 24. Que animo ay que no lastime,
Si es animo que se estima,
Ver que assi se desestima 160
Amor que es bien que se estime?
Ya no ay quien a amar se anime,
Pues con solo amor no ay quien
Pueda prometerse bien.

25. Al que sin dineros ama 165
No le da amor otro medio
Que sin esperar remedio
Morir por quien lo desama.
Morirá porque la llama
D'amor sin dinero, a quien 170
No quitará todo bien?

f. 214 rº. 26. Si alguna se viesse oy dia
Que al amor que claro viesse
Por solo amor se rindiesse,
Nel mundo sola seria. 175
Su loor repitiria
Siempre amor y el mundo: quien
Más que oro no ama tal bien?

---

f. 214 vº.

452.

Grosa XXIX ao mesmo Vilancete.

1. Tañan por Amor a muertos,
Qu' el dinero ya lo ha muerto,
Y interessado concierto
Tiene amorosos conciertos
Con amor en desconcierto. 5
Como muerto no merece
Amor como de primero,
Bive el dinero y florece,
Y en vano ama el que se ofrece
Con amor y sin dinero. 10

2. Ofrece Amor coraçones
Llenos d'amor y de pena;
No se ha por ofrenda buena,
Porque solo con doblones
Se haze la casa llena. 15
Con vano y ciego furor
Esperava bien por bien,
Y remedio a mi dolor
Sin dinero y con amor:
Mira con quien y sin quien. 20

f. 215 rº. 3. Pues Amor es muerto ya,
Hagasele enterramiento;
Todo vano pensamiento

Con el se sepulturá,
Que haze en el su fundamento. 25
Si los lugares primeros
Tiene ya el dinero, quien
Tendrá amores verdaderos?
Yo me buscaré dineros
Para que me vaya bien. 30

453.

f. 215 vº.

Grosa XXX.

A esta Cantiga alhea:

1. *Pastores, herido vengo*
D'un mal que no tiene cura,
Puedelo sanar ventura
Y no la tengo!

Grosa.

2. Un dia Amor me hirió 5
Mostrandome una zagala
Llena de hermosura y gala,
Y con la herida me dió
Suerte buena y dicha mala.
Y porque sea entendido 10
De todos el mal que tengo,
Doy bozes como perdido:
Vengo, zagalas, herido,
Pastores, herido vengo!

f. 216 rº. 3. La llaga voy publicando, 15
La causa d'ello escondiendo,
Porque no se va entendiendo
Qu' el remedio va negando
Quien va tanto mal haziendo.

Mas solo digo y diré 20
Que por una hermosura,
La mayor que ver pensé,
Me muero y me morire
D'un mal que no tiene cura.

4. Porque no espere tener 25
Remedio en toda la vida,
En dandome Amor la herida
Le pegó a ella el no ver
Por no ser d'ella sintida.
Y el mismo Amor, porque siente 30
Qu' el mal de mi desventura
Con ventura no consiente,
Me dize porque me afrente:
Puedelo sanar ventura.

f. 216 v°. 5. Si la saeta siquiera 35
Con que me hirió me dexara,
La cura en parte pagara,
Porque el oro más pudiera
Que verdad y aficion clara.
Mas contra la crueldad 40
De Amor, que triste sostengo,
Para bastar mi verdad
Bastara una voluntad,
Y no la tengo.

454.

f. 217 r°.

Cantiga XC.

A este Cantar alheo:

1. *Yo no entiendo al Amor, madre,*
No entiendo, madre, al Amor.

2. Tantas diferencias tiene
Que aquel que a sus manos viene
La muerte más le conviene 5
Que tenel-lo por señor:
No entiendo, madre, al Amor.

3. Haze amar y desamar,
Haze reir y llorar,
Da plazer y da pesar, 10
Da favor y disfavor:
No entiendo, madre, al Amor.

4. Precia a quien despreciar deve,
Y a quien preciar, no se mueve;
Da largo el mal, y el bien breve, 15
Por dar en todo dolor:
No entiendo, madre, al Amor.

f. 217 vº. 5. Haze que de pena muera
Quien no tiene el bien que quiere,
Y a aquel que lo tiene, hiere 20
Con un contino temor:
No entiendo, madre, al Amor.

6. Búrlase de quien se quexa,
De quien se acerca se alexa,
A quien se le entrega dexa, 25
Al cuerdo trae a furor:
No entiendo, madre, al Amor.

7. De hazer llorar no se harta,
Nunca de dañar se aparta,
No ay quien tanto mal reparta,
Ni quien dé pena mayor:
No entiendo, madre, al Amor.

8. El consuela y desconsuela,
El da reposo y desvela,
Y aunque para todo buela, 35
Siempre más a lo peor:
No entiendo, madre, al Amor.

f. 218 r°. 9. Al que más por el padece
Menos galardon ofrece,
Por sus effetos merece 40
Llamarse antes desamor:
No entiendo, madre, al Amor.

10. Es sordo sobre ser ciego,
No acude a quexa ni ruego,
Ni el plazer, que no da luego, 45
Promete a tiempo mejor:
No entiendo, madre, al Amor.

11. Mal aprovecha y bien daña,
El engaña y desengaña,
Con vano plazer engaña, 50
Desengaña con dolor:
No entiendo, madre, al Amor.

12. No es flaco ni menos fuerte,
Ni da vida ni da muerte,
Y siempre en dudosa suerte 55
Tiene al cuitado amador:
No entiendo, madre, al Amor.

f. 218 v°. 13. Rie siempre de quien llora,
No da de plazer un' ora,
Y a quien d'el más se enamora 60
Trata con mayor rigor:
No entiendo, madre, al Amor.

14. El que piensa que en la mano
Le tiene, se queda en vano,
Que es inconstante y liviano 65
En dar y quitar favor:
No entiendo, madre, al Amor.

15. Con sospechas, con recelos,
Con tristezas y con celos,
Con bivos fuegos y yelos 70
Consume, y con disfavor:
No entiendo, madre, al Amor.

16. Al sol treme, a la sombra arde,
Es atrevido y covarde,
Quiere que huya y que aguarde 75
El verdadero amador:
No entiendo, madre, al Amor.

f. 219 rº. 17. Huye del que más le sigue,
Y al que le huye persigue,
Y el bien que d'el se consigue 80
Es tristezas y es dolor:
No entiendo, madre, al Amor.

18. A solo amor sin dinero
Nunca da el lugar primero,
Y el desdichado y postrero 85
Da siempre al pobre amador:
No entiendo, madre, al Amor.

19. Siempre en el el mal es cierto,
Y el bien dudoso y incierto,
Puedese llorar por muerto 90
A quien falta su favor:
No entiendo, madre, al Amor.

455.

f. 219 vº. ALHEO.

„Afuera, consejos vanos."

Grosa XXXI a todas as tres trovas.

1. Del pensamiento cansado
Por verme tan afligido,
Es mi seso importunado
Que por bivir descansado
Ponga al Amor en olvido. 5

Acude el entendimiento
Viendo avisos tan insanos:
Si no ay otro fundamento
Sino por bivir contento,
Afuera, consejos vanos. 10

2. Si os haze mi pena triste
Pensar que en bivir sin ella
Todo el reposo consiste,
No os engañeis, que resiste
Amor a la fuerça d'ella. 15
Haziendo lo que quereis
Será mi pena mayor,
Y pues tan bien lo entendeis
Tan mal no me aconsejeis,
Que despertais mi dolor. 20

f. 220 rº. 3. Con fuerça de lo que quiero
Tengo el dolor como muerto;
Si dexo al Amor, espero
Luego más que de primero
El dolor bivo y despierto. 25
Mas viendo que esto se ordena,
Consejos tan inhumanos,
Dize el alma de amor llena:
Por no despertar mi pena
No me toquen vuestras manos. 30

4. Si a quien tras ti va siguiendo,
Amor, tal consejo das,
Al que va de ti huyendo
Y de tus penas riendo,
Que consejos le darás? 35
Mas pues en esto se ve
Que aconsejas lo peor,
Que avrá de quanto veré
En que tenga menos fe
Que en los consejos de Amor? 40

f. 220 v°. 5. Son inciertos y dudosos,
Prometen, no dan provecho,
Son dañados y dañosos,
Las más vezes peligrosos,
Las más, en nuestro despecho. 45
Turban al alma afligida
Con ser, como son, livianos,
Y a la vida al mal rendida
Son malos los que dan vida,
Los que matan son los sanos. 50

6. Hazeme el Amor sufrir
Lo que el desamor me haze,
Y piensa que con gemir,
Con suspirar y sentir
Al coraçon satisfaze. 55
Y el dize a mis ojos: ojos,
De lloro, en que siempre estoy,
No busqueis al mal desvios,
Mas sufrid porque sois mios,
Y yo por ser cuyo soy. 60

f. 221 r°. 7. Assi llorando y sufriendo,
Al Amor que assi lo quiere
Voy en todo obedeciendo,
Y iré más daños queriendo
Mientras la vida no muere. 65
Mas por quien lo ha causado
No los tengo por engaños,
Mas como a bien desseado,
Con gran plazer alcançado,
Sirvo a mis proprios daños. 70

8. Oh! dichosos pensamientos,
Que siempre estais ante quien
Buelve en gloria los tormentos
Y el daño en contentamientos,
Y convierte en mal el bien! 75

Mas lo que d'ella creo
Ya por perdido me doy
Con embidia y con desseo,
Pues adonde estoy me veo,
Y pues adó estais no voy. 80

f. 221 vº. 9. Dichosos, que allá vos fuistes
A ver tan gran hermosura,
Y a mi nunca más bolvistes,
Tristes de mis ojos tristes,
Que lloran su desventura! 85
Siempre estais en alegria,
Yo siempre tristeza soy,
Yo en la noche, vos nel dia:
A buscar tal compañia
No vengais adonde estoy. 90

10. Mas aunque en tan alta cumbre
Os veais con gloria tanta,
Por no mudar la costumbre
Os cegará con su lumbre
Qu' el cielo ama, al mundo espanta. 95
Y assi ciegos os vereis
Desengañados con daños,
Por más bienes que espereis;
Y en vano y tristes direis:
Quitáos allá, desengaños! 100

f. 222 rº. 11. Mas bolviendo Amor a ti
Y a tus contrarios consejos:
No me aconsejeis assi,
Que avisos nuevos en mi
No mudan cuidados viejos. 105
Y vos, consejos, estando
Mis cuidados tan vencidos,
Y tanto yo los amando
Por quien me los va causando,
Sin tiempo fuistes venidos! 110

12. Dezisme que quiero en vano,
Y que en vano peno y muero,
Y que seria más sano
Que diesse al Amor de mano,
Ni quisiesse lo que quiero. 115
Hablaisme con desengaño,
Como que de mis cuidados
Sintiesse el daño por daño,
Y assi quedan d'este engaño
Desengaños engañados. 120

f. 222 v°. 13. No avreis de aconsejarme,
Consejos, en mi passion,
Sino para más prendarme
Y para jamas soltarme,
Aunque ame sin galardon. 125
Y estando determinado
En esta, en mi sois perdidos
De ser más aconsejado
De vos contra mi cuidado:
Tenéos por despedidos. 130

14. No quisiera despediros
Sin daros largas razones
Para no aver de admitiros,
Aunque mal sabré deziros
Los bienes de mis passiones. 135
Mas el alma me mandó
Que no os fuessen revelados,
Perguntéle porque no,
Y el alma me respondió
Que pues no fuistes llamados. 140

f. 223 r°. 15. En esto gran razon tiene
Pues venistes sin llamaros,
Que a quien aconsejar viene
Sin ser llamado, conviene
Dar desengaños tan claros. 145

Mis pensamientos hermosos
Ya andaran de vos temidos,
Que aunque os mostrais piadosos
Como juezes sospechosos
No deveis ser escogidos. 150

16. Quando para conservar
Al Amor dentro en mi pecho
Me venis aconsejar,
Puedoos entonces llamar
Consejeros de provecho. 155
Ni tengo por lisongero
Al consejo que assi dais,
Porque con ser verdadero
A mi, d'Amor prisionero,
En la prision consolais. 160

f. 223 v°. 17. Y assi bien me aconsejastes
Que al Amor no resistiesse,
Quando mirando me hallastes
Aquella en quien me mostrastes
Razones con que venciesse. 165
Y si los aconsejados
Nel tiempo del padecer
Aun no quedan remediados,
Quedaran peor librados
Los que huis al vencer. 170

18. Yo os perguntava un dia
Quando de vos me fiava:
Para bivir que haria
Quien por su mal entendia
Las perficiones que amava? 175
Respondió el Amor: morir.
Por el responder mandais
A quien con el veis bivir;
Ved, que os puedo ya pedir
Pues a tal tiempo faltais! 180

f. 224 r°. 19. Amor contra mi tan fuerte,
Estas son tus mañas viejas!
Quien avrá que las concierte?
Aconsejas para muerte,
Para vida no aconsejas. 185
Consejos mal avenidos,
No ay quien vos pueda entender,
Para el mal presto venidos,
Para el bien, aunque pedidos,
Quando no sois menester. 190

20. Sois leales consejeros
Un tiempo, otro desleales,
Siempre a unos verdaderos,
Siempre a otros lisonjeros,
Siempre a otros desiguales. 195
No os puedo agora alabar
Pues assi me aconsejais
Que dexe el alma de amar,
Para assi me aconsejar
No vengais. 200

f. 224 v°. 21. Largamente discurrida
Ya el entendimiento tiene,
Consejos, vuestra venida:
Si será de muerte o vida,
Si conviene o no conviene. 205
Si venis con desengaños
No entiendo de los querer,
Si a dar plazer, son engaños,
Porque entonces dais más daños
Si venis a dar plazer. 210

22. No s'engañe el pensamiento
Con plazeres del amor,
Que es brevissimo el momento
Siempre en su contentamiento,
Y larguissimo el dolor. 215

Con ansia se espera y mal:
Viene, temese perdido,
Pierdese con desigual
Pena y dolor, por lo qual
De vos y d'el me despido. 220

f. 225 rº. 23. Si a mostrar que esperar puedo
Por lo que amo y que padezco,
Más desesperado quedo,
Porque entre esperança y miedo
Se pierde quanto merezco. 225
Si a dezir que en vano espero,
De mi lo tengo aprendido
Y de por quien peno y muero;
Si a dar vida, no la quiero,
Si a matar, ya estoy rendido. 230

24. Si que me alegre en morir
Pues por tal occasion peno,
No por vos me lo dezir,
Alegre lo hé de sufrir,
Mas porque entiendo que es bueno. 235
Si a quitarme de ser loco
Por lo que oso de querer,
No os dé nada pues no os toco;
Sois flacos y podeis poco
Si venis a soccorrer. 240

f. 225 vº. 25. Si venis por acordarme
Que a mi mal busque otro medio,
No espero d'otro ayudarme
Sino de quien remediarme
Puede y me niega el remedio. 245
Si a dezirme que me quexe,
No me es seguro partido;
Si que del Amor me quexe,
De remedio que me alexe
No quiero ser soccorrido. 250

26. Quan en vano a mi venis,
En todo esto vereis claro,
Pues quanto más me dezis
Contr' este amor, si sentis,
En el más firme me paro. 255
Assi quise responderos
Lo que uso en amor, y usais
En que no hé de obedeceros:
Para darme a conoceros,
Y para que os conozcais. 260

f. 226 r°. 27. Esperiencia es verdadera
Y en amor costumbre viejo
Que Amor consejo no espera,
Ni es bien que se sufra o quiera
Amor que sufre consejo. 265
En amor, quanto es por si
Ponderacion no vereis;
Despues que amo y lo entendi,
Siempre temidos de mi
Sabed que sois y sereis. 270

28. Si es bien que os tema y me vele,
Quien podrá mejor juzgal-lo?
Pues el mal que más me duele
Hazeis que más desconsuele
Quando deveis de sanal-lo. 275
Y quando amor y verdad
Os culpan que no ganais
Para mi una voluntad,
Me sois con riguridad
Enemigos que matais. 280

f. 226 v°. 29. Aunque la paz es hermosa,
Si acierta de ser fingida
Es mucho más peligrosa
Que la guerra trabajosa,
Descubierta y cometida. 285

Assi vos por más dañar
A mi alma, a quien deveis
Como amigos ayudar,
De falso os quereis mostrar
Amigos que soccorreis. 290

30. Siempre sereis entendidos
O por enemigos claros,
O por amigos fingidos,
Que siendo tan conocidos
No podreis dissimularos. 295
Quando enemigos venis
Claros en todo os mostrais,
Quando amigos os fingis
Con el consejo acudis
A tiempo que no prestais. 300

456.

f. 227 rº.

Vilancete LXXXVIII.

A ESTE VILANCETE ALHEO:

1. *Ojos, dexíselos vos*
Con mirar,
Que tambien sabeis hablar.

2. Quando el alma no s'entiende
Del alma a que está ofrecida, 5
En vano su bien pretende
Mientras no fuer' entendida;
O con la lengua atrevida,
O con mirar
Su mal deve aclarar. 10

3. Calla la medrosa lengua
El pensamiento atrevido,
Y me haze con su mengua

Morir sin ser entendido;
Y pues lo tiene escondido 15
Con callar,
Dezildo, ojos, con mirar.

f. 227 v°. 4. Haze porque mal me ayuda
Ser mis daños más ligeros,
Mas si en ellos ella es muda 20
Sed vos, mis ojos, parleros;
Sereis assi los primeros
En mostrar
Mi mal con vuestro mirar.

5. Pues por vos al coraçon 25
Entró su grave dolor,
No pequeña obligacion
Teneis de mostrar su amor;
Y aun lo mostrareis mejor
Con mirar 30
Que la lengua con hablar.

f. 228 r°. 6. Con el alma, por los ojos
Los enojos van entrando:
Assi los mismos enojos
Los ojos muestran mirando. 35
Tema la lengua callando,
Con mirar,
Ojos, no temais hablar.

7. Lo que en esto me deveis,
No sé si bien lo estimais 40
Pues os pido que mireis
Lo que en el alma mirais.
Mirando el gusto ganais
De mirar,
L'alma el de se declarar. 45

457.

f. 228 v°.

Vilancete LXXXIX.

A ESTE VILANCETE ALHEO:

1. *Un' ora me era mil años,*
Mas agora
Mil años no me es un' ora.

2. Un' ora quando no os via
Por mil años la juzgava, 5
Con veros, quien juzgaria
Del tiempo que no bolava?
Quando no os via sobrava,
Falta agora
Tiempo para hazer un' ora. 10

3. El tiempo en su correr, quien
No verá que no es igual
Si el largo es breve en el bien
Y el breve es largo en el mal?
Juzgalo y sientelo tal 15
El que llora,
Nunca el plazer tiene un' ora.

f. 229 r°. 4. Puedo juzgar sin engaño
Del tiempo y su movimiento,
Pues me da tan largo el daño, 20
Tan breve el contentamiento!
Que años durava un momento!
Mas agora,
Que años llegarán a un' ora!

458.

f. 229 v°.

Vilancete XC.

A este Vilancete alheo:

1. *No se hizieron, Pascuala,*
Los plazeres para mi,
Penas y dolores si.

2. Quando no te veo muero
De embidias y de desseo, 5
Y muero quando te veo
De ver que en vano te quiero.
De ti ni del tiempo espero
Plazer ni bien para mi,
Penas y dolores si. 10

3. De ti, porque exprimenté
Contra mi tu condicion,
Del tiempo, porque razon
No tiene para mi fé.
Mas ni con esto tendré 15
Menos verdad para ti,
Más verdad, más amor si.

459.

f. 230 r°.

Vilancete XCI.

A este Vilancete alheo:

1. *Amor y fortuna y muerte*
Traen contienda
A qual d'ellos más me offenda.

2. Cad' uno a dañar se esfuerça,
Porque es clara experiencia 5
Que siempre abiva la fuerça

La embidiosa competencia.
En dañar no ay diferencia,
La contienda
Solo es a qual más me offenda. 10

3. Dañame Amor en llegarme
A amar quien amor me niega,
Dañame en no ayudarme
Fortuna inconstante y ciega;
La muerte, porque no llega: 15
Tal contienda
Toda es porque más me offenda.

f. 230 v°. 4. Amor, que ayudar deviera
Lo que espera mi afficion,
Sin razon me desespera 20
Esperando yo en razon.
Desecha toda occasion
Para emienda,
Toma toda en que me offenda.

5. La fortuna, que ayudar 25
Puede en lo que es en su mano,
Aun esso quiere negar
Con ser, como es, falso y vano.
Que aun un soccorro liviano
A contienda 30
Falta porque más me offenda.

f. 231 r°. 6. La muerte, que tambien quiere
Dañar, se muestra y no viene,
Porque más me desespere
El mal que la vida tiene, 35
Y porque biviendo pene
Sin la emienda
Del mal que en ella se emiende.

7. Mas todo esto se emendara,
Si sola una voluntad 40
Para mi bien no faltara

Con solo crer mi verdad.
Assi tuviera amistad
La contienda,
Y uviera en mi daño emienda. 45

460.

f. 231 vº.

Vilancete XCII.

A esta Cantiga alhea:

1. *Ha de ser una de dos:*
Soledad o sola vos.

2. Si con vos sola no tengo
El bien devido a mi fé,
El mal con que mal me avengo 5
Comigo solo tendré.
Solo o con vos viviré,
No ay para mi más que dos:
Soledad o sola vos.

3. No siento comparacion 10
En la vuestra a otra beldad
Que me lleve mi aficion
Sino sola soledad;
Ni tendrá mi voluntad
Vida fuera d'estas dos: 15
Soledad o sola vos.

f. 232 rº. 4. Que si vos sola en la tierra
Negais lo que estais deviendo,
Mal huiré de tal guerra
Sino en soledad viviendo; 20
Porque tan solo pretendo
Vida en una d'estas dos:
Soledad o sola vos.

5. Si sois sola en hermosura,
Si soy solo en lo que os quiero, 25
Como hé d'esperar ventura
Sino la que solo espero?
La ventura, por que muero,
Es una sola de dos:
Soledad o sola vos. 30

f. 232 v°. 6. En vos sola avrá la suerte
A lo que os quiero devida,
Y en la soledad la muerte,
Que tal sin vos es la vida.
No me tengo prometida 35
Suerte fuera d'estas dos:
Soledad o sola vos.

7. Al amor doy por testigo,
Mi verdad por firme assiento
Que a esta verdad obligo 40
Voluntad y entendimiento.
Ni quiero que el pensamiento
Salga fuera d'estas dos:
Soledad o sola vos.

461.

f. 233 r°.

Cantiga XCI.

A ESTA CANTIGA ALHEA:

1. *Por sola la hermosura*
Nunca yo me perderé,
Sino por un no sé qué
Que se halla por ventura.

2. Sola beldad no es beldad 5
Que pueda causar enojos,
Llevará tras si los ojos,
No del alma la verdad.

Porque ella a sola hermosura
Con sus ojos nunca ve, 10
Si le falta un no sé qué
Que se halla por ventura.

3. La vista tiene más clara
L'alma, y lo mejor le aplaze,
Ya los ojos saistfaze 15
Solo aquello en que se para.
Quien quiere sola hermosura,
Si en ella más no se ve
No entiende aquel no sé qué
Que se halla por ventura. 20

f. 233 v°. 4. Sea hermosura que espante,
Si está sola es solo viento
Para un claro entendimiento
Que passa más adelante.
Llorese la hermosura 25
Que en si tan sola se ve,
Que le falta un no sé qué
Que se halla por ventura.

5. La beldad que más se alaba
En pocos años se muere, 30
Mas lo que el alma más quiere
Sin la vida no se acaba.
Y es mayor la hermosura
(Aun en quien menos se ve)
Ornada de un non sé qué 35
Que se halla por ventura.

f. 234 r°. 6. Es una hermosura muerta
Que a lo que muere cativa,
Es otra hermosura viva
Que al alma immortal despierta. 40
Ved que suerte de hermosura
Es aquella que se ve
Llena de aquel no sé qué
Que se halla por ventura!

7. La por que me voy muriendo 45
Lleno de amor y desseo,
Obliga con lo que veo
Y con lo que d'ella entiendo.
Vence con la hermosura
Que en ella estraña se ve, 50
Vence con un no só qué
Que se halla por ventura.

462.

f. 234 v°.

Cantiga XCII.

A esta Cantiga alhea:

1. *Señora, bien veis que muero,*
Héme de morir ansi?
Respondió el Ecco: si.
Ved que „si" para el primero
Que en toda mi vida oi! 5

2. Para el bien que más pretendo
Todo medio se me esconde,
Y al mal de que estoy muriendo,
Porque más lo esté sintiendo
Hasta el aire me responde. 10
Assi que el mal, de que muero,
Tiene tanta fuerça en mi
Que para morir ansi
Halló un si verdadero
Do nunca verdad oi. 15

f. 235 r°. 3. Ved a que suerte hé llegado:
Que aun para morir rendido
Un si vuestro me ha faltado,
Y el si que me ha condenado
De mi mismo ha procedido! 20

Y quereis por lo que os quiero
Que yo me condene a mi:
Pues lo quereis sea assi,
Mas sepa el mundo que muero
Por lo que no mereci. 25

463.

f. 235 vº.

Cantiga XCIII.

A esta Cantiga alhea:

1. *De piedra pueden dezir*
Que son nuestros coraçones:
El mio en sufrir passiones,
El vuestro en no las sintir.

2. Aunque dé más grave pena 5
El tormento de passal-las,
Tengo por suerte más buena
Sufril-las que no causal-las.
Porque de amor es sufrir
Tristezas, ansias, passiones, 10
Y de duros coraçones
Causal-las sin las sintir.

3. Juzgarán, yo lo seguro,
Si se juzga esta razon,
Por blando mi coraçon, 15
Y el vuestro por fuerte y duro.
Que siempre es mejor sufrir,
Aunque sin razon, passiones,
Pues de duros coraçones
Es dañar y no sintir. 20

464.

f. 236 rº.

Vilancete XCIII.

A ESTE VILANCETE ALHEO:

1. *Donde tienes tu cuidado,*
Di, descuidado garçon?
Allá donde el coraçon.

2. Veote pensoso y triste,
Deve ser nuevo dolor. 5
No sé que es, sé que el amor
En mi coraçon assiste.
Tu pecho no le resiste?
No, porque está la occasion
Allá donde el coraçon. 10

3. Si es de amor tu pensamiento,
Que sientes o que te enoja?
No sabes que amor despoja
L'alma de contentamiento?
Hazete de amor esento. 15
Tengo el amor con razon
Allá donde el coraçon.

f. 236 vº. 4. Pues, si tu passion es buena,
Porqué d'ella tienes quexa?
Porque siempre el amor dexa 20
L'alma de passiones llena.
Sufre luego bien tu pena.
Si, porque está la occasion
Allá donde el coraçon.

465.

f. 237 r°.

Grosa XXXII.

Ás DERRADEIRAS REGRAS
D'ESTAS TROVAS, QUE FAZEM
ŨA TROVA ALHEA.

1. Quando veo lo que en mi
El tiempo y muerte han causado,
Suspiro por lo passado,
Y el plazer en que me vi
Se buelve en dolor doblado. 5
Con gran razon lloraré
Siempre aquel tiempo perdido,
Que nunca ya cobraré,
Porque solo aquel me fué
Tiempo de plazer cumplido. 10

f. 237 v°. 2. Tiempo alegre en tiempo triste
En mi trocado ha la muerte,
Y en quien vive en esta suerte
Siempre mal al bien resiste,
Y todo en dolor convierte. 15
Dolor que nunca ablandó,
Ni passo un punto sin el;
La muerte assi lo ordenó,
Blanda para quien llevó,
Aunque para mi cruel. 20

3. Para quien llevó fué blanda
Porque le dió nueva vida,
Y a mi dexó con crecida
Pena que nunca se ablanda
Del bien que tuve nacida. 25
Y si el bien me fué dañoso
Porque despues de perdido
Se hizo mal peligroso,
Más daño me hizo el dichoso
Tiempo que despues de ido. 30

f. 238rº. 4. Porque mientras fué presente
El plazer de su presencia,
Creció como a competencia,
Para que fuesse en ausente
Más grave el dolor de ausencia. 35
Mas agora esta verdad
Tengo por menos cruel,
Pues causa mi soledad
Que de buena voluntad
Se me va el alma tras el. 40

5. Si luego me aconteciera,
Por tener menos querella
De la causa y razon d'ella,
Que la vida se perdiera
En perdiendo el gusto d'ella; 45
Y si por gran dicha mia
Tras de mi bien camiñara,
Pues sin el sin alegria
Se me passa todo el dia,
Oh! quan contento me hallara! 50

f. 238vº. 6. Saliera de pensamientos
Que no tienen de otra cosa
Que traer l'alma embidiosa
De agenos contentamientos,
Y de su pena quexosa. 55
Si ya pudiera alcançar
Que mi vista se cerrara
Con la que yo vi cerrar,
Quanto pudiera ganar
Y quan alegre quedara! 60

7. Siempre por ti, tiempo bueno,
En suspiros se me irá
La vida que se me va,
Y el coraçon de ansias lleno
Sin ellas no se verá. 65

Contigo me era el vivir
Sobrero mientras te vi,
Dexó este bien de seguir
Porque comencé a morir
Al tiempo que te perdi. 70

f. 239 rº. 8. Más cierto puede dezirse,
Mientras assi voy viviendo,
Que estoy con pena muriendo,
Que solo puede sufrirse
Porque voy mi bien siguiendo. 75
Y si esta mi pena dura
Para apressurar bastara
El fin d'esta desventura,
No quisiera otra ventura
Si tal ventura alcançara. 80

9. No sintiera lo que siento,
Ni viera lo que ora veo,
Y viera lo que desseo,
Y perdiera el pensamiento
Con que a vezes devaneo. 85
Pudiera d'esto librarme
Si la muerte me librara,
Y fuera assaz regalarme
Quien el bien pudo llevarme
Que la vida me llevara. 90

f. 239 vº. 10. No sé que pienso o que hago,
Ni sé si voy, ni si vengo,
Ni muerte ni vida tengo,
Con nada me satisfago;
No sé como me sostengo. 95
Tiempo que ya nunca viene
Alegre en que yo vivi,
En este estado me tiene
Contra lo que me conviene
Quien te me llevó de mi. 100

466.

f. 240 rº.

Cantiga XCIV.

A esta Cantiga alhea:

1. *Do no ay desamor*
No ay mal que lastime,
Ay! triste coraçon,
Que sientes, dime!

2. El grave cuidado, 5
Qu' en mi daño siento,
Con ser desamado
Dobla el sentimiento.
Contra este tormento
No avrá bien que anime, 10
Ni sin desamor
Ay mal que lastime.

3. Ame el alma y quiera
Quanto amor quisiere,
La vida se muera 15
Porque amor lo quiere.
En vano se muere
Si amor no le estime,
Ni ay al coraçon
Mal que más lastime. 20

f. 240 vº.

4. Con más daño trata
Desamor que muerte,
Qu' ella el dolor mata
Qu' es con el más fuerte.
No ay más triste suerte 25
Ni que más lastime
Que no hallar amor
Amor que lo estime.

467.

f. 241 rº.

Vilancete XCIII.

A ESTE VILANCETE ALHEO:

1. *Que no duermen los mis ojos,*
Ni descansa el coraçon
Hasta que vengais, amor!

2. Hasta que llegue aquel dia
Que el alma tanto dessea, 5
No veré cosa en que vea
Un momento d'alegria.
Suspíralo el alma mia,
Desséalo el coraçon
Que por el vive en dolor. 10

3. Este dia quando llegue
Puede ser tan venturoso
Que traiga un tiempo dichoso
En que el alma se sossiegue.
Concieda el cielo y no niegue 15
Tal dia a mi coraçon
Para salir de dolor!

f. 241 vº. 3. Sostieneme la esperança
Mientras que me va tardando,
Y con ella voy templando 20
Los daños de la tardança.
Si el alma tal bien alcança,
Despedirá el coraçon
De si al presente dolor.

APPENDICE.

EPIGRAMAS.

468.

f. 1 v°.

Ao Livro.

De ti te vejo, Livro, mal contente
Porque te ves de poucos bem ouvido,
E então fôra eu de ti mui discontente
Se te vira de muitos recebido.
Não sabes qu'é gram numero o da gente, 5
E poucos os que tem Febo escolhido?
Antes dos poucos doutos sê emendado
Que dos muitos indoutos bem julgado.

469.

f. 2 v°.

No Museu da senhora Dona Maria e da senhora Dona Caterina.

Neste real Museu a ociosidade
Nunca tem tempo; cabe aqui somente
Onra e preço e saber e autoridade,
Letras, contino estudo e diligente,
Santissimos costumes, gram bondade, 5
Maravilhas d'ingenho alto e prudente:
Tudo em dous reaes espritos, dous estremos,
E em graça e fermosura dous estremos.

470.

f. 6 v°. **A Dom Simão da Silveira, de ũas casas onde ele avia pousado.**

Brando Silveira, neste Museu onde
As Musas brandamente conversaste,
Nem Apolo nem Musa me responde.
Logo o deixaram como o tu deixaste:
Sinal qu' em teu esprito só s'esconde 5
O seu esprito, qu' em ti tresladaste.
Busque-te quem quiser' achar as Musas:
Comtigo as trazes, onde estás as usas!

471.

f. 17 r°. **No nacimento da senhora Dona Mariana, filha de Vasco da Silveira e da senhora Dona Jnês de Noronha.**

Novamente nacida Mariana,
Fermoso dom do ceo, branda minina,
Se pareces nas lagrimas umana
Têr-te-hão na fermosura por divina.
O claro e justo ceo, que nunca engana, 5
D'esse teu parecer te faça dina;
Nova força ó Amor nace comtigo!
Nace ós olhos em ti novo perigo!

472.

f. 43 r°. **De Filis.**

Um rarissimo esprito, ũa fermosura
Que de si deixar póde larga istoria,
E que dá a quem a vê nova ventura,
A si fama, a Amor onra, ó mundo gloria:

Nem tempo poderá, nem morte dura, 5
Que não tenha imortal, clara memoria;
Qu' a esprito a que o ceo deu taes dões em sorte,
Tambem dá força contra o tempo e morte.

473.

f. 43 v°.

D'um lugar onde estava Filis.

D'aqui vejo o lugar onde alumia
O sol mais claro que em tod' outra parte,
E onde a terra mais flores ora cria,
E onde mais dões o largo ceo reparte.
Como aqui em tantas trevas se vê o dia
Sem vermos sol que d'elas nos aparte?
Porque d'aquela luz ca reverbera
Luz de que este ar s'aclara e se tempera.

474.

f. 49 r°.

D'um penedo sobre o mar.

D'este penedo vejo o mar e a terra:
A ele vejo inquieto, a ela segura,
E vejo neles a continua guerra
Que me faz sempre ũa nova fermosura.
Fermosura em que igualmente s'encerra 5
Ar, preço, onra, valor, graça e brandura;
Meu cuidado inquieto entre mil medos,
E a alma sempre segura em seus segredos!

475.

f. 52 r°.

D'um pai e d'um filho.

Satisfeito se mostra o pai do filho,
Do pai o filho assi se satisfaz.
Conhecem-se ambos: não me maravilho;
Mas a ninguem, nem pai nem filho apraz.

476.

f. 54 rº.

A um trovador.

Se das trovas que fazeis
Acaso vos contentardes,
A ninguem mais as mostreis
Para mais as aprovardes;
Porque, inda que o não mereça, 5
Impossivel ha de ser
Que possa bem parecer
Trova que vos bem pareça.

477.

f. 56 r.º

A Filis.

O que, Filis, de ti cantei e canto,
Cantarei toda a vida;
E se chegasse minha voz a tanto
Que de ti fosse ouvida,
Com novo esprito, então, com novo canto, 5
Com voz melhor movida
Teu nome cantarei a toda a gente
Mais confiadamente.

478.

f. 57 rº.

D'ũa fonte.

Se na fermosa fonte e fria e clara,
Que me ja temperou o ardente estio,
Me vira agora, nela se apagara
A sede que perder ca desconfio.
Ali por ũa sã sede suspirara:
Dera-ma o largo ceo, eu o confio.
Mas com tal temperança então bebera
Que a sede por beber nunca perdera.

479.

f. 59 v°. **De ũa importunação.**

Quem importuna, deseja;
Quem deseja, nunca cansa
D'importunar té que veja
A vista em que só descansa,
Sem que tudo o cansa e peja. 5
E quem muitas cousas quer,
Ou não pretende nenhũa,
Ou todas deseja vêr
Por vêr entre todas ũa
Que não ousa de dizer. 10

480.

f. 60 r°. **Um que se lê de quatro modos.**

Gloria, pena, morte, vida
Vejo vendo-vos, senhora,
Desejo vêr-vos cad' ora,
Memoria minha devida.
Desesperança queixosa, 5
Gentil senhora, causais,
Mil tormentos ordenais,
Lembrança minha fermosa.

481.

f. 64 v°. **Em um livro de memorias.**

A alma ocupada toda na memoria
D'ũa tam nova e branda fermosura
Que na pena que dá faz sintir gloria
E na esperança faz achar brandura,

De que dôr não terá certa vitoria? 5
Ou que tempo a fará menos segura?
Que ũa memoria tal, tam bem vencida,
Vence a dôr, vence o tempo, vence a vida.

482.

f. 64 vº.

No mesmo livro.

Ũa fermosura donde
Se embaraça o entendimento,
Quando á vista se m'esconde
Não me foge ao pensamento.
Bem póde negar-me a gloria 5
De quantos bens nela vejo,
Mas não se esconde ao desejo,
Nem sem ela está a memoria.

Esta clara fermosura,
Porque a alma mais satisfaça,
Vence as almas com brandura
Com entendimento e graça.
E o 'sprito d'ela vencido 5
Não deixa d'outra vencer-se,
Nem póde melhor perder-se
Quem se vê tam bem perdido.

483.

f. 70 vº.

Deitado no aposento das damas.

Ũa fermosura e graça aqui s'esconde
Que faz fermoso quanto a vista estende,
E que, inda que ao que deve não respondė,
Jamais se solta quem se d'ela prende.

Á fermosura e graça corresponde 5
Quanto nela se vê, que não s'entende;
Por ornamento tem da fermosura
Branda aspereza e aspera brandura.

484.

f. 71 rº.

Cortados em arvores.

Num rosto onde vejo a vida,
Me ameaça sempre a morte.

485.

Outro.

Minha verdade mal crida
Me faz contra mim crêr muitas.

486.

f. 71 vº.

Talhado em ũa pedra.

Se vejo sempre em ti tanta brandura,
Como sinto de ti tanta aspereza?
Se tens tam desusada fermosura,
Como a ornas tam mal com tal dureza?
Se alegra aos olhos vêr tua graça pura, 5
Como os espritos moves a tristeza?
Se o ingenho apuras a quem quer louvar-te,
Como emudeces a quem quer cantar-te?

487.

Em outra.

De meu amor a firmeza
Abrandará a pedra dura,
Mas não abranda a dureza
D'essa branda fermosura.

488.

Em outra.

Mais facil será mudar-se
D'esta pedra a natureza
Que de meu amor trocar-se
A segura fortaleza.

489.

f. 72 r°.

De mim mesmo.

Em mim tudo é contra mim
Despois que me vejo ausente:
Os olhos, porque não vêm,
A alma, porque vêr deseja,
A esperança, porque tarda, 5
O tempo, porque se apressa.

490.

Ausente.

Com razão me queixo sempre
Do tempo que me apartou,
E com mais razão me queixo
Do tempo que me detem;
Mas com muita mais razão 5
Do tempo que não me torna.

491.

Cortados em arvores.

Não parece novidade
Têr tristeza com tal vida,
Mas é novidade estranha
Têr vida com tal tristeza.

492.

Outro.

Por sentir danos d'ausente
Me dura a vida em ausencia.

493.

f. 72 vº.

Outro.

Traz-me sempre a saudade
Ocupado em pensamentos,
Com que a vida ja não póde
Porque são todos contra ela.

494.

Outro.

D'ũa alegre fermosura
Me nacem minhas tristezas,
E d'ũa estranha brandura
Sente a alma mil asperezas.

495.

Outro.

Gasto a vida em vãos queixumes
Do amor e d'ũa vontade;
Mas de mim nunca me queixo,
Que sou contra mim por ela.

496.

Outro.

Quanto mais meu dano sinto.
Tanto outrem menos o sente;
Mas por muito que eu o sinta,
Mais me doe não ser sintido.

497.

f. 73 rº.

Outro.

Amor apos um engano
Gastando me vai a vida,
E por mais sintir seu dano
Não chego a vê-la perdida.

498.

Outro.

O amor a que estou rendido,
Que me tem todo ocupado,
Nem por mal agradecido
Se verá nunca mudado.

499.

f. 73 v°.

Escritos em folhas d'era.

O que era, sou e serei:
Dei amor; e inda mais dera
Se mais que amor dar pudera,
Mas dando amor tudo dei.

500.

Outro.

Por mim o amor e a razão,
Contra mim vós e a ventura.

501.

Outro.

Não sinto a meu mal remedio
Senão em quem mo causou.

502.

Grosando o primeiro e ultimo verso alheo.

Pois não sei cousa mais vossa
Que dar pena o vosso amor,
Pola não sintir maior
Não averá bem que possa
Tirar-me de minha dôr. 5
Inda que me estê danando,
Com meus sofrimentos sós
Vo-la irei dissimulando:
E assi sofrendo e calando
Vingar-m' ei em mim de vós. 10

503.

f. 74 v°. **Escrito em ũa pela de beijojim.**

Em mim o amor não tem fim,
Nem o desamor começo.

504.

Grosando o ultimo verso.

Temo tanto qualquer bem,
Só porque quereis meu mal,
Que mais ei que me convem
Meu dano, inda que mortal,
Que os bens que sem vós se têm. 5
Vosso é o mal que me ordenais,
Sem que viver não espero;
E pois vós só mo causais,
E os bens todos me negais
Sem meu mal nenhum bem quero. 10

505.

f. 73 r°. **Grosando o ultimo verso.**

Quanto mais meu pensamento
Promete alegre ventura,
Tanto mais ũa fermosura,
Que vence o entendimento,
O contrario me segura. 5
Mas para mais me danar
Amor que nunca se amansa,
Que espere me soe mandar,
Porque se chego a esperar
Tudo o que espero me cansa. 10

506.

f. 75 v°.

D'um pensamento.

Um pensamento obrigado
A ũa grande tristeza,
Com gram semrazão causada,
Com grande razão sintida:
Se deve esperar remedio? 5
E como esperá-lo deve?

507.

Em ũa arvore.

Ũa vida que em tristezas
Ũa semrazão consume,
Ũa alma que desconfia
D'achar remedio a seu dano:
Se achará algũa esperança 5
Da razão que não espera?

508.

Em ũa pedra.

Quem tem a vontade entregue
A quem a sua tem livre,
Que mal não deve temer?
Ou que bem pode esperar
Se a vontade de que pende 5
Deixa razão por vontade?

509.

f. 76 rº.

Em outra pedra.

Queixumes de razão cheos,
E sem razão mal julgados,
Tristes l'agrimas e justas,
Injustamente mal cridas:
Mal esperarão remedio, 5
Se as julga quem as não crê.

510.

Em ũa folha d'era.

O amor e a minha razão
Me dizem sempre que espere;
Encontra-os minha ventura
Que sempre me desespera:
Vencerá qual tiver' certa 5
Ũa incerta vontade.

511.

De mim mesmo.

Que fará quem sempre cuida
No que lhe dá mais cuidado?
Em si por não ser contente,
Noutrem por ser sempre triste:
Que o mal que um cuidado causa 5
Logo co outro se confirma.

512.

f. 79 v°. **Em ũa tristeza.**

Tristeza por acidente,
Que em vós natural não é,
Nos vossos olhos se vê,
Mas na minh' alma se sente.
É, senhora, o sentimento, 5
A dôr, a pena, a tristeza
Em vós acontecimento,
Em mim por vós natureza.

513.

A ũa Dama
que em um auto que representaram entre si representou „matante".

Matante d'olhos e graça,
Agora d'espada e capa,
Se a vida ás armas escapa
A alma no mais se embaraça.
Sem ferros a alma rendeis 5
E a vida desbaratais,
E a quem sem ela deixais
Nova vida lhe dareis.

514.

f. 80 r°. **Em um livro de memorias de ũa Dama.**

Mal se lembrará da alhea
Quem se não lembra da sua,
Se não se lhe esquece a propria
Por têr da alhea lembrança;
Mas a mim só acontece 5
Têr razão para esta troca.

515.

De mim mesmo.

Na força de minha fe
Posso sofrer minha pena.

516.

De mim mesmo.

Se o bem que busco me falta,
Não quero outro bem da vida.

517.

Em um livro de memorias de ũa Dama.

Póde faltar aos ouvidos
Vossa voz doce e suave,
E ós olhos sem vós perdidos
Vossa vista branda e grave.
Tirar-me-ha o tempo a gloria 5
De vêr-me morrer presente,
Não me ha de tirar ausente
Viver de vossa memoria.

518.

f. 80 vº.

A um proposito.

Do que alegrar-me soía
Me aparto porque não veja,
Que só no que a alma deseja
Desejo têr alegria.
No que falta está meu bem 5
E não no que se oferece,
Porque o que sem gosto vem
Nem nome de bem merece.

519.

f. 81 v°.

Cortado em ũa pedra.

Um amor n'alma seguro,
Fundado em firme verdade,
Contra tudo o que o encontra
Está tam seguro e firme
Que em quanto durar' a vida 5
Durará seguro n'alma.

520.

Em um livro de memorias.

Podeis-me faltar á vista,
Que sem vós tudo entristece,
Mas nunca me faltais n'alma,
Que d'este mal se refaz
Co pensamento e memoria 5
Que nunca de vós aparta.

521.

No mesmo livro.

Nem alma sem vos amar,
Nem vida sem vos servir,
Nem pensamento sem vós,
Nem memoria d'outro amor
O mundo em mim ja verá 5
Em quanto eu nele fôr' visto.

522.

f. 86 vº.

Em um livro de memorias.

Não se ocupa em mais memorias
Quem é de ũa só vencido.

523.

Semelhança.

Da garça se diz que quando
De falcões é perseguida,
Em o caçador deitando
A que ha de tirar-lhe, a vida,
Logo se teme gritando. 5
Assi minh' alma entendeu,
Mas com estranha alegria,
Quando ver-vos mereceu,
Que mais se vos renderia
Do que nunca se rendeu. 10

524.

f. 87 rº.

A um proposito.

Se deve julgar-se mal
Um fundamento seguro?
Se merece grave pena
Quem não tem nem leve culpa?
Se a quem desculpar' o tempo 5
Ficará bem desculpado?

525.

A outro.

Melhor é tarde que nunca
Devido arrependimento.

526.

A outro.

Quem tem culpa em sua pena
Não se deve queixar d'ela.

527.

A outro.

Nesta dôr que assi me tem,
Tenho por dôr principal
Poder ser causa o meu mal
De se descubrir meu bem.

528.

f. 87 vº.

Para o livro de Luis Pereira da vida e morte d'el Rei Dom Sebastião.

Quem canta Sebastião? Canta Pereira.
Que canta do seu Rei? A vida e morte.
Da vida que? Sua onra verdadeira.
Da morte? Que a sofreu com animo forte.
Na terra, que ganhou? Memoria inteira. 5
E que no ceo? Gloriosa e alta sorte.
E de Pereira quem? Quantos o lêrem.
Quantos ô lerem? Quantos o entenderem.

Impr. Poezias p. 427 — *Var.:* 8 Si, se o entenderem.

529.

Queixa.

Quem em mim póde o que quer
Em mim não quer o que póde.

530.

f. 88 r°.

Ao Padre Bartolomeu Cacela da Companhia de Jesu.

Oh! com que fermosas azas de doutrina
E do afervorado e raro esprito teu
Tua eloquencia, gram Cacela, ensina
As almas para Deos, que Deos nos deu
Para na gloria divina
Gozar do descanso seu!
Deces á 'streita terra.
Que nunca satisfaz,
E mostras a guerra
Que o mundo nos faz,
E que o que erra
Morto jaz.
Com amor
Logo vôa
Chea de fervor
Tua alma em que sôa
O altissimo Senhor,
Nossa gloria e corôa;
E voando ao sumo bem
Que está na mais alta altura,
Com amor nos ensina o que convem
Para alcançar a eterna fermosura:
Assi com tais azas quais tua alma tem
Voar nos ensinas á gloria segura.

531.

f. 88 v°.

A um proposito.

Não se me julgue a descuido
Não se saber meu cuidado.

532.

A outro.

Com mil cuidados me atrevo,
Não me atrevo c'um descuido.

533.

A outro.

Quem folga com seu cuidado,
Nunca se descuida d'ele.

534.

A outro.

Faz meu cuidado maior
Vêr o descuido que ha d'ele.

535.

A outro.

Mata-me um descuido alheo
Mais que meu proprio cuidado.

536.

A outro.

Por cuidar no meu cuidado
De todo outro me descuido

537.

A outro.

O mór mal de meu cuidado
É têr contra si um descuido.

538.

A outro.

D'um cuidado e d'um descuido
Igualmente ando temido.

539.

f. 89 rº.

A outro.

Que cuidado e que descuido
O que tenho, e se tem d'ele!

540.

A outro.

Descuidos do meu cuidado
Me dão mais em que cuidar.

541.

A outro.

É remedio a um gram cuidado
Não aver descuido d'ele.

542.

A outro.

O mór mal de meu cuidado
Está num descuido alheo.

543.

A outro.

O cuidado d'um descuido
Monta por cem mil cuidados.

544.

A outro.

Não póde têr esperança
Quem tem desejo impossivel,
Mas o que tenho e não tenho
Me acrecenta mais o amor,
Que na impossibilidade
Tem ele em mim maior força.

545.

Soneto CXVIII.

Na morte do Conde da Feira, Vizo-rei da India.

As maritimas nimphas do oceano,
Tristes soltando a roxa cabeleira,
Num cristalino tumulo um Pereira
Depositam, de engenho soberano.

Ali Neptuno vem tremulo e cano 5
Com lento passo, e a funebre bandeira
Arrastra do ilustrissimo da Feira,
Segundo Numa em paz, recto Trajano.

Apolo de pesar a luz encubre,
As madeixas molhando no ocidente, 10
Atonito de vêr tam triste istoria;

Mas logo mais fermoso se descubre
Vendo reinar o vizo-rei do oriente
Por infinitos siglos, lá na gloria.

NOTAS.

No. 3 (p. 4). **D. Miguel de Noronha.** Este fidalgo — poeta e intimo amigo de Caminha — era filho segundo do Vice-rei da India D. Affonso de Noronha [1549—54] e neto do 2° Marques de Villareal. Herdou a casa de seu pae por morte do primogenito, D. Fernando, o qual, depois de servir ao lado de seu pae em Africa, e na Asia como Capitão-mór, foi nomeado Governador de Ceuta pela Rainha-Regente D. Catharina. Casou com D. Joanna de Vilhena, filha de D. Francisco Coutinho, a qual, depois de enviuvar, se recolheu como freira ao Mosteiro da Annunciada em Lisboa. Para festejar esse consorcio Caminha escreveu uma carta de congratulações que se acha impressa nas suas Poezias (a p. 75, como Epistola XVI).

Em 1565 D. Miguel tomou parte no Jogo de Canas, celebrado por 64 nobres, em honra do casamento da filha do Infante D. Duarte com o Principe de Parma, Alexandre Farnese. Durante o reinado de D. Sebastião foi nomeado Fidalgo do Conselho. No memoravel anno de 1578 foi Coronel de um dos quatro regimentos da Infanteria Portugueza, embarcando a 16 de Junho com o seu terço de 4000 homens que iam formar a retaguarda do exercito. Ficou preso (mais feliz que seu cunhado D. Luis Coutinho que não salvou a vida) e voltou á patria, conjuntamente com outros cinco fidalgos illustres — D. Duarte de Castelbranco, Vasco da Silveira, D. Duarte de Meneses, Luis Cesar e Manoel Soares — a fim de juntar os quarenta mil cruzados exigidos pelo Xarife como resgate dos oitenta fidalgos mais distinctos que tinha em seu poder. Quando dois annos depois, a independencia de Portugal naufragou, D. Miguel sujeitou-se. O seu nome está na *Memoria de los a quien se dieron cedulas (que llamaron Cartas) quando se rendieron a Felipe II para la succession deste Reyno*, publicada por Faria e Sousa (Europa, III p. 119).

Aceitou o cargo palaciano de Aposentador-mór do Monarca — que seu pae desempenhara na côrte de D. João III — assim como o posto militar de Governador de Ceuta. Morreu subitamente sendo sepultado no Mosteiro de S. Domingos em Santarem, segundo Sousa [Hist. Gen. V, p. 208—209].

No. 7 (p. 7). **D. Fadrique** ou **D. Fradique Manoel.** Este 1° Senhor de Atalaya, Tancos e Cinceira e Alcaide-mór de Marvão, era filho primogenito de D. Nuno Manoel, o afamado Guarda-mór d'El Rei D. Manoel, e da prolifica D. Leonor de Milá. Em 1518 ja figurava entre os moços fidalgos, subindo no tempo de D. João III a Conselheiro de Estado. Era proximo parente de D. Francisca d'Aragão, visto uma irmã d'elle, D. Leonor de Milá (ou Milão), junior, ter casado com Nuno Barreto. Entre os descendentes — cinco varões e duas filhas — sahidos do seu matrimonio com D. Maria de Ataide, merece a nossa especial attenção D. Ana de Aragão, dama da Rainha D. Catharina, da qual teremos ainda de occupar-nos. O filho mais velho, chamado D. Nuno Manoel como o avô, foi morto na infeliz jornada de Alcacer-Quebir, juntamente com seu herdeiro, D. Fadrique Manoel, junior.

Veja-se Sousa, Hist. Gen., XI p. 496 e seg.; e Provas II p. 364.

No. 8 (p. 8). **Arder, coração, arder.** Este cantar velho, castelhano, cuja versão portugueza Caminha empregou como thema de nosso Vilancete, acha-se, completo, no rarissimo Libro de musica de Luis de Narvaez (1538) a fl. LXXX, segundo as preciosas indicações de Barbieri, que o copia. Ei-lo aqui:

Ardé, corazon, ardé,
Que no 's puedo yo valer.

Quebrantanse las peñas
Con picos y azadones;
Quebrántase mi corazon
Con penas y dolores.

O calligrapho que escreveu o Cancionero Musical, accompanhou a melodia só com a linha inicial (No. 77), certamente porque tinha razões para suppôr a cantiga em todas as boccas. Barbieri encontrou o mote, com musica differente, no Libro de Vihuela de Enriquez de Valderrábano (1547) a fl. XXVI, e soube indicar-nos ainda umas *Voltas*, compostas pelo Marques de Alenquer e Conde de Salinas, Conselheiro e Vedor da Fazenda de Felipe II, e citadas por Gallardo no seu Ensayo (vol. I, col. 151). Conheço mais algumas, que provam a popularidade do velho cantar: umas *voltas*, em portuguez, de Diogo Bernardes (Rimas varias, ed. 1597 fl. 134v); outras castelhanas de D. Francisco de Portugal (Div. y Hum. Versos, p. 63), e uma glosa de um anonymo, no mesmo idioma, inedita até hoje. Achei-a n'um Cancioneiro ms. do Mus. Brit., do fim do sec. XVI (Ms. Add. 10, 328 a fl. 265r). E diz:

Arder, coraçon, arder,
Que yo no os puedo valer!
Glosa.

De los milagros que son
En amor para admirar
El que admira con razon
Es ver crescer con llorar
El fuego del coraçon.
Y pues lo que podrá ser
Remedio para el tormento
Es para más padezer:
Arded, que me dais contento,
Arder, coraçon, arder!

A no ser tal el cuydado,
Estuvierades quexoso,
Mas es dolor tan honrrado
Qu' está de puro ymbidioso
El Amor enamorado.
Y asi será menester,
Pues no os remedia el llorar
Ni ay bien que lo pueda ser,
Esforçaros a penar,
Que yo no os puedo valer!

Pues ya de puro sufrir
Un mal que es para acabar
Sin poderle despidir,
No tengo sangre por dar
Ni açote por rescivir;
Que no podreis padezer,
Si el sentimiento del mal
No llegais a merezer;
Y pues la ocasion es tal,
Arder, coraçon, arder!

Arder será lo mejor,
Y no pretender sosiego,
Que la causa del dolor
Podria ser que altro fuego
Deselase su rigor.
Esto podeis pretender,
Que es el mas dichoso medio,
Y si mudais parezer,
No espereis en mi remedio,
Que yo no os puedo valer.

Finalmente devemos ajuntar ás glosas e voltas d'este delicioso cantarcillo uma citação, no drama „*No hay vida como la honra*“ (Acto II, Esc. 4) de Perez de Montalvan.

No. 9 (p. 9). **Não podem dormir meus olhos.** Tambem este cantar velho parece ser originario de Hespanha. Como o antecedente, ficou conservado (em lição castelhana) no Cancionero Musical (No. 408), onde lemos:

No pueden dormir, mis ojos,
No pueden dormir.

Y soñaba yo, mi madre,
Dos horas antes del dia
Que me florecia la rosa:
El vino so ell agua frida
No pueden dormir.

O editor e commentador participa, em nota, que o mote fora aproveitado por Castillejo, sendo tratado em tres estrophes de vilhancico. Acham-se nas Obras de Cristóbal de Castillejo (Anvers 1598) a fl. 55ʳ, e reimpressas na Bibl. de Aut. Esp., vol. XXXII, a p. 130. Confira-se o cantar portuguez

Não posso dormir as noites,
Amor, não as posso dormir,

paraphraseado por Bernardim Ribeiro, caso sejam d'elle as poesias que andam como apendice da Menina e Moça, na edição de Colonia (fl. 155ʳ).

No. (p. 12). **D. Affonso de Meneses.** Um fidalgo d'este nome esteve na batalha de Alcacer-Quebir, onde ficou preso. Bayão, seguindo Brito, mette-o na lista dos membros da grande e illustre familia de Meneses, descendentes do Conde de Vianna, que ahi batalharam. —

Outro, homonymo, filho do Conde D. Pedro (de Alcoutim?) figura entre os Moradores de D. João III como Escudeiro-fidalgo (Sousa, Hist. Gen.; Provas II, p. 821).

Houve ainda outro, terceiro, Capitão-mór dos Ginetes, que morreu em 1573, sendo substituido no seu cargo por D. Fernão Martins Mascarenhas (conforme Sousa, Hist. Gen. III p. 622).

Pode ser que seja identico ao segundo. Ignoro, porém, qual d'elles foi poeta, e amigo de Caminha.

No. 18 (p. 16). A cantiga é de Luis Alvares Pereira, como se vê pelo Cod. Lisb., e pelo nosso No. 24.

No. 19 (p. 17). **Gomez Freire d'Andrade.** Terceiro filho de Simão Freire, Commendador da Ordem de Christo e 5° Senhor de

Bobadella [bisneto do 1° dono d'aquelle lugar, cujo bisavô immigrara, vindo da Galiza, durante o reinado de D. Pedro o Justiceiro, 1357 — 67, que lhe era muito afeiçoado], pertencia á casa da Infanta D. Maria. Apresentou-se espontaneamente, no anno de 1562, para ir, em companhia de seu primogenito Gomes Freire, *o moço,* ao cerco de Mazagão — plano que não chegou a effectuar-se, porque os Mouros abandonaram o sitio da fortaleza. No mesmo anno foi, com 40 praças, vigiar a costa africana, ameaçada pelos turcos.

Em Alcacer-Quebir, para onde correra com quatro filhos, enchendo com elles uma fila inteira, pelejou heroicamente, apesar de ancião, morrendo a final, de uma lançada, quando o sangue, que ía vertendo de muitas feridas, tinha exhaurido as suas forças. Cahiu ao lado d'elle um dos filhos, Nuno Fernandes Freire. Os outros ficaram prisioneiros. Na lista figuram só dous, o mais velho Simão Freire, e João Freire d'Andrade. — Veja-se Sousa, Hist. Gen., XII p. 44 e seg.; A. Suarez de Alarcon, Relaciones Geneal. (Madrid 1656) p. 62; Bayão p. 22, 27, 614 e 657. —

Nas Poezias de Caminha ha um Epigramma chistoso, dirigido a Gomes Freire *„com uma Almilha que me tinha pedido, que lhe ouvesse, e promettido uma faca“.* O illustre fidalgo respondeu *„polos consoantes“.* — V. No. 335 e 336.

No. 24 (p. 21). **Luis Alvares** [ou **Alverez**] **Pereira.** Das Poesias d'este Quinhentista, enthusiasticamente louvadas por Caminha em uma epistola — em resposta d'outra — (Poezias p. 58: Epist. XI) pouco nos resta, além da cantiguinha, paraphraseada nos nossos N°ˢ 18 e 24. Conheço apenas dous epigrammas laudatorios a um dos poemas epicos de Jeronymo Corte-Real (Segundo Cerco de Diu), impressos em 1574, ao lado de outros encomios de D. Jorge de Meneses, Francisco d'Andrade, Diogo Bernardes e Antonio Ferreira; e além d'isso um Soneto, attribuido por Faria e Sousa ao Cantor dos Lusiadas e que por isso anda nas obras de Camões (ed. Juromenha vol II, p. 52, No. CII), sendo reivindicado para Alvares Pereira por Storck (Sämmtliche Gedichte II p. 387) e C. Michaelis de Vasconcellos (na Zeitschrift V p. 127).

Nada sei da vida d'este poeta, que não devemos confundir com Luis Pereira (Brandão), Auctor da *„Elegiada“,* admirado e cantado tambem pelo nosso Caminha. Encontro apenas um Luis Alvares Pereira na lista dos bons patriotas, que offereceram o seu braço a El-Rei em 1562 — identico talvez com outro, filho de Nuno Alvares Pereira, que figura como Fidalgo-Cavalheiro do Conselho no *„Livro das Moradias* (anno de 1576)“ de D. Sebastião [Sousa, Provas VI p. 638].

No. 26 (p. 23). **D. Antonio d'Almeida.** Entre os varios fidalgos d'este nome que as tabellas genealogicas de Caetano de Sousa registam, ha dous, que, por figurarem na côrte de D. João III em altas posições, podem ter pertencido ao circulo dos adoradores de D. Francisca de Aragão. Um, filho do 2° Conde de Abrantes e sobrinho do grande Vicerei D. João de Castro, que apparece no anno de 1522 como Contador-mór e em 1524 como Vedor da fazenda em Lisboa, talvez seja identico ao velho Conselheiro que D. Sebastião quis deixar em 1578 ao lado do Cardeal-Infante [Sousa, Hist. Gen. III p. 518]. O outro, que serviu a Rainha D. Catharina como Vedor da sua Casa, e morreu de um desastre em 1627, era neto do antecedente.

Entre os prisioneiros de Alcacer-Quebir houve mais um Antonio de Almeida. [Sousa, Hist. Gen. X p. 833 e XII p. 579].

No. 27 (p. 23). **Manoel Pereira de Sousa.** Um fidalgo d'este nome, filho de Nuno Pereira, está na lista dos Moradores de D. João III [Sousa, Provas II p. 798].

No. 28 (p. 24). **Vejo-me em grande perigo.** Esta linha, a 2ª do Mote glosado, lembra uma Cantiga de Miranda, composta antes de 1516 (Canc. de Res. II p. 320) e impressa entre as obras de Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão (ed. Birkmann, fl. 156ᵛ); e ainda outra de D. Rolim (Canc. de Res. I p. 444).

No. 33 (p. 28). **D. Jorge de Meneses.** Bisneto do primeiro Conde de Cantanhede, que fôra Alferes-mór de D. Manoel, e filho-herdeiro de D. Pedro de Meneses, D. Jorge, que usava do sobrenome Sotomayor, derivado do avô materno, era Senhor de Fermoselhe (em Portugal) e de Alchonchel (em Hespanha), depois da morte de um primo de seu pae, chamado D. Fadrique de Zuñiga.

Parece que não se distinguiu como guerreiro; seu nome não vem mencionado nas chronicas da epoca que referem feitos de outros dous homonymos, um dos quais, seu sobrinho e 7° Senhor de Cantanhede, cahiu nas mãos dos enemigos depois de ter valentemente pelejado em Alcacer-Quebir, emquanto o outro, pertencente á familia do Alferes-mór, foi Capitão por mar, na India, e Governador de Sofala. — Muito pelo contrario, illustrou-se em sciencias e artes, vivendo retirado em uma sua quinta, conforme indica seu amigo e discipulo Caminha, tanto na Ode (IX) como na Epistola (XIX) que lhe dedicou (Poezias p. 208 e 87).

Consta que escreveu „*Sete Psalmos Penitenciaes reduzidos a metro Portuguez*“ para eternamente testemunhar o seu arrependimento de ter privado injustamente da vida a um clerigo na villa de Palmella, segundo o dizer de Barbosa Machado. Caminha, que gaba com fervor o estilo culto, grave e puro do illustre amigo, parece alludir a estes psalmos, onde diz:

„O' ceo com quieto esprito alegre cantas
mil doces salmos e mil brandos inos
com que, bom Jorge, todo ingenho espantas."

Além d'isso compos, em castelhano, uma Tragedia á la muerte del Rey D. Sebastian, que dedicou a Felipe II. Ignoro se ainda se conservam os seus manuscriptos. Conheço impressos apenas um Soneto e um Epigramma d'elle, que ambos louvam o auctor do Segundo Cerco de Diu. — E vejo o seu nome no Repertorio dos Poetas Quinhentistas, elaborado por Theophilo Braga. —

V. Sousa, Hist. Gen. XI p. 407 — 408; Barbosa Machado, Bibl. Lus. II p. 809.

No. 83 (p. 35). **D'amor escrevo, d'amor falo e canto.** Com as mesmas palavras principia outro Soneto, que, apesar de pertencer a Luis Alvares Pereira, anda nas Obras de Camões, desde os dias de Faria e Sousa (ed. Juromenha II p. 52, No. CII). Acha-se ainda, com valiosas variantes, no Cancioneiro d'Evora, a p. 66 (ed. Hardung, Lisboa 1875). — Cfr. Storck, Camoens, Sämmtliche Gedichte II p. 387 e C. Michaelis de Vasconcellos, em Zeitschrift V p. 127. — Cfr. No. 24.

No. 40 (p. 36). Cfr. Diogo Bernardes, Son. VI (Rimas varias, Lisboa 1770 p. 4).

No. 42 (p. 37). E' uma glosa, ou antes paraphrase, de um Soneto de Petrarca: (No. LXXXVII In Vita di Madonna Laura) *„Io canterei d'amor sì novamente"* (ed. Scartazzini, Leipzig 1883 p. 114). Cfr. Camões, Son. No. II *„Eu cantarei d'amor tam novamente"*; e C. Michaelis de Vasconcellos, no Circulo Camoniano a p. 58.

No. 46 (p. 40). Eis o modelo que o nosso poeta copiou, quasi litteralmente:

De Amore fugitivo.

Quaeritat huc illuc raptum sibi Cypria natum:
Ille sed ad nostri pectoris ima latet.
Me miserum, quid agam? durus puer, aspera mater;
Et magnum in me ius altera et alter habent.
Si caelem, video quantus Deus ossa peruret:
Sin prodam, merito durior hostis erit.
Adde, quod haec non est quae natum ad flagra reposcat;
Sed quae de nostro bella cruore velit.
Ergo istic, fugitive, late; sed parcius ure:
Haud alio poteris tutius esse loco.

Jacobi Sannazarii opera omnia Latine scripta, Venetiis 1535 (Epigr. L. II) f. 57v.

No. **47** (p. 40). Cfr. Ferreira, Son. XIV, L. I (Poemas Lusitanos, Lisboa 1771, I p. 50).

No. **48** (p. 41). Cfr. Ferreira, Son. IV do Livro I: „*Se eu podesse igualmente mostrar fora*". (P. L. I p. 45).

No. **51** (p. 42). Paraphrase do Soneto No. CII de Petrarca (Vita di L.) „*Ite, caldi sospiri, al freddo core*".

No. **53** (p. 44). É apenas uma glosa de Petrarca, Son. No. CLXXVI (V. di L.) „*I' mi vivea di mia sorte contente*".

No. **54** (p. 44). Lembra outro Soneto de Petrarca: o No. XLIV (M. di L.) „*Nè per sereno ciel ir vaghe stelle*". — Cfr. Camões, (Son. No. CCLXXI J. II p. 136) „*A formosura d'esta fresca serra*".

No. **56** (p. 45), 5—6. Cfr. Ferreira, Elegia V v. 55—56:

„*E aquella doce voz que m'encantava,*
Entre rubis formada e perlas finas".

No. **57** (p. 46). Este Soneto parece ser dirigido ao célebre doutor Antonio Ferreira, intimo amigo do nosso poeta, sobre o qual ha uma excellente biographia de Julio de Castilho na *Livraria Classica* (vol. XI—XIII), e outra de Th. Braga, Hist. dos Quinh. p. 180—215.

No. **64** (p. 51). Cinge-se, quanto ao metro e ás rimas, á Ballata I de Petrarca (V. di L.) [abba cde dce effa].

No. **65** (p. 51). O original diz:

De se ipso.

Miraris liquidum cur non dissolvor in amnem,
Cum nunquam siccas cogar habere genas.
Miror ego in tenues potius non isse favillas,
Assidue carpant cum mea corda faces.
Scilicet ut misero possim superesse dolori;
Sic lacrimis flammas temperat acer Amor.

Opera (Epigr. L. II) fl. 52r.

No. **67** (p. 52). Repete as rimas e o metro da Ballata IV (V. di L.) de Petrarca [abbc dcddbb efeffbb].

No. **73** (p. 56). A lenda da „crudelissima" **Anaxarete** foi aproveitada por Camões na sua Canção XIX (veja-se Storck IV p. 376) e na sua Oitava IX; por H. de Mendoza em uma Carta em Redondilhas (Bibl. Aut. Esp. XXXII p. 74) e por Manuel de Gallegos em um Poema extenso em Silvas, entitulado „Anaxarete", impresso em Lisboa, no anno de 1628, como Appendice á „Gigantomachia". Confira-se ainda Garcilaso, Oda á la Flor de Gnido, onde diz: *Hagate temerosa el caso de Anaxarete y cobarde.*

No. **74** (p. 56). Cfr. Petrarca, Son. XXXIX (V. di L.): *„Benedetto sia 'l giorno e 'l mese e l'anno"*.

No. **77** (p. 58). Modelada sobre a Ballata IV (V. di L.) de Petrarca. — Cfr. No. 67.

No. **81** (p. 60). O original latim tem o teor seguinte:

Ad Vesbiam.

Aspice, quam variis distringar, Vesbia, curis:
Uror et heu nostro manat ab igne liquor!
Sum Nilus, sumque Etna simul: restringite flammam,
O lacrimae, lacrimas ebibe flamma meas!

Opera (Epigr. L. I) fl. 43v.

No. **82** (p. 61). Cfr. Camões, Son. LXIX (Jur. II p. 35).

No. **85** (p. 62). O pensamento que „tudo quanto existe está sujeito a mudar, sómente a minha tristeza não, por a dureza da amada ser immutavel", repetido por Caminha ainda no No. 122, já tinha sido expresso por Camões na Ode XII (Juromenha II p. 288), onde diz:

Tudo em fim faz mudança
. . . .
Sómente a minha imiga
A dura condição nunca mudou.

Confira-se ainda Miranda, Son. XLV (ed. C. M. de Vasconcellos p. 594) e Bernardes, Son. LVII (Rimas V. p. 42).

No. **86** (p. 63). Cfr. Bernardes, Son. XXXVII (R. V. p. 31): *„Marillia, que do Ceo á terra dada"*.

No. **89** (p. 65). Compare-se o Soneto sobre Endymion, que passa por ser de Camões (Son. CLXV; ed. Jur. II p. 83), sendo obra de Diego de Mendoza ou de Hernando de Acuña. Acha-se nas Obras d'este ultimo poeta (Varias Poesias, Madrid 1591) a p. 118, com as variantes: *1 al parecer del d. — 2 Se estava — 4 De la cumbre de — 7 T. un grave sospiro doloroso — 8 Tales palabras contra el sol dezia — p. mi triste, y escura — 10 con furioso curso — 12 Si te p. m. en tanta a. — 13 p. appassionado — 14 donde s.* —

No. **90** (p. 65). Segue a Canção XVI de Petrarca (V. di L.) [abc baccddeeff].

No. **103** (p. 77). Com o verso inicial d'este Soneto, começa outro, de Ferreira (Livro II, Son. VI).

No. **104** (p. 78). Inspirada pela Canção XV de Petrarca (V. di L.) [abbaaccca].

Nos 114—116 (p. 84—85). Estas poesias referem-se ao retrato de D. Francisca de Aragão. Cfr. No. 13 que talvez alluda ao mesmo assumpto.

No. 120 (p. 87). Segue a Ballata VI de Petrarca (V. di L.).

No. 122 (p. 88). Paraphraseia o Soneto LIX de Petrarca (M. di L.) „*Zéfiro torna e 'l bel tempo rimena*".

No. 124 (p. 89). É a Ballata V de Petrarca (V. di L.). — Cfr. No. 64.

No. 126 (p. 90). Petrarca, Ballata III (V. di L.) [abbcdcd dbbefeffbb].

No. 133 (p. 93). Petrarca, Canzone XII (V. di L.) [abc bacc dee deff].

No. 136 (p. 98). Paraphraseia o Soneto III de Petrarca (M. di L.) „*L'ardente nodo ov' io fui d'ora in ora*".

No. 137 (p. 99). Cinge-se ao Soneto CLXV de Petrarca (V. di L.) „*Onde tolse Amor l'oro e di qual vena*", o qual foi imitado tambem por Ferreira, Son. XIX do Livro I.

No. 138 (p. 100). Imita o Soneto XXXVII de Petrarca (V. di L.) „*Mie venture al venir son tarde e pigre*".

No. 139 (p. 100). Inspirado pelo Soneto LXXII de Petrarca (V. di L.) „*Piu volte Amor m'avea già detto: Scrivi*" que serviu de guia a uma Canção de Boscan „*Gran tiempo ha que Amor me dize, escrive*" (Obras, Barcelona 1543, f. 58v) e a outra de Camões (XVIII, ed. Jur. II p. 236) que principia:

> „*Manda-me Amor que cante docemente*
> *O que elle ja em minha alma tem impresso etc.*"

No. 142 (p. 102). Cfr. Ferreira, Son. XL (L. I) „*Tem-me Amor preso em ũas redes d'ouro*".

No. 143 (p. 103). Imita o Soneto LXVI (V. di L.) de Petrarca: „*Amor mi manda quel dolce pensero*". — Compare-se Boscan, Obr. fl. 67r: „*Amor me embia un dulce sentimiento*".

No. 145 (p. 104). Imita o Soneto VI de Petrarca (M. di L.): „*Datemi pace, o duri miei pensieri*". — Cfr. Boscan, Obr. f. 21r: „*Dexad me en paz, o duros pensamientos*".

No. 150 (p. 107). Segue o Soneto CXXIII (V. di L.) de Petrarca: „*Quando mi venne innanzi il tempo e 'l loco*".

No. **152** (p. 108). Paraphraseia outro Soneto de Petrarca (CXCII V. di L.) „*Amor con la man destra il lato manco*“, o qual foi traduzido por Lomas Cantoral, em cujas Obras se acha a fl. 68[v] (ed. 1573, Madrid).

No. **154** (p. 109). E' imitação do Soneto XXV de Petrarca (V. di L.)

„*Io temo sì de' begli occhi l'assalto,*
Ne' quali Amor e la mia morte alberga“.

No. **160** (p. 113). Inspirada pela Canção XI de Petrarca (V. di L.) [abcabccdeedff].

No **161** (p. 115). Confira-se Petrarca, Son. CLXXIV (V. di L.): „*Cantai; or piango, e non men di dolcezza*“; e Camões, Son. CLXVII (ed. Jur. II p. 84): „*Eu cantei ja, e agora vou chorando*“.

No. **162** (p. 116). Confira-se Petrarca, Son. CLXXV (V. di L.): „*I' piansi; or canto, chè 'l celeste lume*“ e Boscan: „*Otro tiempo lloré, y agora canto*“.

No. **168** (p. 121). Imita o Soneto XXIII de Petrarca (M. di L.) „*Quand' io veggio dal ciel scender l'aurora*“ que serviu tambem de modelo a Ferreira, Son. XXXVIII (L. I): „*Quando eu vejo sair a menhã clara*“.

No. **169** (p. 121). Paraphraseia o Soneto CLXVIII de Petrarca (V. di L.) „*Quando 'l Sol bagna in mar l'aurato carro*“.

No. **170** (p. 122). Imitação da Canção I de Petrarca (M. di L.) [abcabccddee].

No. **173** (p. 126). Inspirado pelo Soneto IX de Petrarca (V. di L.) „*Se la mia vita dall' aspro tormento*“.

No. **212** (p. 147). Paraphrase do Soneto CXXX de Petrarca (V. di L.) „*Amor, che 'ncende 'l cor d'ardente zelo*“.

No. **213** (p. 148). Imitação do Soneto XCIV de Petrarca (V. di L.) „*Nè così bello il Sol giammai levarsi*“.

No. **241** (p. 227). Ha voltas de Camões (J. IV p. 65) e uma Glosa de Montemór sobre o mesmo Mote (Cancionero, ed. Alcalá 1572 fl. 8).

No. **242** (p. 228). Cfr. No. 254. — Esta quadra antiga, cujo primeiro distico apparece intercalado na Elegia XXI de Caminha (Poezias p. 173), foi glosada por Joaquim Romero de Cepeda (Obras, Sevilla 1582 f. 57[r]). O primeiro verso vem citado tambem nas Obras de Gregorio Silvestre (Granada 1599 f. 74[r]).

No. **243** (p. 228). No Cancioneiro de Montemór (f. 51[r]) encontrei o mesmo cantar, intitulado *Villancico*, com voltas em dous octasticos. E' todavia pouco provavel que elle seja o autor do Mote, denominado „*velho*“ em ambos os codices que exploro. Santa Teresa de Jesus vestiu-o „*á lo divino*“, dizendo:

Veante mis ojos,
Dulce Jesus bueno,
Veante mis ojos,
Muerame yo luego.

Bibl. Aut. Esp. vol. LIII p. 510. — Cfr. ib. vol. XXXV p. 186.

No. **244** (p. 229). Cfr. No. 382. O ms. lisbonense tem a maior uma estrophe, cancellada, quer fosse pelo proprio Poeta, quer pelo censor, a quem por qualquer motivo não agradaria. E diz:

Quanto oyo y quanto veo,
Quanto quiero y quanto siento,
Y quanto espero y desseo,
Sabe solo el pensamiento.
Nel' alma y nel sentimiento
Siempre todo esto pondré,
Y callando moriré.

No. **247** (p. 231). Veja-se o que Carolina Michaëlis escreveu com relação a esta deliciosa flor da lyrica popular, na sua edição de Sá de Miranda (a p. 751). A' não pequena lista de voltas, ahi enumeradas, posso accrescentar a paraphrase de um anonymo, recolhida por Gallardo (Ensayo I col. 994) de um ms. do século XVII, que se acha na Bibliotheca Nacional de Madrid. Ahi o thema varia levemente, pois diz:

Taño en vos, pandero mio,
Taño en vos, y pienso en al.

No. **248** (p. 232). O primeiro distico vem citado na Elegia XXI de Caminha (Poezias p. 173).

No. **249** (p. 233). O mote, tratado por Gregorio Silvestre em nada menos de dez estrophes de vilhancico (Obras f. 74[r]), apparece na Floresta de Böhl de Faber (No. 34) trajando *á lo divino*, e na Elegia de Caminha, onde os dois versos iniciaes servem de remate á primeira estrophe.

No. **251** (p. 235). Camões (J. IV p. 173) e Gregorio Silvestre (Obras f. 76[r]) aproveitaram o mesmo thema.

No. **252** (p. 235). Esta cantiga tem teor um pouco diverso em uma folha volante hespanhola de „*Coplas y chistes muy graciosos para cantar y tañer al tono de la vihuela, agora nuevamente*

hechas por Gaspar de la Cintera“ etc., explorada por Gallardo (Ensayo II, col. 460), pois reza:

Dicen que está malo Anton
De amores de Mirabella;
Dicen que es del corazon,
Y es el mal de amores d'ella.

Descobri-a ainda nas Obras de Gregorio Silvestre (f. 31ʳ).

No. **254** (p. 237). Cfr. No. 242. Da copla *„Donde estás que no te veo“*, tantas e tantas vezes glosada e citada, já fallaram W. Storck (Camoens I p. 361), C. M. de Vasconcellos em *Zeitschrift* VII p. 419, e Braga no Circulo Camoniano I p. 41, o qual descobriu o 1° distico no Romance do Marques de Mantua. Tenho que addicionar ás paraphrases conhecidas uma de Gregorio Silvestre (Obras p. 65ʳ), mencionando ainda que Garci Sanchez citou o principio da Cantiga (V. Menéndez y Pelayo, Antologia de Poetas Líricos Castellanos, tomo IV p. 51). Cfr. Duran, No. 204 v. 49—50: *Donde estás que no te veo, Dulce bien, dulce esperanza.*

No **255** (p. 238). Uma rubrica do ms. lisbonense, que se refere „ao som de *quem viesse aquel dia“*, faz reconhecer que temos aqui uma imitação das bellas Endechas de Miranda (No. 136 da edição de C. Michaelis de Vasconcellos). Compare-se uma poesia parecida de Diogo Bernardes (Flores do Lima p. 147). A respeito dos versos 15—16 veja-se Miranda, p. 743.

No. **256** (p. 239). O velho vilhancico foi reimpresso por Gallardo no Ensayo I col. 819 e III col. 1153, sobre dous *pliegos sueltos.* Existe uma variante *á lo divino* de Francisco de Ocaña (V. Floresta, No. 21 e Ensayo III col. 1008):

Abrasme por Dios, portero,
que peno con este frio:
duelete del dolor mio.

No. **257** (p. 240). Confira-se um Mote do Canc. d'Evora, a. p. 29:

Pues aquel que nunqua os vió
solo de miraros muere,
que hará el que os viere?

No. **258** (p. 241). Veja-se Gallardo IV, No. 4510:

„Amores, amores, amores,
Dias ha que no 's vi.“

No. **259** (241). **Manoel Tellez.** Caminha dedicou duas quadras ao auctor do Vilancete (Poezias p. 368, Epigr. CLXXX). — Um fidalgo d'aquelle nome „señalado en paz y en guerra“, Senhor de Unhão, e Cavalleiro do Conselho d'El Rey D. João III era filho de

Ruy Tellez de Meneses, e casou com D. Margarida (?) de Vilhena (V. No. 352). — Outro, seu homonymo e neto, combateu, novo ainda, com valor na batalha de Alcacer-Quebir (apesar de têr „*um notavel pejo nas mãos de seu nascimento*“), ficando morto ao lado de seu irmão Jeronymo. — Houve ainda outro terceiro, filho de André Tellez, que serviu de Moço-fidalgo ao Infante D. Luiz; accompanhou, em 1564, a Lourenço Pires de Tavora na expedição a Tangere. [Sousa, Hist. Gen. V p. 314 e seg., XII p. 889; Provas II p. 512 e 792; Salazar y Castro, Hist. gen. de la Casa de Silva, Madrid 1685, II p. 339 e seg.; Bayão p. 709].

No. **260** (p. 242). **D. Lopo d'Almeida** — filho de D. João d'Almeida († 1512) e irmão mais velho de D. Antonio (cfr. No. 26) era 3° Conde de Abrantes, Vedor da Fazenda, e do Conselho d'El Rey D. João III. Talvez fosse aquelle alto dignatario que mereceu, nas festas da coroação de D. Sebastião, a honra de conduzir o Principe ao throno.

D'um outro, mais velho, filho do Prior do Crato, e Cavalleiro do Conselho de D. Manoel acham-se poesias no Canc. Ger. — Cfr. Sousa, Hist. Gen. XII p. 535; Provas II p. 354 e 794; Bayão p. 15.

No. **261** (p. 243). **Los cabellos de mi amiga.** Este *Vilancete velho* já fôra paraphraseado pelo Comendador Escrivá no Canc. Gen. (ed. Soc. Biblióf. II p. 427), e por um anónymo n'um *Pliego suelto* do sec. XVI, segundo Duran (Cat. p. LXVIII). Nas Obras de Romero de Cepeda fl. 49r (cfr. Gallardo IV col. 257) ha uma imitação do Mote, que diz:

Señora, vuestros cabellos
De oro son,
Y de piedra el corazon.

Acha-se tambem nas Obras de Gregorio Silvestre a fl. 69v com uma 4a linha: *que no se muere por ellos.* Cfr. outra, parecida, ib. f. 71r e Canc. d'Evora p. 37.

No. **262** (p. 243). No Canc. Gen. (I p. 483) se acha o thema, acompanhado da epigraphe „Esparsa suya porque su amiga avia estado mala“. D. Francisco de Portugal cita os quatro primeiros versos na sua Arte de Galanteria, opinando que „*no dexa de tener buen ayre aquel modo de los antigos que no se desolvidan de la cortezia en los versos*“.

Camões introduziu na sua „Carta de Africa a um amigo“, ricamente ornamentada de centões, os ultimos versos da Cantiga. Cfr. C. M. de Vasconcellos em Zeitschrift VII p. 415.

No. **263** (p. 245). Na Antología Española de C. M. de Vasconcellos (Leipzig 1875 a p. 55) ha um Cantarcillo que principia com esta quadra, e encerra no verso 3° a variante: ***Pues le ha de s. v.***

— Gregorio Silvestre (Obras 89ᵛ) e Pedro de Padilla (ed. Soc. de Bibl., Madrid 1880, p. 426) escreveram versos sobre o mesmo thema.

No. **264** (p. 245). Leia-se o interessante Ensayo de C. Michaelis de Vasconcellos sobre a origem e propagação d'este afamado Mote, publicado no Circulo Camoniano p. 293 e ss. Aos poetas conhecidos, que o glosaram, ajunto ainda o nome de Romero de Cepeda (fl. 84ʳ) que paraphraseou a primeira quintilha, assim como Gregorio Silvestre, que escreveu duas glosas, sendo uma *á lo divino* (Obras fl. 37ʳ e 41ᵛ).

No. **266** (p. 251). Cantarcillo tambem muito popular, citado, volteado, glosado e imitado repetidas vezes pelos quinhentistas e seiscentistas. Temos voltas e glosas de Montemór (Canc. fl. 13ᵛ), Gregorio Silvestre (fl. 49ᵛ), Romero de Cepeda (fl. 83ᵛ), Lopez Maldonado (Canc., Madrid 1586, fl. 26ʳ), Hurtado de la Vera na sua Doleria del sueño del mundo (Paris 1614 a fl. 54ʳ), onde os versos apparecem escriptos como prosa, segundo Gallardo (Ensayo III col. 254); e mais uma volta no Cancioneiro d'Evora (No. 21), á qual W. Storck já se referiu (S. G. I p. 359). Camões incluiu os dois ultimos versos da copla na Carta de Africa já mencionada; assim como Caminha, o qual metteu os primeiros dois na sua Elegia (Poezias p. 173).

No. **267** (p. 251). A Cantiga, aproveitada por Caminha, é de Garci Sanchez e acha-se no Canc. Gen. II a p. 525, assim como no Canc. do Brit. Mus. (sec. XV), publicado recentemente por H. A. Rennert em Romanische Forschungen, onde vem duas vezes: com o No. 34 e 120.

No. **268** (p. 252). Cfr. No. 266 e 267.

No. **272** (p. 255). A'cerca do auctor d'este Mote, paraphraseado por Miranda (No. 68) e D. Manoel de Portugal, veja-se o que C. M. de Vasconcellos escreveu no seu Sâ de Miranda (p. 748) e na Zeitschrift VIII. p. 600.

No. **273** (p. 256). Os versos thematicos provém da Diana de Montemór (p. 83 da ed. de Lisboa 1565).

No. **274** (p. 257). O primeiro distico, intercalado por Caminha na sua Elegia XXI, foi attribuido por Garci Sanchez a D. Diego de Mendonça (V. Menendez y Pelayo, Antol. IV, 48). Diogo Bernardes glossou o Mote nas Flores do Lima, a p. 180.

No. **277** (p. 259). Conheço voltas de Baltasar de Alcazar (Soc. de Bibl. And. p. 184) e outras „*á lo divino*“ de Gregorio Silvestre (f. 80ᵛ).

No. **278** (p. 260). O velho dictado popular serviu de thema a Christobal de Castillejo (Bibl. de Aut. Esp. XXXII p. 129; C. Michaelis, Antol. p. 136) e Diogo Bernardes, de quem existem duas voltas diversas (Flores, p. 165). No Cancioneiro intitulado Flor de Enamorados, de Juan de Linares, vejo uma imitação (a fl. 81v da ed. de Barcelona 1608) que diz:

Si miran mis ojos
a do quieren bien,
bien saben a quien.

No. **281** (p. 264). Nas Flores do Lima de Diogo Bernardes (p. 190) encontro voltas ao mesmo tristico.

No. **282** (p. 265). Cfr. No. 254 — Ha um Romance que começa tambem: „*Donde estás, Señora mia*" (V. Böhl, Floresta, No. 148; Duran, Rom. No. 10 n. 1 e No. 1545).

No. **283** (p. 266). A copla toda, impressa no „*Libro y primera parte de los victoriosos hechos del muy valeroso caballero D. Alonso de Bazan*", com attribuição ao Duque de Sesa (o Velho?), foi muito popular, como demostram as numerosas ampliações, que existem. Temos além das quatro glosas de Caminha (V. No. 289, 388 e 389) outras de G. Silvestre (fl. 67r), Gil Polo (Diana Enamorada, L. V, p. 218 da ed. de 1778) e Romero de Cepeda (Obras fl. 64r) — O segundo verso „*Ya no puedo no os querer*" foi glosado por Cartagena (Canc. gen. f. 221v) em uma quintilha que figura anonyma no Canc. d'Evora (No. 69), conforme estabeleceu C. M. de Vasconcellos, em Zeitschr. V, p. 570.

No. **285** (p. 268). O mote, cujo auctor é Garci Sanchez, acha-se no Canc. Gen. (II p. 491) e no já citado Canc. do Mus. Brit. (No. 30). Ha uma glosa de G. Silvestre (f. 61r) e outra de Estevam Rodrigues de Castro, em um Canc. ms. recopilado por Faria e Sousa, segundo affirma Gallardo (Ensayo, II col. 998).

No. **286** (p. 268). Ha uma Cantiga parecida no Canc. de Linares (a fl. 93r); e diz:

Justicia os pido, señora,
Que me deys,
Que me querays como os quiero
O me mateys.

No. **287** (p. 269). **D. Francisco de Moura** era filho terceiro de D. Luis de Moura (estribeiro do Infante D. Duarte e alcaide-mór de Castelrodrigo) e bisneto de D. Rolim de Moura, X° Senhor de Azambuja († 1513). Foi seu irmão o afamado embaixador e Conselheiro de Felipe II, D. Christovam de Moura, Conde de Castelrodrigo e posteriormente Marques, por mercê de Felipe III († 1613). Herdou

de seu pae o posto de estribeiro em casa do Senhor D. Duarte que se lembrou d'elle no seu testamento, onde recommenda: „*a D. Francisco de Moura se dará o cavallo que elle levou e tem, e dar-se-lhe ão umas cabeçadas, estribeiras e esporas*“ (Sousa; Provas II 634). Accompanhou a Lourenço Pires de Tavora quando este foi como Capitão-mór para Tangere, distinguindo-se nos campos africanos em varias refregas contra os Mouros. Na Chronica de D. Sebastião, Meneses refere actos da sua bravura, narrando o seguinte: „*D. Francisco de Moura foy o que fez mayores cousas: entrou pelos inimigos e atravessando um com a lança, a não pode tirar, e lançando mão á espada, fez campo largo e rua por onde sahiu de entre elles, mas ferido com uma lançada na cara, e em uma mão*“.

El Rei D. Sebastião confiou-lhe o estandarte, no dia de Alcacer-Quebir (Bayão p. 606), que foi o ultimo da sua vida. „*E foy morto dom Francisco de Moura, filho de Luis de Moura, fidalgo muy cortesão e grande homem de cavalo, mostrando com gram valor na guerra o effeito do nobre ensaio, em que na paz andava exercitado*“ segundo Mendonça (Jornada, fl. 40r). Escasseiam as provas da sua actividade litteraria. Além da cantiguinha, glosada por seu amigo e mestre Caminha, conservou-se apenas uma poesia em louvor de Antonio Ferreira, que vae á frente dos „Poemas Lusitanos“; e uma oitava em resposta a outra de Caminha (Poezias p. 369: Epigr. CLXXXI e CLXXXII). De uma Carta de Bernardes (a XXXa), dirigida a seu protector Gaspar de Sousa, sobrinho de D. Francisco, sabe-se que, planeando collecionar as melhores poesias dos coevos em um Cancioneiro (que se perdeu, ou talvez nunca chegasse a existir), tencionava dar um lugar de honra aos versos do cavalheiroso D. Francisco. Eis a respectiva passagem:

„De juntar os bõs versos vos prometo
Dos Poetas insignes Lusitanos,
Aprovados por Febo em seu decreto;

Entr'os quais se verão mais soberanos
Os d'outro tio vosso valeroso,
Que feneceo nos campos Africanos.

Pera quem foy alegre e glorioso
Aquelle funeral e turvo dia,
Que pera nos foy triste e lastimoso.

A fama que no mundo pretendia,
Ali a conseguio com segurança,
Morrendo com seu Rey em Berberia.

Ja não (por mais que tudo tem mudança)
Se póde endurecer sua branda pena,
Nem menos abrandar sua dura lança".

Ha outra Carta de Bernardes a D. Francisco (a VI*). — V. Sousa, Hist. Gen. XII p. 353 e seg., Cabrera, Hist. de Felipe Segundo (Madrid 1876, vol. II p. 534 e seg.).

No. **289** (p. 272). Cfr. No. 283.

No. **298** (p. 283). **O Senhor D. Duarte,** Duque de Guimarães e Condestavel de Portugal, a quem Caminha dedicou as poesias d'este Cancioneiro, era filho unico do Infante D. Duarte (1515—1540) e de D. Isabel de Bragança, tendo portanto por avô paterno ao grande e felicissimo Rei D. Manoel, e por materno a D. Jaime de Bragança, o heroe de Azamor. Nascido em Almeirim, em Março de 1541, cinco meses depois da morte de seu progenitor, D. Duarte foi investido na idade juvenil de dezaseis annos com os bens e honras de seu tio, o celebre Infante D. Luis, que fallecera em 1555, acontecimento que o nossò Poeta cantou em uma Epistola ao seu quasi real Mecenas (Ep. IV, impressa na edição da Academia). No acto solemne da acclamação del Rei D. Sebastião tomou parte no cortejo dos Grandes, empunhando a espada como Condestavel; e occupou o 2° lugar, immediato ao Cardeal-Infante D. Henrique, como parente proximo do Monarcha, durante a prestação do juramento de fidelidade. No anno de 1572 foi nomeado Generalissimo da grande armada que o juvenil Rei mandara aprestar, para cumprir uma promessa dada ao Papa, a favor dos Catholicos de França, segundo uns ou, segundo outros, contra os Turcos, ou ainda contra os Herejes, porque as opiniões corriam desencontradas e o proprio Rei que, sedento de gloria, só pensava em colher louros, talvez não tivesse o seu plano bem fixado. Mas, como D. Duarte carecia de toda a experiencia bellica, foram-lhe addidos, na qualidade de Conselheiros, dois fidalgos encanecidos nas armas: Lourenço Pires de Tavora e D. Alvaro de Castro. — Inutilmente — porque a frota foi desmantelada por um violento temporal, antes de se desfraldarem as velas, dentro do porto de Lisboa.

Dois annos mais tarde accompanhou o irrequieto soberano na primeira expedição á Africa, a qual de resto, não surtiu efeito algum, porque a impaciencia de D. Sebastião fez que a frota partisse sem sufficientes provisiões, pobre de gente e mal equipada, de sorte a encontrar-se em apertos logo ao chegar a Tangere. Foi neste ensejo que o Duque, tendo a fortuna de ser soccorrido rapida e abundantemente pelos seus vassallos, prestou com animo liberal valiosissimos serviços e conquistou o amor e o respeito de todo o exercito.

Pouco depois do regresso resolveu todavia abandonar a côrte, sob pretexto de cuidar das suas finanças, abaladas pelos enormes dispendios da expedição africana; mas em realidade sahiu porque se julgou maltratado e estava resentido do pouco reconhecimento do Monarcha; além d'isso tinha ciumes do Senhor D. Antonio, que parecia então ser o favorecido. Visitou primeiro sua mãe que residia em Villaviçosa, juntamente com a filha D. Catherina e seu esposo, D. João de Bragança — avôs do futuro Restaurador de Portugal — seguindo para Evora, onde foi acolhido no palacio do Marques de Ferreira. A escolha da residencia em Evora explica-se talvez pelo desejo de conviver com seu tio, o Infante D. Henrique, ao qual D. Duarte era muito affeiçoado por compartilhar suas ideias religiosas. O cardeal, descontente com o governo de seu phantastico sobrinho, vivia retirado na capital do Alemtejo, cuja mitra lhe pertencia. Foi ahi, na velha cidade archiepiscopal, que o Duque, naturalmente bondoso, pio e devoto, como seu pae, levou vida contemplativa, no meio de um circulo de servidores fieis, em contacto intimo com o Cardeal-Infante e os Socios da Companhia de Jesus, á qual era fervorosamente addicto.

Adoeceu, em Outubro de 1576, de malinas, pouco depois de ter enterrado sua veneranda mãe, e succumbiu a 25 de Novembro. No testamento, redigido a 9 do mez, pedia ao Soberano, assim como ao Cardeal-Infante e ao Duque D. Theodosio, seu tio, a fineza de favorecerem todos os servidores que se lhe mostraram fieis. Teve jazigo na egreja do Collegio do Espirito Santo, no tumulo que D. Henrique mandára construir para si, mas que não chegou a occupar, porque foi enterrado no Pantheon de D. Manoel, o esplendido Mosteiro de Belem.

A triste nova da prematura morte do Senhor D. Duarte foi acolhida em todo o reino com sincero pesar: as suas virtudes, e a protecção que dispensara aos homens de bom saber, tinham-lhe ganho muitos corações. De mais, os patriotas consideravam-o como herdeiro presumptivo da Corôa, visto o juvenil D. Sebastião não se resolver a contrahir matrimonio, e D. Henrique, além de ecclesiastico, já estar sobrecarregado de annos.

D. Duarte tambem não chegara a tomar estado. A darmos fé a Duarte Nunes de Leão (Descripção fl. 143r) esteve porém desposado com sua prima D. Joana, filha de D. Eugenia de Bragança e de D. Francisco de Mello, 2° Marquês de Ferreira, em cuja casa D. Duarte se hospedára, como disse. O Marquês protegia o enlace, e a magua da noiva, distincta por rara fermosura e brilhantes dotes do coração e do espirito, foi tal que resolveu fugir ao mundo, tomando o habito de S. Francisco no Convento das Chagas, em Villaviçosa.

Cfr. Bayão, Cap. XII e passim; Barbosa Machado, Mem. I p. 50 e 53, II p. 168, III p. 415, IV p. 33 e seg.; Sousa, Hist. Gen. III p. 437 e seg. —

Caminha dedicou ao Senhor D. Duarte varias das poesias que se acham impressas na edição da Academia. E são a Egl. III, as Epistolas I III e IV, as Odes I e IV, os Epitaphios LXXII—LXXXI e os Epigrammas I—III. Antonio Ferreira louva-o tambem na Ode I do Livro II e na Carta XIII do Livro I°.

No. **301** (p. 285). **D. Margarida da Silva,** a dama encomiada no grupo de Cantigas que se entitula Receo de louvor, era filha de D. Garcia d'Almeida, (segundo todas as probabilidades, Commendador do Sebal na Ordem de Christo, Védor da Casa do Principe D. João, e do seu Conselho, I° Reitor da Universidade de Coimbra „de Capa e Espada") neta portanto de D. João d'Almeida, 2° Conde de Abrantes. Pertencia ás Damas da Rainha D. Catharina e tem fama entre os litteratos por têr sido amada pelo bizarro amigo de Camões, D. Antonio de Noronha, que em 1553 cahiu morto em Ceuta, ás lançadas dos Mouros, na idade juvenil de dezasete annos. D. Margarida casou posteriormente com um sobrinho, D. João da Silva, 4° Conde de Portalegre (o unico filho de D. Alvaro da Silva), que enviuvara. —

Cfr. Souza, Hist. Gen. X p. 136 e seg.; Storck, Camoens Leben p. 261—265; Braga, Vida de Luis de Camoens, p. 230—234.

Ha outra D. Margarida da Silva, da nobre estirpe dos Noronhas, segunda filha de D. Antonio de Noronha, I° Conde de Linhares e de D. Joanna da Silva († 1554), tia portanto do joven heroe de Ceuta. Casou com D. João de Meneses, 7° Senhor de Cantanhede, sendo aparentada (como neta materna do 1° Conde de Portalegre) com a sua homonyma mais nova. — Cfr. Sousa, Hist. Gen. XI p. 809.

Existiu ainda outra — a não ser que seja identica com a dama de que tratámos em segundo logar — que encontro citada como fazendo parte do sequito da Princeza D. Joanna, na occasião em que depois da morte do esposo, voltou para Castella, sua patria (1554). — Cfr. Sousa, Provas V p. 634.

Vemos aqui nada menos de trinta e seis poetas a secundar uma empresa de Caminha, louvando á porfia a dama a que o poeta aulico quis, por qualquer motivo, tributar homenagem. Ha ahi nomes illustres da primeira fidalguia. O grande estoico Francisco de Sá de Miranda fecha o circulo — com chave d'ouro. Entre elles já travámos conhecimento com Gomes Freire d'Andrade, D. Antonio d'Almeida, e D. Jorge de Meneses (Cfr. os N^os^ 19, 26, 33) — Eitor da Silveira é conhecido como amigo intimo e companheiro de Camões na India; Felipe d'Aguilar como auctor

presumptivo de nove poesias, publicadas pela primeira vez por D. Carolina Michaëlis nas Poesias de Miranda (N.os 118—126).

Dos restantes, que até hoje passaram despercebidos aos Historiadores da Literatura Portugueza, direi o pouco que me foi dado apurar nas Chronicas que consultei, e no vasto e indispensavel Nobiliario de D. Caetano de Sousa — lamentando sinceramente que os frequentes homonymos impidam tantas vezes um apuramento satisfactorio. Vou pela ordem de Caminha.

I. **D. Pedro d'Almeida.** Um fidalgo d'este nome, filho de D. Lopo d'Almeida, assistiu na India, durante o reinado de D. João de Castro, sendo Governador de Diu em 1546 e Capitão de Baçaim em 1558. Mais tarde reapparece na Africa como defensor de Mazagão (1562) e toma parte na derrota de Alcacer-Quebir, onde fica preso. Em 1580 parece têr seguido o partido do usurpador, visto figurar na Lista dos Moradores como Cavalleiro-Fidalgo de D. Felipe II (1595). — Cfr. Schäfer IV p. 160 e 170; Bayão p. 22 e 748; Sousa, Provas VI p. 642.

Outro fidalgo, filho segundo de D. Duarte d'Almeida, vem citado no Livro das Moradias e Foros do Reino, na Casa do Senhor Rey D. Sebastião, no anno de 1576 (Provas VI p. 636).

Um poeta mais antigo, de nome igual, que fôra Alcaide-mór de Torres Vedras e Cavalleiro do Conselho del Rei D. Manuel em 1518 — penso que filho do Grão Prior do Crato, D. Diogo Fernandes d'Almeida († 1503) que teve veia poetica — assigna versos no Cancioneiro Geral. — Cfr. Sousa, Hist. Gen. IX p. 577.

II. **D. Francisco Lobo,** quarto filho de D. Diogo Lobo, 2° Barão de Alvito, teve a Commenda de Rio Torto (segundo Salazar II p. 110), e assistiu na Côrte de Carlos Quinto em 1539 como Embaixador de D. João III. — Outro, que era filho de D. Manuel Lobo, morreu na batalha de Alcacer-Quebir (ib.).

III. **D. Jorge Anriquez** (ou **Henriquez**), filho de D. Henrique Henriquez e de D. Maria d'Aragão (cujo pae era D. Jorge Manoel) veio a ser 5° Senhor das Alcaçovas, por morte de um seu meio-irmão D. João.

IV. **Fernão Martins Freire d'Andrade,** irmão mais velho do já citado Gomes Freire (V. N. 19). —

Vêmo-lo citado primeiramente entre os moços fidalgos da Rainha D. Catharina em 1536; depois, em 1546 como Monteiro-mór do Infante D. Luis; e em seguida nas Chronicas da India, onde serviu quando seu tio D. Pedro Mascarenhas era Vice-rei, chegando a ser Capitão-mór do mar da India. Quando morreu

occupava o posto de Governador de Sofala. — Cfr. Sousa, Hist. Gen. III p. 363, XII p. 42, Provas VI p. 628 e 630; Storck, Camoens Leben p. 489.

V. Gomez Freire d'Andrade. — V. No. 19.

VI. **Pero Leitão,** irmão do afamado amigo de Camões, João Lopes, e filho de Francisco Leitão (cfr. No. 338 X), pertencia á Casa do Infante D. Duarte, onde fazia as vezes de Pagem do Livro. Mais tarde passou para a do filho. Quando em 1565 iam celebrar-se as nupcias da irmã de seu Senhor, D. Maria, com o Principe de Parma, Pero Leitão serviu de testemunha na escriptura do contrato. — Sousa, Provas II p. 615, 650, 653, 805, 842.

VII. **Fernão da Silveira.** Já trataram d'este Poeta, filho do velho Coudel-mór Francisco da Silveira, tanto Braga, na Hist. Cam. I p. 185 e 190, B. Ribeiro p. 255 e seg., como C. M. de Vasconcellos no Sá de Miranda (a p. 740). Confira-se Barb. Machado I p. 54.

VIII. **Christóvam de Melo.** Entre os oito nobres d'este nome que figuram nas Listas dos Moradores de D. João III e D. Sebastião, o que occupou o posto mais elevado foi filho do Alcaide-mór de Serpa, João de Melo. Herdou do pae o cargo de Porteiro-mór, em que permaneceu durante o reinado de Felipe II. — Sousa, Hist. Gen. XI p. 919; Provas II p. 795, VI p. 644.

IX. **Francisco de Miranda,** cujo pae se chamava Pedro de M., era Mestre-sala e Trinchante das Damas, no Paço da Rainha D. Catharina, e do Conselho de D. João III.

Outro — filho de Fernão de Miranda — vem mencionado como Escudeiro-Fidalgo no Rol dos Moradores do mesmo Rei. — Sousa, Provas II p. 793 e 823, VI p. 627.

X. **D. Diogo de Meneses.** — Fallarei em primeiro logar de dois d'este nome que pertencem ao illustre ramo dos Meneses de Cantanhede, e combateram com valentia na batalha de Alcacer-Quebir. Um era quarto filho de D. João de Meneses, 7° Senhor de Cantanhede e de D. Margarida da Silva, junior, e portanto primo de D. Antonio de Noronha. Segundo o historiador Bayão (a p. 707): *„foy na Jornada, e ficando doente no mar se desembarcou, e foy em seguimento del Rey com grandissimo risco da vida e de ser tomado pelo caminho; e chegou ao campo a tempo que a batalha se hia ja perdendo; e avisando-o alguns que encontrou que se voltasse porque tudo se perdia, respondeo: que „para isso não desembarcara" e proseguindo adiante se perdeo com os mais."* Um irmão seu, D. Jorge, ficou captivo na mesma sangrenta derrota. O outro (cuja filiação ignoro) tomou parte em 1562 no Cerco de

Mazagão; foi perigosamente ferido em 1574 na primeira expedição africana, diante de Tangere; e batalhou na Jornada de Africa, na Ala dos Aventureiros. — Sousa, Hist. Gen. V p. 271; Bayão p. 296, 340, 341, 342, 603.

Dou o segundo logar a dois netos do Craveiro D. Diogo, bisnetos do „Narizes“ D. Fernando, e portanto tresnetos do grande Conde de Viana. Como os primeiros, accompanharam seu Rei á Africa, onde um morreu com apenas vinte e quatro annos, emquanto o outro cahiu nas mãos dos Mouros. — Bayão p. 708.

Ao lado de tres irmãos seus — Simão, Fernando e João — encontramos o quarto D. Diogo de Meneses que se distinguiu no infausto dia de Agosto de 1578, batalhando no troço do Duque de Aveiro. Depois de se apossar de um pendão inimigo, foi ferido n'uma perna, cahindo captivo; mas resgatou-se á sua custa. Era da casa do Louriçal; chegou posteriormente a ser 1° Conde da Ericeira, e morreu octogenario em 1635. — Bayão p. 625, 626, 641, 705, 706, 713, 747; Barb. Mach. I p. 678.

Nomeio ainda um homonymo — talvez o pae do precedente — que governou a India em 1577, como successor de Antonio Moniz Barreto (Bayão p. 380; Schäfer IV p. 277) e, persuadido de não os conhecer todos, mencionarei de passagem outro, muito mais antigo, filho de D. Pedro de Meneses, que pertence aos trovadores do Cancioneiro Geral.

XI. **D. Pedro de Noronha.** Conheço dois nobres d'este nome. Um era filho mais novo do 2° Conde de Linhares († 1574) D. Francisco de Noronha, Mordomo-mór da Rainha D. Catharina e de D. Violante de Andrade, irmão portanto do illustre amigo de Camões, e primo de D. Diogo de Meneses (I). Tomou parte na primeira expedição africana, morrendo na segunda. — Sousa, Hist. Gen. V p. 261.

O outro, filho de D. Martinho de Noronha, era 6° Senhor de Villaverde e Vedor da Fazenda da Rainha D. Catharina. Teve um filho que, depois de ganhar as esporas em Ceuta, perdeu a vida no campo de honra, em Alcacer-Quebir. — Sousa, Hist. Gen. X fl. 644 e seg. —

Ha entre os versificadores do Canc. Ger. um, do mesmo nome.

XII. **D. Alvaro de Sousa,** Senhor de Eixo e Requeixo, era Camareiro-Mór da Rainha D. Catharina; será porventura identico com um filho de D. Francisco de Sousa, que ainda em 1588 servia a el Rei D. Felipe. — Cfr. Storck, Camoens Leben p. 320; Sousa, Provas VI p. 648.

XIII. **Francisco da Silva.** Um fidalgo d'este nome foi Governador de Cochim em 1549, por nomeação de Luis de Ataide, e tomou parte no cerco de Mazagão em 1562. Vejo mais seis entre os Moradores de D. João III. — Schäfer IV p. 199 e 200; Bayão p. 23.

Existe um poeta palaciano e manoelino do mesmo nome, que era filho de João da Silva.

XIV. **João da Silva.** Será o Senhor de Vagos e Regedor das Justiças, que serviu este importante cargo durante quatro decennios, morrendo cheio de annos em 1557. — V. Sousa, Hist. Gen. XI p. 872, III p. 616; Provas II p. 792; C. M. de Vasconcellos em *Zeitschrift* VIII p. 10. —

Ou será o filho de Lopo Furtado de Mendoça, morto em Alcacer-Quebir? Ou, então, qual dos sette homonymos que vêm registados entre os Moradores de João III?

XV. **Bras da Silva** — filho de João (e irmão de Francisco?) apparece com o titulo de Cavalleiro nas mesmas listas dos Moradores — Sousa, Provas II p. 796.

XVI. **Aires da Silva.** Na côrte de D. João III viviam dois d'este nome, sendo um, filho do Craveiro, e o outro, de Francisco de Faria. Como pagem veio no sequito da Princeza D. Joanna em 1552 mais outro, que morreu dez annos depois, no cêrco de Tangere. — Sousa, Provas II p. 797 e 827, III p. 70; Bayão p. 26.

XVII. **D. Vasco d'Almeida.** Entre os Moços fidalgos de D. João III cita-se um que teve como pae D. Pedro de Almeida; outro, filho de D. João, serviu a Felipe II. — Sousa, Provas III p. 835; VI p. 648.

XVIII. D. Antonio d'Almeida — Cfr. No. 26.

XIX. **D. Pedro de Sousa.** — O illustre auctor da Hist. Gen. da Casa real, fallando d'este filho de D. Francisco de Sousa, e neto do 1° Conde de Prado, seu homonymo, refere (XII p. 918) o seguinte: „*Succedeo ao Conde de Prado seu avò D. Pedro de Sousa na sua Casa, e foy III. Senhor de Beringuel e de Prado, Alcaide-mór de Beja, Commendador de Samguar de Moura na Ordem de Christo. Servio em Africa na Praça de Tangere, sendo Capitão D. Duarte de Meneses; tambem esteve algum tempo na Praça de Arzilla, sendo Capitão o I. Conde de Redondo. El Rey D. Sebastião lhe fez mercé da villa de Prado. Casou com D. Violante Henriques, filha de Simão Freire de Andrade, Senhor de Bobadella, e de sua mulher D. Leonor Henriques*". Era portanto cunhado de Gomes Freire e Fernão Martins Freire (Cfr. Hist. Gen. XI p. 567).

XX. **Bernardim de Carvalho,** terceiro entre os filhos de Pedro Alvares de Carvalho, Senhor do Morgado de Carvalho e Capitão de

Alcacer-Ceguer. Ganhou fama como Capitão de Tangere (1554—64) *„onde conseguio gloriosos successos naquella guerra, em que he memoravel a derrota do Alcaide Seros, que matou com grande parte da sua gente"*, segundo conta a Hist. Gen. (XI p. 749). Cfr. Fernando de Meneses, Historia de Tangere (Lisboa 1732) p. 76; Sousa, Provas II p. 837.

XXI. **João Gomez da Silva.** D'um, que teve entre os filhos do venerando Regedor das Justiças o quinto lugar, trata Salazar y Castro, II p. 275, e diz: *„J. G. de S., que segun Lima, murió viniendo de Roma de buşcar dispensacion para casar con una parienta suya; pero Gama dize, que siendo sacerdote, y sabio en la Jurisprudencia passava á Roma, y murió en Florencia, donde fué su cuerpo depositado"*.

Outro, filho de um Bras Telles, era em 1536 moço fidalgo do Infante D. Luis, e em 1555 seu Guarda-mór. Distinguiu-se no cerco de Goa em 1571 e foi mandado em 1572 por D. Sebastião como Embaixador á Côrte de França, de onde passou, em 1577, á de Roma [Sousa, Pr. II p. 511 e VI p. 630; Bayão p. 167, 205, 261, 477]. Ignoro se o que occupava em 1589 o lugar de Vedor da Fazenda de D. Felipe II, é identico com este fidalgo. [Cfr. Sousa, Pr. VI p. 648].

XXII. **Luis Carneiro.** Um senhor d'este nome, do Conselho del Rei D. João III, era proprietario, Governador e Alcaide-mór da Ilha do Principe. Casou com D. Leonor de Aragão, filha primogenita de D. Fadrique Manoel (V. No. 7), e portanto irmã de D. Ana de Aragão, e prima de D. Francisca. — Sousa XI p. 501.

Outro, que encontro citado nas Provas á Hist. Gen. (II p. 798 e 841) como escrivão del Rei D. João III, filho de Francisco, talvez fosse neto do primeiro.

XXIII. **João Çaminha** — O pae do nosso Poeta? —

XXIV. **D. Pedro de Meneses** — Estamos mais uma vez em frente de nada menos de seis homonymos e coevos!

Conheço a) o distinctissimo Capitão Geral de Ceuta, filho primogenito do 1° Conde de Linhares, D. Antonio de Noronha — tio portanto d'aquelle D. Pedro de Noronha (I) (v. No. XI) que morreu em frente dos muros de Ceuta com trezentos portuguezes, a flor da fidalguia de então, entre os quaes os mais conhecidos são D. Antonio de Noronha, o tantas vezes citado intimo amigo do Cantor dos Lusiadas, e Gonçalo Mendes de Sá, o filho de Sá de Miranda. — Cfr. Sousa V p. 251; C. Michaëlis de Vasconcellos, Miranda p. 847 e 851; Storck, Camoens Leben p. 264.

b) o primogenito de D. João de Meneses, 7° Senhor de Cantanhede e de sua mulher D. Margarida da Silva, junior; irmão portanto de D. Diogo de Meneses (I), o nosso No. X. — Cfr. Sousa, V p. 273.

c) o tio do precedente, filho 2° do 6° Senhor de Cantanhede, D. Jorge de Meneses, que combateu na Africa em Mazagão, durante o cerco (1562) e posteriormente na India (1576). Era um dos quatro Sumilheres do juvenil D. Sebastião, „*fidalgos velhos de muita descrição, e saber, para o poderem instruir na politica e verdade christãa e razoens de Estado que havia de usar no governo de seus Reynos*“, segundo refere Bayão (p. 85). — Já conhecemos seu filho D. Jorge de Meneses, como poeta e amigo de Caminha (No. 33). — Sousa, XI p. 406; Bayão p. 22 e 380; Meneses p. 59; Barb. Mach., Memorias I p. 197.

d) um sobrinho do precedente e primo de D. Pedro, filho 2° de D. Manuel de Meneses, Senhor de Cacilhas e Camareiro-Mór do Senhor D. Duarte. Em 1556 pertencia, juntamente com seu irmão mais velho D. João, aos *moços fidalgos que aprendiam a lêr e escrever e a latim.* — Sousa, Hist. Gen. XI p. 719 e Provas II p. 383.

e) um filho de D. Duarte de Meneses, Mestre de Campo geral, que morreu ao lado de seu pae no dia de Alcacer-Quebir. — Mendonça f. 45[v].

f) entre os cativos d'esse dia apparece um D. Pedro de Meneses, da Casa Tarouca, filho de D. João „o Púcaro“ ou Púcara, que posteriormente tomou o partido do Prior do Crato. — Bayão p. 708 e 746; Sousa, Provas II p. 556 e 563.

XXV. **Diogo Lopez de Sequeira,** filho do Poeta Palaciano, de igual nome, que chegou a ser Governador da India (1521—24): Depois de têr servido no paço real como moço fidalgo de D. João III, veio a ser Capitão-mór das Galés, em substituição de Fernando Alvares de Noronha, por nomeação de D. Sebastião (1575), sendo encarregado na jornada de Africa de capitanear como Coronel quatro regimentos de Infanteria. Adoeceu, comtudo, durante a travessia, razão porque seu irmão Pedro Sequeira tomou seu posto, ficando subordinado a Vasco da Silveira. — Sousa, Provas II p. 837; Bayão p. 347, 454, 508, 526, 569.

XXVI. **Manoel d'Oliveira,** auctor de um Vilancete que foi paraphraseado por seu amigo Francisco de Sá de Miranda (Poesias, ed. C. M. de Vasconcellos No. 57), era filho de Antão d'Oliveira e servidor do Cardeal-Infante D. Affonso, apparecendo em 1518 no Rol dos Moradores del Rei D. Manoel, como moço fidalgo. —

Cfr. Sousa, Provas II p. 368; C. M. de Vasconcellos, Miranda p. 746.

XXVII. **João de Betancor.** É possivel que este contemporaneo de Caminha fosse parente d'aquelle Diogo de Betancor, cuja morte Antonio Ferreira chorou na sua Elegia II (vol. I).

XXVIII. **Vasco da Silveira.** Este filho do Capitão General de Arzilla, Antonio da Silveira, seria talvez descendente do illustre Coudel-mór. Era do Conselho del Rei D. Sebastião, Commendador de Arguim na Ordem de Christo; e serviu como Camareiro-mór de um dos Infantes, talvez de D. Duarte (Provas II 795), da casa do qual parece têr passado para a do Senhor D. Duarte, visto este ter deixado no seu testamento a Vasco da Silveira o seu *Cavallo Ruço-Pombo* (Provas II p. 634). Em 1564 accompanhou a Lourenço Pires de Tavora, quando este partiu para Tangere, distinguindo-se na batalha de Alcacer-Quebir como um dos mais animosos Coroneis, obrando *„cousas dignas de sua pessoa, com grande admiração de quantos o viam com tanto esforço encontrarse a cada passo com os Mouros, estendidos á montes por terra mortos"*, no dizer de Bayão (p. 636). Ficando captivo, morreu em Fez. Seu joven filho, que tambem tinha o nome Vasco, morreu batalhando heroicamente e mereceu a Mendonça (f. 83[r]) palavras de pesar. — Sousa, Hist. Gen. V p. 316 e seg.; Salazar y Castro II p. 345 e seg.; Barb. Mach.; Mem. II p. 454; Bayão, passim.

O casamento do velho Vasco da Silveira com D. Inês de Noronha, filha do Trinchante e Aposentador-mór del Rei D. João III, D. Felipe Lobo, foi festejado por Caminha n'um longo Epithalamio, em que tece louvores enthusiasticos ao illustre descendente dos Silveiras. Mais tarde quando nasceu como primeiro fructo d'este enlace uma filhinha, D. Mariana da Silva, que chegou a casar com Rui Telles de Meneses, 8° Senhor de Unhão, o Poeta saudou os paes em uma Ode (11ª). Ambas as poesias se acham impressas na edição da Academia, como tambem o Epigramma festivo a um desastre nos olhos que o illustre fidalgo teve, o qual reimprimi, juntamente com a resposta (N[os] 321 e 322). Em o nosso No. 319 possuimos ainda um vilancete do valente Coronel, glosado por Caminha, que o mostra cortejador de uma D. Guiomar de Castro. Os Poemas Lusitanos do Dr. Antonio Ferreira contêm uma Carta (II, 12) dedicado pelo douto Poeta ao seu amigo.

XXIX. **Filipe d'Aguilar,** primogenito ou filho unico de Francisco Velazquez de Aguilar, Trinchante-mór do Principe D. João, que veio de Castella, provavelmente em 1525, no sequito da Rainha D. Catharina, entre cujas Damas encontramos sua esposa D. Cecilia de Mendoza y Bocanegra que avançou em 1542 a Camareira.

Como 6° neto de D. Enrique II, o illustre fidalgo podia-se gabar de descender dos Reis de Castella. Sua irmã D. Maria Bocanegra é a mãe de D. Catharina de Ataide, a Inspiradora de Camões. Vêmo'-lo primeiramente na Côrte como Moço-fidalgo de D. João III (Provas II 839), depois como Mestresala dos Reis D. Sebastião e D. Henrique (Sousa, Hist. Gen. III p. 622); e afinal como Conselheiro e Mordomo-mór de D. Felipe II (Provas VI p. 642) cujo partido tomára, em razão da sua origem hespanhola, como é natural presumirmos. A' gratidão e benevolencia do Usurpador deveu tambem a Commenda de S. Pedro de Torres Vedras, na Ordem de Christo. Como militar distinguiu-se em Africa, na defesa do forte Zeinal, de Tetuan; e em Ceuta. — Alarcon p. 366—69.

Como ja tive occasião de dizer, Felipe de Aguilar passa por ser o auctor de nove Poesias, entre cantigas, epigrammas e sonetos, que C. M. de Vasconcellos reproduziu na sua edição das Poesias de Sá de Miranda. Temos d'elle, além d'isso, um Epigramma de doze versos, em resposta a outro de Caminha (No. CXCI da edição impressa). D'elle consta que Aguilar escreveu tambem um Dialogo da Amizade, em prosa, de que mandou fragmentos ao grande censor Caminha. Segundo C. Michaelis de Vasconcellos (Sá de Miranda p. 840) duas poesias d'elle andam nas Obras de André Falcão de Resende. Como prova da alta estima que Felipe de Aguilar gozava como Poeta, póde-se allegar o facto de haver figurado entre os Juizes por occasião do grande concurso poetico, aberto para festejar a trasladação das reliquias reunidas por D. Juan de Borja e D. Francisca de Aragão, para S. Roque de Lisboa. — V. Campos, Relacioñ p. 216.

XXX. **D. Martinho de Tavora.** Ha um fidalgo d'este nome que esteve ao serviço do Duque D. Theodosio I, na qualidade de Copeiro-mór, e vem mencionado em dois documentos, da casa de Bragança, relativos aos annos de 1531 e 1551 (Provas IV p. 197, 213 e 214). Vejo outro na lista dos Poetas Palacianos elaborada por Th. Braga (No. 273), que talvez seja identico com o que Sousa chama Capitão de Alcacer Ceguer (Hist. Gen. XI p. 749) e dá por morto n'uma refrega com os Mouros. Sua filha D. Maria de Tavora, era casada com Pedro Alvares de Carvalho, pae de Bernardim Carvalho (No. XX). — Sousa, XII p. 906.

XXXI. **Eitor** (ou **Heitor**) da **Silveira.** — Veja-se Storck, S. G. I p. 367 e seg., e Leben p. 580. — Braga, Hist. de Camões I p. 263 e 284 e seg.; II p. 51 e 570 e seg.

XXXII. **Ruy de Sousa.** Encontrei tres cavalleiros d'este nome na lista dos Moradores de D. João III: o primeiro, inscripto como escudeiro-fidalgo, era filho de Francisco de Sousa Borges (Sousa, Provas II 824); o segundo, filho de Pero de Sousa (cfr. No. 338

VIII), figura entre os cavalleiros (ib. p. 800); o ultimo, cujo pae se chamava João de Sousa Homem, apparece entre os moços fidalgos (ib. p. 844).

Ha outro mais velho entre os poetas do Cancioneiro Geral.

XXXIII. **Bernardo de Figueiroa.** Não fui capaz de o descobrir nos Nobiliarios e Chronicas do seculo XVI.

XXXIV. **D. Jorge de Meneses.** V. No. 33.

XXXV. **D. Alvaro da Costa.** No reinado do venturoso D. Manoel distinguiu-se um fidalgo d'este nome que veio a ser Camareiro-mór e Armador-mór (Hist. Gen. III p. 208).

XXXVI. **Francisco de Sá de Miranda.** Remetto o leitor á Biographia do grande Reformador da lyrica portuguesa, escripta por C. M. de Vasconcellos, e que accompanha a edição critica das Poesias, publicada em Halle (1885).

No. **303** (p. 297). **Na fonte está Lianor.** — Entre os lusitanophilos, de certo, não ha quem desconheça as incomparaveis redondilhas que o Camões dedicou a este thema (Jur. IV p. 81—82). E quantos mais Poetas se deixariam inspirar pelo delicioso cantarcillo! — Eu, infelizmente, conheço apenas as 39 quadras, conservadas em uma folha volante do. sec. XVIII, em que um anonymo o glosou. Estas „*Trovas da Menina Formosa, obra novamente feita a maneira de dialogo entre hum Amante e huma Dama*, *e no fim huma cantiga que diz: Na fonte está Leonor, e outra que diz: Isabel e mais Francisca*", conhecidas principalmente pela edição de Frco Borges de Sousa (Lisboa 1761), são, segundo C. M. de Vasconcellos (Miranda p. 869), mera reimpressão de outra mais antiga, descripta por Salvá no seu opulento Catalogo (No. 144).

Confira-se o Romance No. 1577 do Rom. General de Duran (vol. II p. 497); e veja-se o que dizem Storck, S. G. I p. 386 e C. M. de Vasconcellos em *Zeitschrift* VII p. 428.

No. **304** (p. 298). **De pequena tornei amor.** — É um dos Motes tratados por Camões (Jur. IV p. 61) e simultaneamente por Caminha. — Cfr. Braga, Floresta p. XXXV.

No. **305** (p. 299). Já fallei do auctor d'este Mote nas Notas ao No. 301. (XXVI).

Nos **308** e **309** (p. 301). Com relação a **João Lopes Leitão** remetto o leitor ás paginas que lhe dedicaram Braga, na Hist. Cam. I p. 264—75 e Storck, S. G. I p. 371—73.

No. **313** (p. 304). **Nuno Alvares Pereira.** — Não sei, se o auctor d'este Vilancete é, ou não, o intimo amigo, a quem Miranda

dedicou a Egloga Basto e do qual tratou C. M. de Vasconcellos, nas Notas ao Sâ de Miranda (p. 773).

Nas obras de Caminha ha quatro Epitaphios, dedicados a um outro Nuno Alvares Pereira que tinha o titulo honorifico Dom e morreu de pouca idade, *„a quatro lustros pouco mais chegado"*. (Ep. N^os^ LXII—LXV).

No. **314** (p. 305). O Vilancete de Sá de Miranda acha-se accompanhado de duas voltas nas „Poesias" editadas por C. Michaelis de Vasconcellos (No. 14) e tambem foi paraphraseado por Camões (Jur. IV p. 168).

Compare-se outro Mote muito semelhante nos versos que formam o apendice do Crisfal (ed. 1559, p. 163). E diz:

Enganosas esperanças,
pois sem rezam vos tomei,
com ela vos deixarei.

N^os^ **315** e **317** (p. 306 e 307). Sobre **D. Afonso de Meneses** veja-se No. 12, Nota.

N^os^ **319, 321—322** (p. 308 e 310). Com respeito a **Vasco da Silveira** veja-se No. 301 (XXXIII).

No. **330** (p. 316). Cfr. No. 3.

N^os^ **331—333** (p. 317—319). **D. Luis de Meneses** pertence ao *„grosso ramo dos Meneses"* que tinha de juro e herdade o titulo de Alferes-mór. D. João, seu pae, usava d'elle em tempo de D. João III; o avô D. Luis, que pereceu na volta da India, na nau Santa Catharina, tivera-o durante os reinados de D. João II e D. Manoel. O poeta, que respondeu ao Epigramma de Caminha e mandava coplas a D. Guiomar de Castro, foi agraciado com o cargo dos antepassados, depois da morte do progenitor, por carta de D. Sebastião, passada em Cintra a 10 de Julho de 1567. Accompanhou seu Rei a Alcacer-Quebir, onde se distinguiu por valentia e lealdade. Bayão conta (a p. 630) que *„achandose ferido em huma ilharga, e com o braço direito muito atormentado de hum golpe de massa que lhe deu hum Turco, e recebendo duas pelouradas no peito que lhe passarão o peitoril e sobrepeito, parando na cara, de que se teve por morto, e vendo tambem o seu cavallo ferido em huma mão, receando que a Bandeira, em que estava a Imagem de Jesu Christo pintada, e a de suas Chagas, figuradas nas Quinas das Armas de Portugal, viesse a poder e mãos de seus inimigos, se foy a huma pouca de gente de pé, que estava amontoado, onde alguns soldados o descerão"*. Cahiu captivo e foi resgatado, succumbindo todavia pouco depois ás suas feridas. É pelo menos o que

concluo do facto de um seu irmão D. Jorge apparecer como Alferes-mór no reinado de D. Henrique.

Ha, de resto, um D. Luis e um D. Jorge de Meneses na lista dos moços-fidalgos que estudavam latim no anno 1556 (Sousa, Provas II p. 382). — Cfr. Hist. Gen. III p. 508, XI p. 872 e seg.

A respeito de **D. Guiomar de Castro** apenas sei dizer que o Governador Francisco Barreto teve uma filha d'aquelle nome, de sua mulher D. Francisca de Castro, irmã de João de Meneses, de sorte que D. Guiomar era prima de D. Luis. Já sabemos que Vasco da Silveira tambem venerava esta senhora (V. No. 319).

Digamos ainda que este intimo de Caminha casou com D. Cecilia de Meneses, e teve d'ella uma menina, chamada D. Francisca, que veio a ser mulher do 3° Conde do Redondo, D. João Coutinho.

Nos **335** e **336** (p. 320—321). Cfr. No. 19.

No. **338** (p. 322). Ignoro quem fosse a dama altamente collocada, cuja formosura moveu o nosso poeta, e alguns adeptos d'elle, a cantar os seus encantos. E ignoro ainda quem fosse o Senhor, convidado a fazer entrega dos versos, que poderiamos epigraphar, como o No. 301,

„Receo de louvor“.

Presumo, porém, que a dama fosse D. Francisca de Aragão, e D. Duarte o intermediario. —

VIII. **Pero de Sousa.** Talvez seja o pae de Ruy de Sousa, com quem já travámos conhecimento (No. 301, XXXII).

IX. **D. Manoel de Lacerda.** Um fidalgo d'este nome que era Cavalleiro do habito de Christo, servia ao Duque D. Theodosio I de Bragança, e morreu em 1580 (Provas IV p. 208). — Outro ficou em Alcacer-Quebir (Mendonça fl. 45 v.).

X. **Francisco Leitão,** pae de Pero e João Lopes (cfr. No. 301, VI; e 308—9). Um homonymo, que seria parente dos tres, era moço da camara do Senhor D. Duarte, e vem mencionado como servidor fiel, no testamento do Principe, já tantas vezes allegado (Provas II p. 618 e 622).

XII. **João Correa** era Camareiro do Duque D. Theodosio (Provas IV p. 220). Outro, mais antigo, fôra Poeta do Cancioneiro Geral.

XIII. **Fernão de Castro.** Houve um que serviu de Veador ao Duque D. Theodosio e morreu em 1564, conforme consta de dois documentos do Cartorio dos Braganças (Provas IV 192 e 215). Pero, seu filho (v. No. 351), e o neto, que herdou o nome do avô, continuaram na Casa de Bragança (ib. p. 204). O ultimo era

Senhor de Reguengo de Tristão (lugarejo proximo de Guimarães) e Alcaide-mór de Melgaço, depois da morte do pae (Hist. Gen. XI p. 662 e seg.). Seu nome occorre em uma escriptura relativa ao Duque D. Theodosio (Provas IV p. 217).

XIV. **Gonçalo de Sousa.** Este fidalgo, filho de Francisco Macedo e D. Filipa de Sousa, foi do Conselho del Rei D. João III, desempenhando os importantissimos cargos de Contador-mór, Desembargador dos Aggravos, Juiz dos Feitos da Coroa e Fazenda e Juiz das Justificações.

XV. **Anrique de Figueiredo** — era Veador do Duque D. Jayme, Alcaide-mór de Borba e teve uma Commenda da Ordem de Christo (Sousa XII p. 816).

XVI. **D. Luis de Noronha.** Ha dois (?) nobres d'este nome, que apparecem citados em documentos do Cartorio da casa de Bragança (Provas IV p. 217), com indicação das Commendas que tiveram. Um era Estribeiro-mór do Duque D. Theodosio (ib. p. 200). Outros dois combateram na India onde morreram: um, filho mais novo do 2° Conde de Linhares D. Francisco, em 1597; o outro, filho de D. Miguel de N. (v. No. 3), pouco depois (cfr. Sousa V p. 251 e seg. e 209).

XVII. **João de Tovar Caminha,** Vedor do Duque de Bragança D. João I, Alcaide-mór de Villa-Viçosa, Commendador de Santo André de Villa-Boa de Quires e S. Pedro de Babe na Ordem de Christo, serviu na armada da India como Capitão-mór no anno de 1588. Seu pae Affonso Vaz Caminha (primo do Poeta, cujo fallecimento motivou o Epitaphio LIV) e o avô Vasco Fernandes Caminha foram igualmente servidores da Casa de Bragança, este ultimo como Camareiro-mór do Duque D. Theodosio. Affonso Vaz foi casado com D. Cecilia de Castro, filha de Anrique de Figueiredo (v. XV). Cfr. Hist. Gen. XII p. 816 e Provas IV p. 215, 216, 220 e 243.

XVIII. **D. Antonio de Melo.** Encontro no Rol dos Moradores da Casa do Senhor D. Duarte, um fidalgo d'este nome (Pr. II p. 617).

XIX. **Martim Afonso de Sousa,** 5° Senhor de Gouvea, Alcaide-mór de Monte Alegre, Commendador de Santa Maria de Biade e Santo André de Faens na Ordem de Christo, serviu como Veador na Casa dos Duques de Bragança D. João I e D. Theodosio II. Foi casado com D. Joanna de Tovar, filha de Vasco Fernandes Caminha (v. XVII) e de D. Cecilia de Carvalho. — Cfr. Sousa, Hist. Gen. XII p. 842 e seg.; e Provas IV p. 199 e 216. —

Póde ser que seja descendente do afamado Governador da India (1541—1545), seu homonoymo, celebrado por Camões

(Lus. X 63—67) — V. Storck, S. G. III p. 350 e 374; V. p. 493. — Mencionemos ainda outros dois, do mesmo nome, que morreram em Alcacer-Quebir (Bayão p. 657).

XX. **Gaspar de Sousa.** — Julgo reconhecer neste poeta o sobrinho de D. Francisco de Moura e protector de Diogo Bernardes (cfr. No. 287). Foi filho de Alvaro de Sousa e D. Francisca de Tavora, e teve, segundo o auctor da Hist. Gen. (XII p. 723), os titulos e as honras seguintes: Senhor do Morgado de Alcube, e Commendador dos Altoscos de Lousa na Ordem de Christo, Alcaidemór de Meira, Governador e Capitão General do Brasil e do Conselho de Estado, Gentilhomem de Boca del Rey D. Felipe II (de Portugal). —

Com relação a este grupo de redondilhas e aos dois N[os] seguintes, direi ainda que as folhas do nosso manuscripto que as encerram, e vão numeradas de 45 a 58, apparecem baralhadas. A folha 50 acaba com o verso *Donde falta o entendimento* (v. 217); um fragmento da mesma poesia segue a fl. 56. Das folhas intermedias, as quatro primeiras contêm o principio do No. 339 até ao verso 120; segue depois (a fl. 55) o Vilancete No. 340, emquanto a continuação e o resto do No. 339 se acha a fl. 57 e 58. As quatro redondilhas, porém, sobrescriptadas Um triste, Um duvidoso, Um constante, Um verdadeiro, que se lêm a fl. 56, formam evidentemente parte das Trovas No. 338 — razão porque as intercalei depois do verso 24. A ordem real das folhas é portanto; 45, 56, 46—50; 51—54; 57—58; 55.

No. **339** (p. 329). O nome e mais particularidades da dama encomiada resultam das estrophes 5, 9, 14, 17, 20 e 23. Chamava-se ella Pascuala ou Pascuela, sendo oriunda das regiões durianas (estr. 5[a]) e talvez da cidade do Porto, onde Caminha nascera. Neste caso a pastora festejada seria a esposa do poeta, cujo appellido era de Guzmão (?) Mais difficil se me figura descobrir quaes os vultos historicos que se escondem debaixo dos cryptonomes pastoris. Sei apenas que Androgeo (= Andrade) e Pierio (Pero) são os nomes arcadicos, com os quaes o nosso poeta figura nas bucolicas de seu amigo Ferreira; que Limiano representa a Diogo Bernardes; Salicio e Nemoroso a Garcilaso; e Sincero ao mestre do genero idyllico, Pietro Sanazzaro. Nas Eglogas de Bernardes temos um Melibeo e Meliseo (talvez qualquer Mello?) assim como Tirreno, Alpino e Galicio; nas de Ferreira um Titiro e Silvano; nas de Camões a Duriano.

No. **341** (p. 337). O Vilancete **Que vos farei meu cuidado,** recolhido por Caminha dos versos de Sá de Miranda, é dado por este poeta como alheio, e apparece na edição de C. M. de Vasconcellos com o No. 61.

Nos **343** e **344** (p. 339). Veja-se a nota relativa ao No. 331.

No. **345** (p. 340). **Pero d'Alcaçova Carneiro,** o famigerado e inteligentissimo Escrivão de Puridade, que teve durante longos annos a confiança del Rei D. João III e da Rainha D. Catharina, a quem serviu desde 1542 de secretario. Foi banido da cõrte e desapossado do cargo, em consequencia de intrigas palacianas dos adeptos do Cardeal-Infante, sendo, todavia, mais tarde reintegrado em todas as suas honras. Em 1578, quando El Rei passou á Africa, ficou sendo um dos cinco Governadores. Felipe II elevou o benemerito ministro a Conde da Idanha e Vedor da sua fazenda. Morreu em 1593. — Na historia da litteratura apparece entre os fautores de Camões, e principalmente entre os protectores de Bernardes. Ferreira dedicou-lhe uma das suas Cartas (2/I dos Poemas Lusitanos). — Cfr. Bayão *passim,* e Sousa III p. 519, XII p. 909 seg.

No. **346** (p. 340). **Pero Moniz da Silva.** Um fidalgo d'este nome era Cavalleiro do Conselho d'El Rei D. João III e Mordomo-mór do Cardeal-Infante D. Henrique em 1548. — Provas II p. 793 e VI p. 632.

No. **347** (p. 341). **Vida da minh' alma.** — Camões fez voltas ao mesmo Mote (Jur. IV p. 127). No verso 4° ha a variante: *para se soffrer.*

No. **348** (p. 342). Acerca do autor d'este cantiga leia-se a nota ao nosso No. 7. — No verso 10°, o ms. tem *sinta,* lição que a rima não admitte.

No. **349** (p. 342). **João de Sá.** Conheço um fidalgo d'este nome que apparece entre os Cavalleiros da Côrte de D. João III (Provas II p. 817).

D. Antonia de Vilhana (ou antes **Vilhena**), a quem João de Sá servia, talvez seja identica com a dama citada por Duarte Nunes de Lião na sua Descripção do Reino de Portugal (Lisboa 1610) como uma das mulheres mais illustres de seu tempo. — Copio textualmente a pequena biographia que se lê a f. 143v d'aquella obra. E diz: „*D. Antonia de Vilhana*", filha de Dom Diogo Lobo Barão de Alvito e molher de Diogo da Sylva (filho de João da Sylva, Regedor da casa da Supplicação) fallecendo seu marido com quem vivera com muita conformidade muitos annos, foi tam anojada por sua morte que tivera por gloria meterse em hũa religião, se lho não impedirão nove filhos de que os mais tinhão necessidade de criação. Mas o encerramento da religião e a aspereza da vida dentro de sua casa a teve sempre emquanto viveo. Despois que foi viuva nunqua mais sahio de casa por nenhũa cousa

de mal ou de bem que acontecesse a pessoa algua sua conjunta. E por a austeridade da vida que fazia, lhe chamavão „Viuva da observancia". Foi esta Dona hũa das mais avisadas e prudentes molheres deste reino e de animo varonil como se vio na criação de seus filhos. Os quaes amando ella fora da medida das outras molheres, indo todos á guerra de Africa com el Rei D. Sebastião, os despedio com lhes mandar que não tornassem de lá senão viessem mais honrados do que forão, e que não poupassem a vida quando com a morte podessem ganhar honra. E assi foi que todos morrerão com el Rei e hum só que era de ordens sacras que escapou da batalha foi captivo e ferido de hũa lançada que lhe deformou o rostro".

No. **351** (p. 343). **Pero de Castro.** O auctor do Vilancete era filho unico de Fernão de Castro, de quem fallei na nota relativa ao No. 339. Era Vèdor dos Duques de Bragança e herdou de seu pae o posto de Alcaide-mór de Melgaço. Esteve, segundo Sousa (Hist. Gen. XI p. 662), na Jornada de Alcacer *„donde senão soube mais d'elle"*. Casou em primeiras nupcias com D. Anna de Maya, e teve d'ella um filho chamado Fernão, como o avô. Do segundo matrimonio com D. Joanna de Castro, á qual Caminha dedicou nada menos que cinco Epitaphios (LXIII—LXVII), não ficou geração. — Hist. Gen. XI 847.

D. Isabel de Vilhana (ou **Vilhena**). Talvez a filha segunda do 1° Marques de Ferreira e Conde de Tentugal (Hist. Gen. X p. 144).

No. **352** (p. 344). Manoel Tellez. Veja-se a nota relativa ao nosso No. 259. —

D. Joanna de Noronha, filha mais velha de D. Francisco de Noronha e portanto irmã do intimo de Camões, D. Antonio. Era riquissima e fundou a Capella-mór do Mosteiro de S. Bento de Xabregas para jazigo dos seus, sepultando ahi mesmo o joven heroe. Recolheu-se com mais cinco irmãs ao Mosteiro da Annunciada em Lisboa *„aonde acabou seus dias com grande perfeição de vida"*, segundo o auctor da Hist. Gen. (V p. 262).

No. **353** (p. 344). **D. Rodrigo de Melo,** filho mais velho do 2° Marques de Ferreira e Conde de Tentugal D. Francisco de Melo, e da S^ra^ D. Eugenia, filha do Duque de Bragança D. Jaime. Nasceu no anno de 1551 entrando cedo como pagem ou moço-fidalgo no paço do Senhor D. Duarte. Casou com D. Catharina d'Eça (v. No. 360), dama da Rainha D. Catharina. Com relação ao seu animo varonil e dotes de cavalleiro, de que deu prova na Jornada de Alcacer diz o auctor da Hist. Gen. (vol. X p. 203): *„Foy ornado de excellentes partes, revestido de hum ardor militar, a que o exemplo dos seus preclarissimos progenitores lhe dava huma*

reverente emulaçao; assim passou com gosto á Africa, acompanhando a el Rey D. Sebastião, com quem se achou na infelice batalha de Alcacer, e depois de ter obrado milagres de valor, mostrando grande constancia em aquelle tao disputado conflicto, veyo a acabar de huma balla, que lhe entrou pela boca, quando fatigado do trabalho, acabava de beber hum pucaro de agua, a 4 de Agosto de 1578". —

O mesmo nome tivera seu avô († em 1545) a quem D. João III deu o titulo de Marques de Ferreira (Sousa, Hist. Gen. X p. 144). —

De D. Antonia de Vilhana trata a nota relativa ao nosso No. 349.

No. **354** (p. 345). **Manoel da Silva.** Um fidalgo d'este nome distinguiu-se em 1562, diante de Tangere, onde morreu seu irmão Aires (cfr. No. 301 XVI) — Bayão p. 26.

Outro, homonymo, apparece entre os partidarios do Prior do Crato, que o elevou a Conde de Torres Vedras. — Schäfer IV 384 e *passim.*

D. Violante de Meneses era, segundo Sousa (XII p. 414), filha de Manoel Telles de Meneses, e mulher de Nuno Alvares Pereira (cfr. No. 313).

No. **355** (p. 345). **Caterina bem promete.** — Camões glosou este mesmo Mote (Jur. IV p. 94), que posteriormente foi ainda aproveitado pelo seu admirador, o grande D. Francisco Manoel de Mello (Seg. Tres Musas: Thalia p. 205). — Cfr. C. M. de Vasconcellos em Zeitschrift VII p. 428.

No. **356** (p. 347). **Coifa de beirame.** — Tambem este distico popular serviu de thema a umas glosas de Camões (Jur. IV p. 128).

No. **358** e **359** (p. 350—352). **Tende-me mão nele.** — Estes versos foram igualmente paraphraseados pelo Cantor dos Lusiadas (Jur. IV p. 134). — Segundo C. Michaelis de Vasconcellos (Zeitschrift VII p. 428), menciona-se no Indice da Livraria de Musica de D. João IV, editado por Joaquim de Vasconcellos (a p. 264), um vilancete que principia: *Tende, Amor, mão nele.*

No. **360** (p. 353). Os acontecimentos, que servem de assumpto ás Trovas de Caminha, deram-se nos annos 1570 e 1571. Graças aos ardis dos Jesuitas, capitaneados pelo então omnipotente Padre Luis Gonçalves da Cámara, que fôra preceptor do Monarca, e que já causara graves desgostos á viuva de D. João III durante a sua regencia (1557—1562), o joven D. Sebastião, completamente enredado por elles, se indispôs com a avó, tentando fugir á sua tutela. Entregando o governo aos seus validos, andava sempre em movimento, de um lado para o outro, dedicando-se aos prazeres

da caça, de que era apaixonado, longe da capital. A ingratidão do neto, que criara com tanto amor e tantos cuidados, o desgosto profundo que lhe causou o celibato do joven, a vergontea derradeira da dynastia, perturbaram profundamente a D. Catharina. E quando nem os conselhos e as representações do soberano hespanhol, seu tio, reforçados com os da propria mãe D. Juana, a cujo auxilio a desconsolada viuva recorrera, nem mesmo os do Papa produziram efeito sobre o animo indomavel e pertinaz do joven, resolveu sahir do reino. Enluctada e exhausta de forças e de paciencia, prevendo a ruina da dynastia, decidiu passar o resto da vida em Castela, sua patria.

Logo que as novas d'esta decisão se espalharam por Lisboa, a povoação ficou immersa em profundo pesar, porque a maioria adorava a „santa velhinha". A Infanta D. Maria, os Bispos e Grandes assim como o Municipio de Lisboa mandam representações e mensagens em que pedem a revogação do infausto plano, cujas consequencias eram incalculaveis. O proprio Rei, que então se achava em Almeirim, manda, a pedido do Cardeal-Infante, o Senhor de Mattosinhos, Francisco de Sá e Meneses, para que junto á Rainha-viuva empregue todos os esforços, afim de dissuadí-la do seu proposito, o que se conseguiu só depois de D. Sebastião têr promettido casar e afastar de si os validos. Como porém não desse execução ao promettido, a Rainha deliberou sahir da capital, retirando com a sua côrte para Portalegre, e aproximando-se d'este modo da fronteira, com o intuito de impressionar o Rei. Levada pelas queixas e murmurações do povo, que toma abertamente o partido da Rainha, este aproxima-se novamente da avó, renovando as promessas, e conseguindo afinal demovê-la do seu plano. No entanto o Legado pontificio, Cardeal Alexandrino, accompanhado do Geral da Companhia de Jesus, o Santo D. Francisco de Borja e de seu filho D. Juan de Borja, embaixador de Castela, que vieram a pedido de D. Catharina, tinham-se esforçado efficazmente em reconciliar o *„vario"* e *„voluntario"* Soberano com sua avó e tutora. D'ahi por diante visitou-a mais assiduamente, ouvindo os seus conselhôs, muito embora continuasse a proceder em tudo conforme bem lhe parecia.

A respeito das graves dissensões entre D. Sebastião e D. Catharina, releia-se Bayão cap. XIII e XIV (p. 177 e seg.) e Barb. Mach., Mem. III p. 263 e seg. —

Nos paragraphos seguintes direi o que pude apurar com relação ás Damas da Rainha, cuja „partida" o Poeta lamenta.

D. Ana d'Aragão, segunda filha de D. Fadrique Manoel (cfr. No. 7) era portanto prima carnal de D. Francisca. Durante as discordias que a successão ao throno de Portugal provocou no anno

de 1580, foi accusada de têr sustentado correspondencia com o pretendente D. Antonio, então em Inglaterra. Condenada, e presa no Castello de Lisboa, de onde a levaram mais tarde para Toledo, morreu reclusa em um convento (Hist. Gen. XI p. 501). —

Jorge de Montemór festejou-a conjuntamente com as primas d'ella: D. Francisca e D. Beatriz, em uma das oitavas dedicadas ás formosuras de Portugal, no „Canto de Orpheo“ que forma parte da Diana.

E diz:

La luz del orbe y la flor de España,
el fin de la beldad y hermosura,
el coraçon real que le aconpaña,
el ser, valor, bondad sobre natura;
aquel mirar, que en verlo desengaña
de no poder llegar alli criatura:
doña Anna de Aragon se nombra y llama,
adó paró el Amor, cansó la Fama.

(ed. 1602, f. 112vo.)

D. Catharina d'Eça, filha do Vicerei da India D. Affonso de Noronha, era portanto irmã de D. Miguel de Noronha, do qual tratei na nota relativa ao No. 3. Conforme já se disse, esteve casada com D. Rodrigo de Melo, filho do 2° Marques de Ferreira (v. No. 353), chegando a morrer em Outubro de 1573, segundo Sousa (X p. 203).

D. Violante de Noronha, era filha de Antonio Gonçalves da Camara e mulher de Manoel Telles de Meneses, segundo Sousa (XI p. 721; Provas VI p. 625).

D. Madanela d'Alcaçova, filha do Escrivão da Puridade, Pero d'Alcaçova Carneiro (Sousa, XII p. 910). — Cfr. No. 345.

D. Joana de Castro, filha de Manoel de Sousa e de D. Filipa de Castro, dama da Infanta D. Isabel, casou com Pero de Castro (de quem se tratou na nota ao No. 351), depois de elle têr enviuvado da primeira mulher. — Temos cinco Epitaphios de Caminha, relativos ao seu fallecimento, conforme já se indicou. (Sousa XI p. 847.)

D. Ana d'Ataide, filha de D. Antonio d'Ataide 1° Conde de Castanheira, Vèdor da Fazenda del Rei D. João III e seu valido, e de D. Ana de Tavora. Esteve casada com Joanne Mendes de Vasconcellos, Senhor do Morgado do Esporão e Conselheiro de D. Sebastião e do Cardeal-Rei. (Sousa XII p. 72).

D. Maria de Noronha, filha de D. Francisco de Faro e portanto irmã de D. Jorge de Faro (v. No. 415), segundo Sousa (Provas VI p. 625).

D. Francisca d'Aragão. D'ella occupamo-nos explicitamente na Introducção.

No. **361** (p. 357). **Isabel e mais Francisca.** — A velha cantiga acha-se, com algumas voltas, no caderno de redondilhas que forma o appendice da Menina e Moça, na edição de 1559 (fl. 145), assim como na folha volante de 1761 que mencionei na nota relativa ao No. 303. Ahi vem accompanhada de 23 quadras.

No. **362** (p. 358). As diversas maneiras de se lêrem estas trovas são

1. do principio ao fim
2. do fim para o principio
3. invertendo cada uma das estancias
4. invertendo cada meia estancia
5. juntando os versos correspondentes de todas as estancias.

6, 7, 8. lendo a poesia que resulta da combinação dos primeiros versos, do fim para o principio, com inversão das estancias e com inversão das meias estancias.

No. **365** (p. 361). Este cantar á moda maruja parece-me ser uma reminiscencia da primeira expedicão africana de D. Sebastião, em que o nosso Poeta deve ter accompanhado o Senhor D. Duarte, seu amo e Mecenas. A campanha, furtivamente emprehendida pelo extravagante e temerario Monarca, sem que os ministros a tivessem approvado, foi tão precipitadamente aprestada, que no acto da sahida da insufficiente armada por Cascaes, a maioria dos Senhores que iam apresentar-se com gente de guerra, ainda não tinham promptos os seus armamentos (entre elles o Duque de Guimarães, o Duque de Aveiro e o Conde do Vimioso) na fé que se tratava de uma excursão ao Algarve. A campanha foi esteril, como é sabido. Depois de uma escaramuça insignificante diante de Tangere, em que os Mouros foram postos em fuga, D. Sebastião reconheceu que o seu diminuto exercito não se podia medir a serio com as forças muito superiores do inimigo — e resolveu voltar ao reino — cedendo afinal aos reiterados conselhos da familia, dos validos e dos proprios generaes.

Quando a armada ia sahir do ancoradouro de Tangere, desatou porém um temporal medonho que, soprando de nordeste, dispersou as naus e galés para todos os lados, de sorte que sómente a dois de Novembro se reuniu na bacia do Tejo.

Leia-se a descripção circumstanciada da primeira jornada africana na obra de Bayão (p. 315 — 332).

No. **368** (p. 364) **Saudade minha.** — Este cantarcillo popular, que muito agradou aos Quinhentistas, foi glosado por Miranda (No. 59)

e segundo as indicações de C. Michaëlis de Vasconcellos, por Camões (Jur. IV p. 126), Leitão de Andrade (Misc. p. 338), D. Francisco de Portugal (Div. y hum. Versos p. 60) e Luis Velez de Guevara no drama: *Reinar despues de morir.*

No. 370 (p. 366). **D. James (ou Jaime) de Bragança,** o 4° Duque (1479—1532), era filho de D. Fernando II e da Infanta D. Isabel, irmã del Rei D. Manoel. Com apenas quatro annos foi levado a Castella — para subtrahí-lo á vingança de D. João II — sendo chamado novamente e reintegrado em todos os seus bens e direitos, depois de D. Manoel têr empunhado o sceptro. Ganhou fama immorredoura pelos feitos heroicos por elle perpetradas na expedição e tomada de Azamor (1513), para a qual fornecera e equipara quatro mil guerreiros. —

Caminha o celebrou em um Epitaphio (XLI). — Cfr. Barb. Mach., Bibl. Lus. II p. 475 e Sousa V p. 467 e seg.

No. 374 (p. 370). **Sem vós, e com meu cuidado.** Este Mote existe em redacção portuguêsa e castelhana. A portuguêsa foi glosada por Diogo Bernardes (ed. 1597 fl. 139v) em versos que desde 1595 andam nas Rimas de Camões; pelo proprio Camões em voltas diversas (Jur. IV p. 115); e por Rodrigo Lobo, no Pastor Peregrino. — A castelhana serviu de thema a Pedro Padilla (Canc. p. 499) e a Gregorio Silvestre (Obras fl. 80r) que lhe accrescentou um terceiro verso *„para que me vaya bien.* — Cfr. C. Michaëlis, em Zeitschrift VII p. 427.

Nos 366 e 377 (p. 372 e 373). **Maria de Parma.** Quem foi a dama cuja formosura e talento musical o nosso Poeta celebrou com tanto enthusiasmo? — O nome Maria de Parma só occorre no testamento (n. a. 1592) da Senhora D. Maria, filha do Duque de Bragança D. João I, onde diz: *„A Iffante minha Senhora me deixou Maria de Parma. Peço á Senhora D. Catharina minha Senhora, que me faça mercê, se Deos me levar para sy, de a accrescentar a sua moça da Camera“.* (Sousa, Pr. IV p. 401). Pertenceria ella — e tambem a outra *„grande musica“* **Caterina da Costa** — á Casa d'esta Princeza, na qualidade de tangedoras?*)

No. 380 (p. 378). **Sembré amor por mi mano.** — Esta cantiga velha foi glosada por Narbaez (Canc. de Nágera, a p. 546 da ed. Morel-Fatio); Luis Galvez de Montalvan, no romance pastoril que se intitula „El Pastor de Filida“ (Lisboa 1589; a fl. 168v) com algumas variantes (v. 2 *Esperando g.*-e 3 *salióme*); e finalmente por Linares na „Flor de Enamorados“ a fl. 31r, de onde a glosa passou para a Floresta de Böhl de Faber (No. 855).

*) Devo esta nota á amabilidade da Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

No. **382** (p. 380). — Cfr. No. 244.

No. **383** (p. 380). **Alço los ojos mirando.** — As quatro regras glosadas por Caminha, encontram-se no Canc. de Nágera (a p. 521), com algumas variantes (v. 1 *Alcé mis o.* — 2 *grande* — 4 *abaxé*) no meio de uma poesia attribuida a Don Juan de Mendoza. O auctor, nomeado por Caminha com propriedade João Furtado de M. occupava, segundo Ticknor (Hist. of Span. Litt., 6ª ed., vol. III p. 60ⁿ), em tempo de Carlos V, o importante posto de Regedor de Madrid, tendo entrado nesta qualidade nas Cortes de 1544. Além de mais duas poesias no mesmo Cancionero (No. 16 e 18), escreveu ainda um poema didactico, estramboticamente entitulado „*Buen plazer, trovado en treze discantes de quarta-rima Castellana*“ que existe na hoje rarissima edição de 1550 (Alcalá). Ticknor diz ainda que ha uma biographia de Mendoza na „Historia de Madrid“ de Quintana (Madr. 1629, a fl. 245), além de um soneto a p. 27.

Da minha parte sei apenas referir que na Hist. Gen. (XII p. 720) apparece um João Furtado de Mendonça como esposo de D. Magdalena de Tavora, irmã de Gaspar de Sousa (cfr. No. 338).

O thema foi glosado tambem por Montemór no seu Cancionero (a fl. 25ʳ).

No. **385** (p. 383). **De piedra pueden dezir.** — A cantiga velha acha-se na „Flor de Enamorados“ a fl. 102 r., e foi reimpressa tanto na „Floresta“ de Böhl de Faber (No. 204) como na Antologia de C. Michaëlis (p. 45).

No. **386** (p. 383). **Soñava, madre, que via.** — Bernardes aproveitou o mesmo thema nas Rimas Varias (ed. 1597, a fl. 163ᵛ) onde tem a designação de *alheo.*

No. **387** (p. 384). As „Endechas“, imitadas por Caminha, acham-se no Cancionero de Linares a fl. 63ʳ. Não resistimos á tentação de transcrever aquelles graciosos versos, que imitam muito bem o tom popular:

Parióme mi madre
una noche escura,
cubrióme de luto,
faltóme ventura.
Quando yo nasci
la hora menguava,
ni perro se oya,
ni gallo cantava.
Ni gallo cantava,
ni perro se oya,
sino mi ventura

que me maldezia.
Apartáos de mi,
bien afortunados,
que de solo verme
sereys desdichados!
Dixeron mis hados
quando fuy nascido,
si damas amasse
fuesse aborrecido.
Yo fuy engendrado,
en signo nocturno,
reynava saturno
en curso menguado.
Mi leche y la cuna
es la dura tierra,
crióme una perra,
muger, no, ninguna.
Muriendo mi madre
con boz de tristura,
pusome por nombre
hijo sin ventura.
Cupido enojado
con sus sofraganos
el arco en las manos
me tiene encarado.
Sobróme l'amor
de vuestra hermosura,
sobróme el dolor,
faltóme ventura.

Compare-se ainda o Romance de Quevedo que principia: „*Parióme adrede mi madre*“ (Duran No. 524).

N[os] **388** e **389** (p. 385 e 386). — Cfr. No. 283.

No. **391** (p. 388). **No me aprovecharon, Madre, las yervas.** — Uma Letrilla de Trillo y Figueroa (impressa na Bibl. de Aut. Esp., vol. XLII p. 73) vem encabeçada do mesmo modo. Os primeiros dois versos apparecem tambem intercalados em um Romance de Gongora (Duran No. 1850).

No. **292** (p. 388). Na nota relativa ao No. 331 já tratei de D. Luis de Meneses.

No. **395** (p. 390). **Soliades venir, amor.** — No Livro de Canto de F. Salinas (Salmant. 1577) a p. 344, este cantarcillo vem citado, com leves variantes, pois diz: *Soliades venir, amor, mas ora non venides, non.* D'ahi passou para a Floresta de Böhl de Faber (No. 286).

No. **396** e **397** (p. 391 e 392). O chistoso Epigramma de Caminha sobre o apertado escriptoriozinho de Montemór, com a resposta não menos feliz d'este poeta „pelos mesmos consoantes", é uma agradavel reminiscencia de certo periodo, durante o qual o auctor da Diana residia em Lisboa (1552—54), na qualidade de Aposentador da Princeza D. Juana. Dá prova da intimidade das relações que havia entre os dois aulicos. O nosso Poeta dirigiu ao amigo a sua Epistola VI (em resposta d'outra) que o leitor encontra na edição da Academia.

Ha uma biographia resumida de Jorge de Montemór nas notas ao Sá de Miranda de C. Michaëlis de Vasconcellos (a p. 848).

No. **400** (p. 395). **Si lo dizen, que lo digan.** — Ao preciosissimo Cancionero Musical, publicado por Barbieri, devemos a conservação do texto completo e da melodia do velho cantar popular. É lá que se lê (sob. No. 127):

Si lo dicen, digan,
Alma mia,
Si lo dicen, digan.

Dicen que vos quiero
Y por vos me muero;
Dicho es verdadero,
Alma mia,
Si lo dicen, digan.

Ha uma variante portuguêsa, cujas primeiras linhas Gil Vicente intercalou na Comedia das Cortes de Jupiter (Lisb. 1519). E dizem:

Se disseram, digam,
Alma mia.

No. **403** (p. 397). Acerca de Nunalvares Pereira, o auctor do Vilancete glosado, veja-se a nota relativa ao No. 313.

No. **411** (p. 404). **Pensamientos, adó vais?** — Na Miscellanea de Leitão de Andrade (a p. 148) ha uma Glosa sobre o mesmo thema.

No. **412** (p. 405). **Por entre casos injustos.** — Tambem este Mote se lê na supracitada Miscellanea, com attribuição ao Duque de Sesa. Os ultimos dois versos da Cantiga foram intercalados por Caminha na sua Elegia de girões (No. XXI da ed. de 1791).

No. **413** (p. 407). **No puedo apartarme.** — O texto completo do velho Cantar está no Cancionero Musical (No. 234). A segunda estrophe diz:

Amor tiene aquesto
Con su lindo gesto,
Que prende muy presto
Y suelta muy tarde:
No puedo apartarme.

. . . .
. . . .

No. **414** (p. 408). **Quiero dormir y no puedo.** — Caminha aproveitou o lindo distico na já tantas vezes citada Elegia XXI.

No. **415** (p. 408). **D. Jorge de Faro,** filho primogenito de D. Francisco de Faro, Senhor do Vimieiro, do Conselho del Rei e Vèdor da Fazenda de D. Sebastião, estava em 1564 inscripto no Rol dos Moradores como moço fidalgo da Rainha D. Catharina, á qual ainda andava servindo seu avô D. Fernando de Faro, na qualidade de Mordomo-mór. No mesmo anno accompanhava Lourenço Pires de Tavora na expedição a Tangere. Pertence á flor da fidalguia que ficou em Alcacer. (Sousa IX p. 707 e Provas VI p. 627).

Parece que teve relações de affectuosa intimidade com Caminha, ao qual remettia os seus versos como a um mestre e censor, que os havia de emendar (v. Epigr. CLXXXVIII e CLXXXIX na ed. de 1791).

No. **416** (p. 409). **Passados contentamientos.** — Conheço tres voltas e glosas a este Mote: de Gregorio Silvestre (Obras fl. 71r); Montemór (Diana, a fl. 184v da ed. lisbonense 1565); e Vicente Espinel, que traz a variante *Contentamientos passados.* Todas as tres foram reimpressas por Böhl de Faber, na Floresta, sob No. 241; 210 e 220.

No. **418** (p. 411). — Cfr. No. 415.

No. **419** (p. 411). **Esclavo soy, pero cuyo.** — Baltasar de Alcazar serviu-se da mesma cantiga. Veja-se a Floresta de Böhl (No. 602) e a Bibl. de Aut. Esp., vol. XXXII p. 414. Tambem foi glosada por Lope de Vega, que a inseriu na Comedia El Mayor Imposible (Acto I Esc. II), com a var. em *2*: *Eso no lo diré yo.*

No. **420** (p. 413). **Socorred con agua al fuego.** — Na Elegia de girões do nosso auctor reapparece o mesmo Cantar.

No. **421** (p. 414). **Bras muere d'amores de Ana.** — Auctor d'este copla foi, apparentemente, Gaspar de la Cintera. De um antigo *pliego suelto* passou para o Ensayo de Gallardo (vol. II, col. 458). Cfr. No. 252.

No. **423** (p. 416). **No os cumple venir, plazer.** — Na Flor de Enamorados ha versos que paraphraseiam o mesmo vilancete (a fl. 40v).

No. **424** (p. 417). — Cfr. No. 287.

No. **425** e **426** (p. 418 e 419). **No sé, vida, quien te alaba.** — Esta cantiga, tratada *á lo divino,* foi glosada por Gregorio Silvestre e passou das Obras d'este auctor (fl. 280v) á Floresta de Böhl (No. 35) e á Bibl. de Aut. Esp., vol. XXXV p. 332).

No. **427** (p. 420). **A la villa voy.** — O singelo Cantarcillo apparece como *deshecha* de um Romance pastoril no Romancero de Duran (No. 1827).

No. **432** (p. 425). **Todos vienen a la vela.** — O mesmo Mote foi glosado por Miranda (No. 26 na ed. de C. M. de Vasconcellos), com a var.: *de la v.* Ambos os Quinhentistas serviram-se de uma Cantiga do Cancionero General (Seg. Parte fl. 187v), a qual, segundo Duran (Catalogo p. LXXI), tambem foi impressa n'um *Pliego suelto.* — Cf. C. M. de Vasconcellos, a p. 743 e 875 do Sá de Miranda.

No. **436**, **437** e **438** (p. 429—431). **Contentamientos de amor.** — Caminha encontrou este Mote na Diana de Montemór (a fl. 45r da ed. de 1565), onde vem accompanhado de duas estrophes de Vilhancico. Ha uma reimpressão na „Floresta" de Böhl de Faber (No. 229); e outra na Antologia de C. M. (p. 111).

No. **439** (p. 432). **Quien llamó al partir partir.** — Compare-se a Cantiga de Sireno na Diana de Montemór (a fl. 47r) cujo thema diz:

Al partir llama partida
El que no sabe de amor,
Mas yo le llamo un dolor
Que se acaba con la vida.

Caminha introduziu o Mote na Elegia, a qual, como o leitor terá reconhecido, se assemelha a um Repertorio, ou Indice, das cantigas por elle aproveitadas.

No. **441**—**444** (p. 434—438). **Donde sobra el merecer.** — Assim principia uma Letra do Cancioneiro General (Soc. Bibl. Ap. No. 205: Dechado de amor, hecho por Vazquez á peticion del Cardenal de Valencia, endereçado á la Reyna de Napoles); e um Villancico do Cancionero Musical (p. 51) de que conhecemos apenas o verso inicial.

No. **445** e **446** (p. 439). **Si espero contentamiento.** — Os primeiros dois versos reapparecem na Elegia XXI de Caminha.

No. **447** (p. 441). — Cfr. No. 274 e 286.

No. **448** (p. 442). — Cfr. No. 262.

No. **449** (p. 445). **No ay amor sin obediencia.** — Os ultimos dois versos da Cantiga *(Ni pena do no ay amor, Ni mal donde no ay ausencia)* serviram tambem de ingrediente á Ensalada elegiaca de Caminha, que costumamos tratar de Elegia XXI, ou Elegia de girões.

No. **451** e **452** (p. 448—454). **Con amor y sin dinero.** — Confira-se o Mote de Gregorio Silvestre, já allegado com relação ao No. 374, que diz:

Sin vos y con my cuydado
mirad con quien y sin quien
para que me vaya bien.
(Obras, f. 80r.)

No. **453** (p. 454). — Veja-se o No. 263.

No. **455** (p. 458). Se juntarmos os versos glosados por Caminha, teremos a poesia seguinte, composta de tres decimas:

Afuera, consejos vanos,
Que despertais mi dolor,
No me toquen vuestras manos,
Que en los consejos de Amor
Los que matan son los sanos.
Y yo, por ser cuyo soy,
Sirvo a mis proprios daños;
Y pues adó estais no voy,
No vengais adonde estoy:
Quitáos allá, desengaños!

Sin tiempo fuistes venidos,
Desengaños engañados,
Tenéos por despedidos,
Que pues no fuistes llamados,
No deveis ser escogidos.
En la prision consolais
Lo que huis al vencer:
Pues a tal tiempo faltais,
Quando no sois menester
No vengais.

Si venis a dar plazer,
De vos y d'el me despido,
Si a matar, ya estoy rendido;
Si venis a soccorrer,

No quiero ser soccorrido.
Y para que os conozcais
Sabed que sois y sereis
Enemigos, que matais,
Amigos, que soccorreis
A tiempo que no prestais.

A primeira quintilha foi glosada tambem por Luis de Camões (Jur. IV p. 161). A poesia inteira acha-se, segundo Storck (I p. 380) no Cancioneiro de Evora (No. 62). Os dois primeiros versos reapparecem na Elegia de girões de Caminha.

No. **456** (p. 467). **Ojos, dezíselo vos.** — Sei de mais duas glosas: Uma é de Silvestro (Obras fl. 76v, Floresta No 499, e Antologia de C. M. p. 114), a outra de Romero de Cepeda (Obras fl. 97r).

No. **458** (p. 470). **No se hizieron, Pascuala.** — Ha voltas a este Vilancete nas Rimas varias de Diogo Bernardes (ed. 1597 fl. 134r) e na Miscellanea de Leitão de Andrada (a p. 345) que as introduz com as palavras seguintes: „*mas a Princessa sorrindose com hum riso secco disse estas palavras, que dellas se fez depois esta Cantiga que foi muito usada.*"

No. **461** (p. 473). **Por sola la hermosura.** — A cantiga, de auctor desconhecido, foi paraphraseada por Padilla (Floresta No. 340) e por Leitão de Andrada (Misc. p. 187).

No. **463** (p. 476). — Cfr. No. 385.

No. **465** (p. 478). A graciosa decima que se compõe dos versos glosados, diz:

Tiempo de plazer cumplido
Aunque para mí cruel,
Tiempo que despues de ido
Se me va el alma tras el,
Oh, quan contento me hallara!
Y quan alegre quedara
Al tiempo que te perdi,
Si tal ventura alcançara
Que la vida me llevara
Quien te me llevó de mi!

A conferir com os versos *Tiempo bueno, tiempo bueno, Quien te me llevó de mi?* que formam o final da 10a estrophe na Elegia de girões.

No. **469** (p. 485). **D. Maria de Parma,** uma das princezas mais illustres do seu tempo, nasceu no anno de 1538, sendo filha

mais velha do Infante D. Duarte, e portanto irmã do Senhor D. Duarte. Tinha fama de ser não só uma formosura, mas tambem uma mulher distincta, de grande saber, em nada inferior a sua tia, a afamada Infanta D. Maria. Fallava e escrevia latim primorosamente, tendo conhecimentos nada vulgares do grego, mathematicas e philosophia natural. Além d'isso, era lida na sagrada escriptura, occupando-se assiduamente de theologia e chegando a compôr um tratado relativo ás „Sentenças dos Santos Padres". Por escrupulos religiosos não quis exercitar-se em compôr versos, „*devendo a propensão do genio levalla com gosto a esta applicação, mas por não ler obras profanas e amatorias se suspendia, como lhe succedeo com as Obras do grande Francisco Petrarcha, pois abrindoas por duas vezes, a poucas regras de lectura, como castigandose, fechou o livro*", segundo Sousa. — Casou no anno de 1565 com Alexandro Farnese, Principe de Parma e Piacenza, filho de Ottavio Farnese e da insigne Governadora dos Paizes-Baixos, D. Margarida de Austria, que seu pae Carlos V tinha em tanta estima. As grandiosas festas, celebradas por occasião d'este enlace, deram ensejo para alguns poetas aulicos como Caminha e Ferreira cantarem aos nubentes altisoantes Epithalamios. Uma frota, mandada de Vlissingen a Lisboa, por ordem de D. Margarida de Austria, e commandada pelo Conde de Mansfeld conduziu a princeza portuguêza a Flandes, onde a sogra a recebeu brilhantemente. Só no anno seguinte é que fez a sua entrada em Parma. Falleceu em 1577, venerada como santa pelos subditos, cujo amor conquistara pelas suas virtudes, rara inteireza e tino politico. O filho Raynuncio foi em 1580 um dos Pretendentes á Corôa de Portugal. — Cfr. Sousa, III p. 441 e seg.; Barb. Mach., Mem. II p. 508 seg. e IV p. 138 seg.; Salazar y Castro, Casa Farnese (Madrid 1716) p. 654 seg.; Nunes de Lião, Descripção fl. 144 e 145. — Leia-se a Epistola XV de Caminha: A Senhora D. Maria a Frandes (Poezias p. 73).

D. Catharina (ou **Caterina**), a outra illustre dama, que Caminha celebrou n'esta oitava, era irmã mais nova de D. Maria e tambem dotada de altas qualidades de intelligencia e de coração. Casou com o Duque de Bragança, D. João e foi avó del Rei D. João IV de Portugal.

Digamos ainda que o afamado autor da Diana tambem dedicou uma estrophe (a 7ª) do seu Canto de Orpheo ás duas formosas princezas. E diz:

Aquellas dos que tiene alli a su lado
y el resplandor del sol han suspendido,
las mangas de oro, sayas de brocado,
de perlas y esmeraldas guarnecido;

cabellos de oro fino, crespo, ondado
sobre los ombros suelto y esparzido:
son hijas del infante Lusitano
Duarte valeroso y gran Christiano.

O proprio Caminha as festejou, mais uma vez, na sua Egloga Protheo v. 110—195 (Poezias p. 13).

No. **470** (p. 486). — Cfr. No. 272.

No. **471** (p. 486). — Cfr. No. 301 (XXVIII).

No. **480** (p. 489). — Veja-se o No. 362. — Os „*quatro modos*“ de lêr esta poesia são

1) regularmente, do principio ao fim
2) do fim para o principio
3) invertendo cada um dos oito versos
4) invertendo as duas quadras de que se compõe a oitava.

No. **502** (p. 495). — Cfr. No. 370.

Indice Alphabetico dos Poetas e Fidalgos

citados

por

Andrade Caminha.